



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB**
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS – ILL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM – PPGLin
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM – MEL

WALNYSSE MARIA RODRIGUES GONÇALVES

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS HIPERTEXTUAIS DE TRANSFORMAÇÃO DO CONTO
CUPIDO E PSIQUÊ DE APULEIO PARA O TEATRO DE BONECOS**

ACARAPE

2023

WALNYSSSE MARIA RODRIGUES GONÇALVES

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS HIPERTEXTUAIS DE TRANSFORMAÇÃO DO CONTO
CUPIDO E PSQUÊ DE APULEIO PARA O TEATRO DE BONECOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre

Coorientadora: Profa. Dra. Leia Cruz de Menezes Rodrigues

ACARAPE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Gonçalves, Walnysse Maria Rodrigues.

G628a

Análise das práticas hipertextuais de transformação do conto Cupido e Psiquê de Apuleio para o teatro de bonecos / Walnysse Maria Rodrigues Gonçalves. - Acarape, 2024.
227f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre.

Coorientador: Profa. Dra. Leia Cruz de Menezes Rodrigues.

1. Intertextualidade. 2. Teatro - Semiótica. 3. Hipertexto.
I. Título

CE/UF/BSP

CDD B869.3

WALNYSSSE MARIA RODRIGUES GONÇALVES

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS HIPERTEXTUAIS DE TRANSFORMAÇÃO DO CONTO
CUPIDO E PSIQUÊ DE APULEIO PARA O TEATRO DE BONECOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem

Aprovada em: 06/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Ana Paula Lima de Carvalho (1ª Examinadora)

Instituto Federal do Piauí – IFPI

Profa. Dra. Otávia Marques de Faria (2ª Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

In memoriam de meu pai, José Valmir Gonçalves e de 'meu malvado favorito', Antenor Costa Filho, com os quais tive a honra de escrever momentos nesta vida e agora encontram-se encantados para além da superfície material terrena.

AGRADECIMENTOS

À minha querida diretora, Rosângela Nascimento da Silva, minha maior incentivadora, pela confiança e compreensão. Eu jamais conseguiria desenvolver este estudo, paralelo ao trabalho na gestão de uma escola de ensino médio em tempo integral, se não fosse ela na minha vida.

À Profa. Dra. Leia Cruz de Menezes Rodrigues, pela acolhida no PPGLin – UNILAB e pela oportunidade de ser sua orientanda, enquanto trilhava caminhos pela linha 1. Minha admiração pelo ser que ela representa remete à nossa licenciatura em Letras. Embora não fôssemos próximas e talvez nem tenhamos cursado disciplinas juntas, sua dedicação aos estudos, resiliência e sabedoria sempre foram inspiradores. Quando soube que teria seu apoio na minha travessia do Mestrado não tive dúvidas de que estaria bem amparada. Sou imensamente grata pelas diversas tentativas de me ‘manter na linha’, por não desistir, e pelo cuidado com as escolhas dos membros de minhas bancas de qualificação.

Ao Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres, por aceitar o convite de ser membro da banca do meu exame de qualificação II, pelo tempo dedicado à leitura de minha dissertação em andamento, pelo parecer elaborado e, sobretudo, pela sugestão que mudou significativamente minha jornada.

Ao Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre, que me acolheu, na linha 2, como orientanda, às vésperas da prorrogação de tempo para conclusão dos estudos. Não tenho palavras para expressar a minha admiração por todo esmero que tem com as atividades relativas ao seu trabalho, pesquisas e estudos. Embora, oficialmente, estivemos juntos apenas nos últimos cinco meses, ele se tornou minha grande referência, a partir de sua participação no exame de qualificação I. Foi a partir de seus apontamentos que decidi enveredar pelo caminho das relações intertextuais. Quando, por ocasião da qualificação II, o primeiro examinador apresentou a sugestão de mudança de linha no Mestrado e ele, como segundo membro, ratificou que esse seria, de fato, o melhor direcionamento para minha pesquisa, convergindo com a deliberação que apresentou a notícia de sua prontificação para tornar-se meu orientador, me fez imergir em profundo êxtase. Sou extremamente grata por suas observações, anotações e, sobretudo, o zelo com que conduziu a minha orientação.

Ao grupo Paideia, pela construção de um sonho em unir o estudo da Mitologia com o Teatro de Bonecos. Se não fosse sua mediação do passado feito presente através da contação de histórias, eu não teria a materialização de um corpus tão rico para os estudos das práticas-textuais discursivas.

À minha amiga, idealizadora e parceira do grupo Paideia, Danielle Motta Araújo, por estar comigo desde o início desse sonho, por me resgatar todas às vezes que me distanciei, por insistir tanto no meu potencial e nunca desistir de mim.

A todos os demais membros do grupo Paideia, desde a formação inicial, Daniela, Luiza e Rafaela; às que contribuíram conosco por um longo tempo, Luciana Sousa e Ana Candelária; ao Betinho, que sempre esteve presente, desde o início de seu relacionamento com a Dani, e virou membro oficial; e aos que foram chegando, sorrateiramente, e atribuíram sua personalidade ao que hoje o grupo representa, nos momentos apolíneos e dionisíacos, Washington Forte, Glaudiver Mendonça, Alan, Amanda, Delano, Glauco e Rodrigo.

Ao meu parceiro de coordenação escolar, Ramon Fernandes Ramos, por dividir comigo o peso logístico do trabalho e da lida diária com a educação de jovens do Ensino Médio.

Aos funcionários da minha escola, EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima, em especial, Socorro, Rose, Marleide, pelo apoio e torcida. A simples pergunta esporádica, “e os estudos vão bem?”, serviu de motivação para não ousar desapontá-las.

Aos professores da minha escola, Carol, Dannusa, Iara, Marcos e Wesley, pelas conversas descontraídas e compartilhamento das angústias acadêmicas, e, em especial, aos meus mentores e incentivadores, Jarles e Tiago, pela leitura atenta do projeto, pela simulação da banca, pelas palavras de consolo, ânimo e aconselhamentos de sempre.

Aos meus colegas da turma de Mestrado, formada durante a pandemia da Covid-19, quando o ensino remoto se tornou possibilidade. Nem a distância das telas foi capaz de enfraquecer nossos elos; aliás, foi através delas, que compartilhamos angústias e vibramos juntos por cada uma de nossas vitórias. Minha gratidão plena e respeito a cada um; e, em especial, Anatólia, Kátia, Cássia, Jonathan e Douglas, pelos momentos calorosos de troca de experiências e conhecimentos.

Aos meus amigos do Maracatu Solar e do Tramas Benfica, por compreenderem minha ausência dos últimos anos.

Ao meu amigo querido Filipe Fontenele, pela prontidão e disposição para solucionar as questões que eu sempre apresento.

À minha amiga Rivania, parceria forjada a ferro e fogo no serviço militar da Marinha do Brasil, pelas incansáveis tentativas de auxiliar minha pesquisa, embora seu doutoramento esteja na Física da matéria condensada, e por também nunca desistir de mim.

Ao meu companheiro João, o Papinha Rodrigues, por sobreviver a um dos maiores testes que nosso relacionamento já passou, e por seguir querendo ser testado, ao incentivar meu acesso ao doutorado.

Aos meus pais, por me proporcionarem o privilégio de ter o estudo que eles não tiveram, e, partir dele, poder construir diversas possibilidades para a minha vida.

Aos meus gatos, Páris e Helena, pelo ronronar que embalou meus pensamentos durante quase todo o processo de escrita e pelas ‘tentativas’ de intervenção nesta dissertação.

E, por fim, ao Prof. Dr. Lincoly Jesus Alencar Pereira, babalorixá que, através de seus búzios, revelou que o êxito da minha jornada estava escrito. Foi nas suas palavras proferidas, durante uma consulta oracular, que eu me apeguei para seguir trilhando e tornar essa profecia possível.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. Este meu texto não escapa à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor. (Genette, 2010, p. 7)

RESUMO

Esta dissertação tem como tema o estudo dos recursos intertextuais como práticas discursivas planejadas para a construção de sentidos, com foco nas práticas hipertextuais de transformação do mito de *Cupido e Psiquê* para o teatro de bonecos. Para tanto, buscou-se analisar as relações intertextuais utilizadas pelo grupo Paideia, nas práticas hipertextuais de transformação do mito clássico, contido na obra *O asno de ouro*, de Apuleio, para a peça *Psiquê e Eros*. Desde 2002, o grupo Paideia tem se dedicado à adaptação de textos clássicos gregos e latinos para a encenação no teatro de bonecos. Esse ofício envolve práticas discursivas de modo bastante particular; uma vez que se trabalha com traduções de textos gregos e romanos, em seu texto original, e, a partir deles, cria-se um novo texto, valendo-se de recursos intertextuais, referências e alusões, como práticas planejadas para a construção de sentidos de texto. Para a análise desses elementos, inicialmente, foram realizadas revisões da literatura acerca das noções de texto, textualidade e intertextualidade. Visando à compreensão desse fenômeno como prática discursiva textual, ancoramo-nos nos estudos de Cavalcante (2021), Cavalcante e Brito (2011; 2012), Koch (1985, 1991, 1994, 1997a, 1997b, 2023), Koch, Bentes e Cavalcante (2012), delimitando nossas análises com base nos estudos de Nobre (2014), Faria (2014) e Carvalho (2018), mas, antes, retomamos às pesquisas pioneiras sobre intertextualidade de Genette (2010), Piègay-Gros (2010), Sant'Anna (2003). Partimos do pressuposto de que as adaptações do grupo são hipertextos da obra clássica *O asno de ouro*, seu hipotexto, e que o uso das intertextualidades nas peças, em seus aspectos textuais, é uma estratégia discursiva planejada pelo Paideia que visa à adequação do texto a contextos distintos e alcance dos propósitos pretendidos. Assim, o *corpus* foi composto por 9 hipertextos (roteiros) da peça *Psiquê e Eros*, produzidos pelo grupo Paideia para encenação em tempo, espaço e público diferentes. A análise foi dividida em três momentos distintos: a) análise da prática hipertextual do grupo, quanto às técnicas de transformação e parâmetros intertextuais utilizados na construção dos hipertextos; b) análise comparativa de cenas em contextos diferentes; e c) análise dos recursos intertextuais. A partir dessa articulação procuramos descrever o processo de criação dos textos adaptados de *Psiquê e Eros*; analisar os parâmetros intertextuais utilizados na construção dos hipertextos do grupo; mapear os fenômenos intertextuais e referenciais utilizados no texto adaptado e suas readaptações para diversos contextos de apresentação; e, por fim, identificar o propósito comunicativo das relações entre textos estabelecidas. Ao término de nossa pesquisa, chegamos à conclusão de que, ao transformar o texto de Apuleio para encenação no teatro de bonecos, o grupo Paideia utiliza diversos e múltiplos processos que resultam em alterações no formato e no estilo bem diferentes do que encontramos no texto-fonte. A linguagem é caracterizada pelo uso do regionalismo cearense e por inclusões de termos e expressões referenciais que demarcam modo e o estilo da época em que o texto foi produzido. A relação estabelecida entre as práticas hipertextuais do grupo e o hipotexto, verificada pela análise dos parâmetros intertextuais, além de promover a contação do mito clássico, que tem servido de hipotexto para diversas práticas hipertextuais e hiperestéticas nos últimos séculos, convida, a partir de excertos textuais dialógicos, a participação ativa do interlocutor no processo de construção de significados. São essas inserções intertextuais, estritas e amplas, que atribuem o caráter subversivo ao hipertexto do Paideia.

Palavras-chaves: práticas hipertextuais; parâmetros intertextuais; intertextualidades estritas; intertextualidades amplas.

ABSTRACT

This dissertation explores intertextual resources as planned discursive practices for the construction of meaning, with a focus on hypertextual practices in transforming the myth of Cupid and Psyche for puppet theater. To achieve this, we aimed to analyze the intertextual relationships employed by the Paideia group in their hypertextual practices for transforming the classical myth found in Apuleius's *The Golden Ass* into the play *Psyche and Eros*. Since 2002, the Paideia group has been dedicated to adapting classical Greek and Latin texts for puppet theater performances. This endeavor involves highly specific discursive practices, as it entails working with translations of Greek and Roman texts in their original form and, based on them, creating new texts by utilizing intertextual, references, and allusive resources as planned practices for constructing textual meanings. To analyze these elements, we initially conducted literature reviews on the concepts of text, textuality, and intertextuality. In seeking to understand this phenomenon as a textual discursive practice, we grounded our research in the studies of Cavalcante (2021), Cavalcante and Brito (2011; 2012), Koch (1985, 1991, 1994, 1997a, 1997b, 2023), Koch, Bentes, and Cavalcante (2012), narrowing our analysis based on the studies of Nobre (2014), Faria (2014), and Carvalho (2018). Prior to that, we revisited pioneering research on intertextuality by Genette (2010), Piègay-Gros (2010), and Sant'Anna (2003). We began with the assumption that the group's adaptations are hypertexts of the classical work "*The Golden Ass*," its hypotext, and that the use of intertextualities in the plays, in their textual aspects, is a planned discursive strategy by Paideia aimed at adapting the text to different contexts and achieving the intended purposes. Consequently, the *corpus* consisted of 9 hypertexts (scripts) of the play "*Psyche and Eros*," produced by the Paideia group for performances in different times, spaces, and for diverse audiences. The analysis was divided into three distinct moments: a) an analysis of the group's hypertextual practices, considering the techniques of transformation and intertextual parameters used in the construction of the hypertexts; b) a comparative analysis of scenes in different contexts; and c) an analysis of intertextual resources. Through this integration, we sought to describe the process of creating the adapted texts of *Psyche and Eros*, analyze the intertextual parameters used in the construction of the group's hypertexts, map the intertextual and referential phenomena used in the adapted text and their adaptations to various presentation contexts, and ultimately, identify the communicative purpose of the established text relationships. At the conclusion of our research, we have arrived at the determination that, in adapting Apuleius' text for puppet theater performance, the Paideia group employs diverse and multifaceted processes that yield alterations in format and style markedly distinct from those encountered in the source text. The language employed is characterized by the use of the Ceará dialect and the incorporation of terms and referential expressions that demarcate the manner and style of the era in which the original text was produced. The established relationship between the group's hypertextual practices and the hypotext, as ascertained through the analysis of intertextual parameters, not only facilitates the retelling of the classical myth, which has served as a hypotext for various hypertextual and hyperaesthetic practices in recent centuries, but also beckons, through dialogical textual excerpts, active participation from the interlocutor in the process of meaning construction. It is these intertextual insertions, both strict and expansive, that imbue the Paideia hypertext with a subversive character.

Keywords: hypertextual practices; intertextual parameters; strict intertextualities; broad intertextualities.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Organograma geral da transtextualidade.....	26
Figura 2 – Quadro provisório das práticas hipertextuais.....	31
Figura 3 – Quadro geral das práticas hipertextuais.....	32
Figura 4 – Rosácea dos regimes hipertextuais de Genette.....	33
Figura 5 – Transformação segundo Genette (2010).....	38
Figura 6 – Relações intertextuais para Piègay-Gros (2010).....	39
Figura 7 – Primeiro modelo de Sant’Anna (2003).....	47
Figura 8 – Comparação de parâmetros de intertextualidade.....	55
Figura 9 – Hierarquização de parâmetros subjacentes às relações intertextuais.....	56
Figura 10 – Comparativo terminológico quanto à função.....	57
Figura 11 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas.....	61
Figura 12 – Escultura Psiquê reanimada pelo beijo do amor de Canova (1793).....	74
Figura 13 – Identificação dos parâmetros intertextuais no hipertexto <i>Psiquê e Eros</i>	87

QUADROS

Quadro 1 – Adaptatraduções de <i>Psiquê e Eros</i> em análise.....	67
Quadro 2 – Comparativo de Cena 1 – Início da narrativa.....	75
Quadro 3 – Comparativo de Cena 2 – Afrodite e Eros.....	78
Quadro 4 – Comparativo de Cena 3 – Decisão do Rei.....	81
Quadro 5 – Comparativo de Cena 4 – Oráculo.....	83
Quadro 6 – Cenas em contextos 1 – Afrodite e Eros.....	90
Quadro 7 – Cenas em contexto 2 – Psiquê e Irmãs.....	101
Quadro 8 – Cenas em contexto 3 – Oráculo.....	105
Quadro 9 – Pistas intertextuais 1 – As vozes do castelo.....	110
Quadro 10 – Pistas intertextuais 2 – Vida a dois de Psiquê e Eros.....	113
Quadro 11 – Pistas intertextuais 3 – A descoberta de Psiquê.....	114
Quadro 12 – Pistas intertextuais 4 – Visita das irmãs.....	116
Quadro 13 – Pistas intertextuais 5 – Diálogo com o Caronte.....	118

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2. TEXTO, TEXTUALIDADE E INTERTEXTOS	18
2.1 Genette, transtextualidade e práticas hipertextuais.....	24
2.2 Reorganizando conceitos com Piègay-Gros.....	38
2.3 Ampliando horizontes com Sant'Anna	44
2.4 Sob o campo da Linguística Textual	48
2.5 Traçando possíveis rotas de compreensão.....	52
3. TECENDO A PESQUISA	64
3.1 Caracterização da pesquisa.....	64
3.2 Delimitação do <i>Corpus</i>	65
4. O PALIMPSESTO DE APULEIO.....	70
4.1 As metamorfoses de <i>Psiquê e Eros</i>	71
4.2 Cenas em contextos	88
4.3 Pistas por entre o texto	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – BREVE HISTÓRICO DO GRUPO PAIDEIA	133
ANEXO 1 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2022)	140
ANEXO 2 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2020)	151
ANEXO 3 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2019)	162
ANEXO 4 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2018)	172
ANEXO 6 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2014)	192
ANEXO 7 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2013)	202
ANEXO 8 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2006)	211
ANEXO 9 – ROTEIRO ADAPTADO DE <i>PSIQUÊ E EROS</i> (VERSÃO 2003)	219

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como tema os recursos intertextuais como práticas discursivas planejadas para a construção de sentidos. Para tanto, buscou-se analisar as relações intertextuais empregadas pelo grupo Paideia nas práticas hipertextuais de transformação do mito clássico, contido na obra *O asno de ouro*, de Apuleio, para a peça *Psiquê e Eros*.

Surgido, inicialmente, como uma proposta de aula diferencial para o ensino de Literatura na Educação Básica, a partir da disciplina *Teoria e Prática de Literatura* do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal do Ceará, desde 2002, o grupo Paideia tem se dedicado à adaptação de textos clássicos gregos e latinos para a encenação no teatro de bonecos. Esse ofício envolve a língua portuguesa de modo bastante particular; uma vez que se trabalha com traduções de textos gregos e romanos, em seu texto original, e, a partir deles, cria-se um novo texto.

Um olhar teórico literário sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo na peça *Lisístrata* fez com que Araujo (2017, p. 24), em seu estudo *Lisístrata: estudo e adaptatradução para o teatro de bonecos*, utilizasse o termo híbrido apresentado em seu título para referir-se às produções textuais geradas. Isso porque, segundo a autora:

Lisístrata oscila entre uma adaptação, por utilizar-se de linguagem informal típica do Ceará, principalmente a da capital Fortaleza, e uma tradução, visto que, em alguns momentos, conservei o texto original traduzido, quando achei relevante. E essas oscilações acontecem durante toda a produção do texto, sem critérios teóricos aparentes. Um leitor com proficiência na língua grega e conhecimento do texto original percebe essas alterações claramente, já um leitor que não teve acesso ao texto clássico, só resumos, ainda assim terá contato com uma adaptação que respeita a tradução, por isso, chamo de adaptatradução. (Araújo, 2017, p. 24)

Araújo (2017) realiza uma análise literária das peças escritas pelo grupo Paideia, com ênfase na *Lisístrata*. Como acreditamos que o material linguístico semiótico gerado pelo grupo, independentemente da peça, também é riquíssimo para o estudo das práticas textuais discursivas, propomos aqui uma investigação dos recursos da língua adotados para a construção de sentido. Assim, não nos preocupamos em investigar a natureza linguística do termo adaptatradução, mas sim o processo de transformação do texto clássico para o texto adaptado e o uso de recursos intertextuais como práticas planejadas para a construção de sentidos de texto.

Desde a formação inicial do grupo, tivemos a oportunidade de participar dos processos de escrita e reescrita dos textos clássicos adaptados para as apresentações no teatro de bonecos. Em cena, passada a sensação de ansiedade dos minutos iniciais, diante da reação do público ao longo do espetáculo, sempre ficavam algumas reflexões que nos instigavam a buscar entender o diferencial do grupo.

O que faz um texto ser executado inúmeras vezes e proporcionar as mesmas emoções como se fosse a primeira vez? Até os membros do grupo, que conhecem o roteiro e têm as falas das personagens internalizadas, muitas vezes, se deparam em cena, em plena crise de riso. Além disso, quais elementos utilizados pelo grupo conseguem capturar a atenção da plateia, independentemente de idade, escolaridade, classe social e mantê-la atenta, participativa durante todo o espetáculo? Essas indagações convergem a uma só resposta: nos mecanismos de uso da linguagem para estabelecer relações de sentido, em especial, a intertextualidade.

O conceito de intertextualidade, adotado inicialmente por Kristeva (1969), foi analisado minuciosamente por Genette (2010) e considerado uma parte do todo, por ele chamado de transtextualidade, abrangendo novas categorias e, conseqüentemente, novas funções e níveis de relação entre os textos. Mais tarde, Piègay-Gros (2010) sugeriu uma reorganização de sua proposta, distinguindo as relações intertextuais de copresença entre dois textos ou vários textos das relações baseadas na derivação de texto.

Embora ambos tenham enfatizado os seus estudos na seara da Literatura, seus apontamentos serviram de base para pesquisas em outros campos. Nesse ínterim, Sant'Anna (2003), através de seus estudos sobre os eixos parodísticos e parafrásticos, propôs uma abordagem para além dos textos literários, buscando uma visão semiológica, considerando também outras formas de expressão artísticas.

O debate sobre intertextualidade foi expandido para os estudos linguísticos, em especial, para a linguística textual, com Koch, Bentes e Cavalcante (2012) que, não só revisaram, como reestruturaram as tipologias intertextuais de Koch (2023¹), expandindo-as com base nas contribuições de Genette (2010), Sant'Anna (2003) e Piègay-Gros (2010). Posteriormente, Cavalcante (2021²), ao retomar e organizar as classificações de Piègay-Gros (2010), inseriu apontamentos da paráfrase, feitos por Sant'Anna (2003), e do *détournement*, de Grésillon e Maingueneau (1994), incluindo a possibilidade de observação das relações intertextuais também em textos não-verbais.

A partir desses estudos, novos conceitos propostos por Faria (2014), Nobre (2014) e Carvalho (2018) possibilitaram a compreensão de que, desde os estudos iniciais, as relações intertextuais não acontecem de forma isolada, o que justifica a necessidade de considerar esse fenômeno, em seus aspectos textuais, como recurso para criação de significados, podendo ser considerado, em suas análises, todo e qualquer tipo de texto.

¹ A primeira edição data de 2004.

² A primeira edição data de 2012.

A busca pela compreensão desse fenômeno e sua aplicabilidade junto ao trabalho executado pelo grupo nos fizeram compreender, a partir de Genette (2010), que cada peça adaptada se configura como um hipertexto do hipotexto original. Ao transportar textos literários clássicos para o teatro de bonecos, por intermédio da criação de roteiros escritos com uma linguagem popular e figuras do imaginário cearense, o grupo explora os recursos da língua, adaptando textos antigos para o contexto social e histórico de apresentação, e, por meio de recursos intertextuais, promove interação com o público. É, portanto, uma prática social mediada pela palavra, que fala de palavras que perpassam o limite de tempo e espaços.

O processo de criação do grupo, em cada peça, é sempre o mesmo: elege-se o texto clássico; consultam-se as principais versões traduzidas para o português diretamente do grego ou latim; e adapta-se sua história para ser contada no teatro de bonecos. Em alguns casos, o próprio texto clássico, em grego ou latim, é revisitado. A sequência de cenas, que compõem o enredo da história, é organizada; são atribuídos às personagens traços nordestinos e elaborados os diálogos pautados no regionalismo cearense. Importante explicar que, por mais que a adaptação do texto clássico seja concluída, esse está sempre pronto para ser alterado, de modo a adequar-se ao público e ao contexto de encenação. Para isso, recorre-se ao uso de relações intertextuais, referências e alusões, especialmente, a eventos políticos e de entretenimento de massas, materializando-as como elementos cotextuais que visam à construção de sentidos de humor, crítico, lúdico etc.

Nosso foco de pesquisa está na análise das relações intertextuais estabelecidas nas práticas hipertextuais de transformação do mito *Cupido e Psiquê*, contido na obra *O asno de ouro* de Apuleio para a peça *Psiquê e Eros* do grupo Paideia e seus objetivos comunicativos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, buscou-se investigar, de uma maneira geral, como o grupo Paideia torna os textos clássicos gregos e latinos atrativos e acessíveis a diversos públicos. Com essa questão, construímos a hipótese de que o uso das intertextualidades, em seus aspectos textuais-discursivos, é uma estratégia discursiva planejada que visa à adequação dos textos escritos pelo grupo a públicos distintos, sócio-historicamente situados em diferentes espaços-tempos, tendo como objetivo a construção de sentidos.

De uma maneira mais específica, derivam-se, os seguintes questionamentos:

- (1) Como são construídas as adaptações do grupo Paideia?
- (2) Como é estabelecida a relação intertextual entre o texto produzido e o texto original?

- (3) Como os recursos intertextuais são mobilizados para manter os textos clássicos adaptados sempre atuais?
- (4) Quais sentidos pode-se inferir das relações intertextuais adotadas na mesma cena de diferentes hipertextos?

A partir desses questionamentos, construímos, respectivamente, as seguintes hipóteses:

- (1) As técnicas de transformação, utilizada pelo grupo Paideia, envolvem o estilo da linguagem e referências contextuais bem demarcados que proporcionam a aproximação do público com o texto clássico.
- (2) A relação intertextual estabelecida entre o texto adaptado do grupo Paideia e seu texto fonte ocorre como uma prática discursiva que visa à contação do mito de modo engajado ao contexto social e histórico de encenação.
- (3) As pistas intertextuais deixadas pelo grupo proporcionam o diálogo entre a obra clássica apresentada com diferentes contextos de apresentação, através do apelo à memória da plateia para a construção de sentidos.
- (4) Os recursos intertextuais e referenciais são previamente estabelecidos pelo grupo com funções textuais-discursivas variadas.

Diante do foco que estabelecemos para este estudo, nossos objetivos específicos consistem em:

- (1) descrever as práticas hipertextuais de transformação utilizadas pelo grupo Paideia na adaptação da peça *Psiquê e Eros*;
- (2) analisar os parâmetros intertextuais utilizados na construção dos hipertextos do grupo;
- (3) mapear os fenômenos intertextuais e referenciais utilizados no texto adaptado e suas readaptações para diversos contextos de apresentação; e
- (4) identificar o propósito comunicativo das relações entre textos estabelecidas.

A fim de delimitar nossa compreensão sobre o objeto de nosso estudo e direcionamentos de nossas análises, foi desenvolvida, no Capítulo II, uma revisão teórica bibliográfica na qual foram discutidos conceitos basilares na literatura acadêmica sobre texto, textualidade e intertextualidade. Assim, retomamos às pesquisas pioneiras sobre

intertextualidade, de Genette (2010), Piègay-Gros (2010), Sant'Anna (2003), Koch (1985, 1991, 1994, 1997a, 1997b, 2023), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e outros temas relevantes para nossa pesquisa, refinando a discussão com estudos recentes publicados, artigos científicos, dissertações e teses, como os de Cavalcante (2021), Cavalcante e Brito (2011; 2012), Faria (2014), Nobre (2014), Carvalho (2018) e Sousa (2020).

Embora Genette (2010), em seu estudo sobre a transtextualidade, tenha utilizado as noções de hipotexto/hipertexto, inicialmente, apenas para textos literários, entendemos que os textos adaptados para o teatro de bonecos pelo grupo Paideia são hipertextos. Compreendemos também que, para além da prática hipertextual de transformação do hipotexto, as peças do grupo são exemplos práticos de que a intertextualidade pode ser utilizada conscientemente pelo autor/produtor como estratégia de interação com o público.

Dessa forma, a partir de Nobre (2014), este estudo partiu da hipótese de que o uso da intertextualidade, em seus aspectos funcionais, constitucionais, composicionais, formais e referenciais, é uma estratégia discursiva planejada; e que as pistas intertextuais deixadas pelo produtor do texto para o teatro proporcionam o diálogo entre a obra clássica e o contexto de apresentação, conduzindo o interlocutor à construção de sentido do texto.

Além da pesquisa bibliográfica, optamos por uma abordagem metodológica qualitativa e de natureza descritiva, com fins de identificar os fenômenos intertextuais, investigando-os, a partir das pistas materiais deixadas pelo grupo Paideia, como autor, para a construção de sentidos, em suas práticas hipertextuais, como indicado no Capítulo III. Essa abordagem contribuiu ainda para a seleção dos textos e fragmentos considerados mais relevantes para a identificação, análise e descrição linguística das adaptações do texto clássico.

Com o desenvolvimento deste trabalho, no Capítulo IV, buscou-se compreender os recursos discursivos utilizados na adaptação textual do mito de *Cupido e Psiquê* para o teatro de bonecos, de modo a refletir sobre como tais estratégias estabelecem relação intertextual entre o conto grego e a peça encenada. Para tanto, adotamos, como hipotexto, a edição bilíngue de *O asno de ouro*, de Apuleio, traduzida do latim para o português por Ruth Guimarães, e, como hipertexto, a versão da peça produzida em 2022.

Assim, a partir de Genette (2010), foram analisadas, na seção 4.1, as técnicas de transformações empregadas na construção do texto adaptado. Como essas persistem ao longo de todo o hipertexto do grupo, elegemos quatro cenas da peça *Psiquê e Eros* para compará-las ao hipotexto de Apuleio. Além disso, com intuito de investigar as relações intertextuais estabelecidas entre o texto adaptado e seu texto fonte, utilizando os critérios classificatórios de

Nobre (2014), foram apontados e descritos, em seu aspecto funcional, constitucional, composicional, formal e referencial, os parâmetros intertextuais adotados na adaptação do texto clássico.

O primeiro hipertexto do conto *Cupido e Psiquê*, contido na obra de Apuleio, produzido pelo Paideia, foi escrito em 2003. Até 2022, o grupo realizou diversas apresentações, para as quais foram feitas modificações textuais, de modo a estabelecer aproximação entre a obra clássica e o contexto de encenação. Assim, de posse dos roteiros das peças adaptadas entre 2003 e 2022, contidos no acervo do grupo, escolhemos três fragmentos para ilustrar e analisar, na seção 4.2, através de quadros comparativos de cenas, nove versões cujos elementos cotextuais empregados foram modificados, descrevendo os fatores contextuais que influenciaram as alterações. Tais elementos funcionam como pistas intertextuais e referenciais de apelo à memória do espectador para a construção de sentidos.

Em todos os hipertextos produzidos pelo Paideia, ao longo de toda sua narrativa, verificamos indícios materiais que contribuem para transportar o texto clássico de Apuleio para o cenário contemporâneo à apresentação. São marcas deixadas pelo grupo no texto que, dependendo de sua intenção, podem remeter a cenas de novelas, filmes, músicas, séries de *streamings*, assuntos mais comentados nos noticiários e redes sociais, entre outros. Nesse direcionamento, a partir de Carvalho (2018), compreendemos que, além de promover o diálogo entre textos para a construção de sentido, esses elementos são previamente estabelecidos pelo grupo com funções textuais-discursivas variadas. Para exemplificar os fenômenos observados, analisamos, na seção 4.3, cinco fragmentos, contextualizando sua aplicação no ato de encenação.

Entendemos que o debruçar-se sobre os textos produzidos pelo grupo Paideia é contribuir não apenas à seara da linguística de texto e análise linguística, mas à compreensão de um trabalho que pode, sim, caracterizar-se como uma prática textual de êxito para a construção de sentido. Ao focarmos nas práticas discursivas utilizadas, esperamos com essa pesquisa explicitar o implícito, analisando as técnicas de transformação hipertextuais, investigando os parâmetros classificatórios das relações intertextuais e descrevendo o desenvolvimento dos processos de construção de sentido.

2. TEXTO, TEXTUALIDADE E INTERTEXTOS

Para compreender plenamente um texto é necessário ir além da materialidade da língua e enveredar pelos conhecimentos prévios que estão armazenados na memória. Tanto o autor quanto o interlocutor colaboram durante o processo de construção de significados, utilizando pistas que consideram uma variedade de contextos, sejam eles linguísticos ou não. Nesse direcionamento, a Linguística Textual tem firmado suas pesquisas na busca da compreensão, da definição e da descrição dos processos e mecanismos que os leitores/ouvintes utilizam para produzir significado, estabelecendo como seu objeto central de estudo o texto.

O texto é o produto concreto do processo comunicativo, ou melhor, a forma específica de manifestação da linguagem, sendo considerado sua própria materialização. Segundo Fávero e Koch (2005), pode ser tomado em duas acepções:

Texto, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido estrito). Nesse sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência. (Fávero, Koch, 2005, p. 25).

Na concepção interacional (dialógica) da língua, “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (Koch, 2003, p. 17). Pensamento ratificado por Garantizado Júnior e Cavalcante (2014, p. 147) que concebem “a linguagem como uma forma de interação”, “a língua como uma atividade interativa, social e mental” e o “texto como um ato comunicativo interativo”.

A construção de significados em um texto não se limita apenas à decodificação da sua materialidade linguística. Trata-se, na realidade, de um processo colaborativo entre o produtor e o leitor/ouvinte, que juntos – ainda que de forma virtual – criam significados a partir das pistas contextuais e cotextuais³. A atribuição de significados ao texto, desse modo, depende

³De acordo com o E-Dicionário de Termos Literários, Rodrigues (2009) aponta que a noção de *cotexto* foi introduzida por Bar Hillel (1970) e está relacionada à forma como as palavras usadas em um texto se conectam e moldam o significado umas das outras. Diferente do contexto, que se refere às circunstâncias enunciativas e os

das escolhas e seleções feitas durante a comunicação, tanto durante a produção quanto durante a leitura. Esse processo de significação, segundo Koch (2003, 2023) e Koch e Elias (2010, p. 37), requer que sejam recuperadas informações dos três grandes sistemas de conhecimento, compartilhados entre o produtor e leitor, que contribuem para o processamento textual: linguístico, enciclopédico e interacional.

Enfatizando que o tratamento em separado dado aos conhecimentos tem caráter exclusivamente didático, Koch e Elias (2010, p. 37) descrevem: o linguístico como o “conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de uma língua”, o enciclopédico como “o conhecimento sobre as coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória, [...] com base em conhecimentos de que ouvimos falar ou que lemos, ou adquirimos em vivências e experiências variadas”; e, por fim, o interacional que se configura no conhecimento de modelos cognitivos de “práticas interacionais, diversas e culturalmente constituídas” Koch, Elias (2010, p. 37).

Tais conhecimentos, segundo Koch e Elias (2010, p. 37), são resultados de inúmeras atividades que desenvolvemos ao longo de nossa vida e, uma vez armazenados na memória, são utilizados para o reconhecimento, para a compreensão de situações e de textos, para a ação e para a interação social, podendo sofrer modificações e alterações em decorrência da atualização de nossas práticas sociais. Tal feito, de acordo com as autoras, só reforça a intrínseca relação entre “linguagem/mundo/práticas sociais” Koch, Elias (2010, p. 37).

Portanto, podemos entender, como Souza (2020, p. 17) apresenta, que a criação e a compreensão de um texto englobam estratégias e procedimentos, que são desenvolvidos no decorrer do ato de comunicação e interação. Entre essas estratégias, está a intertextualidade como um recurso importante de interação entre o leitor e autor, permitindo que esse utilize pistas argumentativas e intencionais para estabelecer relações de copresença ou derivação e atingir os objetivos de comunicação almejados.

Etimologicamente, *inter* refere-se à interação, entre, no meio, posição intermediária; já o termo *textualidade* remete à qualidade de algo relacionado ao texto, o qual tem sua origem no vocábulo latino *texo/texis/texere/texui/textum*, que significa tecer, entrelaçar, entrançar, tramar. No dicionário latino-português, Faria (2003) apresenta os derivados *textum*, que significa tecido; e *textus*, contextura, encadeamento, série. O que nos levaria a um conceito

elementos extralinguísticos relevantes para a compreensão de um texto ou de um discurso, desempenha um importante papel na resolução de ambiguidades ou na heterogeneidade de sentidos dos enunciados.

análogo de texto como um tecido, como um entrelaçamento de signos linguísticos, que juntos promovem uma unidade, um sentido.

Assim como, para produzir a tessitura de um tipo qualquer de tecido, não basta ter um emaranhado de fios, é necessária toda uma habilidade de entrelaçá-los, tramando-os, cruzando-os, até que tenhamos um conjunto; para produção de um texto, temos que considerar não apenas os aspectos cotextuais, mas também os aspectos semânticos e contextuais que promovem o encadeamento dos signos linguísticos.

Partindo do que já afirmava o filósofo latino, Tito Lucretius Carus (99–55 Antes da Era Comum⁴), no primeiro princípio sobre a natureza das coisas, “nada nasce do nada”. Aliado às definições supracitadas, podemos depreender que a intertextualidade envolveria a ideia de que todo texto, seja escrito ou oral, se entrelaça e interage com outros textos produzidos anteriormente, que por sua vez interagiram e interagirão com outros textos que ainda estão por ser produzidos, construindo uma cadeia relacional contínua e infundável de influências.

De fato, a essência da intertextualidade – isto é, a multiplicidade de vozes que coexistem em um texto e dialogam entre si – é sugerida desde a antiguidade por Sócrates, conforme indicado por Vieira (2000, p. 26 *apud* Vasques, 2007, p. 59) ao mencionar a “vivacidade e multiplicidade” das vozes, e por Platão, também citado por Lima (1980, p. 4 *apud* Leonel, 2000, p. 48-49), ao apontar que para o filósofo grego “o ato mimético é, em si, um ato dialético”, considerando que *mimesis* é escolha de permanência mutante, mediante a decisão efetuada sobre uma matéria cambiante.

O termo intertextualidade foi composto e introduzido por Julia Kristeva em seus estudos de crítica literária, baseados nos pressupostos bakhtinianos. De acordo com Samoyault (2008, p. 15), é a partir da publicação de dois artigos na revista *Tel quel*, “A palavra, o diálogo, o romance” (1966) e “O texto fechado” (1967), posteriormente retomados na sua obra de 1969, *Séméiotikè, Recherches pour une sémanalyse*, que a autora precisa a definição do termo como um “cruzamento de enunciados tomados de outros textos” e o consolida como “um elemento essencial do trabalho da língua no texto” (Samoyault, 2008, p.15). Entretanto, por deter um

⁴ Antes da Era Comum (AEC) é utilizado aqui em substituição do usual *antes de Cristo* (AC) como forma de respeito a todas as pessoas de origens e crenças não cristãs. A palavra “comum” do termo significa que se baseia no sistema de calendário usado com mais frequência, o calendário Gregoriano, que toma como ponto de partida o ano que os estudiosos cristãos do século IV acreditavam que Jesus Cristo nasceu. De acordo com Gill (2020), em seu artigo publicado no site <https://thoughtco.com>, o uso do formato AEC/EC foi encontrado em manuscritos que datam 1708, tem sido adotado por acadêmicos judeus há mais de 100 anos e, desde as primeiras décadas desse século, sua aceitação, na ciência e na academia, tem aumentado acentuadamente, principalmente em estudos que se pretende manter uma linha histórico-religiosa neutra.

sentido tão abrangente, o termo proposto poderia ser relacionado à ideia de dialogismo, apresentada por Mikhail Bakhtin (1929/1981).

José Luiz Fiorin (2016), em *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, apresenta o dialogismo como princípio unificador da obra bakhtiniana, pois o teórico russo não só enuncia esse princípio, como examina-o em seus diferentes ângulos e estuda suas diferentes manifestações, fundado na sua concepção de linguagem.

Para Bakhtin (1981), a linguagem só existe na comunicação dialógica daqueles que a usam. Por isso, concebe o discurso como “a língua em sua integridade concreta e viva” (Bakhtin, 1981, p. 196), que, em seu uso real, “está impregnada de relações dialógicas” (Bakhtin, 1981, p. 198), independentemente do seu campo de emprego. Essas não se limitam apenas ao diálogo face a face, estão presentes em todos os enunciados no processo de comunicação. Isso significa que o enunciador, ao constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu. Portanto, todo discurso é inevitavelmente ocupado e atravessado pelo discurso alheio.

Partindo do pressuposto que o dialogismo representa a maneira efetiva pela qual a linguagem opera, Fiorin (2016), apresenta três conceitos fundamentais para explicá-lo pelo ponto de vista de Bakhtin.

O primeiro conceito de dialogismo, de acordo com Fiorin (2016, p. 27), considera-o como princípio constitutivo do enunciado. Segundo o autor, “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (Fiorin, 2016, p. 27). Por essa razão, no interior dele, percebem-se pelo menos duas vozes em ação, as quais nem sempre se fazem explícitas na condução do discurso.

Além do dialogismo constitutivo, que frequentemente não aparece no fio do discurso, segundo Fiorin (2016, p. 37), há o explícito que se trata da incorporação da voz de outras pessoas pelo enunciador, tornando-se uma forma de dialogismo composicional, o segundo conceito apresentado por Fiorin. Assim, é possível perceber externamente e visualmente as outras vozes presentes no discurso. Essas maneiras de incorporar o discurso de terceiros no próprio enunciado representam uma forma de tornar visível o princípio de funcionamento da linguagem na comunicação real. Basicamente, de acordo com Fiorin (2016, p. 37), existem duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado:

a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama discurso objetivado; b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado (Fiorin, 2016, p. 37).

A primeira maneira encontramos em procedimentos como o uso do discurso direto, do discurso indireto, das aspas, da negação. Já o segundo, através do uso de paródias, estilização, polêmica, entre outros. As noções, que posteriormente serão atribuídas à intertextualidade, podem ser utilizadas para descrever um tipo composicional de dialogismo.

O terceiro conceito de dialogismo abrange o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação. Fiorin (2016, p. 60) explica que a compreensão do mundo é sempre contextualizada historicamente, pois o sujeito está sempre em relação com outros indivíduos. Dessa maneira, o sujeito se constitui discursivamente, apreendendo as diferentes vozes sociais que moldam a realidade na qual está inserido e suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não é influenciado por apenas uma voz social, mas por várias, que estão em diferentes relações entre si. Por isso, o sujeito é constitutivamente dialógico, e seu mundo interior é formado por diferentes vozes em relações de concordância ou discordância.

Edward Lopes (1994, p. 71) aponta que, a partir da década de 60, todas as acepções do vocábulo intertextualidade “encontram-se prefiguradas em termos da própria terminologia bakhtiniana, como multidiscursividade, pluridiscursividade, dialogismo e polifonia, mais particularmente”. Assim, os estudos de Bakhtin podem ser considerados “esboço da primeira teoria estrutural do funcionamento intertextual da narrativa”. De acordo com o teórico russo, conforme citado por Lopes (1994, p. 73), a intertextualidade seria caracterizada como o discurso dentro do discurso, ou seja, a enunciação dentro da enunciação. Em outras palavras, a intertextualidade envolveria a sugestão de algo que foi enunciado por outra pessoa dentro de um discurso.

Dessa forma, a partir de Bakhtin (1981, p. 196), é possível dizer que a língua, em sua forma concreta, enquanto discurso é viva e possui o dialogismo como propriedade intrínseca, que nos leva a compreender que os discursos de um enunciador são sempre perpassados por discursos de outros; as palavras utilizadas estão sempre e irrefutavelmente atravessadas pelas palavras de outrem. O falante, ao construir seu discurso, leva em consideração o discurso de outros e elabora o seu discurso a partir de outros discursos.

Embora Bakhtin não faça uso do termo intertextualidade, seus estudos sobre a Poética de Dostoiévski tornaram-se um grande referencial para a concepção da autora búlgaro-francesa de texto como sistema de signos, que se constrói como um mosaico de citações e transformação de outros textos. Assim, todo texto situa-se na junção de vários textos dos quais ele é, ao mesmo tempo, a releitura, a absorção, acentuação, e a transformação de um outro texto.

Partindo dessa concepção de Kristeva, Jenny (1979, p. 13) sugere que a noção de

texto “é seriamente alargada pela autora”, que, ao considerar o texto como sinônimo de sistema de signos, pode se tratar de “obras literárias, linguagens orais, sistemas simbólicos sociais ou inconscientes” (Jenny, 1979, p. 13). O próprio autor apresenta a oposição antecipada de Kristeva a qualquer interpretação redutora do termo:

O termo “intertextualidade” designa essa transposição de um (ou vários) sistema(s) de signos noutro, mas como este termo foi frequentemente tomado na acepção banal de “crítica das fontes” dum texto, nós preferimos-lhe um outro: transposição, que tem a vantagem de precisar que a passagem dum a outro sistema significativo exige uma nova articulação do tético – da posicionalidade enunciativa e denotativa (Kristeva, 1974, p. 60 *apud* Jenny, 1979, p. 13)

Esse processo de transposição permite conceber o texto como, de acordo com Jenny (1979, p.13), “o lugar de fusão dos sistemas de signos originários das pulsões e do social”. Assim, o autor busca definir de forma precisa o termo, proporcionando-lhe um sentido mais específico:

Contrariamente ao que escreve Julia Kristeva, a intertextualidade tomada em sentido estrito não deixa de se prender com a crítica das fontes: a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido. (Jenny, 1979, p. 14).

O que tornaria imprecisa esta definição é a determinação da noção de texto e a posição que se decide adotar diante aos seus empregos metafóricos. No entanto, perante o método radical de W. Burroughs⁵, no qual, segundo Jenny (1979, p. 48), a “intertextualidade deixa de ser aproveitamento bem educado, ou citação da Grande Biblioteca, para se tornar estratégia da mistura; e estender-se, para fora do livro, a todo o discurso social”, o autor chega à conclusão de que “seja qual for o seu suporte ideológico confesso, o uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora” (Jenny, 1979, p. 49), considerando, portanto, a extensão do termo proposta por Kristeva.

Segundo a semioticista, para o filósofo russo, o discurso literário não representa um ponto ou sentido fixo, mas sim um cruzamento de diversas superfícies textuais, um diálogo composto por várias escrituras e citações. Como ela se refere ao que Bakhtin chama de enunciado como texto, ela passa a utilizar o termo intertextualidade para designar a noção de dialogismo. A partir da difusão do pensamento de Kristeva por Roland Barthes, o termo

⁵ Escritor estadunidense cujas obras, de acordo com De Sousa (2011), foram construídas a partir de técnicas como *cup-up* – recortar partes de um texto (os seus ou de outros) – ou *fold-in* – dobrar páginas diferentes – e recombiná-las, corrigindo e recriando possíveis truncamentos. Seu trabalho de apropriação de textos de outros autores, literários ou não, envolvia estratégias de descontinuidade, colagem, permutação e uso tático do deslocamento de significados.

intertextualidade substitui a palavra dialogismo. Dessa forma, qualquer relação dialógica foi por eles denominada intertextualidade.

Fiorin (2016, p. 58) considera esse uso um equívoco, pois há, em Bakhtin, uma distinção entre texto e enunciado. De acordo com o autor, o enunciado é um todo de sentido que é definido pelo seu acabamento e pela possibilidade de uma resposta. Tem uma natureza dialógica e representa uma posição assumida pelo enunciador. Já o texto é a manifestação do enunciado, uma realidade imediata dotada de materialidade composta por um conjunto de signos. Enquanto o enunciado pertence à ordem do sentido, o texto pertence ao domínio da manifestação. Além disso, o enunciado não é manifestado apenas verbalmente. Portanto, para Bakhtin (1981), o texto não se restringe exclusivamente à linguagem verbal, podendo ser composto por qualquer conjunto coerente de signos, independentemente da forma de expressão utilizada.

Diante dessa distinção, Fiorin (2016, p. 58) considera que há relações dialógicas entre enunciados e entre textos. Assim, intertextualidade refere-se apenas às relações dialógicas materializadas em textos. Quando um texto não apresenta claramente o discurso de outro texto, não há intertextualidade, mas interdiscursividade. Além disso, quando duas vozes são mostradas dentro do texto, intratextualidade.

Pesquisas como as de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Cavalcante (2021) ampliaram a discussão sobre a intertextualidade para os estudos da linguagem, especificamente na linguística de texto. Com a aplicação desses estudos, Sousa (2021, p. 29) afirma que foi possível observar que, desde os estudos pioneiros, já existia a compreensão de que as relações intertextuais não surgem de forma isolada, por isso a urgência de considerar esse fenômeno para além da área literária. Essa percepção, segundo a autora, extrapolou as delimitações dos estudos inseridos na literatura. Apesar das pesquisas pioneiras, de Genette (2010) e Piègay-Gros (2010) terem enfatizado o viés literário, tornaram-se basilares para pesquisas em outros campos.

Para compreender as relações intertextuais utilizadas pelo grupo Paideia nas construções de suas adaptações, revisitaremos alguns estudos, buscando conceitos a fim de estabelecer possíveis rotas de extensão para nosso entendimento.

2.1 Genette, transtextualidade e práticas hipertextuais

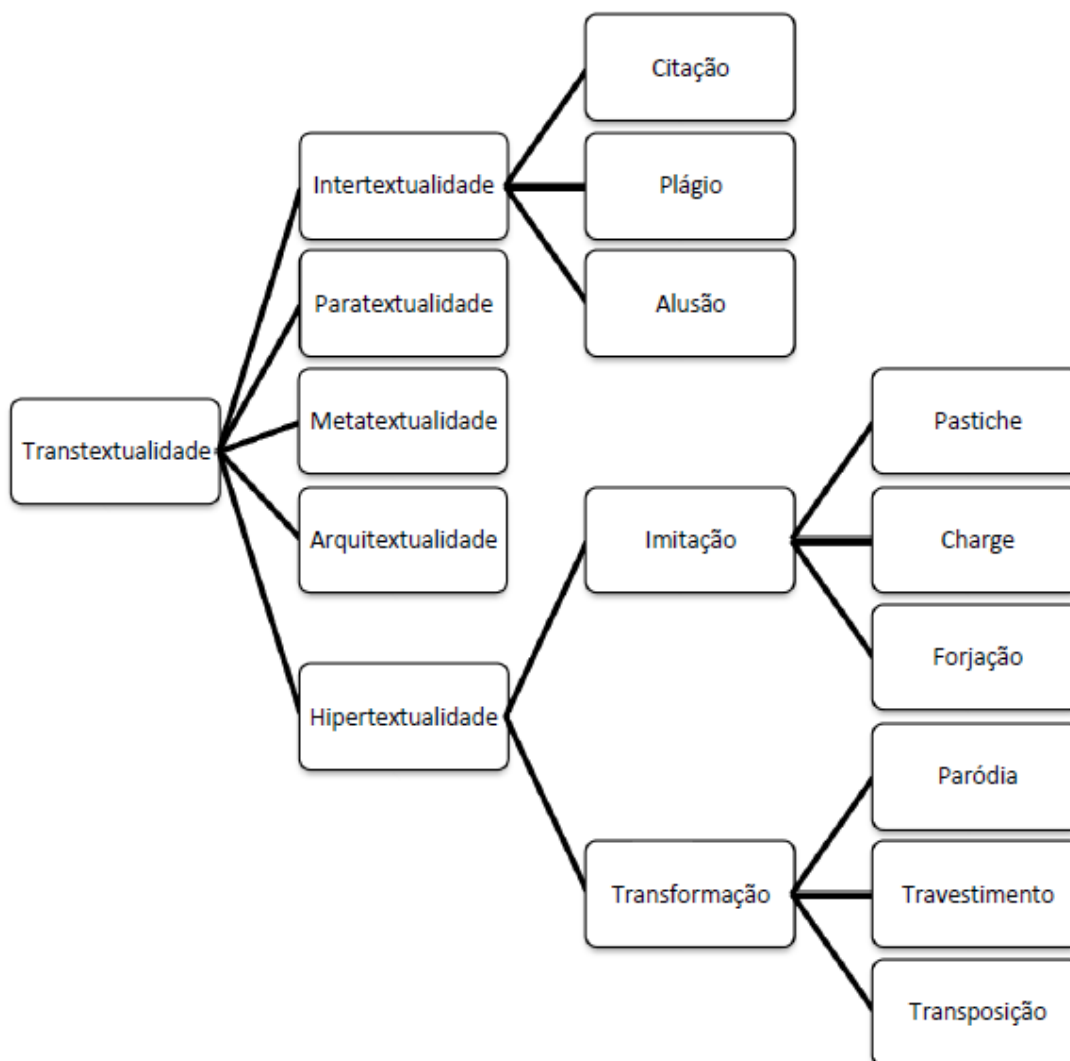
O teórico e crítico literário francês Gerard Genette, em suas obras *Introduction à l'architexte* (1979) e *Palimpsestes* (1982), dedicou-se ao estudo das relações de textos. Se na

primeira obra, o autor já afirmava que o objeto da poética não poderia limitar-se ao texto em si, diante de sua singularidade, e chamava atenção para os aspectos da arquitextualidade, ou seja, todo conjunto de categorias gerais ou transcendentais nas quais o texto está submetido; é, a partir da segunda, que o autor amplia sua concepção sobre tal objeto e adota como foco de seu estudo a transtextualidade, definindo-a como “tudo que coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (Genette, 2010, p. 13).

O termo transtextualidade remete a tudo que, de maneira explícita ou implícita, transcende do texto e o coloca em relação a outros. Dessa forma, para Genette (2010, p. 14) a transtextualidade ultrapassa e inclui a arquitextualidade a uma lista com cinco tipos de relações transtextuais, enumeradas “numa ordem crescente de abstração, implicação e globalidade” que segundo ele mesmo “corre um sério risco, por sua vez, de não ser nem exaustiva e nem definitiva”.

Nobre (2014) explica que Genette (2010), ao tomar a transtextualidade como objeto de investigação, “elabora complexa hierarquização de categorias que se dispõem sob critérios formais e/ou funcionais bastante produtivos, principalmente em se tratando da análise de textos literários.” (Nobre, 2014, p. 54). Para uma melhor visualização das concepções de Genette (2010) sobre transtextualidade, Nobre (2014) elaborou o seguinte organograma geral:

Figura 1 – Organograma geral da transtextualidade



Fonte: Nobre (2014, p. 54)

O primeiro tipo dessa lista, a intertextualidade, apresenta a mesma concepção de Kristeva e é definida por Genette (2010, p. 14), de maneira restritiva como uma relação de copresença entre dois ou vários textos, e, mais frequentemente, como presença de um texto em outro.

A intertextualidade implica que A está presente no texto B, designando a copresença de dois textos. Assim, a intertextualidade marca a presença efetiva de um texto em outro. Genette (2010), explica:

Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio (em Lautréamont, por exemplo), que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado, cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual remete necessariamente uma ou outra de suas inflexões remete. (Genette, 2006, p. 14)

Embora utilize o mesmo termo de Kristeva, Genette (2010, p. 14) analisa minuciosamente o termo intertextualidade, considerando-o apenas como uma parte do todo, por ele chamado de transtextualidade, que abrange novas funções e níveis de relação entre os textos. Sua forma mais tradicional, literal e explícita, é a citação, podendo ocorrer também, no caso do plágio, de maneira menos canônica e menos explícita, e, no caso de alusão, menos literal e menos explícita.

Nobre (2014, p. 37) apresenta que “a diferenciação [...] entre citação e alusão implica um critério formal”. Enquanto, na citação, o texto é transcrito sem alterações sintáticas, na alusão, verificam-se modificações na forma do texto original. A citação é geralmente marcada com sinais tipográficos, como aspas ou itálico, “diferentemente da alusão, que se incorpora ao texto” (Nobre, 2014, p. 38). O autor observa que a ausência da marcação não transforma a citação em uma alusão.

O conceito de intertextualidade definido por Genette (2010, p. 15) ocorre de maneira restritiva, se comparado a outros autores, como ele mesmo reconhece. No entanto, ao citar Michael Riffaterre, explica a ampliação teórica corresponde, de fato a uma restrição, pois as relações estudadas pelo autor “são sempre da ordem de microestruturas semântico-estilísticas, no nível da frase, do fragmento ou do texto breve, geralmente poético” (GENETTE, 2010, p. 15).

Embora Genette realize seus estudos pautados em textos literários, sabemos que o diálogo entre textos também pode ocorrer entre textos literários e não-literários, o que nos leva a constatar que a intertextualidade se faz presente, de forma significativa também em textos teatrais.

Ainda que Genette (2010) considere a intertextualidade como apenas um dos tipos de transtextualidade, os outros tipos por ele definidos, em particular a hipertextualidade, mantém a complexidade das relações exploradas no âmbito do que hoje muitos autores denominam *intertextualidade*, como vem sendo observado nos estudos mais atuais. É de suma importância, portanto, uma análise mais aprofundada desses conceitos.

A paratextualidade, segunda categoria de transtextualidade de Genette, é constituída pela relação, menos explícita e mais distante, que o texto propriamente dito mantém com os elementos contidos no conjunto da obra, tais como, título, subtítulo, prefácios, capa, notas marginais, de rodapé, ilustrações, erratas, epígrafes; enfim, o paratexto é tudo aquilo que encontramos no texto e auxilia a leitura.

A metatextualidade é apresentada como o terceiro tipo de relação transtextual.

Trata-se, segundo Genette (2010, p. 16–17), por excelência, da relação estabelecida entre um texto a um outro texto do qual ele fala, comentário, crítica, sem necessariamente citá-lo ou nomeá-lo.

A arquitextualidade, apresentada como o quinto tipo de transtextualidade, é uma relação silenciosa, que, no máximo, articula uma menção apenas titular, como em ensaios, poesias, entre outros, ou nas indicações que acompanha o título, como romance, narrativa, tragédia etc. Genette (2010, p. 17) classifica-a como a mais abstrata e a mais implícita das relações de transcendência textual. O próprio autor apresenta que, “em todos os casos, o próprio texto não é obrigado a conhecer, e, por consequência, declarar sua qualidade genérica.” (Genette, 2010, p. 17). Embora tal definição influencie a forma como o leitor perceberá e interpretará a obra, cabe a ele determinar o *status* genérico de um texto.

A obra *Palimpsestos* de Gerard Genette é dedicada, em especial, ao estudo do quarto tipo de transtextualidade: a hipertextualidade, compreendida pelo autor como “toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota, de uma forma que não é a do comentário”. (Genette, 2010, p. 18).

Genette (2010, p. 18), na ausência de um prefixo que abranja ao mesmo tempo o hiper- e o meta-, considera uma noção geral de texto de segunda mão ou texto derivado de outro texto preexistente. Para o autor, esse processo de derivação pode ser de ordem “descritiva e intelectual, em que um metatexto ‘fala’ de um texto” (Genette, 2010, p. 18, grifos do autor) ou “de uma outra ordem, em que B não fale nada de A, no entanto não poderia existir daquela forma sem A, do qual ele resulta, ao fim de uma [...] transformação” (Genette, 2010, p. 18). Nesse caso, o texto B, mesmo que não faça menção direta, estabelece uma relação hipertextual com o texto A.

Em outras palavras, Genette (2010, p. 22) entende por hipertexto todo texto derivado a partir de um texto já existente. Essa derivação pode ocorrer por meio de uma transformação simples ou por transformação indireta, considerada por ele, imitação.

Assim, podemos compreender o mito de *Cupido e Psiquê*, contado por Lucius Apuleius, no século II, em sua obra *Metamorphoseon libri XI – “11 livros de Metamorfoses”*, tal como aparece nos manuscritos – ou, como foi intitulado por Santo Agostinho, “*Asinus Aureus*” (*O asno de ouro*), como um hipotexto, por servir de inspiração e antecedente textual, para o conto *A Bela e a Fera*. Apesar de personagens, tempo e espaço distintos, os textos, tanto a versão literária mais antiga do conto, de Madame de Villeneuve (1740), quanto a versão mais

conhecida, de Madame Leprince de Beaumont (1756) possuem elementos similares ao mito, estabelecendo, portanto, uma relação de hipertextualidade.

Nesse viés, também podemos considerar os textos da peça *Psiquê e Eros*, que compõem a corpora de nosso trabalho, como hipertexto do mito de Apuleio.

De acordo com Genette (2010, p. 140), “toda situação redacional funciona como um hipertexto em relação à precedente, e como um hipotexto em relação à seguinte. Do primeiro esboço à última correção, a gênese de um texto é um trabalho de auto-hipertextualidade.”

Observa-se, portanto, uma relação próxima entre metatextualidade e hipertextualidade. Ambos os tipos de transtextualidade refletem resultados de derivação de texto de outro preexistente. Se, na metatextualidade, o texto B reflete um comentário ou análise de um texto A, bem típico das críticas literárias, na hipertextualidade, o texto B é resultado de uma modificação simples ou complexa do texto A, mantendo seus traços literários. A diferença, portanto, está na natureza do discurso. Segundo Nobre (2014, p. 42) enquanto “o metatexto [...] se inscreveria num discurso científico, [...] o hipotexto estaria inserido no discurso artístico-literário”.

Ainda sobre a discussão de textos derivados e a relação entre metatextualidade e hipertextualidade, Genette (2010, p. 19) apresenta duas formas diferentes para as operações transformadoras que podem ocorrer entre textos. A primeira, a qual o autor mantém o termo *transformação*, ocorre de maneira simples ou direta, aquela que transporta, por exemplo, ações de um poema épico para um romance escrito no século XXI. Para transformar um texto, bastaria extrair alguns de seus elementos e modificá-los em algum aspecto, como espaço, tempo, gênero ou estilo literário, de modo que o diálogo entre os dois permaneça em evidência. A segunda, a qual ele atribui o termo *imitação*, por sua vez, ocorre de maneira complexa e mais indireta, aquela que se inspira em obra ou conjunto de obras com as mesmas características estruturais, como modelo, para gerar performances miméticas. Para imitar um texto, é necessário adquirir sobre ele um domínio, pelo menos parcial, dos traços que se escolheu imitar.

Conforme a explicação de Cavalcante e Brito (2012, p. 312–313) acerca da obra de Genette (2010), a transformação consistiria na alteração de segmentos de um texto, sem importar quais ou quantos, sendo relevante apenas que essa mudança na forma resulte na produção de novos sentidos e em um novo texto. Por outro lado, a imitação ou transformação indireta seria caracterizada pela reprodução de um estilo presente no texto-fonte, seja de seu gênero ou autor, podendo haver ou não modificações tanto na forma quanto no conteúdo, com a finalidade de criar uma estrutura e conteúdo completamente diferentes.

Como vimos, apesar de estabelecidas as cinco categorias de transtextualidade, é nítida a possibilidade de sobreposição entre elas. Assim, as relações entre textos são perceptíveis de forma mais abrangente até mais específica, o que leva Genette (2010, p. 23) precaver o “espírito do leitor” que os cinco tipos de transtextualidade não podem ser tratados como classes estagnadas, sem comunicação ou interseções, pelo contrário, suas relações são numerosas e frequentemente decisivas.

Conforme explica Genette (2010):

Se consideramos a transtextualidade em geral, não como uma categoria de textos (proposição desprovida de sentido: não há textos sem transcendência textual), mas como um aspecto da textualidade [...] deveríamos igualmente considerar seus diversos componentes (intertextualidade, paratextualidade etc.) não como categorias de textos, mas como aspectos da textualidade. É justamente assim que a compreendo, ou quase assim. As diversas formas de transtextualidade são ao mesmo tempo aspectos de toda textualidade e, potencialmente e em graus diversos, das categorias de textos. Todo texto pode ser citado, portanto, tornar-se citação, mas a citação é uma prática literária definida, que transcende evidentemente cada uma de suas performances e que tem suas características gerais; todo enunciado pode ser investido de uma função paratextual, mas o prefácio [...] é um gênero; a crítica (metatexto) é evidentemente um gênero; somente o arquitexto, certamente, não é uma categoria, pois ele é, se ousar dizer, a própria classificação (literária). (Genette, 2010, p. 23).

A hipertextualidade, portanto, é considerada por Genette (2010, p. 24) um aspecto universal da literariedade. Segundo o autor, é próprio da obra literária evocar, em algum grau (ou mais manifestas, maciças e explicitamente), outras leituras, o que o leva a concluir que todas as obras são hipertextuais. Quanto menos a hipertextualidade de uma obra é declarada, mais sua análise depende de uma interpretação do leitor. E, como não existem textos sem transcendência textual, considera a relação entre o texto e seu leitor “de uma maneira mais socializada, mais abertamente contratual, como relevante de uma pragmática consciente e organizada” (Genette, 2010, p. 24).

Genette (2010, p. 18) apresenta hipertextualidade como qualquer relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto), do qual ele surge, seja por imitação (transformação indireta) ou transformação (simples). É um aspecto da textualidade de um texto que, em algum grau, evoca algum outro. Como um palimpsesto, o hipertexto revela um hipotexto, de forma mais ou menos explícita, maciça e manifesta.

Numa organização estrutural, Genette (2010, p. 39) apresenta os quatro tipos ou, utilizando a terminologia adotada pelo autor, gêneros hipertextuais canônicos: *paródia*, a transformação mínima de um texto; *travestimento*, a transformação estilística com função degradante; *charge*, o pastiche satírico; e, simplesmente, *pastiche*, a imitação não satírica de um estilo.

Nos dois primeiros gêneros, é estabelecida relação hipertextual de transformação, e eles são diferenciados pelo grau de deformação aplicado ao hipotexto. Já os dois últimos, distinguidos pelo grau de intensidade estilística e função, compreendem a imitação.

Essa classificação “só é estrutural no nível da distinção entre grandes tipos de relações hipertextuais” (Genette, 2010, p. 41), tornando-se funcional no nível da distinção entre práticas concretas. Oficializando essa dualidade de critérios, o autor apresenta o quadro a seguir com a dicotomia da função satírica ou não-satírica:

Figura 2 – Quadro provisório das práticas hipertextuais

<i>função</i> <i>relação</i>	não-satírico	satírico
transformação	PARÓDIA	TRAVESTIMENTO
imitação	PASTICHE	CHARGE

Fonte: Genette (2010, p. 41)

No interior de cada categoria relacional, há um critério funcional que ressalta a oposição, de um lado, entre paródia e travestimento; e de outro, charge e pastiche. No primeiro, segundo o autor, embora a distinção seja puramente formal, considerando a transformação semântica (paródia) e a transposição estilística (travestimento), é inegável que “travestimento é mais satírico, ou mais agressivo, em relação a seu hipotexto que a paródia” (Genette, 2010, p.40).

Ainda a respeito das relações hipertextuais e sua divisão funcional, Genette (2010, p. 41) observa que a distinção entre satírico e não satírico é demasiadamente simples. Segundo o autor, nas práticas concretas de hipertextualidade, há diversas maneiras de não ser satírico, que o leva a distinguir pelo menos duas.

De um lado, caracterizando o que Genette (2010, p. 41) chama de regime lúdico do hipertexto, encontram-se a paródia e o pastiche, que visam a entretenimento ou exercício do prazer. Já para abranger as situações de uso não satírico nas quais existe uma intenção agressiva ou mesmo zombeteria, o autor atribui o regime sério, propondo os termos neutros *transposição*, no caso das transformações sérias, e *forjação*, para as imitações sérias.

Assim Genette (2010, p. 42) completa o quadro geral das práticas hipertextuais com seis grandes categorias, indicando *arbitrariamente*, entre parênteses, títulos de obras literárias como ilustração em cada uma delas:

Figura 3 – Quadro geral das práticas hipertextuais

<i>regime</i>	lúdico	satírico	sério
<i>relação</i>			
transformação	PARÓDIA (<i>Chapelain décoiffé</i>)	TRAVESTIMENTO (<i>Virgile travesti</i>)	TRANSPOSIÇÃO (<i>o Doutor Fausto</i>)
imitação	PASTICHE (<i>L'affaire Lemoine</i>)	CHARGE (<i>À la manière de...</i>)	FORJAÇÃO (<i>La suite d' Homère</i>)

Fonte: Genette (2010, p. 42)

Genette (2010, p. 45), no quadro 2, apresenta as práticas hipertextuais categorizadas com base em dois parâmetros fundamentais: relação e regime. O primeiro qualifica como transformação ou imitação a correspondência entre um texto B (hipertexto) e um texto anterior A (hipotexto). O segundo parâmetro, por sua vez, divide as práticas hipertextuais em três categorias funcionais, como lúdico, satírico ou sério.

Assim, como os cinco tipos de transtextualidade não são classes completamente isoladas, sem interseções ou comunicação, “suas relações são, ao contrário, numerosas e frequentemente decisivas” (Genette, 2010, p. 22), as práticas hipertextuais não poderiam apresentar outra característica. Como o próprio autor ratifica, “seria bastante ingênuo imaginar que possamos traçar uma fronteira fixa entre estas grandes diáteses do funcionamento sociopsicológico do hipertexto” (Genette, 2010, p. 42).

Com intuito de representar as fronteiras que separam, por exemplo, na transformação, os regimes lúdico e satírico, da paródia e do travestimento, respectivamente; bem como, na imitação, os regimes satírico e sério, da charge e de forjação, Genette (2010, p. 42) faz uso de linhas pontilhadas na vertical. O limite que separa os dois tipos de relações, por sua vez, o autor estabelece uma linha cheia justamente por considerar sua fronteira mais clara e determinada

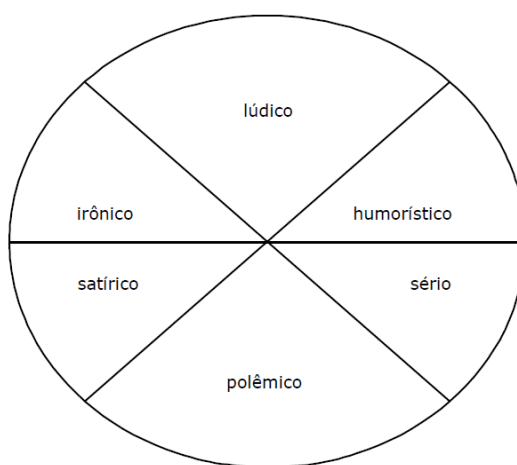
Ainda sobre os limites estabelecidos na categoria regime, Genette (2010, p. 42) observa que tal figuração tabular faz “crer num estatuto fundamentalmente intermediário do satírico, que separaria sempre, inevitável e como que naturalmente, o lúdico do sério” (Genette, 2010, p. 42), o que seria um equívoco, pois, segundo o autor, muitas obras encontram-se exatamente na fronteira, sendo impossível desvencilhar o lúdico do sério. A inversão das colunas do satírico e do lúdico, presentes no quadro 2, também não seria uma solução justa. Assim, sugere:

É melhor imaginar um sistema circular semelhante àquele que Goethe projetava para sua tripartição dos Dichtarten, onde cada regime estaria em contato com os dois

outros, mas de imediato o cruzamento com a categoria das relações torna-se por sua vez impossível de figurar no espaço bidimensional da galáxia Gutenberg (Genette, 2010, p. 42–43).

Considerando a tripartição dos regimes grosseira, Genette (2010, p. 43) propõe afiná-la acrescentando três outras nuances no espectro: “entre o lúdico e o satírico, eu vislumbraria de bom grado o irônico [...]; entre o satírico e o sério, o polêmico [...]; entre o lúdico e o sério, o humorístico” (Genette, 2010, p. 43). O que o levaria propor, a título puramente indicativo, a seguinte rosácea para os regimes das relações hipertextuais:

Figura 4 – Rosácea dos regimes hipertextuais de Genette



Fonte: Genette (2010, p. 43)

Com essa imagem circular, Genette pretende demonstrar que, nas práticas hipertextuais, existe uma multi-relação entre os regimes. Além de não existir fronteiras fixas entre eles, todos estão inter-relacionados. A seguir, aprofundaremos nossos estudos acerca das relações hipertextuais por transformação e seus regimes.

Genette (2010, p. 18) apresenta transformação como uma operação comum a textos literários que consiste em transportar aspectos, como estilo ou gênero literário de um texto, para um outro, mantendo elementos semânticos essenciais do texto original. A exemplo disso, ele compara as obras *Odisseia* e *Ulisses*. Nelas, há uma transformação direta que transporta a ação da *Odisseia* para Dublin do século XX, um poema épico para um romance.

Embora seja perceptível o mesmo esquema de ação e de relação entre personagens, o estilo adotado por Joyce é completamente diferente de Homero. A vastidão de sua obra e seu acabamento estético e ideológico chegam a camuflar o caráter hipertextual, para um leitor mais desatento. De acordo com Genette (2010, p. 63), esta produtividade está ligada à diversidade dos procedimentos transformacionais que a transposição opera.

A transformação séria, ou transposição, é considerada por Genette (2010, p. 63) a mais importante de todas as práticas hipertextuais. Segundo o autor, enquanto a paródia pode se resumir à modificação pontual ou redutível; o travestimento, a uma transformação estilística; o pastiche, a charge e a forjação originam-se todos da prática de imitação de um modelo; a transposição, por sua vez, é marcada por um acabamento estético, amplitude e variedade de procedimentos nela envolvidos que podem se aplicar a obras de vastas dimensões, diferente das demais, que resultam em textos breves.

A diversidade de procedimentos transposicionais fez com que Genette (2010, p. 63) introduzisse uma categorização interna. O autor explica:

Essa subcategorização não funcionará, entretanto, como uma taxonomia hierárquica destinada a distinguir, no seio desta classe, subclasses, gêneros, espécies e variedades: transposições singulares (todas as obras transposicionais) procedem de várias dessas operações ao mesmo tempo e só se deixam reconduzir a uma delas a título de característica dominante, e por concessão às necessidades de análise e conveniências de organização. (Genette, 2010, p. 63–64)

Assim, considerando as intervenções sobre o sentido do hipotexto transformado, são elencadas duas categorias fundamentais: as transposições deliberadamente temáticas e as transposições em princípio puramente formais. No primeiro caso, a transformação do sentido faz parte do propósito, é manifestada e oficial. Já, no segundo, a transformação só atinge o sentido por acidente ou por uma consequência perversa, sua atenção está na forma em que o hipertexto é apresentado.

Nas transposições temáticas, encontra-se a tradução, considerada por Genette (2010, p. 65) a forma mais evidente e mais difundida, pois consiste em transportar um texto de uma língua para outra. Embora sua importância literária não seja muito contestável, seja porque há sempre uma preocupação de traduzir bem as obras-primas ou porque algumas traduções são elas próprias obras-primas, problemas existem porque as línguas são diversas (e, por que não, complexas?). O que faz o autor afirmar que “nenhuma tradução pode ser absolutamente fiel e todo ato de traduzir altera o sentido do texto traduzido” (Genette, 2010, p. 65).

Isso porque toda língua possui particularidades que torna o ato de traduzir de uma para outra uma tarefa complexa, principalmente quando se trata de textos cuja forma é um elemento essencial, construídos com jogos linguísticos e efeitos estéticos, como os textos literários. Nesses casos, o emprego literário da língua, quando transcrito para uma outra, pode apresentar falhas inevitáveis da tradução que são prejudiciais para compreensão do texto original. Genette (2010, p. 67) explica:

Se quiséssemos precisar os termos da armadilha para tradutores, eu os descreveria como se segue. Do lado da “arte da linguagem”, [...] a criação literária é sempre parcialmente inseparável da língua em que ela se exerce. Do lado da “língua natural”, “a ilusão dos exploradores” diante do enorme contingente de clichês, isto é, catacreses, ou figuras que passaram ao uso nas línguas, “primitivas” ou não. A ilusão do explorador, e, portanto, a tentação do tradutor, é tomar esses clichês ao pé da letra e traduzi-los por figuras que, na língua de chegada, não serão nunca usadas. Esta “dissociação dos estereótipos” acentua na tradução o caráter metafórico do hipotexto. (Genette, 2010, p. 67)

Além da dificuldade de passar uma língua para outra, de maneira horizontal (sincrônica); quando se trata de obras antigas, há uma dificuldade vertical (diacrônica), ligada à evolução das línguas. Segundo Genette (2010, p. 68), a tradução de uma obra de Dante ou Shakespeare para o francês, por exemplo, quando não se tem uma boa tradução de época, pode representar um grande dilema para o tradutor: diminuir a distância da historicidade linguística fazendo uso do francês moderno ou criar sua versão da língua da época? A primeira opção, segundo o autor, tira a oportunidade de um leitor francês moderno se colocar em uma situação comparável à do leitor italiano ou inglês original. Em contrapartida, optar pela tradução em francês da época, gerando um arcaísmo artificial, é um exercício arriscado.

A tradução de textos antigos, anteriores à própria existência da língua para o qual se deseja traduzir torna-se, de acordo com Genette (2010, p. 69), um problema mais árduo. Afinal, não é tão simples traçar um paralelismo histórico entre a língua francesa e o grego de *Ilíada*, por exemplo. Como o óbvio sempre deve ser dito: não existe um francês da época de Homero.

Considerando as analogias estilísticas e temáticas, Genette (2010, p. 69) sugere que uma tradução de Homero no francês do século XIII, típico das canções de gesta, diminuiria a distância linguística e ofereceria ao leitor francês moderno uma experiência semelhante a do leitor grego ao se deparar com o poema épico, agrupados em estrofes, e em versos decassílabos. Em contrapartida, esse deslocamento histórico, segundo o autor, seria um desastre, pois geraria uma tradução que necessitaria de uma nova tradução.

Se, na tradução, uma estratégia encontrada para manter o hipertexto fidedigno ao hipotexto, ao transportá-lo de uma língua para outra, é a reprodução do seu estilo, com a transestilização, a manutenção do estilo é desnecessária para estabelecer ligação entre eles. Trata-se, de acordo com Genette (2010, p. 71), de uma transposição cuja única função é uma mudança de estilo, uma reescrita estilística, muito produtiva em regime lúdico, embora admita a transposição estilística em regime sério.

Como existe uma certa imprecisão quanto ao próprio conceito de estilo, Genette (2010, p. 71) observa que a transestilização “raramente se encontra em estado livre e pode

acompanhar inevitavelmente outras práticas”. O que reforça a ideia defendida pelo autor que categorias apresentadas para as práticas hipertextuais por transposição não funcionam de maneiras excludentes.

Assim, também podem se fazer presentes, junto às transestilizações, mudanças de modo (transmodalização), quando alteramos um texto narrativo para o dramático, por exemplo; da mesma forma, se considerarmos o metro um elemento de estilo, as mudanças da métrica (transmetrificação ou transmetrização); as passagens de verso para a prosa (versificação) ou da prosa para o verso (prosificação) etc. Em todos esses casos de transformações, a alteração de estilo será praticamente inevitável.

Além disso, através da transestilização é possível transformar a história do mito de *Cupido e Psiquê*, contada na obra latina *O asno de ouro*, em um poema, como fez Fernando Pessoa⁶, ou em uma peça cômica, como a que será utilizada em nosso estudo, por exemplo, sem o compromisso de reproduzi-la com exatidão. Tal transposição pode incluir também práticas equitativas de redução, ampliação ou mesmo substituição de elementos textuais, à maneira de ou para quem o reescreve; o intuito é atribuir ao hipertexto elaborado um novo estilo, diferente do hipotexto, mais simples ou mais complexo, mais artístico ou mais neutro.

Embora não estenda a noção de texto, e por conseguinte a noção de hipertexto, a todas as artes, Genette (2010, p. 126) admite que “todo objeto pode ser transformado, toda forma pode ser imitada, nenhuma arte por natureza escapa a esses dois modos de derivação que definem a hipertextualidade na literatura”. Assim, a transformação de obras literárias para outros códigos, como pintura, escultura, música pode ser enquadrado como práticas hiperestéticas de segunda mão⁷.

Quanto às transposições formais e sem incidência temática, Genette (2010, p. 76) apresenta as transposições puramente quantitativas que consistem em abreviar ou estender o hipotexto. Segundo o autor, por razões que se ligam à idealidade específica de cada texto, qualquer um desses atos não ocorre sem provocar outras modificações mais essenciais à sua textualidade própria. Isso porque tais procedimentos vão além de uma simples mudança de dimensão, são operações complexas que não afetam somente a extensão do hipotexto, mas sua estrutura e seu teor.

⁶ O poema de Pessoa (1869, p.181) encontra-se citado na íntegra, na seção 4.1, desta dissertação.

⁷ Hermínia Maria Lima da Silva, em 2016, em seu estudo intitulado *As práticas intertextuais hiperestéticas em obras de conteúdo bíblico*, não só, em sentido amplo, reviu a proposta teórica de Genette (2010) para as práticas intertextuais hiperestéticas como, em sentido estrito, propôs um novo quadro teórico metodológico para futuras análises desse fenômeno intertextual, a partir de obras de arte de temática bíblica produzidas entre os séculos XIV e XXI, do Renascimento à Contemporaneidade.

Reduzir ou aumentar um texto, segundo Genette (2010, p. 77) é “produzir a partir dele um outro texto, mais breve ou mais longo, que dele deriva”, alterando-o de diversas maneiras, específicas de cada caso. Segundo o autor, é possível ordenar, “simetricamente ou quase, em dois ou três tipos fundamentais de alterações redutoras ou ampliadoras” Genette (2010, p. 77), que excluem qualquer precedência ou preeminência de princípio entre as duas ordens. Como procedimentos de redução, Genette apresenta a excisão, concisão e a condensação.

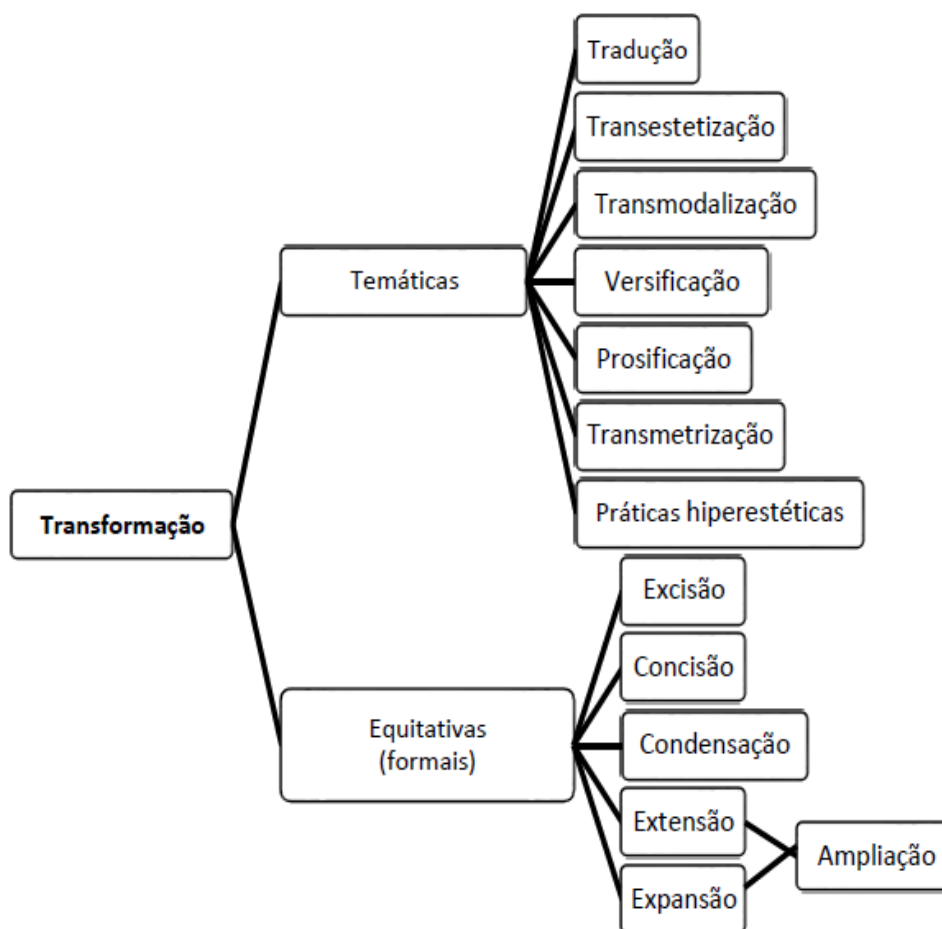
Uma das práticas redutoras de textos amplamente difundidas é a excisão. Como o próprio nome sugere, consiste num corte, uma supressão pura e simples do texto original, sem acarretar, necessariamente, uma diminuição de valor. Genette (2010, p. 78) observa que, eventualmente, é possível até melhorá-la, extraíndo alguma parte do texto inútil e nociva para os fins que se pretende. É o caso das versões de obras clássicas transformadas para crianças ou para o teatro, por exemplo.

A concisão, diferente do procedimento anterior, tem como norma sintetizar um texto sem suprimir nenhuma parte tematicamente significativa. De acordo com Genette (2010, p. 86), essa técnica consiste em reescrever em estilo mais conciso, produzindo um novo texto com novos recursos, podendo até não conservar nenhuma palavra do texto original.

Embora distintas, Genette (2010, p. 89) explica que tanto a excisão quanto a concisão trabalham diretamente sobre seus respectivos hipotextos para submetê-los a um processo de redução, mantendo-se constantes a trama. Tal feito não ocorre na redução por condensação. Segundo o autor, o produto desse procedimento é caracterizado como texto não-literário. Trata-se de um texto com função didática, comumente chamado de síntese, súmula, resumo e sinopse.

Nobre (2014, p. 54) ressalta que, apesar de todos esses recursos tenham sido abordados a partir de uma perspectiva de transformação séria (transposição), devido ao seu caráter formal, eles também podem ser aplicados nas transformações lúdicas (paródia) e nas satíricas (travestimento). Em muitos casos, mais de um desses recursos podem ser empregados nas práticas hipertextuais por transformação. O autor sintetiza as principais formas de transformação na imagem a seguir:

Figura 5 – Transformação segundo Genette (2010)



Fonte: Nobre (2014, p. 55)

Nobre (2014, p. 53) observa que a classificação proposta por Genette (2010), para análises de transposições em textos literários, também pode ser estendida a gêneros diversos, não devendo, porém, ser consideradas como tipo de intertextualidade, mas sim “como técnicas de transformação empregadas pelas pessoas quando produzem algum texto derivado de outro”. Assim, tomaremos essa tipologia para analisar as transformações ocorridas no hipotexto, que serviu de texto fonte, para os hipertextos produzidos pelo grupo Paideia.

Apesar do enfoque literário, Genette (2010) reconhece a existência de práticas hiperestéticas e a relevância do estudo das relações relacionadas a elas. Esse pensamento permitiu pesquisas posteriores desenvolverem estudos, em áreas como a linguística textual, levando em consideração as relações intertextuais não apenas em textos literários.

2.2 Reorganizando conceitos com Piègay-Gros

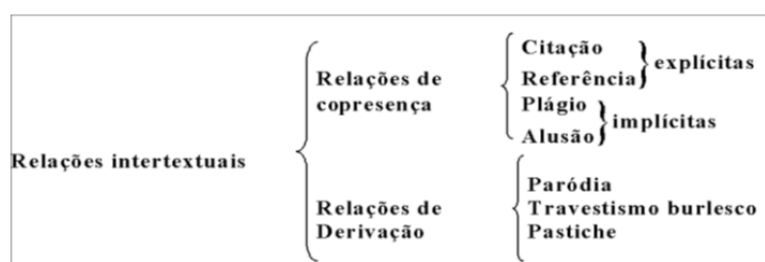
Nathalie Piègay-Gros (2010), sugere uma reorganização da proposta de Genette (2010), distinguindo dois tipos de relações intertextuais: “aquelas baseadas numa relação de

copresença entre dois ou vários textos (aos quais o autor de *Palimpsestes* circunscreveu a intertextualidade) e aquelas baseadas numa relação de derivação” (Piègay-Gros, 2010, p. 220).

Nobre (2014, p. 56) pondera que o redimensionamento da tipologia de Genette (2010), realizada por Piègay-Gros (2010) proporcionou ganho ao ampliar o conceito de intertextualidade aos casos de hipertextualidade, no entanto, “observa-se [...], ainda certo reducionismo no quadro teórico, pois [...], não se percebe a inclusão de casos de paratextualidade e/ou metatextualidade ao que ela chama de intertextualidade por derivação.” (Nobre, 2014, p. 56). Além disso, segundo o autor, ao se propor dois tipos possíveis de relações intertextuais, “corre-se o risco de se pensar em opor um ao outro, quando na verdade as sobreposições e as complementaridades são bastante recorrentes” (Nobre, 2014, p. 56).

No livro *Os sentidos do texto*, Cavalcante (2021) resume a proposta de Piègay-Gros (2010) através da seguinte representação:

Figura 6 – Relações intertextuais para Piègay-Gros (2010)



Fonte: Cavalcante (2021, p. 146)

Para compreensão das diferentes formas intertextuais por copresença, é realizada uma distinção entre relações explícitas, como citação e referência, e relações implícitas, que incluem plágio e alusão.

A citação, como apresentado por Piègay-Gros (2010, p. 220), é uma forma emblemática e mínima da intertextualidade. Emblemática, pois demonstra visivelmente a inserção de um texto no outro, através de códigos tipográficos, como as aspas ou itálico, que materializam a heterogeneidade e a fragmentação do texto.

Seu caráter mínimo se dá pela imposição simples e evidente que a citação aparece em um texto, “sem exigir do leitor uma perspicácia ou uma erudição particular” (Piègay-Gros, 2010, p. 221). Embora o seu reconhecimento fique subentendido, o foco para sua compreensão deve ser direcionado à identificação e interpretação. Segundo a autora, “a escolha do texto citado, os limites de seus recortes, as modalidades de sua montagem, o sentido que lhe confere sua inserção dentro de um contexto inédito... são também elementos essenciais na sua

significação” (Piègay-Gros, 2010, p. 221).

Piègay-Gros (2010, p. 222) observa que a citação não é menos complexa que as demais formas intertextuais. Ela extrapola as funções tradicionais que lhe são atribuídas: seja ornamentação, na contribuição poética de um texto; ou autoridade, com efeito, essencial, que permite reforçar a veracidade de um discurso, autenticando-o. Ao ser inserida em um texto, pode ser integrada tanto à sua temática própria como à sua escrita. As citações, como explica Piègay-Gros (2010, p. 223) “exigem que tenhamos ciência dos laços que se interpõem entre o texto citado e o citante, como também entre as diferentes ocorrências de um mesmo texto e entre os diversos textos citados”.

Cavalcante (2021, p. 146) explica que tanto Genette (2010), como Piègay-Gros (2010) “detiveram-se em análises aplicadas aos gêneros literário, todavia, em princípio, os processos intertextuais podem apresentar-se em qualquer gênero, dentro de qualquer domínio discursivo”. A partir dessa concepção, a citação apresentaria, em alguns gêneros discursivos, formas padronizadas, como nos do domínio discursivo jornalístico e, mais especialmente os do domínio acadêmico, nos quais existe a “necessidade de se recorrer à palavra especializada para sustentar o que está sendo dito, garantindo-se mais credibilidade ao que diz o enunciador” (Cavalcante, 2021, p. 147).

Nesses casos, a fronteira do intertexto é marcada por evidências tipográficas, como as aspas. Entretanto, segundo Cavalcante (2021, p. 148), nem toda citação possui marcação, e o fato de não haver uma marca tipográfica não a descaracteriza como citação. Nesses casos, o criador do texto espera que o destinatário tenha condições de recuperar o intertexto, “reconhecível por pertencer a conhecimentos culturalmente compartilhados” (Cavalcante, 2021, p. 148).

Além da citação, Piègay-Gros (2010, p. 223) apresenta a referência como “forma explícita de intertextualidade”. Entretanto, diferente da citação, ela não expõe o outro texto ao qual nos remete. Tal relação ocorre quando existe uma remissão a um outro texto, sem necessariamente ocorrer a citação literal de um trecho.

Cavalcante (2021, p. 150) explica que “a remissão pode realizar-se, por exemplo, por meio da nomeação do autor do intertexto, do título da obra, de personagens de obras literárias etc”. Em muitos casos, para compreender as verdadeiras intenções do autor, faz necessário ao coenunciador resgatar conhecimentos intertextuais. No entanto, caso o interlocutor não depreenda as informações sugeridas, segundo Cavalcante (2021, p. 151), a compreensão global do texto não será comprometida.

Quanto às relações intertextuais de copresença implícitas, Piègay-Gros (2010) apresenta o plágio e a alusão. Ambas se caracterizam como uma forma de remissão indireta, que exige do leitor um retorno à memória para identificá-los.

Para a autora, “o plágio está para a intertextualidade implícita, assim como a citação está para a intertextualidade explícita” (Piègay-Gros, 2010, p. 224). Trata-se de uma citação não marcada. Se, com a citação, o enunciador busca garantir credibilidade ao que está sendo por ele dito; com o plágio, ele assume indevidamente a autoria do texto de outra pessoa como se fosse próprio. O ato de plagiar pode ser considerado crime nos casos em que é possível identificar a ocultação do intertexto. Piègay-Gros (2010) chama atenção para a gravidade afirmando que “trata-se, com efeito, de um atentado à propriedade literária, um tipo de fraude que não somente põe em xeque a honestidade do plagiador, como também as regras do bom funcionamento que regem a circulação dos textos” (Piègay-Gros, 2010, p. 225).

Embora não seja literal e nem explícita, a alusão muitas vezes também é comparada à citação. Segundo Piègay-Gros (2010, p. 226), isso ocorre porque “ela solicita diferentemente a memória e a inteligência do leitor e não quebra a continuidade do texto”, ultrapassando assim a fronteira da intertextualidade. A autora explica que, da mesma maneira que é possível citar textos não literários, é possível “remeter, por alusão, à história, à mitologia, à opinião ou aos costumes” (Piègay-Gros, 2010, p. 226).

Como a própria etimologia da palavra sugere, do latim *allusio*, que vem de *ludere*, significando brincar ou jogar, a alusão é um jogo de palavras, que “supõe, com efeito, que o leitor possa compreender nas entrelinhas o que o autor deseja sugerir-lhe sem expressar isso diretamente” (Piègay-Gros, 2010, p. 227). Sua eficácia será maior se, com poucas palavras, conseguir estabelecer conexão com um texto conhecido.

Cavalcante (2012, p. 152) apresenta a alusão como “uma espécie de referência indireta, como uma retomada implícita”. Para identificar o referente não dito, o coenunciador deve recorrer à memória, através de sinais deixados pelo texto. O não reconhecimento dos indícios intertextuais da alusão em um texto, pelo simples fato de um leitor não deter as informações necessárias para sua identificação, não anula a existência do fenômeno, que poderá ser reconhecido por outro coenunciador mais experiente.

As intertextualidades baseadas nas relações de derivação que ligam um texto ao outro, de acordo com Piègay-Gros (2010, p. 230), incluem a paródia, o pastiche e o travestimento burlesco, sendo a paródia e o pastiche apoiados na transformação e na imitação do hipotexto, respectivamente. O travestimento burlesco, que é tratado por Gérard Genette

como uma variante simples da paródia, ganha uma discussão paralela com Piègay-Gros (2010, p. 230), já que essa considera os seus procedimentos também são distintos. Para a autora, “o travestimento burlesco é baseado na reescritura de um estilo a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado, enquanto que a paródia consiste na transformação de um texto cujo conteúdo é modificado, mesmo conservando o estilo” (Piègay-Gros, 2010, p. 230).

Assim, há duas formas de paródia, segundo Piègay-Gros (2010, p. 230–231): a “mais eficaz é exatamente aquela que segue o mais proximamente possível o texto que ela deforma” (Piègay-Gros, 2010, p. 230), por isso seu caráter relativamente breve; e “uma outra forma de paródia, que Genette considera, por outro lado, como ‘a mais elegante por ser a mais econômica’ (*Palimpsestes*, op. cit.), é a retomada literal de uma passagem inserida num novo contexto: a deformação é procedente da montagem de um outro texto” (Piègay-Gros, 2010, p. 231).

Diferentemente da paródia, o travestimento burlesco não possui um caráter econômico e nem tão pouco é uma retomada literal, conforme conceito apontado por Piègay-Gros (2010):

o travestimento burlesco retoma o tema, mas se afasta bastante da forma do texto do qual se desvia. Trata-se, pois, de uma suposta memória de fatos e de episódios, de temas e personagens, pois sua eficácia depende do reconhecimento do texto no qual ele se insere. Mas, sobretudo, o travestimento burlesco é baseado na consciência aguda da separação e da hierarquia dos gêneros e de sua estreita correlação com um nível de estilo (Piègay-Gros, 2010, p. 234)

Cavalcante (2021, p. 161) destaca, em relação ao conceito de travestimento burlesco proposto por Piègay-Gros (2010), que sua base está na transformação de um estilo a partir da conservação de seu conteúdo. Segundo Cavalcante (2021, p. 161), “há, então, uma retomada do conteúdo, mas estrutura e estilo são transformados com finalidade puramente satírica” (Cavalcante, 2021, p. 161).

As relações intertextuais que se caracterizam pela transformação do texto de origem são a paródia e o travestimento burlesco. Quando caracterizadas pela imitação de uma característica literária ou do estilo do autor, com o objetivo de criticá-lo, temos o pastiche como relação intertextual. De acordo com Piègay-Gros (2010, p. 238), “fazer um pastiche não é deformar um determinado texto preciso, mas imitar um estilo: a escolha do tema é, portanto, indiferente à realização dessa imitação”.

Apesar de Piègay-Gros (2010) ter desenvolvido sua proposta para análise das relações intertextuais no campo literário, Nobre (2014, p. 59) aponta que estudos como os de Cavalcante (2021) e de Cavalcante e Brito (2011; 2012) têm ampliado sua aplicabilidade a

textos não literários, verbais e não verbais, dos mais diferentes domínios.

Faria (2014, p. 52) destaca que o uso da intertextualidade não está limitado a textos escritos e longos, podendo ser expressa de várias formas, incluindo por meio pequenas expressões, imagens ou mesmo algumas palavras que remetem ao texto original. A autora afirma que Genette (2010) e Piègay-Gros (2010) não chegaram a abordar esses aspectos, simplesmente por não fazer parte do escopo de suas pesquisas. Embora ambos tenham maneiras distintas de conceituar e categorizar o intertexto, Faria (2014, p. 52) aponta, pelo menos, duas ideias concordantes entre eles: a primeira, diz respeito a afirmação de que “as categorias intertextuais não são incomunicáveis” (Faria, 2014, p. 52); e a segunda, que “cabe ao leitor reconhecer as manifestações intertextuais em um texto” (Faria, 2014, p. 52).

Considerando a primeira afirmação, Faria (2014, p. 52) questiona “por que ambos os autores não contemplam em sua classificação o modo como as relações de copresença podem marcar a distinção de intertextualidade?”

Apesar de não aprofundar a questão e utilizando outras nomenclaturas, Genette (2010, p. 23) já advertia que “as diversas formas de transtextualidade são ao mesmo tempo aspectos de toda textualidade e, potencialmente e em graus diversos, das categorias de textos”, e suas relações são numerosas e decisivas. Dessa forma, e fazendo uso das terminações de Piègay-Gros (2010), um intertexto por derivação, como a paródia, pode ser constituído a partir de um intertexto por copresença. Tal afirmação foi ratificada, mas também não explorada por Cavalcante (2006, p. 10):

Devemos salientar que os tipos de intertextualidade por copresença podem perfeitamente estar a serviço dos casos de derivação, o que comprova que as tipologias de intertextualidade nem sempre se excluem mutuamente. Podemos afirmar, por exemplo, que a paródia retoma, por um mecanismo de dêixis (num apelo à memória do interlocutor), inúmeros referentes presentes no discurso do texto-fonte. Assim também acontece nas situações de paráfrase, como, em especial, em textos representativos do discurso acadêmico. Além disso, constatamos que os próprios tipos de intertextualidade por copresença podem coabitar pacificamente: podemos identificar, por exemplo, recursos anafóricos coexistindo com as citações, e a alusão, no final das contas, não passa de uma referência indireta. (Cavalcante, 2006, p. 10)

Em seu estudo *Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases*, Faria (2014) propõe esse aprofundamento ao investigar como as intertextualidades de copresença podem constituir estratégias para a construção das intertextualidades derivacionais por transformação em textos verbo-visuais.

Faria (2014) pondera também que, apesar de Genette (2010) e Piègay-Gros (2010) afirmarem que cabe ao leitor a identificação do intertexto, não há dúvida de que a “intertextualidade não deixa de existir, mesmo que não ela seja reconhecida por um

coenunciador X ou Y, pois certamente, poderia ser reconhecida por outros” (Faria, 2014, p. 52). Nesse caso, um leitor não precisa necessariamente conhecer a origem de determinados termos, ou como certas partes de um texto foram criadas para reconstruir seus significados. Faria (2014, p. 53) sugere que, apesar de óbvia, essa constatação desafia a suposição de que a compreensão sempre exige a identificação dos recursos intertextuais. Na verdade, “há níveis diferentes de compreensão, ou de reconstrução da coerência, quando se usam algumas intertextualidades” (Faria, 2014, p. 53).

Além destas ponderações, Faria (2014, p. 53) chama atenção para a omissão, nas pesquisas de Genette (2010) e de Piègay-Gros (2010), da paráfrase, contemplada nos pressupostos de Sant’Anna (2003).

2.3 Ampliando horizontes com Sant’Anna

Em *Paródia, Paráfrase & Cia*, publicada inicialmente em 1985, Sant’Anna propõe um estudo com abordagem não-literária para o fenômeno da paródia que, segundo o autor, “só pode ser estudada se, no mínimo, a estudarmos ao lado não só da estilização, mas também da *paráfrase* e da *apropriação*.” (Sant’Anna, 2003, p. 6, grifos do autor). Assim, busca uma visão semiológica, que considere outras formas de expressão artística, como moda, *jazz*, pintura clássica e moderna, dança, mímica, cinema, histórias em quadrinhos, a contracultura dos anos 60 e até técnicas jornalísticas para apresentar as notícias.

Segundo Sant’Anna (2003, p. 7), embora a paródia, como efeito da linguagem, esteja cada vez mais presente nas obras contemporâneas, não significa ser uma invenção recente. É certo que a paródia e a modernidade possuem uma relação harmônica, na qual é perceptível que “a frequência com que aparecem textos parodísticos testemunha que a arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos” (Sant’Anna, 2003, p. 7). Ela já estava presente na Grécia, Roma Antiga e Idade Média.

Sant’Anna (2003, p. 8) explica que a paródia, como uma forma de a linguagem se voltar sobre si, surge do diálogo entre a arte e a realidade da própria linguagem, perpassando o diálogo da arte com a realidade aparente das coisas. Assim, observa-se a paródia como efeito metalinguístico (a linguagem que fala sobre outra linguagem), podendo ser construída a partir de textos alheios, configurando-se em intertextualidade, ou a partir de seus próprios textos, quando ocorre a intratextualidade.

Rastreando as definições do termo, Sant’Anna (2003, p. 12) compreende paródia a

partir da origem grega da palavra, *para-ode*, que significa uma ode que perverte o sentido de outra ode. Considerando que originalmente ode era um poema feito para ser cantando, o termo paródia implica a “ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto” (Sant’Anna, 2003, p. 7). Sua origem, segundo Sant’Anna (2003), portanto, é musical e teria, dentro da literatura, uma conotação mais específica.

Com base no *Dictionary of World Literature*, de Joseph T. Shipley, Sant’Anna (2003, p. 12) discrimina três tipos básicos de paródia: verbal, em que há pequenas alterações no texto original; formal, em que se utilizam o estilo e técnicas de um autor como forma de zombaria; e temática, em que se faz a caricatura da forma e do espírito de um autor.

O conceito de paródia, segundo Sant’Anna (2003, p. 13) tornou-se mais sofisticado a partir de Tynianov (1919) e Bakhtin (1928), quando esses realizaram o estudo da paródia lado a lado com o conceito de estilização.

Segundo Sant’Anna (2003, p. 13–14), Tynianov (1919) observa que tanto a paródia quanto a estilização possuem uma vida dupla, pois existe um segundo plano estilizado ou parodiado além da obra original. Enquanto, na paródia, os dois planos são necessariamente deslocados e discordantes, a paródia de uma tragédia será uma comédia, por exemplo, e vice-versa; na estilização, há uma concordância entre eles, no qual o plano do estilizando aparece através do plano estilizado. No entanto, se a estilização for fortemente marcada ou tiver uma motivação cômica, pode se converter em paródia.

Já Bakhtin (1928), de acordo com Sant’Anna (2003, p. 13–14), define que as vozes correspondentes aos dois planos na paródia são distintas e emitidas de uma para outra de forma antagônica. Portanto, na paródia, é possível perverter o texto original em diversas direções, enquanto, na estilização, a voz estilizada segue unicamente na mesma direção proposta pelo texto original.

Sobre o conceito de paráfrase, Sant’Anna (2003, p. 13) comenta que, embora não tenha uma história como a paródia, remetendo a origem musical do termo, sua etimologia aponta para a palavra grega *para-phrasis*, que significa continuação ou repetição de uma sentença. Em vista disso, a paráfrase consiste em uma reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita, em geral, que se aproxima da mesma por extensão, servindo como uma afirmação geral da ideia de uma obra para esclarecer uma passagem difícil.

Além dessa definição, Sant’Anna (2003, p. 18) afirma que é possível associar a paráfrase ao conceito de tradução. De fato, se entendemos a paráfrase como a reafirmação do significado de um texto utilizando palavras diferentes da obra original, não é difícil perceber

que o ato de traduzir também permite ao tradutor escolher palavras que alteram o sentido do texto original.

Essa aproximação entre tradução e paráfrase levaram alguns críticos literários rejeitar “a noção de que o poema possa ser parafraseado sem sofrer violências” (Sant’Anna, 2003, p. 20), considerando que os elementos estruturais, tais como as metáforas, tensões, ritmos etc. conduzem ao sentido do texto poético, na literatura, para eles, já seria criação ou então estilização.

Sant’Anna (2003, p. 25) explica que os conceitos de paródia, estilização e paráfrase compartilham o efeito de deslocamento. Na paráfrase, o deslocamento é geralmente menor, permitindo a citação ou transcrição direta do texto parafraseado. Na estilização, o desvio aumenta, mas ainda é mantido o sentido original do texto e não há adoção de uma direção oposta àquela indicada pelo texto original. Porém, na paródia, o afastamento da obra original é radical, com a inversão total de seu sentido, frequentemente através do uso da ironia.

É importante destacar que tais conceitos só são plenamente realizados a partir da perspectiva do leitor. Ou seja, de acordo com Sant’Anna (2003, p. 26), é o receptor do texto que confere vida ao diálogo entre as duas vozes: a voz original, ausente do texto parodiado, e a voz presente do novo texto parodístico. Caso o receptor, a partir de seu repertório, não estabeleça uma conexão entre o novo texto e o texto original que o inspirou, o efeito de paródia, estilização ou paráfrase não será alcançado. Por essa razão, “é preciso um repertório ou memória cultural e literária para decodificar os textos superpostos” (Sant’Anna, 2003, p. 26).

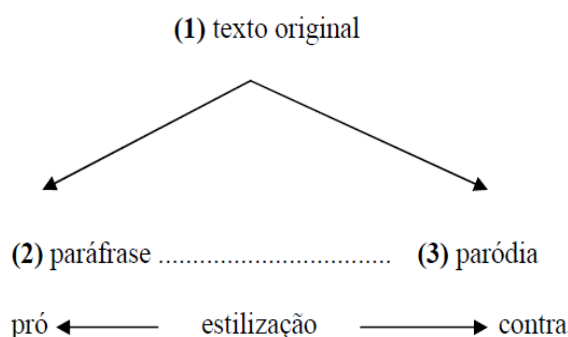
Essa reflexão é similar àquela presente nas obras de Genette (2010) e Piègay-Gros (1996), no entanto, compreendemos, assim como Faria (2014, p. 61), que o reconhecimento das referências intertextuais ocorre em diferentes níveis de compreensão de leitura, sem comprometer o entendimento geral ou superficial do texto. Isso significa que a compreensão de um texto varia entre os leitores e ocorre em diferentes graus de apreensão dos sentidos. Se um determinado leitor não consegue “alcançar a intertextualidade pretendida pelo locutor não significa que ele não tenha compreendido nada do texto” (Faria, 2014, p. 61). Também não significa dizer que a intertextualidade não tenha ocorrido, já que outros poderiam fazê-lo.

Apesar de desenvolver relações entre paródia, paráfrase, estilização e apropriação, Sant’Anna (2003, p. 27) enfatiza a oposição dos dois primeiros termos como “mais forte”, considerando que “mais do que paródia e paráfrase estamos diante de dois eixos: um *eixo parafrástico* e um *eixo parodístico*” (Sant’Anna, 2003, p. 27, grifos do autor), que tem a estilização como ponto de contato. Sob essa perspectiva, a paródia seria a intertextualidade

baseada nas diferenças, enquanto a paráfrase seria a intertextualidade baseada nas semelhanças.

Considerando a paródia uma espécie de estilização negativa, com efeito contra estilo, em oposição à paráfrase, que seria uma estilização positiva, com efeito pró-estilo, Sant'Anna (2003, p. 35-36) apresenta a estilização como uma técnica geral, que “quando se dá na mesma direção ideológica do texto anterior, transforma-se numa paráfrase; se ela ocorre em sentido contrário, constitui-se numa paródia” (Sant'Anna, 2003, p. 36). A paródia e a paráfrase seriam, portanto, efeitos particulares. Em outros termos, a estilização é o meio, o artifício e a paródia e a paráfrase são o fim, o efeito. Essa distinção é sintetizada no esquema a seguir:

Figura 7 – Primeiro modelo de Sant'Anna (2003)



Fonte: Sant'Anna (2003, p. 36)

O segundo modelo proposto por Sant'Anna (2003, p. 38–39) explora a ideia de desvio, ao considerar que os jogos estabelecidos entre as relações intra e extratextuais são desvios em maior ou menor grau em relação a um texto original. Nesse sentido, a estilização seria um tipo de desvio tolerável, no qual ocorreria o máximo de inovação, sem que o sentido original fosse subvertido, pervertido ou invertido. Já a paráfrase surge como um desvio mínimo, enquanto a paródia seria caracterizada por um desvio total.

Reunindo os três termos em definição, Sant'Anna (2003, p. 41) afirma que “a paródia deforma, a paráfrase conforma e a estilização reforma”. Embora exista um sinal de diferença entre os três, é possível agrupá-los em dois conjuntos: de um lado, estilização e a paráfrase, considerando sua aproximação natural; enquanto, do outro, a paródia. O autor explica o porquê dessa distinção:

a paródia deforma o texto original subvertendo sua estrutura ou sentido. Já a paráfrase reafirma os ingredientes do texto primeiro conformando seu sentido. Enquanto a estilização reforma esmaecendo, apagando a forma, mas sem modificação essencial da estrutura. (Sant'Anna, 2003, p. 41)

No terceiro modelo, Sant'Anna (2003, p. 43-48), correlaciona os termos paráfrase, estilização, paródia e apropriação, organizando-as em dois conjuntos, marcados, cada um, pela

gradação de alteração do texto original: o conjunto das similaridades, composto pela paráfrase e estilização; e o conjunto das diferenças, formado pela paródia e apropriação. No primeiro conjunto, a paráfrase representa o grau mínimo de alteração do texto, e a estilização, o desvio tolerável, considerando que o eixo das similaridades entre as duas é perceptível. Já, no conjunto das diferenças, a inversão do significado caracteriza a paródia, e, quando levada ao exagero máximo, a ponto de estornar-lhe o significado, marca a apropriação.

Enquanto radicalização da paródia, a apropriação trata-se de uma técnica de criação de texto a partir de trechos de uma obra já existente, que se opõe à paráfrase e diverge da estilização. Se, na paráfrase e na paródia, encontramos um pró-estilo e um contra-estilo, respectivamente, na apropriação, “o autor não ‘escreve’, apenas articula, agrupa, faz bricolagem do texto alheio. Ele não escreve, ele transcreve, colocando os significados de cabeça para baixo” (Sant’Anna, 2003, p. 46, grifos do autor).

Em suma, Sant’Anna propôs o estudo da paródia relacionando com a paráfrase, inicialmente, acrescentando-lhe, posteriormente, a estilização e apropriação. Para atribuir a sua teoria um caráter funcional subjacente, o autor divide essas quatro categorias nos eixos parafrástico e parodístico. Nobre (2014, p. 65) alerta que os termos paródia e paráfrase podem ter múltiplos significados, podendo ser considerados tanto como categorias pontuais quanto como os parâmetros mais amplos que guiam os pressupostos do autor, ao tratar de técnicas mais específicas. É justamente isso que torna o trabalho de Sant’Anna tão valioso.

Além dos conceitos de Genette (2010), Piègay-Gros (2010) e Sant’Anna (2003) trouxeram contribuições importantes para a noção de intertextualidade. Expandindo o estudo, para além do texto literário, destacamos a pesquisa de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que se propõe tratar de diversos gêneros intertextuais.

2.4 Sob o campo da Linguística Textual

Os estudos de Ingedore Villaça Koch sobre intertextualidade apresentaram grande relevância para a compreensão desse fenômeno, no campo da Linguística Textual. Em diversos estudos, Koch (1985, 1991, 1994, 1997a, 1997b), como ela mesma relata, em *Introdução à Linguística Textual* (2023, p. 145), foram tratadas questões relativas à intertextualidade e à polifonia, postulando a existência de uma intertextualidade e/ou polifonia em sentido amplo, presente em todo e qualquer discurso, a par de uma polifonia e de uma intertextualidade *stricto sensu*, marcada, necessariamente, pela presença de um intertexto.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) não só revisitaram o conceito de

intertextualidade de Kristeva (1969), como reconfiguraram as tipologias intertextuais apresentadas por Koch (2004/2023), ampliando-as, a partir dos trabalhos de Genette (2010), Sant’Anna (2003) e Piègay-Gros (2010).

A intertextualidade *stricto sensu* ou, simplesmente, intertextualidade, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 17), “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou memória discursiva [...] dos interlocutores”. Para que ela ocorra “é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 17)”. As autoras relacionam diversos tipos de intertextualidade:

intertextualidade temática, intertextualidade estilística; intertextualidade explícita, intertextualidade implícita; autotextualidade, intertextualidade com textos de outros enunciadores, inclusive um enunciador genérico; intertextualidade ‘das semelhanças’ e ‘das diferenças’ [...]; intertextualidade intergenérica; intertextualidade tipológica. (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 18)

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 18), a intertextualidade temática ocorre em textos que partilham temas e se servem de conceitos e terminologias próprios, ou seja, quando o intertexto remete ao tema proposto no texto-fonte. Já a intertextualidade estilística é encontrada quando o produtor do texto “repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012, p. 19), considerando que toda forma “emoldura, enforma determinado conteúdo, de determinada maneira” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 19).

A intertextualidade explícita é identificada quando há menção à fonte do intertexto dentro do próprio texto, seja através de citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções. Em textos argumentativos, como explicam Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 29), emprega-se como recurso à autoridade; em situações de interação, retoma-se o texto do parceiro para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação.

Já a intertextualidade implícita é identificada quando um texto incorpora um intertexto de outra fonte sem fazer uma referência explícita a ela, “com objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 31).

Na primeira situação, encontram-se as paráfrases, semelhantes ao texto-fonte, equivalente ao que Sant’Anna (1985) denomina “intertextualidade das semelhanças” e

Grésillon e Maingueneau (1984) de captação; Já, na segunda, incluem-se os enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/ negação, entre outros, equivalentes à “intertextualidade das diferenças”, para Sant’Anna (1985) e subversão, para Grésillon e Maingueneau (1984).

Nota-se um viés mais funcional da função argumentativa da intertextualidade. Quando o objetivo é apoiar uma argumentação, como no caso de usar um argumento de autoridade, a intertextualidade se dá por meio das semelhanças, ou seja, por captar elementos similares em outros textos. Por outro lado, se a intenção for contra-argumentar, subverter ou ironizar o intertexto, a intertextualidade ocorre por meio de diferenças, ou seja, subvertendo elementos presentes em outros textos. O papel do leitor, nesse caso, torna-se decisivo. Sua importância não se limita apenas à identificação da existência do fenômeno intertextual, mas também se refere à sua capacidade de se aproximar dos sentidos pretendidos no ato de produção do texto.

Nos casos de intertextualidade implícita, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 31) explicam que o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto por meio da ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, caso contrário, a construção do sentido estará prejudicada, principalmente, quando tratar-se de intertextos com valor de subversão.

Ainda que, nos casos de captação, também seja importante a reativação do texto primário, por ser uma paráfrase, “quanto mais próximo o segundo texto for do texto fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atual” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 31). Em situações extremas da captação, como pode ser enquadrado o plágio, as autoras explicam que o produtor do texto pode recorrer a operações de ordem linguística para camuflá-lo de modo que o interlocutor não reconheça o intertexto e sua fonte na memória.

No entanto, quando se trata de intertextualidade implícita com valor subversivo, é essencial que o interlocutor descubra o texto-fonte para a construção do sentido desejado. Nesses casos, as fontes dos intertextos são comuns na memória coletiva (social) da comunidade, como trechos de obras literárias, músicas populares, bordões de programas humorísticos, provérbios, ditos populares etc. Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 32) afirmam que, embora haja uma expectativa que tais fontes sejam facilmente acessadas por ocasião do processamento textual, não há garantia de que o interlocutor identificará a referência.

Muitos casos de intertextualidade implícita, de acordo com Koch, Bentes e

Cavalcante (2012, p. 45), podem ser incluídos na noção de *détournement*, desenvolvida por Grésillon e Maingueneau (1984), se ampliada. Segundo esses autores, o *détournement* consiste em produzir um enunciado que possui as marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertencem ao estoque dos provérbios reconhecidos.

Por acreditarem no valor operatório, embora reconheçam os problemas de fronteira que a distinção impõe, Grésillon e Maingueneau (1984) *apud* Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 45), preconizam a existência de dois tipos de *détournement*: o lúdico, simples jogos com a sonoridade das palavras; e o militante, concedendo autoridade ao intertexto (capturando-o) ou destituindo-o dessa autoridade (por meio de ironia, contradição, reorientação de sentido etc.), em favor de interesses diversos (como subversão). As autoras, por sua vez, defendem que todo e qualquer exemplo de *détournement* é militante, em maior ou menor grau, visto que ele busca orientar a construção de novos sentidos pelo interlocutor.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 46) postulam a extensão desse conceito às diferentes formas de intertextualidade nas quais ocorre algum tipo de alteração ou adulteração de um texto original, visando à produção de sentidos. Nesse caso, o objetivo é “levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 46).

A partir dessa concepção, operando por meio de diversas formas de retextualização, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 51–57) mencionam que podem ocorrer diversos tipos de *détournement*, tais como: de provérbios, frases feitas, títulos de filmes, comumente encontrado em áreas como publicidade, humor, música popular e charges políticas; de textos ou títulos de obras literárias, que ocorre não apenas em publicidade e propaganda, mas também em outros textos literários; de provérbios, frases feitas, clichês, *slogans*, passagens bíblicas, entre outros, por meio de adjunções em enunciados do tipo concessivo, através de operações de contrajunção; de hinos e canções populares; e de fábulas tradicionais.

Em grau maior ou menor, os *détournement* têm sempre valor argumentativo. Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 58) apresentam que, com base no mesmo intertexto, é possível argumentar em sentidos opostos. Assim, o mesmo texto-fonte, em contextos diferentes, de captação e subversão, apresentará orientação argumentativa diferente. Segundo as autoras, “tudo vai depender, evidentemente, do contexto mais amplo em que o texto que sofreu o *détournement* se encontra inserido, tanto do cotexto, quanto do entorno visual (ilustrações, gráficos, charges etc.), ou, ainda, do contexto situacional imediato ou mediato.” (Koch, Bentes,

Cavalcante, 2012, p. 58).

Além dos casos de intertextualidades temática, estilística, explícita e implícita já mencionados, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 63) apresenta os casos de intertextualidade intergenérica e tipológica.

A intergenericidade ou intertextualidade intergenérica ocorre quando um gênero ocupa a função de outro. Desse modo, a relação intertextual acontece entre gêneros discursivos diferentes, envolvendo conteúdo, tema e estilo. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante, nas ocorrências desse tipo de intertextualidade, “a mobilização do contexto sociocognitivo é essencial para a detecção da ironia, da crítica, do humor e, portanto, para a construção de um sentido consentâneo com a proposta de dizer do produtor do texto.” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2012, p. 66). Nesse caso, caberá ao interlocutor checar a extensão de seu repertório para descobrir todos os intertextos existentes.

A intertextualidade tipológica, por sua vez, está relacionada aos diferentes tipos de texto. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 76), decorre do fato de se poder depreender características comuns entre determinadas sequências ou tipos textuais.

As pesquisas realizadas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Cavalcante (2021) expandiram o debate sobre intertextualidade para os estudos linguísticos, especialmente para a linguística textual. Essas pesquisas, juntamente com novos conceitos propostos por Faria (2014), Nobre (2014) e Carvalho (2018), permitiram a observação de que, desde os estudos iniciais, já se compreendia que as relações intertextuais não ocorrem de forma isolada, o que justifica a necessidade de considerar esse fenômeno em seus aspectos textuais como recurso de significação, passando a considerar, em suas análises, todo e qualquer tipo de texto.

2.5 Traçando possíveis rotas de compreensão

Os estudos primordiais sobre intertextualidade, na Linguística do Brasil, segundo Cavalcante e Brito (2012, p. 310), baseiam-se nos critérios de intertextualidade e hipertextualidade, consagrados por Genette (2010) e que Piègay-Gros (2010), posteriormente, chamaria de copresença e derivação, respectivamente. Tais processos foram reunidos pelas autoras “sob o rótulo maior e mais universalmente aceito de *intertextualidade*” (Cavalcante, Brito, 2012, p. 310).

Assim, tomando por base a síntese genettiana apresentada nas análises de Cavalcante (2021), Cavalcante e Brito (2012, p. 311–312) defendem que a intertextualidade é sempre identificável por marcas verificadas em duas situações: quando se insere parte de um

texto em outro; ou quando um texto deriva outro por base o texto-fonte.

Na primeira situação, as inserções intertextuais ocorrem por copresença, por meio de menção explícita de um texto em outro, como no caso “das citações tipograficamente marcadas e com indicação do autor” (Cavalcante, Brito, 2012, p. 311), considerada pelas autoras, o exemplo mais protótipo dessa ocorrência. No entanto, a menção explícita também pode ocorrer por conversões de um trecho para outro modo de dizer, como as alusões intertextuais, “caracterizadas por indícios cotextuais que levam o interlocutor a lembrar-se de um outro texto, por inferência, sem fazer referência explícita a este” (Cavalcante, Brito, 2012, p. 311).

Na segunda situação, Cavalcante e Brito (2012, p. 312) apresenta as intertextualidades por derivações do texto-fonte, as quais, consoante Genette (2010), podem ocorrer por transformação, quando se modifica a forma e o conteúdo, ou por imitação, quando busca reproduzir o estilo do autor ou gênero do discurso em que o texto-fonte se enquadra. Segundo as autoras, ambos os casos são norteados pela noção de desvio pautada por Genette (2010), considerando que, tanto nas transformações quanto nas imitações, o texto fonte sofre modificações estruturais. Isso porque, segundo as autoras, “ao fim e ao cabo, todas as derivações constituiriam transformações em alguma medida, de tal modo que as imitações seriam apenas transformações indiretas, para o autor.” (Cavalcante, Brito, 2012, p. 312).

Na busca de estabelecer seu próprio entendimento, Nobre (2014, p. 13) apresenta intertextualidade como “uma estratégia que demanda a escolha ‘consciente’ do produtor de um texto” para a construção de seu sentido. Sendo compreendida, dessa forma, em seu processo de produção, “como uma estratégia de textualização por meio da qual se recorre a porções ou unidades de texto previamente produzidas para a composição formal de um outro texto” (Nobre, 2014, p. 13), ao mesmo tempo que, para seu processo de compreensão e interpretação, exige do leitor/ouvinte um conhecimento mínimo do(s) texto(s) original(ais).

Numa perspectiva sociocognitivo-interacionista da linguagem, na qual se privilegia o processo comunicativo, os conceitos correntes de texto vão além da materialidade semiótica. O texto é compreendido não como um mero produto, mas como um processo de interação, que admite pluralidade de leituras e sentidos.

Nesse direcionamento, ao considerar as inferências elaboradas pelos interlocutores relevantes para construção dos sentidos, admite-se a possibilidade de uma intertextualidade não projetada pelo autor, mas percebida pelo interlocutor/leitor e criada à revelia de seu propósito como locutor. Tal posicionamento, de acordo com Nobre (2014, p. 24), considera todo tipo de

conexão dialógica, interdiscursiva, polifônica a que um texto é possível, só não é cabível ser nomeado como intertextualidade.

Assim, Nobre (2014, p. 24) defende que “nem toda relação entre dois textos é necessariamente intertextual e que, para isso acontecer, será necessário que a materialidade semiótica permita evidenciar o intertexto”. Embora não possa ser assegurado, segundo o autor é a partir dessa materialidade que o coenunciador ativa “conhecimentos que permitirão fazer o reconhecimento do recurso intertextual e sua consequente interpretação” (Nobre, 2014, p. 23). Essa pode assumir formas bem diferentes, sejam elas mais explícitas, com uso de marcas tipográficas, ou menos implícitas, com alusões, que exigem do coenunciador inferências adicionais para sua compreensão.

Ratificando a perspectiva já assumida por Cavalcante (2006; 2008a; 2008b; 2012) e por Cavalcante e Brito (2011; 2012), Nobre (2014, p. 24) em síntese, defende que:

a intertextualidade é algo planejado. Mesmo que um leitor porventura não recupere a relação intertextual (nos casos das alusões, principalmente), ela existirá, pois o produtor do texto teve intenção de estabelecer uma relação intertextual e esperava que os potenciais leitores a percebessem. (Nobre, 2014, p. 23)

É essa intertextualidade, tomada do ponto de vista da produção do texto, que pretendemos analisar nos textos escolhidos como *corpus* de nosso trabalho. A partir da materialidade semiótica da peça *Psiquê e Eros* do grupo Paideia, pretende-se mapear as intertextualidades utilizadas na adaptação do texto clássico e nas suas readaptações para diversos contextos de apresentação.

Sousa (2020, p. 49) apresenta que os trabalhos basilares sobre intertextualidade já demonstravam um interesse em definir, comparar e classificar as relações intertextuais a partir de certos critérios. As transtextualidades de Genette (2010) foram reorganizadas e refinadas, na literatura, por Piègay-Gros (2010) e, na linguística textual, por Koch (2023) e posteriormente por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Essas últimas, como demonstramos nas subseções anteriores, não só revisaram o conceito de intertextualidade de Kristeva (1969), como também reestruturaram as tipologias intertextuais de Koch (2023), expandindo-as com base nas contribuições de Genette (2010), Sant’Anna (2003) e Piègay-Gros (2010). Mais tarde, Cavalcante (2021), ao retomar e organizar as classificações de Piègay-Gros (2010), insere apontamentos feitas por Sant’Anna (1985/2003), incluindo a possibilidade de observação das relações intertextuais também em textos não-literários.

Em seu estudo intitulado *Critérios classificatórios para processos intertextuais*, Nobre (2014, p. 10) observa que é possível vislumbrar padrões gerais diante das diversas

ocorrências linguístico-textuais que são classificadas como intertextuais.

Assim, a partir dos quadros teóricos e categorias de Genette (2010), Sant'Anna (2003), Piègay-Gros (2010) e Koch (2023), Nobre (2014, p. 88), inicialmente, tendo um aspecto formal como denominador comum, aponta que os recursos intertextuais se configuram por meio da reprodução, da adaptação ou da menção do texto original. O autor não só reconhece o reducionismo dessa categorização como identifica outros parâmetros subjacentes às diversas classificações de intertextualidade, propondo um quadro comparativo de integração para análise das relações intertextuais a seguir:

Figura 8 – Comparação de parâmetros de intertextualidade

PARÂMETROS	AUTORES			
	GENETTE	PIÈGAY-GROS	SANT'ANNA	KOCH
Constitucional	Imitação X Transformação	∅	∅	∅
Composicional	Intertextualidade X Hipertextualidade/ Metatextualidade	Copresença X Derivação	∅	∅
Funcional	Regime sério X Regimes lúdico/ Satírico	∅	Eixo parafrástico (semelhanças) X Eixo parodístico (diferenças)	Captação X Subversão
Referencial	∅	Explicitude X Implicitude	∅	Explicitude X Implicitude

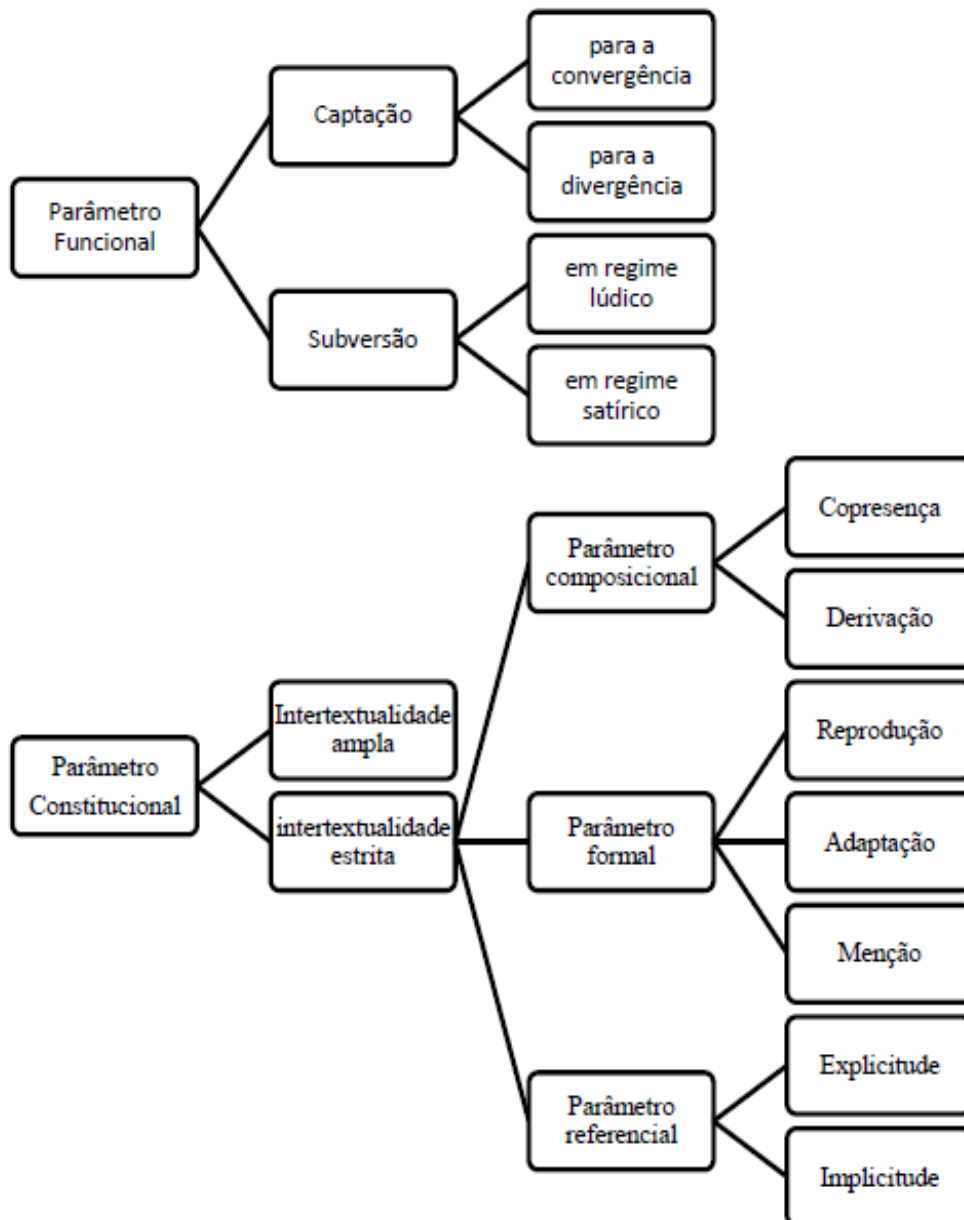
Fonte: Nobre (2014, p. 93)

Verificando afinidades das relações mais abstratas comuns a todos os tipos de intertextualidade, Nobre (2014, p. 91) aponta quatro parâmetros, além do formal, para aproximar as categorias mais pontuais dos autores em estudo. Assim, no parâmetro constitucional, enquadra-se a distinção entre imitação e transformação de Genette; no composicional, a diferença entre intertextualidade e metatextualidade/hipertextualidade, também de Genette, com equivalência distinção entre copresença e derivação de Piègay-Gros; no parâmetro funcional, encontram-se as distinções de regime sério e regime lúdico/satírico, de

Genette, de eixo parafrástico e eixo parodístico, de Sant’Anna, e de captação e subversão, de Koch; e, por fim, no parâmetro referencial, encontramos as diferenças entre explicitude e implicitude de Piègay-Gros e Koch.

Quanto aos parâmetros que subjazem aos diversos tipos de intertextualidade, Nobre (2014, p. 93) sugere, inicialmente “o atravessamento simultâneo [...] em qualquer evento textual em que ocorra alguma estratégia de intertextualidade”, no entanto, suas constatações e definições acerca da natureza dos processos intertextuais o levam a propor a seguinte hierarquia:

Figura 9 – Hierarquização de parâmetros subjacentes às relações intertextuais



Nobre (2014, p. 101) defende a existência de dois tipos de intertextualidade: a intertextualidade ampla, na qual a relação se constitui entre um texto e vários outros textos, e a intertextualidade estrita, na qual a relação se dá entre um texto e outro texto específico. Esses dois tipos de intertextualidades estão no cerne dos estudos realizados por Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) e Carvalho (2018), ambos intitulados *Sobre as intertextualidades estritas e amplas*, que as trazem “não como opostas entre si, mas passíveis de sobreposições e complementaridades” (Carvalho, 2018, p. 54).

Embora a maioria dos parâmetros apontados por Nobre (2014) esteja relacionada exclusivamente a intertextualidade estrita, subordinando-se a ela, torna-se evidente que a função atravessa tanto a essa intertextualidade quanto a ampla. Concluindo assim que o “paradigma funcional perpassa todos os demais paradigmas, incluindo esta última dicotomia: intertextualidade ampla x estrita” (Nobre, 2014, p. 102).

Na busca de uma definição para o parâmetro funcional como categoria minimamente definida, Nobre (2014, p. 102) recorre à abordagem da intertextualidade de Koch (1991, 2004), Sant’Anna (2007), Mozdzenski (2012) e Genette (2010). Tais autores trataram desse prisma por oposições, tais como as noções de captação x subversão; os eixos das semelhanças x diferenças; as nomenclaturas aproximação x distanciamento; e os regimes sério x satírico, respectivamente. O autor, embora alerte sobre o risco de tomar intercambiável cada um desses critérios, elabora o quadro comparativo a seguir:

Figura 10 – Comparativo terminológico quanto à função

	+	-
Koch	Captação	Subversão
Sant’Anna	Semelhança	Diferença
Mozdzenski	Aproximação	Distanciamento
Genette	Sério	Satírico

Fonte: Nobre (2014, p. 102)

Nobre (2014, p. 102) faz duas ressalvas em relação à sua proposta de hierarquização de parâmetros. A primeira diz respeito à permuta dos termos utilizados pelos autores, pautando-se em similaridades que possibilitam essa analogia, todavia assegurada pelo autor que tais termos não se tratam de sinônimos, explicando que “cada autor parte de um pressuposto distinto, de forma que suas categorias são, inevitavelmente, distintas quanto a suas

especificidades, ainda que aproximáveis” (Nobre, 2014, p.102).

O ato de aproximar teorias exigiu a simplificação dos parâmetros, o que gerou a segunda observação: “a funcionalidade do recurso intertextual, dicotomicamente disposto, reduz a riqueza que é o caráter funcional dos usos de intertextualidade (Nobre, 2014, p. 103-104). Tal reducionismo já fora apontado por Genette (2010), tanto que fez o desdobramento das funções/regimes para a tríade sério/satírico/cômico.

Ainda que essa ampliação tenha representado um ganho no que diz respeito ao estudo da função dos recursos intertextuais, Nobre (2014, p. 104) apresenta a pesquisa de Forte (2013) como um avanço significativo no debate. Em seu estudo *Funções textual-discursivas de processos intertextuais*, a autora estabelece funções textual-discursivas intrínsecas e extrínsecas para os processos intertextuais a partir da análise do fenômeno da copresença (citação, referência e alusão) em textos literários, não-literários e plurisemióticos. Sobre a pesquisa de Forte (2013), Nobre (2014, p. 107) aponta:

Ainda que não se possa estabelecer uma relação biunívoca entre cada função apresentada por Forte e uma função mais abstrata (captação ou subversão), verifica-se facilmente que determinadas funções *ad hoc* tendem a acomodar-se a um prisma funcional de captação ou de subversão. Por exemplo, a citação como *argumento de autoridade*, ainda que utilizada para uma posterior contra-argumentação, tende a manter-se fiel ao texto original (captação); todavia, a citação descontextualizada que se presta à criação de uma paródia (*promoção de outros tipos de intertextualidade*, nas palavras de Forte) tende a distorcer o texto original (subversão) (Nobre, 2014, p. 107).

A partir da análise dos resultados apresentados por Forte (2013), Nobre (2014, p. 107) sintetiza estabelecendo duas espécies distintas de função complementares entre si: uma mais abstrata (captação ou subversão), que se encontra mais subjacente e aplica-se a qualquer relação intertextual, já evidenciada por Sant’Anna (2007); e as funções *ad hoc*, que devem ser verificadas caso a caso.

Assim, Nobre (2014, p. 107) inicia a hierarquização dos parâmetros com o parâmetro funcional, que, como explica, “distingue o grau de captação ou de subversão entre o intertexto e o(s) texto(s) original(is) atravessa todos os demais parâmetros, cuja ocorrência, a depender da natureza da relação intertextual, nem sempre pode ser garantida”. Tomando esse caráter constitutivo, torna-se possível investigar a ordenação dos demais parâmetros já identificados.

Em “*Intertextualidade e produção de sentidos nas tiras ‘Um sábado qualquer’, de Carlos Ruas Bom*”, Mariana Machado de Sousa (2020, p. 86), ao associar as categorias de análise das relações intertextuais de Nobre (2014) aos propósitos comunicativos em tiras,

destaca a amplitude do parâmetro funcional como fator relevante para a produção de sentidos do texto. A autora demonstra, ao longo do texto, que “o lúdico e o satírico não são necessariamente excludentes” (Sousa, 2020, p. 86), considerando que os aspectos humorísticos do gênero estudado são constituídos em torno das relações intertextuais. Essas, se resgatadas pelo leitor, expandem as possibilidades de significação.

Retomando ao quadro de hierarquização de Nobre (2014), no parâmetro constitucional, a primeira distinção ocorre pautada na natureza do intertexto, uma vez que ele pode ser constituído por elementos de um conjunto de textos que compartilham uma característica particular, que os coloca na mesma categoria ou por elementos de outro texto específico e identificável. Tal feito, trata-se da distinção estabelecida por Nobre (2014, p. 107) entre “intertextualidade ampla (um texto conjunto de textos) e uma intertextualidade estrita (um texto outro texto)”.

De acordo com Nobre (2014, p. 109), enquanto a intertextualidade ampla não envolve complexificação quanto à ocorrência dos demais parâmetros, além do funcional, a intertextualidade estrita aplica-se a verificação dos composicional, funcional e referencial. Dessa forma, Nobre explica:

quando se observa o recurso intertextual constituído pela relação entre dois textos específicos, aspectos concernentes à forma (reprodução, adaptação ou menção), à natureza da composição (copresença ou derivação), e ao grau de referencialidade ao texto original (explicitude ou implicitude) são passíveis de verificação. (Nobre, 2014, p. 109)

Assim, Nobre (2014, p. 9) constata que, em uma relação intertextual “mais canônica, em que um texto específico (ou mais) é evocado por outro por meio de estratégias pontuais de textualização”, são contemplados pelo menos três parâmetros distintos: o parâmetro *formal*, que abrange as estratégias linguísticas usadas para estabelecer uma relação intertextual com o texto-fonte, por *reprodução* fidedigna de partes ou todo desse texto, por sua *adaptação*, através de diversos recursos, e *menção*, por meio de expressões ou palavras presentes nos textos produzidos que permitem sua recuperação; o parâmetro *composicional*, que se relaciona à origem do recurso intertextual, podendo oscilar entre a *copresença*, quando o intertexto é composto por parte do texto-fonte, e *derivação*, quando o compreende toda a sua integralidade; e o parâmetro *referencial*, que corresponde “ao grau de *implicitude* ou *explicitude* do texto fonte que está sendo evocado” (Nobre, 2014, p. 9).

De posse do quadro da hierarquização de parâmetros subjacentes às relações intertextuais (Figura 9), proposto por Nobre (2014), analisaremos o roteiro da peça *Psiquê e*

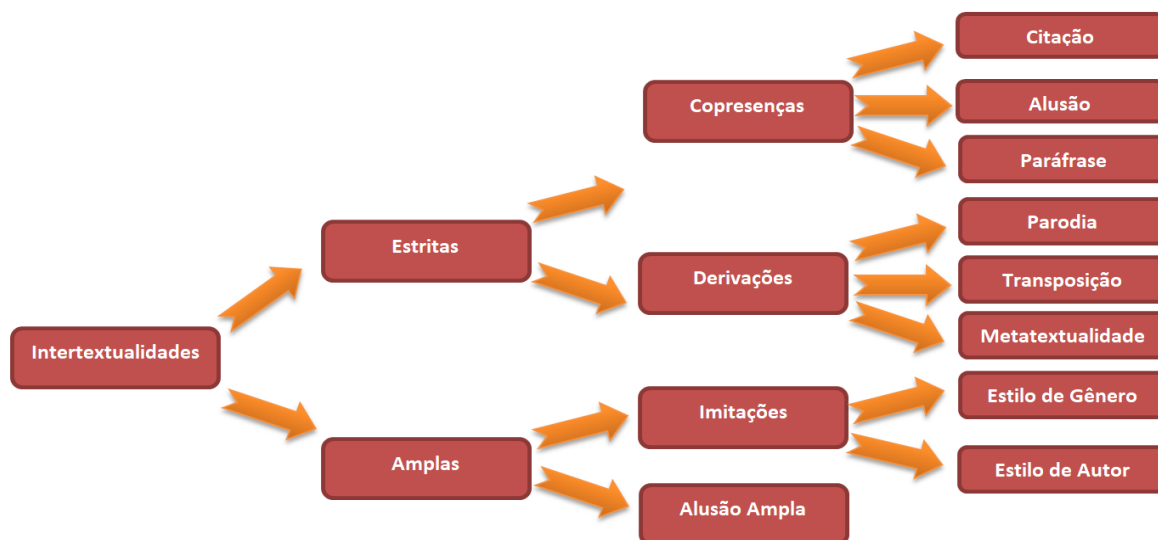
Eros adaptado pelo grupo Paideia a partir do mito *Cupido e Psiquê*, contido na obra *O asno de ouro* de Apuleio, investigando as relações intertextuais estabelecidas na elaboração textual da peça e suas reescritas, com intuito de adequá-las a públicos distintos, sócio-historicamente situados em diferentes espaços-tempos, tendo como foco na construção de sentidos.

Quanto às intertextualidades amplas encontradas no *corpus* analisado, em especial, quando a relação intertextual se dá com conteúdo explicitado em diversos textos, acreditamos, a partir de Carvalho (2018, p. 18), que o fenômeno intertextual é “um recurso textual-discursivo por meio do qual se constrói, reproduz ou transforma o sentido”, não indispensável para a textualização, no entanto, “pelo potencial criativo e (re)criador de sentido(s) que confere ao texto no qual se manifesta” (Carvalho, 2018, p. 60), pode ser mobilizado para diversas funções textuais-discursivas.

A partir da retomada do trabalho de Nobre (2014), Carvalho (2018, p. 84) mantém a tese de que, constitucionalmente, as intertextualidades podem ser estritas ou amplas, no entanto, diferentemente como apresentado por ele, ela advoga que, formalmente, as estritas aparecem em casos de copresença e derivação; e as amplas podem ocorrer em três situações: “i) pela imitação de parâmetros de gênero; ii) pela imitação do estilo de autor e iii) pelas alusões a textos não particulares” (Carvalho, 2018, p. 84). A autora acentua que, como ambas não são excludentes entre si, podem fazer parte de um mesmo texto.

Já no que diz respeito ao aspecto funcional das intertextualidades, segundo Carvalho (2018, p. 84), embora admita que a função “atravessa todos os recursos intertextuais”, toma uma posição oposta à de Nobre (2014), defendendo que as relações de funções estabelecidas entre os textos vão além dos limites formais, quanto ao grau de aproximação/distanciamento do texto fonte, são propositais e têm intenção de influenciar o leitor, tornando-se, assim, argumentativas.

Como o foco de sua pesquisa está na análise do fenômeno intertextual e suas variadas manifestações, inclusive em textos multissemióticos de diversos domínios, Carvalho (2018, p. 110) propõe o reagrupamento dos tipos de intertextualidades, por meio da reorganização das categorias de relações intertextuais, a partir do quadro pioneiro de Genette (2010). O instrumento, de caráter classificatório, proposto pela autora é demonstrado a seguir:

Figura 11 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas

Fonte: Carvalho (2018, p. 110)

A partir desse organograma, Carvalho (2018, p. 110) enfatiza que “não é possível forjar categorias desconsiderando o aspecto funcional que atravessa o fenômeno intertextual”, uma vez que é ele o responsável pela demarcação dos limites entre elas. Assim, por considerar que “os (sub)tipos mais pontuais de intertextualidades estritas já se apresentam teórica e analiticamente evidenciados” (Carvalho, 2018, p. 110), aprofunda-se no estudo das intertextualidades amplas.

De suas categorias propostas, interessa-nos o modo de processamento dessas, em especial, aquela que estabelece relação por meio de alusão ampla, por considerar relevante ao entendimento das ocorrências de tais fenômenos em nosso *corpus* analisado, que envolve o processo de reescrita atualizada de um hipertexto ao contexto de encenação, investigando como as intertextualidades amplas foram utilizadas como recurso discursivo-textual para construção de sentido de texto.

Sobre as alusões amplas, Carvalho (2018, p. 120) define como “as ocorrências em que se verifica referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não apontem para um texto específico, estabelecem uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros”. Segundo a autora, representa a situação-limite entre a intertextualidade, como recurso pontual de textualização, e os fenômenos constitutivos da língua(gem), como a interdiscursividade, o dialogismo e as heterogeneidades.

Em outras palavras, a autora explica que se pode afirmar que quanto mais evidentes forem essas referências, mais próximos estaremos das intertextualidades. Por outro lado, quanto mais vagas ou mais difíceis forem as pistas que indicam o “diálogo entre os textos específicos

ou entre um texto e um conjunto de textos, mais nos aproximamos de outras noções, incluindo a de memória discursiva” Carvalho (2018, p. 120).

A autora descarta a consciência (livre-arbítrio do produtor) como critério que, segundo Nobre (2014, p. 14), interseccionado à materialização (inter)semiótica “distanciam a intertextualidade de outros fenômenos”, por considerar imprudente ou mesmo irrelevante centrar a validação do fenômeno no sujeito do produtor. Em contrapartida, Carvalho (2018, p. 52) admite que o “cotexto indicia as intertextualidades por marcas mais ou menos explícitas”. Ora, se há indícios materiais que podem ser comprovados é porque provavelmente eles foram pensados antes de serem executados, principalmente no que diz respeito ao aspecto funcional do fenômeno.

Como já citamos anteriormente, Nobre (2014, p. 14), mesmo reconhecendo que não tem como ratificar o planejamento por parte do produtor, quando esse aciona os recursos intertextuais “sabe que está tratando de outro texto, de outra verbalização, de forma a deixar pistas materiais (em diversas semioses e por meio de recursos vários) que auxiliariam o leitor no reconhecimento da intertextualidade” (Nobre, 2014, p. 15).

Assim, consideramos que essas pistas, em se tratando de intertextualidades estritas, podem direcionar tanto um texto a outro (s) como, no caso das intertextualidades amplas, relacioná-lo a um conjunto de textos/evento. A partir dessa concepção, analisamos as alterações registradas na materialidade semiótica das práticas hipertextuais do grupo Paideia, ao longo dos 21 anos de apresentação da peça *Psiquê e Eros*, visando à permanência da história contextualizada à situação de encenação.

A fim de delimitarmos nossa compreensão sobre o objeto de nosso estudo e direcionamentos de nossas análises, foi desenvolvida uma revisão teórica bibliográfica, na qual revisitamos conceitos basilares na literatura sobre texto e textualidade de Fávero e Koch (2005), intertextualidade de Genette (2010), Piègay-Gros (2010), Sant’Anna (2003), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e outros temas relevantes para nossa pesquisa, refinando a discussão com a consulta de estudos publicados, como artigos científicos, dissertações e teses, como os de Cavalcante (2021), Cavalcante e Brito (2011; 2012), Faria (2014), Nobre (2014), Carvalho (2018) e Sousa (2020).

Na seção seguinte, tecemos a caracterização da pesquisa, discorrendo como ocorreu a delimitação do *corpus* e os procedimentos adotados para torná-la exequível visando à análise das práticas de transformação do mito de *Cupido e Psiquê* para o teatro de bonecos e do uso de recursos intertextuais, nos textos produzidos para encenação, como estratégia do grupo Paideia

para a construção de sentidos.

3. TECENDO A PESQUISA

Nesta seção descrevemos os aspectos metodológicos adotados para condução de nossa pesquisa, apresentando sua caracterização, os procedimentos de coleta de dados e os critérios de análise escolhidos para a execução de nossa investigação acerca do processo de construção de sentidos nas adaptações do mito *Cupido e Psiquê*, contido em *O asno de ouro* de Apuleio, para o teatro pelo grupo Paideia. Tal objetivo parte da hipótese de que o uso da intertextualidade nos textos adaptados para o teatro de bonecos é uma estratégia comunicativa, utilizada pelo grupo, que aproxima públicos distintos, sócio-historicamente situados em diferentes espaços-tempos de textos clássicos, facilitando sua compreensão.

Além disso, um breve contato com os textos adaptados ou mesmo com a encenação das peças, é possível identificar pistas intertextuais que, além de proporcionar o diálogo entre o texto clássico apresentado e o público em diferentes contextos, conduzem o interlocutor à construção de sentido do texto.

Assim traçamos nossos objetivos específicos que consistem em: descrever as práticas hipertextuais de transformação utilizadas pelo grupo Paideia na adaptação da peça *Psiquê e Eros*; analisar os parâmetros intertextuais utilizados na construção dos hipertextos do grupo; mapear os fenômenos intertextuais e referenciais utilizados no texto adaptado e suas readaptações para diversos contextos de apresentação; e identificar o propósito comunicativo das relações entre textos estabelecidas.

3.1 Caracterização da pesquisa

Visando à concretização de seus objetivos, este estudo realizou uma análise dos textos das peças *Psiquê e Eros* do grupo Paideia e suas reescritas, com intuito de adequá-los a públicos distintos, sócio-historicamente situados em diferentes espaços-tempos.

Entendemos, a partir de Genette (2010) que cada peça adaptada é um hipertexto do hipotexto original. Compreendemos também que, para além das práticas hipertextuais de transformação do hipotexto, o grupo utiliza a intertextualidade como estratégia de interação com o público, adaptando a história contada ao seu contexto social e histórico, por intermédio do uso da linguagem e figuras do imaginário popular cearense, a partir de recursos como a referência e a alusão, principalmente a acontecimentos sociais políticos e do entretenimento de massa. Assim, ao debruçar-se sobre a linguagem dos textos produzidos pelo grupo, contribuímos com a seara das práticas discursivas e a construção de sentidos de texto.

A ênfase da nossa pesquisa está na análise das relações intertextuais estabelecidas pela enunciação e seus propósitos comunicativos. Por conta disso, elegemos para a metodologia

uma abordagem qualitativa e natureza descritiva. Assim, não nos preocuparemos em quantificar as ocorrências dos fenômenos intertextuais em cada texto analisado, mas, sim, identificá-los, registrá-los, investigá-los com o objetivo de discuti-los e explicá-los a partir das pistas materiais deixadas pelo autor para a construção de sentidos. Tal abordagem contribuiu para a seleção dos textos e fragmentos considerados mais relevantes para a identificação, análise e descrição linguística das adaptações do texto clássico produzidas pelo grupo Paideia.

3.2 Delimitação do *Corpus*

O grupo Paideia é um grupo de teatro amador que se propõe a utilizar, dentre outras técnicas de animação, o Teatro de Bonecos. O fim: divulgar a cultura clássica através de adaptações de história antigas da Mitologia Greco-Romana. Essas adaptações visam abordar temas com engajamento político e sociocultural para, assim, promover discussões que ajudem na formação intelectual de crianças, jovens e adultos. Tencionam, com isso, despertar o interesse pela descoberta de obras clássicas através da leitura e favorecer o senso crítico, refletindo acerca do amor, da inveja, da vaidade, do poder, da dor e de tantos outros sentimentos que atordoam a alma.

Para compreender a força e a permanência do mito em suas diferentes manifestações, os membros do grupo Paideia apoiam-se em pesquisadores dos estudos clássicos renomados da contemporaneidade, tais como: Mircea Eliade (1989), Junito Brandão (2000), Joseph Campbell (1998), Karl Kerényi (2000) e Jaa Torrano (1996). Antes, porém, aprofundaram-se na leitura dos clássicos das literaturas grega e latina: *Hesíodo*, *Homero*, *Lúcio Apuleio*, *Ovídio* e *Vergílio*.

Histórias clássicas como a de *Cupido e Psiquê*⁸, o *juízo de Páris*⁹, o *rapto de Perséfone*¹⁰ e *Lisístrata*¹¹, ganharam uma nova releitura, cômica, e uma linguagem regionalista, popularizando o mito, sem perder sua essência clássica.

Como integrante desde sua formação inicial, em 2002, tive oportunidade de participar diretamente de todas as produções do grupo para o teatro de bonecos: *A Escolha de Páris* (2002), *Psiquê e Eros* (2003), *As Peripécias de Deméter* (2007), *Lisístrata* (2011), *A Escolha de Páris* (2014/texto ampliado), *Lisístrata* (2017/texto completo) e *Prometeu em sombras* (2018).

Em cada uma dessas, até estarem prontas para apresentação em público, existe todo um processo criativo que envolve cinco passos: I – eleição da obra clássica a ser adaptada; II – leitura e estudo das traduções e/ou publicações sobre a obra com o intuito de manter a fidelidade ao texto; III – produção textual do roteiro da peça; IV – organização do elenco/ cenários/ acessórios; e IV – ensaios.

Os textos do grupo são finalizados no terceiro passo. No entanto, mesmo estando disponíveis para encenação, a cada apresentação, os textos produzidos são revistos e reescritos, visando à adequação contextual da linguagem adotada ao público presente e situação de uso.

Tratamos os textos do grupo como hipertextos. Embora o termo de Genette (2010) não tenha sido pensado para textos não literários, consideramos pertinente para análise das práticas de transformação ocorridas nas adaptações.

O acervo de peças do grupo Paideia é composto por 31 arquivos de textos, com diferentes roteiros adaptados. Nele encontram-se dez versões de *A Escolha de Páris*, treze de *Psiquê e Eros*, cinco de *Lisístrata*, duas de *As Peripécias de Deméter* e uma de *Prometeu em sombras*.

⁸ O mito de Eros e *Psiquê* é uma história contada no romance *O asno de ouro*, de Lúcio Apuleio, do sec. II que pode ser interpretada como uma alegoria da união mística entre o “amor” (Cupido/Eros) e a “alma” (Psiquê). Na história original, relacionam-se cenas grotescas, terríficas, obscenas e, em parte, absurdas.

⁹ O juízo de Páris é uma narrativa mítica de tradição oral que relata a atribuição dada por Zeus a Páris de escolher qual entre as deusas Hera, Atena e Afrodite seria merecedora da maçã de ouro, na qual se podia ler a inscrição “para a mais bela”. Cada uma das deusas aparece ao mortal, oferecendo-lhe suborno. Em troca do título de deusa mais bela, Hera dar-lhe-ia o reino da Ásia e da Europa, Atena dar-lhe-ia sabedoria e Afrodite entregaria-lhe o amor da mulher mais bela. Movido pela luxúria, Páris entrega a maçã à Afrodite. O efeito desta decisão ocasionou o rapto de Helena e, conseqüentemente, a Guerra de Troia. (Brunel, 2000, p. 440)

¹⁰ Mencionado pela primeira vez na Teogonia de Hesíodo, esse mito grego explica o ciclo anual das colheitas e a existência das quatro estações do ano. A terra é fértil na primavera e no verão, quando Deméter/Ceres (deusa da agricultura) está com a filha, Perséfone/Prosérpina, tempo de felicidade para a terra, pois há flores e vida. Nos meses em que Perséfone está com Hades (deus dos infernos), é o período triste e gelado da terra, outono e inverno. (Bulfinch, 2002, p. 67)

¹¹ A história de *Lisístrata*, comédia de Aristófanes, foi representada pela primeira vez em 411 AEC, em Atenas, e tem como enredo uma hilária greve de sexo feita pelas mulheres gregas que pediam o fim da Guerra do Peloponeso.

Embora as duas primeiras peças citadas possuam números de registros aproximados, *Psiquê e Eros*, ao longo dos 21 anos do grupo, é a mais executada. Desde sua estreia, no I Congresso de Literatura Infantil de Fortaleza – CLIF, ocorrido na Universidade Federal do Ceará, em abril de 2003, até 2022, na mostra comemorativa dos 20 anos do grupo, foi apresentada em diversos eventos, dentre eles, congressos, festivais de teatro, bienal do livro, festas de aniversários entre outros. Para cada um desses eventos, foram realizadas pequenas adequações no texto ao contexto de encenação, considerando o público, o espaço e os acontecimentos da época.

É claro que, quantitativamente, o número de apresentações é bem superior ao contido nos registros do grupo, e muitas das adequações da linguagem são realizadas no improviso do teatro, incentivadas pela interação com público. Optamos por analisar e comparar as cenas dessa peça, em especial, por considerar suficientes para descrição das práticas discursivas do grupo.

Por questões metodológicas, consideramos apenas os textos presentes no acervo e, após leitura e comparação entre versões, das treze, elegemos nove, por considerar mais significativas quanto à representação do contexto histórico de apresentação. São elas:

Quadro 1 – Adaptatraduções de *Psiquê e Eros* em análise

VERSÃO (Ano)	CONTEXTO DE APRESENTAÇÃO (Local)	PÚBLICO
2003	Texto base para apresentações em escolas	Infanto-juvenil
2006	IV Festival de Teatro de Fortaleza	Adultos, Jovens e Crianças
2013	Jornal O Povo	Adultos, Jovens e Crianças
2014	2º Encenp – Encontro Cearense de Neopaganismo	Adulto
2016	Curso de Psicologia da Faculdade Farias Brito	Acadêmicos de Psicologia (Adultos)
2018	Curso de Contos de Fadas, Instituto Dédalus	Adultos
2019	Encontro de Estudos Clássicos da UFC	Estudantes do Núcleo Clássico da UFC (Adultos)
2020	Plataforma de <i>Streaming</i> Youtube	Diverso
2022	Programa de Pós-Graduação em Letras (PGL/UFC) – 20 anos do grupo Paideia	Adultos, Jovens e Crianças

Fonte: Elaboração própria

Assim, a fim de estabelecer uma comparação entre o texto do grupo (hipertexto) e a obra clássica adaptada (hipotexto), elaboramos **quadros comparativos de cenas**, contendo

fragmentos do texto da peça *Psiquê e Eros* e os respectivos trechos do texto-fonte relacionados a eles. Para isso, adotamos a versão da peça produzida em 2022 e a edição bilíngue de *O asno de ouro*, traduzida do latim para o português por Ruth Guimarães.

A construção desse quadro permitiu a observação da manutenção da temática, verificando aproximações e distanciamentos entre os textos. Assim, tornou-se possível a investigação, com base em Genette (2010), das práticas hipertextuais e técnicas de transformações utilizadas para adaptação do texto clássico para o teatro de bonecos, e a análise das relações intertextuais estabelecidas entre o texto adaptado e seu texto fonte, a partir dos parâmetros de Nobre (2014).

Optamos por marcações coloridas no *corpus* para facilitar a leitura, a comparação e a identificação dos aspectos ligados às técnicas de transformações aplicadas no hipertexto: amarelo, transmodalização; cinza, transestetização; rosa, concisão; e azul, ampliação. Como durante a construção do hipertexto, em alguns momentos, ocorreu sobreposição de técnicas, onde mais de uma foi aplicada, mantivemos a cor da última verificada.

Durante a triagem dos recursos intertextuais presentes nas nove versões dos textos, observamos que, em determinadas cenas, alguns foram substituídos, ao longo do tempo, visando estabelecer aproximação entre a obra clássica e o contexto de apresentação. Assim, de posse das informações sobre a situação de encenação – ano, local e público – contidas no Quadro 1, em cada uma das cenas, identificamos os fenômenos intertextuais elaborados pelo grupo para construção de sentidos dos textos.

Com o objetivo de ilustrar as conexões das diversas versões da peça *Psiquê e Eros* ao momento social de sua apresentação, construímos **quadros comparativos de cenas em contextos**, contendo fragmentos das nove versões em análise, comparando os elementos cotextuais alterados, descrevendo os fatores contextuais que influenciaram tais alterações e identificando, com base em Nobre (2014) e Carvalho (2018), seus aspectos funcionais.

A partir das análises, identificamos ainda que, em todos os hipertextos produzidos, ao longo de cada narrativa, o grupo Paideia insere pistas intertextuais e referenciais, com funções textuais-discursivas variadas, como apelo à memória da plateia para a construção de sentidos. Para exemplificar a recorrência dos fenômenos observados, analisamos algumas **pistas por entre o texto**, deixadas, contextualizando sua aplicação no ato de encenação.

Na próxima seção, consolidamos nosso estudo, apresentando, a partir da descrição das práticas hipertextuais de transformação do mito de *Cupido e Psiquê* para o teatro de

bonecos, a análise dos recursos intertextuais, utilizados pelo grupo Paideia, como estratégia linguística, previamente estabelecida, com funções textuais-discursivas variadas.

4. O PALIMPSESTO DE APULEIO

Sempre que ouvimos falar em clássicos greco-romanos, logo nos vêm à mente aquelas figuras por nós já bastante conhecidas: monstros, ninfas, sátiros, sereias, centauros, deuses, heróis. Assim, logo nos transportamos ao tempo de Homero, Hesíodo, Apuleio, Aristófanes e tantos outros; à Idade do Ouro ou à dos Heróis. De outro modo não poderia ser visto que a Mitologia nos remete para esse mundo rico em simbologias e histórias fantásticas.

É fato que ainda há muito a se fazer para manter essas histórias popularizadas, ou mesmo apresentar explicitamente como elas sobreviveram e se fazem presentes em diversos meios do nosso convívio sem serem percebidas facilmente. Muitos são os exemplos que podemos demonstrar, os quais, recorrendo à metáfora de Genette, como um palimpsesto, permitem o resgate de histórias já contadas anteriormente.

A Bela e a Fera da Disney, por exemplo, é uma adaptação para o cinema do conto popularizado por Madame Leprince de Beaumont (1756), que por sua vez já possuía antecedentes literários na versão original de Madame de Villeneuve (1740) e que, embora possa ser baseada num episódio verídico¹², ao analisarmos os elementos textuais da narrativa, como o casamento com um monstro e a personificação dos objetos, por exemplo, verificamos similaridades com conto *Cupido e Psiquê*, incluído na obra *O asno de ouro*, do escritor romano Lúcio Apuleio, único romance latino da Antiguidade que se manteve intacto até os dias atuais. Ecos dessa obra também ressoam no conto *Cinderela*¹³, de Charles Perrault (1697) e Irmãos Grimm (1812), se considerarmos elementos como a competição feminina e a inveja das irmãs.

A expressão *pomo da discórdia*, que significa pessoa ou coisa que provoca uma desavença, tem sua origem na narrativa mítica que antecede a guerra de Tróia¹⁴. No mito, por

¹² Na apresentação do livro *A bela e a fera* /Madame de Beaumont, Madame de Villeneuve, tradução de André Telles (2016), Rodrigo Lacerda apresenta que a história desse cânone literário pode ter origem no caso do espanhol Pedro Gonzáles, nascido em 1537, e possuía a “síndrome do lobisomem” ou hipertricose, doença caracterizada pelo crescimento anormal de pelos. Foi dado de presente pelo próprio pai a Carlos V, imperador do Sacro Império Romano-Germano, depois enviado como um animal de estimação a Henrique II, rei da França, que decidiu, “humanizá-lo”, dando-lhe roupas nobres e educação. Mais tarde, com a morte do rei, a rainha viúva Catarina de Médici, decidiu casá-lo com a mais bela dama da corte real. Apesar do mistério sobre a identidade do noivo e de sua aparência aterrorizante, o susto da descoberta deu espaço a uma relação amorosa e um casamento bem-sucedido.

¹³ Para o estudo da intertextualidade nos contos de fadas, sugerimos a leitura da dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, de Márcia Silva Pituba Freitas, intitulada *Cinderelas em contextos: um mosaico de identidade, memória e tradição*, apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2017.

¹⁴ Conflito bélico entre gregos e troianos, narrado por Homero em sua obra *Ilíada*, com duração de 10 anos, ocorrido entre 1300 e 1200 AEC. Segundo o poeta, foi motivada pelo rapto de Helena (esposa do rei espartano Menelau) pelo príncipe troiano Páris (filho do rei Príamo) que, em uma visita diplomática a Esparta, acabou por ela apaixonado. Enfurecido, Menelau organizou um exército de mil navios e designou o general Agamenon para comandar o ataque aos troianos.

ser a única deusa não convidada para o casamento de Peleu e Tétis, a deusa da discórdia Éris decide acabar com a alegria da festa lançando, entre as deusas, um pomo com a inscrição “à deusa mais bela” que, mais tarde, resultaria na destruição de Tróia. Aspectos semelhantes a esses encontramos na história da vilã *Malévola* do conto de fadas *A bela adormecida*, dos Irmãos Grimm (1812), e *A bela adormecida do bosque*, de Charles Perrault (1967).

Inúmeras histórias clássicas foram contadas e recontadas de diversas formas ao longo do tempo, seja com intuito de manter o direcionamento do texto-fonte ou, mesmo, colocá-lo em xeque. Da mesma forma que, a partir de uma história, é possível recontá-la, sem distanciar do mote original, e utilizar novos elementos intertextuais como estratégia discursiva, planejando-a de modo que seja levado em consideração o contexto histórico, sociocomunicativo e cultural de produção, para a construção de sentidos dos textos.

É isso que tem feito o grupo bonecos Paideia: a partir de textos clássicos produz sua adaptação para o teatro de bonecos. A ação da narrativa contida no mito grego amplamente difundido ou no cânone literário é transportada para a atualidade contemporânea à apresentação, por meios de diversas pistas intertextuais deixadas pelo grupo no texto encenado. Soma-se a isso os traços nordestinos das personagens e os diálogos pautados no regionalismo cearense.

Considerando que os sentidos não estão prontos no texto, mas são produzidos a partir de um processo interacional no qual entram em cena autor/produtor, leitor/interlocutor e texto, são as pistas materiais nele deixadas que permitem que a produção dos sentidos de textos seja construída entre os sujeitos envolvidos.

São essas pistas deixadas pelo produtor do texto, em sua enunciação, que investigamos nos textos adaptados pelo grupo Paideia e, a partir da análise dos critérios classificatórios de Nobre (2014) e das reflexões sobre as intertextualidades amplas e estritas de Carvalho (2018), descrevemos as relações intertextuais estabelecidas nas adaptações do texto da peça *Psiquê e Eros*. No entanto, antes de examinarmos os fenômenos intertextuais e referenciais observados, apresentamos o hipotexto que serviu como texto-fonte para as práticas hipertextuais do grupo, descrevendo, de acordo com Genette (2010), as técnicas de transformações adotadas.

4.1 As metamorfoses de *Psiquê e Eros*

O *asno de ouro* traz uma série de histórias curtas, de temática erótica ou sobrenatural, inseridas ao longo da narrativa principal, contada pelo viajante curioso Lúcio. A propósito, é ele mesmo que nos apresenta, nas primeiras linhas, a matéria de sua obra:

Muitas fábulas quero apresentar-te, em variada sequência, nesta conversa de estilo milesiano, e agradar teus benévolos ouvidos com um álcacre sussurro, no caso em que não desdenhes ler o papiro egípcio, coberto de letras gravadas pelo fino estilete de um caniço do Nilo. Verás, encantado, seres humanos despojados de sua imagem e condição, tomarem outra forma; depois ao contrário, e por uma ordem inversa, serem convertidos em si mesmos. Começemos. [...] De antemão, suplico que me perdoes se, manejando como principiante uma língua estranha, a língua forense, eu cometer algum deslize. Entretanto, o próprio fato de passar de uma para outra linguagem, verdadeiro exercício acrobático, harmoniza-se com o meu estilo. Da Grécia veio esta história. Atenção, leitor; ela vai te alegrar. (*O asno de ouro*, I, 1)

Como observado por Adriane da Silva Duarte¹⁵, na apresentação da tradução de *Asinus Aureus* por Ruth Guimarães (2020), “Apuleio é uma exceção entre os autores do romance antigo”. Isso porque muito se sabe sobre sua vida, escrevia em latim, a partir de um original em grego, e contava com pessoas influentes como leitores, como Agostinho de Hipona. Aliás, é Santo Agostinho que registra em *Cidade de Deus* (XIII, 18) o nome *Asinus Aureus/O asno de ouro*, seu nome mais conhecido, no capítulo que traz como título *O que merece fé nas metamorfoses humanas devidas aos demônios*. Até então, no códice de 395–397, primeiro registro conhecido do texto, encontramos como *Metamorphoseon/Metamorfozes*. Acredita-se, porém, que o próprio autor tenha atribuído à sua obra, como indicado no manuscrito, o título de *Metamorphoseon libri XI*. Temos adotado o título *O asno e ouro* para referir-se ao texto-fonte das práticas hipertextuais de nossas análises.

Dividida em onze 11 livros, *O asno de ouro* traz as desventuras de um homem chamado Lúcio que é metamorfoseado em asno e levado por bandidos. Segundo Duarte (2020, p.13), a partir daí, é maltratado e explorado, em sua vida servil como animal de carga. O lado positivo é que sua condição enquanto animal permite ser testemunha da verdadeira natureza humana. Assim, presencia, escuta ou conta uma série de aventuras fantásticas e burlescas, ao longo de seu enredo. Dentre elas, encontra-se a narrativa de segunda mão, contada por uma velha bêbada e falante a fim de distrair uma jovem prisioneira “com lindas histórias e contos de gente velha” (*O asno de ouro*, IV, 27), e a qual Lúcio, já metamorfoseado de burro, a poucos passos, ouve atentamente lamentando “não ter nem tabuinha nem estilo para tomar nota de história tão bela” (*O asno de ouro*, VI, 25).

A narrativa dos infortúnios da Alma (Psiquê) e Cupido (Eros) ocupa sozinha dois livros e meio (*O asno de ouro*, IV, 28 a VI, 24), dos onze contidos na obra de Apuleio. Em breves palavras, Paul Harvey (1998) resume:

¹⁵ DUARTE, Adriane da Silva. **Apuleio e seu tempo. [Apresentação]**. O asno de ouro. São Paulo: Ed. 34. 2019. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Duarte_AS_3111156_ApuleioESeuTempo.pdf . Acesso em: 26 set. 2023.

Uma donzela tão linda que Vênus passou a ter ciúmes dela. A deusa deu ordens a Cupido para induzir Psiquê a apaixonar-se por alguma criatura de má aparência, porém o próprio Cupido tornou-se seu amante. Cupido a pôs num palácio, mas somente a visitava na escuridão e a proibiu de tentar vê-lo. Movidas pelo ciúme, as irmãs de Psiquê disseram-lhe que ele era um monstro e iria devorá-la. Certa noite Psiquê apanhou uma lâmpada e contemplou Cupido adormecido. Agitada diante da visão de sua beleza, ela deixou cair sobre Cupido uma gota do óleo da lâmpada, e o despertou. Em face desse procedimento o deus abandonou-a, ressentido por causa de sua desobediência. Solitária e cheia de remorsos, Psiquê procurou o amante por toda a terra, e várias tarefas sobre-humanas lhe foram impostas por Vênus. A primeira delas foi separar na escuridão da noite as impurezas de um monte enorme de várias espécies de grãos, porém as formigas apiedaram-se de Psiquê e acorreram em número enorme para realizar a tarefa por ela. E assim, por um meio ou por outro, todas as tarefas foram executadas, exceto a última, que consistia em descer ao Hades e trazer o escrínio da beleza usado por Perséfone. Psiquê havia praticamente conseguido realizar a proeza, quando teve a curiosidade de abrir o escrínio; este continha não a beleza, e sim um sono mortal que a dominou. Entretanto Júpiter, instado por Cupido, consentiu finalmente em seu casamento com o amante, e Psiquê subiu ao céu. (HARVEY, 1998, p. 422)

Trata-se do relato mais conhecido dentre os demais e tem servido de inspiração para diversas práticas hipertextuais de diversas ordens, inclusive hiperestéticas. A exemplo delas apresento duas: no poema *Eros e Psiquê*, de Fernando Pessoa e na escultura *Psiquê reanimada pelo beijo do amor*, de Antônio Canova (Figura 12):

Conta a lenda que dormia
 Uma Princesa encantada
 A quem só despertaria
 Um Infante, que viria
 De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
 Vencer o mal e o bem,
 Antes que, já libertado,
 Deixasse o caminho errado
 Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
 Se espera, dormindo espera,
 Sonha em morte a sua vida,
 E orna-lhe a fronte esquecida,
 Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
 Sem saber que intuito tem,
 Rompe o caminho fadado,
 Ele dela é ignorado,
 Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino
 Ela dormindo encantada,
 Ele buscando-a sem tino
 Pelo processo divino
 Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
 Tudo pela estrada fora,

E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

(PESSOA, 1969. p. 181)

Figura 12 – Escultura Psiquê reanimada pelo beijo do amor de Canova (1793)



Fonte: Antonio Canova (1793), escultura de mármore, 1,55 x 1,68 m, Museu do Louvre (Paris, França)

Nessa mesma linha de inspiração, encontra-se a peça *Psiquê e Eros* do grupo Paideia, uma adaptação do conto de Apuleio para o teatro de bonecos no cenário cearense, cujas descrição e análise realizo aqui.

A produção textual do grupo envolve dois planos de intertextualidade: o primeiro que estabelece relação entre o texto da peça com parte da obra original de Apuleio e o segundo

que estabelece relação entre o texto (já adaptado) com outros textos ou eventos, citados e/ou referenciados ao longo da narrativa, relacionados ao contexto de apresentação. A primeira está diretamente ligada ao enredo da narrativa, à sequência de ações que mantém o texto produzido pelo grupo alinhado ao texto original. Já a segunda atrela-se à expectativa do grupo relacionada ao sentido do texto, são pistas que o grupo espera que o público identifique para promover o humor ou a crítica.

São dois tipos de relações que merecem ser analisadas separadamente, embora percebamos que, devido à própria intenção comunicativa, estão interligadas.

Elegemos uma série de quatro cenas da peça *Psiquê e Eros* do Grupo Paideia, para tecer comentários acerca de sua aproximação e distanciamento com o texto-fonte. Nos quadros comparativos que seguem, estamos utilizando a tradução do latim para o português/brasileiro de Ruth Guimarães (2010) e a versão de *Psiquê e Eros* (2022).

Quadro 2 – Comparativo de Cena 1 – Início da narrativa

HIPOTEXTO Texto fonte: Tradução de Ruth Guimarães	HIPERTEXTO <i>Psiquê e Eros</i> / Grupo Paideia
<p>Havia em certa cidade um rei e uma rainha. Tinham eles três filhas de conspícua beleza. No entanto, as mais velhas, por mais agradáveis que fossem à vista, não tinham, ao que parecia, nada que o humano louvor não pudesse condignamente celebrar. A mais moça, ao contrário, de beleza tão rara, tão brilhante, tinha tal perfeição que, para celebrá-la com um elogio conveniente, era pobre demais a língua humana. Gente do país e do estrangeiro, todos aqueles que a fama de espetáculo tão único congregava em multidão, imóveis e curiosos, permaneciam atônitos de admiração por essa beleza sem igual, e, levando a mão direita aos lábios, pousavam o índice sobre o polegar erguido. Devotavam-lhe a mesma adoração que à própria Deusa Vênus [...]. (<i>O asno de ouro</i>, IV, 28)</p> <p>Foi assim que a crença ganhou terreno, dia a dia; de uma ilha a outra, depois no continente, e de província em província, a fama se estendeu e propagou. Numerosos foram os mortais que, empreendendo grandes viagens e longínquas travessias, afluíram para ver a gloriosa maravilha do século. [...] Esta extravagante transferência do culto celeste para a virgem mortal incendiou de veemente cólera o ânimo da verdadeira Vênus. (<i>O asno de ouro</i>, IV, 29, grifos nossos)</p>	<p>NARRADOR – Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...</p> <p>CORO DO POVO – Ô PSIQUÊ, CADÊ VOCÊ? EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)</p> <p>NARRADOR – No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma Deusa.</p> <p>TEC: 02 “COMO UMA DEUSA”</p> <p>NARRADOR – Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor... Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê e Eros.</p>
<p>Legenda: amarelo, transformação temática (transmodalização); cinza, transformação temática (transestetização); rosa, transformação equitativa (concisão); e azul, transformação equitativa (ampliação).</p>	

Fonte: Elaboração própria

Em seus aspectos formais, a transformação nesse fragmento da fábula de Apuleio para o teatro de bonecos pelo grupo Paideia, apresenta práticas redutoras textuais por **concisão**. Isso porque o texto contido no livro IV de *O asno de ouro*, compreendido nas partes 28 e 29, é sintetizado, em sua transformação, sem perdas temáticas significativas. Em ambos os fragmentos, temos, respectivamente, no hipotexto/hipertexto, a apresentação das personagens “um rei e uma rainha. Tinham três filhas.” / um rei e uma rainha que tinham três filhas”; e do fato responsável por todo desencadeamento da história: “a mais moça [...] de beleza tão rara” / “a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza” cuja “a fama de espetáculo tão único congregava em multidão / A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos” fez despertar “veemente cólera o ânimo da verdadeira Vênus” / “inveja na própria deusa Afrodite”.

Assim temos, no hipertexto *Psiquê e Eros*, a contação do mito de *Cupido e Psiquê* feita concisamente pelo narrador, na qual as adaptações do texto fonte são perceptíveis, e, embora sejam resumidos aspectos textuais, temas essenciais são mantidos, tais como: a beleza das filhas, em especial a da mais nova; a admiração das pessoas por Psiquê; a peregrinação para vê-la; e a origem da ira de Afrodite.

Com foco no público infanto-juvenil pretendido, o grupo adota, no hipertexto, o marcador linguístico convencional de início de histórias infantis, *Era uma vez*, para retratar a imprecisão do tempo e espaço, ou seja, de quando e onde, tudo aconteceu. Sabe-se apenas que a narrativa se passa em algum lugar na Antiga Grécia; aspecto temático mantido do hipotexto. Embora, no texto de Apuleio, exista a imprecisão marcada por “em certa cidade”, logo no início da fábula de *Cupido e Psiquê*, sem especificar, pelo menos, a região, elementos cotextuais da obra suscitam que a história “da Grécia veio” (*O asno de ouro*, I, 1).

Ao inserir o *Coro do Povo*, no hipertexto, o grupo busca sintetizar semanticamente a descrição cotextual contida no hipotexto de toda idolatria atribuída a Psiquê, e, por se tratar de um elemento novo, que não existe no texto original, verificamos a técnica equitativa de **ampliação por extensão**. Por mais que encontramos a informação de que “numerosos foram os mortais que, empreendendo grandes viagens e longínquas travessias, afluíram para ver a gloriosa maravilha do século” (*O asno de ouro*, IV, 29), em nenhum momento do texto-fonte, eles têm voz. A peregrinação dos curiosos para conferir de perto a beleza da filha mais jovem é materializada semioticamente no uso do *détournement*, no hipertexto, “Ô Psiquê, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver”. Nessa transposição textual do hipotexto para o hipertexto, os devotos

de Psiquê ganham voz e essa transforma-se em um grito comumente usado em movimentos sociais ou eventos culturais, quando a plateia, em uníssono, clama pelo seu líder/ídolo.

Tal intervenção, repetida três vezes, gradativamente com aumento de som, quando encenada, tem funções discursivas de adesão ao público a partir da memória, busca entreter, provocando o riso e já introduz o teor cômico da narrativa que será apresentada pelo grupo no hipertexto *Psiquê e Eros*. Com ela, o grupo Paideia cria a expectativa que os interlocutores da peça não só percebam o tamanho da devoção existente à personagem como também façam parte dela.

Além dessa intervenção, que faz parte de todos os registros da peça, a partir de 2016, foi inserido o trecho da música *O amor e o poder* (1987)¹⁶, maior sucesso da cantora Rosana, com a citação direta, inclusive cantada, de “como uma deusa”, mantendo a semiose melódica da referência para apelo à memória do espectador.

O mito de *Cupido e Psiquê*, narrado no romance *O asno de ouro*, é transformado para uma peça teatral, sem fins depreciativos, com a técnica de transformação temática por **transmodalização**, e, como essa transformação não se restringe em uma simples redução ou pura ampliação, mas inclui um estilo de linguagem e referências contextuais bem demarcadas, também há técnica de **transestetização**.

Assim, o fragmento apresentado no Quadro 2, em seu **parâmetro funcional**, pelo distanciamento do texto fonte, encontramos uma **subversão em regime lúdico**. Em relação ao texto de Apuleio, temos o fragmento constituído de **intertextualidade estrita**, composta por **derivação**, o que pode caracterizá-lo como uma paródia, considerando que todo o texto decorre do texto original. Embora percebamos a inserção de outros elementos intertextuais discursivos, eles foram utilizados para construção de sentido de humor, o que reforça o caráter funcional apresentado. Em seu aspecto formal, temos o início da narrativa de *Cupido e Psiquê* **adaptada** com grau de referencialidade **implícita**, já que o conhecimento da obra *O asno de ouro* e de seu autor depende do conhecimento de mundo da plateia.

O fragmento a seguir, no hipertexto, reproduz a cena em que a personagem Afrodite/Vênus entra com o seu filho Eros/Cupido e, depois de saudar a plateia, lamenta com ar de desdém as honras recebidas por Psiquê. Vejamos:

¹⁶ ECAD: 4569. Editor: EMI Songs Musikverlag. Subeditor: Sony Music Publishing (Brasil). Compositores: Mary Susan Applegate, Gunther Mende, Claudio Rabello, Jennifer Rush e Wolfgang Detmann. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/consulta> Acesso: 02 out. 2023.

Quadro 3 – Comparativo de Cena 2 – Afrodite e Eros

HIPOTEXTO Texto fonte: Tradução de Ruth Guimarães	HIPERTEXTO <i>Psiquê e Eros</i> / Grupo Paideia
<p>“Então, a mim, antiga mãe da Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Vênus, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha majestade! E meu nome consagrado no céu é profanado pelo contacto com impurezas terrestres. Será preciso, aparentemente, na comunhão equívoca das homenagens prestadas ao meu nome, ver a adoração me confundir com uma substituta? Aquela que por toda a parte apresentará minha imagem é uma moça que está para morrer. Foi em vão que aquele pastor, cuja imparcial justiça foi aprovada pelo grande Júpiter, me preferiu, pelos meus atrativos sem par, às deusas mais eminentes. Porém, não se rejubilará por muito tempo essa, quem quer que seja ela, que me usurpou as honrarias. Poderei, com essa mesma beleza à qual ela não tem direito, fazer com que se arrependa.” Imediatamente, chamou o filho, o menino alado, esse perverso velhaco que, agravando com sua má conduta a moral pública, [...], nunca faz coisa boa. Se bem que ele já fosse impudente por natural velhacaria, ela o excitou ainda mais com seus discursos, conduziu-o à cidade de que falamos, e mostrou-lhe Psiquê – tal era o nome da menina. (<i>O asno de ouro</i>, IV, 30, grifos nossos)</p>	<p>Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros, você acredita que tem uma garotinha fake tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza – Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?</p> <p>Eros – Mainha, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diria um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.</p> <p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. [...]</p> <p>NARRADOR – Afrodite, sedenta de vingança, acompanha Eros até Psiquê... e se vai. Porém a realização de seu plano fracassara...</p>
<p>Legenda: amarelo, transformação temática (transmodalização); cinza, transformação temática (transestetização); rosa, transformação equitativa (concisão); e azul, transformação equitativa (ampliação).</p>	

Fonte: Elaboração própria

O diálogo que existe entre as personagens do texto do Paideia, em si, não existe no texto original, mas observamos, a partir do discurso de Afrodite, temas, em destaque, que mantêm a aproximação entre os textos: a exaltação da figura da deusa da beleza; as honras à deusa prestadas a uma mortal; a vingança de Vênus; o título de a mais bela entre as deusas; o reconhecimento da beleza de Psiquê; as características de Cupido; e a obediência desse à mãe.

Ao ser transformado, inicialmente, em seu aspecto formal, o discurso da deusa, presente no hipotexto como uma espécie de monólogo, é sintetizado, sem perdas significativas de sentido, com a técnica de **concisão**. No entanto, ao analisarmos toda a cena adaptada, nos deparamos com um diálogo entre Afrodite/Vênus e seu filho, inexistente na obra original. Assim, o texto transformado apresenta, ainda, técnicas equitativas de **ampliação por extensão**. Tais movimentos observamos com frequência em muitos fragmentos dessa adaptação criada para o teatro, principalmente porque o gênero pede essa dinâmica dialogal entre as personagens. Quanto à adaptação textual do romance para roteiro do teatro verificamos a ocorrência da técnica de transformação temáticas por **transmodalização**

No discurso da deusa, contido em *O asno de ouro* (IV, 30), transformado pelo grupo Paideia, no fragmento contido no quadro 3, observamos que Vênus/Afrodite, ao término de seu monólogo, chama o filho Cupido para excitá-lo contra a mortal. É, a partir dessa ação, que o grupo elabora o diálogo das personagens Afrodite e Eros, no hipertexto, preservando a temática do texto original.

A cena, no hipertexto, tem início com a personagem Afrodite referindo-se à plateia como “meus súditos”, termo esse que resgata o seu apelo pelas “honras devidas à minha majestade”, uma vez que todos os mortais, inclusive o público, devem-nas a ela. Em seguida, comenta consternada com seu filho sobre o ocorrido. Todo o discurso de sua fala no texto-fonte é transportado para a adaptação do grupo. Assim, temos, respectivamente, no hipotexto/hipertexto, a reclamação da deusa, ao ver “a adoração me confundir com uma substituta” / “uma garotinha fake tentando me imitar”; sua reivindicação por ter sido a escolhida de Páris “pelos meus atrativos sem par, às deusas mais eminentes” / “De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?”, o reconhecimento da beleza de Psiquê “à qual ela não tem direito” / “Ela é atéééé bonitinha...”; e o seu desejo por vingança, em “Poderei [...] fazer com que se arrependa” / “E você vai fazer um servicinho pra mim”.

A descrição de Cupido como um “perverso velhaco”, contida no hipotexto, é representada no hipertexto na malícia de sua resposta à mãe, ao dizer que “os deuses não morrem, mas envelhecem”. Embora, também, seja criada a referência do filósofo cearense que diz “na velhice, a beleza é algo que se acaba, e a feiura é algo que se aumenta”, não temos, ao certo, a quem atribuir a autoria de tal pensamento, mas variantes dessa expressão já foram utilizadas por humoristas cearenses, como Adamastor Pitaco, Zé Modesto e os personagens de *Nas garras da patrulha*, do Circo Tupiniquim. São inserções de elementos extras, como esse, no hipertexto, que incluem o estilo de linguagem adotada, com intenções nítidas de provocar o riso e entreter, que caracterizam a **transestetização**, como técnica temática aplicada.

Tanto o uso da expressão “garotinha *fake*” quanto a referência ao título de “mais bela” permitem aproximação temáticas entre o hipertexto e seu hipotexto.

O termo *fake* tem sido muito utilizado para referir-se a perfis ou contas, das redes sociais, que mentem sobre a verdadeira identidade do usuário, sendo, aos poucos, incorporado ao português brasileiro como empréstimo (anglicismo). No fragmento do hipertexto, percebemos sua utilização para referir-se a personagem Psiquê que, nas reclamações, de Afrodite, em ambos os textos, tem sido confundida com a deusa. Ao utilizá-lo, o grupo espera

que o público acione sua memória sociocultural e compreenda seu significado, provocando humor.

Além desse termo, o “título de deusa mais bela”, contido no hipertexto, faz referência direta ao mito do Julgamento de Páris, também citado no texto original, quando a personagem se refere a “aquele pastor, cuja imparcial justiça foi aprovada por Júpiter, me preferiu” (*O asno de ouro*, IV, 30). A retomada implícita desse intertexto só é possível para os interlocutores mais experientes, que precisam, de fato, a partir das pistas cotextuais deixadas, tais como “título de deusa” / “aquele pastor [...] me preferiu”, recorrer à memória sobre narrativas mitológicas da guerra de Tróia. O não reconhecimento desses indícios intertextuais de alusão, de acordo com Cavalcante (2021, p. 152), não anula a existência do fenômeno e nem interfere na compreensão da cena.

O diálogo estabelecido no texto adaptado é bem mais extenso e apresenta os primeiros fragmentos que são alterados mediante o contexto da apresentação. Por hora, o trecho apresentado no Quadro 3 já demonstra ser suficiente para análise dos parâmetros intertextuais estabelecidos na adaptação em relação ao seu texto-fonte. O restante da cena e as variações sofridas nos roteiros, ao longo dos vinte anos de encenação da peça, serão analisados na próxima subseção, ao compararmos nove de suas versões.

Apesar de observarmos, nos dois textos, os mesmos sentimentos de angústia, raiva, desejo por vingança, vivenciados pela personagem Vênus/Afroditte, considerando a cena criada na adaptação e sua ampliação, há, no **parâmetro funcional**, uma relação de **subversão, em regime lúdico**.

Como todo o texto do fragmento da peça contido no Quadro 3 foi escrito a partir da obra *O asno de ouro*, embora não esteja expressa textualmente sua fonte, observamos, no **parâmetro constitucional**, uma relação **estrita**, no **parâmetro composicional**, uma **derivação**, e, no **parâmetro referencial**, uma **implicitude**.

O texto original não foi transcrito e nem apenas mencionado, no texto do Paideia; existe, de fato, a preservação de seu conteúdo, embora apresente alterações textuais, o que estabelece, no **parâmetro formal**, uma relação por **adaptação** entre os textos. Aspectos semelhantes encontramos também no fragmento seguinte:

Quadro 4 – Comparativo de Cena 3 – Decisão do Rei

HIPOTEXTO Texto fonte: Tradução de Ruth Guimarães	HIPERTEXTO <i>Psiquê e Eros</i> / Grupo Paideia
<p>Havia muito tempo que suas irmãs mais velhas, cuja beleza comum em nenhuma parte fora proclamada pelo público, concedidas a pretendentes reais, tinham feito brilhantes casamentos. Psiquê, virgem desdenhada, ficava em casa, a chorar seu abandono e sua solidão. Corpo dolente, coração machucado, detestava em si a beleza que constituía o encantamento de nações inteiras. Afinal, o triste pai da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o antigo oráculo do deus de Mileto. Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido. (<i>O asno de Ouro, IV, 32, grifos nossos</i>)</p>	<p>NARRADOR – Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....</p> <p>Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!</p> <p>Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.</p>
<p>Legenda: amarelo, transformação temática (transmodalização); cinza, transformação temática (transestetização); rosa, transformação equitativa (concisão); e azul, transformação equitativa (ampliação).</p>	

Fonte: Elaboração própria

O diálogo entre o rei e rainha, contido no hipertexto do grupo, também caracteriza uma transformação com técnicas equitativas de **concisão** e **ampliação**. O trecho do hipotexto, essencialmente narrativo-descritivo, é sintetizado na fala do narrador do hipertexto, ao mesmo tempo que ampliado com a criação das falas das personagens. No entanto, ao observarmos as temáticas tratadas no hipotexto que são mantidas na prática hipertextual, encontramos alguns ajustes textuais de **excisão** realizados para adequação à expectativa de faixa etária do público.

No fragmento contido em *O asno de ouro* (IV, 32), observamos três temas: a solidão da virgem Psiquê; a decisão de consultar o Oráculo; e o pedido de um casamento para filha. Nem todos foram mantidos na **transmodalização** do hipotexto para a peça *Psiquê e Eros* do grupo Paideia.

A cena no hipertexto é introduzida pelo narrador que comenta que “o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê”. Embora não cite o casamento das irmãs mais velha que, de acordo com as informações do hipotexto, “tinham feito brilhantes casamentos”, foca na solidão de Psiquê que “ficava em casa, a chorar seu abandono”, como também nele descrito, e constrói a fala da rainha lamentando que “ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!”

O jeito de falar, ao acentuar algumas palavras, a escolha dos termos utilizados e a própria construção dos diálogos caracterizam o estilo do grupo no processo de **transestetização** do texto fonte.

As alterações temáticas ocorrem em relação à representação da figura do Oráculo. Sobre esse, em nota de tradução, Guimarães (2020, p. 177) explica que, no século II, o oráculo do deus Apolo, situado nos arredores de Mileto, ainda era um dos mais florescentes santuários. Construído por volta do século XI AEC, teve seu apogeu no período helenístico, período em que os gregos estiveram sob o Império Macedônico, entre os séculos III e II AEC, exercendo forte influência nos mais diversos aspectos da sociedade. Essa influência é resgatada na narrativa de Apuleio através do pai de Psiquê que, temendo haver uma “celeste maldição” (*O asno de ouro*, IV, 32) contra a filha, decide interrogar o Oráculo, oferecendo “preces e vítimas” (*O asno de ouro*, IV, 32), em troca de um marido para Psiquê.

Considerando que o texto do grupo Paideia é uma peça teatral, idealizada para todos os públicos, foi realizada uma **excisão** no trecho referente à maldição e às oferendas de vítimas, contido no hipotexto. A ida ao Oráculo, no hipertexto, foi mantida, mas apenas para realizar consulta sobre o destino da filha.

Em ambos os fragmentos apresentados no Quadro 4, encontramos a angústia dos pais e o desejo de mudança do destino da filha mais nova. Como, na construção do diálogo entre o rei e a rainha, há um distanciamento do hipertexto, sem fins depreciativos, mas sim visando à adoção de um caráter cômico, temos, no **parâmetro funcional**, uma **subversão**, em **regime lúdico**.

A cena em questão foi produzida a partir de *O asno de ouro* (IV, 32), apesar das alterações sofridas, sua relação com o hipotexto é mantida e estrita, no **parâmetro constitucional**. No entanto, como há um abandono de elementos cotextuais do hipotexto que explicita uma “celeste maldição”, uma “cólera do alto” e o oferecimento de “vítimas” em troca de um pedido de “um himeneu e um marido” para a filha virgem, a relação, no **parâmetro composicional**, ocorre por **copresença**. Ao realizar a exclusão desses elementos, o grupo Paideia busca abstenção da abordagem de temas que podem gerar polêmicas diante do posicionamento ideológico e cultural de seus interlocutores. No parâmetro formal, o fragmento do hipertexto estabelece uma relação por **adaptação**, considerando que o grupo elimina os detalhes que envolvem a ida até o ser divino oracular, transformando em uma simples consulta. Por fim, como não temos, de forma explícita, a referência do texto-fonte de Apuleio, sua percepção só é possível a partir do conhecimento da obra por parte do público, a relação referencial ocorre por **implicitude**.

Ainda que, nesse fragmento, verificamos a primeira alteração relevante, no que diz respeito ao conteúdo textual do hipotexto na prática hipertextual do grupo Paideia, sua essência

temática é mantida e desenvolvida com a criação da personagem Oráculo e do diálogo que segue na adaptação:

Quadro 5 – Comparativo de Cena 4 – Oráculo

HIPOTEXTO Texto fonte: Tradução de Ruth Guimarães	HIPERTEXTO <i>Psiquê e Eros</i> / Grupo Paideia
<p>[...] Apolo, apesar de grego e jônio, em consideração pelo autor da nossa milesiana, entregou este oráculo em latim: (<i>O asno de ouro</i>, IV, 32)</p> <p>'Montis in excelsi scopulo, rex, siste puellam / ornatam mundo funerei thalami. / Nec speres generum mortali stirpe creatum, /sed saeuum atque ferum uipereumque malum, / quod pinnis uolitans super aethera cuncta fatigat, flammaque et ferro singula debilitat, /quod tremit ipse Ious quo numina terrificantur, fluminaque horrescunt et Stygiae tenebrae.'</p> <p>O rei, feliz anteriormente, depois que recebeu o santo vaticínio voltou para casa queixoso, com a alma triste e explicou à mulher o que havia prescrito o infausto oráculo. [...] (<i>O asno de ouro</i>, IV, 33)</p> <p>Sobre o rochedo escarpado, /suntuosamente enfeitada, /expõe, rei, a tua filha/ para núpcias de morte. /Então, ó rei, não esperes /para teu genro, criaturas /originadas de mortal stirpe, / mas um monstro cruel e viperino, /que voa pelos ares. / Feroz e mau, não poupa ninguém, / Leva por toda parte o fogo e o ferro, / e faz tremer a Júpiter, / e é o terror de todos os deuses, / e apavora até as águas do inferno, / e inspira terror às trevas do Estinge.</p> <p>(<i>O asno de ouro</i>, IV, 33, Nota da tradutora)</p>	<p>Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? Eu não sou o gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.</p> <p>Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?</p> <p>Oráculo – Daqui a três noites preparem sua filha para a cerimônia de casamento e.....</p> <p>Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?</p> <p>Oráculo – DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....</p> <p>Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?</p> <p>Oráculo – DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....</p> <p>Rainha – ELE É RICO?</p> <p>Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Esta veia parece o Faustão e não me deixa falar!!!</p> <p>Rei – Te aquieta mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!</p> <p>Rainha – Ô LOCO MEU?</p> <p>Oráculo – Ram, ram! Bem... Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaa!!!</p> <p>Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?</p> <p>Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! Que entre agora o futuro Presidente do Brasil!!!</p> <p>NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.</p>
<p>Legenda: amarelo, transformação temática (transmodalização); cinza, transformação temática (transestetização); rosa, transformação equitativa (concisão); e azul, transformação equitativa (ampliação).</p>	

Fonte: Elaboração própria

Nem a personagem do Oráculo e tampouco o diálogo travado entre ela e os pais de Psiquê existem no texto-fonte. Ambos foram criados com intuito de reduzir a tensão inata à cena. Afinal, trata-se do momento em que é anunciado o casamento da personagem principal com “um monstro cruel e viperino” (*O asno de ouro*, IV, 33).

Sabe-se, de acordo com Harvey (1998, p. 365), que o oráculo consistia em uma resposta dada por uma divindade, geralmente por intermédio de um sacerdote ou sacerdotisa, às perguntas de quem as consultava. O termo também era aplicado aos santuários divinos, nos quais eram proferidas tais respostas. Segundo o autor, um dos mais conhecidos desses santuários era o de Apolo cuja interpretação oracular ocorria “de acordo com os gritos inarticulados das sacerdotisas píticas em transe” (Harvey, 1998, p. 365).

No hipotexto, temos a informação de que é o deus Apolo que entrega, em latim, “em consideração ao autor da nossa milesiana¹⁷” (*O asno de ouro*, IV, 32). Não existe referência nenhuma a qualquer sacerdotisa que, porventura, tenha atuado como intérprete da mensagem divina. Já no hipertexto, o grupo opta pela personificação do Oráculo que, na peça *Psiquê e Eros*, torna-se uma personagem. Essa tomada de atitude aliada ao diálogo que será desenvolvido caracterizam a prática hipertextual de transformação equitativa de **ampliação** por extensão.

Nos fragmentos apresentados no Quadro 5, considerando apenas a mensagem dada por Apolo, no hipotexto, e a previsão dada pela personagem Oráculo, no hipertexto, encontramos a orientação que Psiquê deveria ser deixada no alto de um rochedo, “suntuosamente enfeitada” / “toda pronta para o casamento”, pois um “monstro cruel e viperino / “ser monstruoso” iria buscá-la. A descrição contida sobre o genro do rei, no texto fonte, é transformada com a técnica equitativa de **concisão**. O pouco que é falado sobre ele é suficiente para causar o pânico das personagens.

No texto original, temos um momento tenso, no qual o rei “depois que recebeu o santo vaticínio voltou para casa queixoso, com a alma triste” (*O asno de ouro*, IV, 33). A rainha permanece no palácio com a esperança de receber boas notícias. Já, na prática hipertextual do grupo Paideia, é a presença da mãe de Psiquê, durante a consulta ao Oráculo, que aligeira a situação da cena. Essa modificação do fragmento do romance de Apuleio para peça *Psiquê e Eros* retifica a transformação temática por **transmodalização**. A rainha entra em cena para materializar semioticamente em seu discurso a ansiedade e curiosidade que pairam sobre a família.

Assim, a tensão, também identificada no texto do grupo, vai sendo dispersada à medida que o diálogo entre as personagens é desenvolvido, e, com a técnica de transformação temática por **transestetização**, várias pistas referenciais são incluídas.

¹⁷ Referência ao próprio romance, que fora designado em I, 1 como uma “conversa de estilo milesiano” (*O asno de ouro*, I, 1)

Na adaptação, ao apresentar a profecia, a personagem do Oráculo é interrompida três vezes pela ansiedade da rainha em saber detalhes do casamento e de seu futuro genro. Impaciente, o adivinho faz referência a personalidade do apresentador Fausto Silva, conhecido por interromper seus entrevistados. A mesma referência é resgatada pelo bordão por ele utilizado, “ô louco, meu”, o que ajuda a aliviar a tensão, proporcionando humor à situação. E como, já havia a observação que o Oráculo não era o “gênio da lâmpada”, em referência direta a um dos contos de “*As Mil e uma noites*”¹⁸, “*Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*”, em cuja narrativa encontramos a oportunidade de realizar três pedidos, a personagem concede aos pais apenas o direito a uma pergunta. Em seguida, expulsa-os de cena, convidando o “próximo” da fila.

Considerando que existe um distanciamento do hipotexto com fins cômicos, temos uma relação intertextual, no **parâmetro funcional**, por **subversão em regime lúdico**. A intertextualidade, em relação ao texto-fonte, no **parâmetro constitucional** é **estrita**, pois tem como fonte apenas o texto de Apuleio, embora não esteja explícita tal autoria. Assim, no **parâmetro referencial**, temos uma **implicitude**. No **parâmetro formal**, encontramos uma **adaptação** do hipotexto. Toda a descrição contida no texto original sobre o genro é reduzida ao termo “ser monstruoso”, o que levaríamos a enquadrar a relação intertextual, no **parâmetro composicional**, como **copresença**.

Nos quatro fragmentos da peça *Psiquê e Eros* analisados, indicamos os elementos que nos levaram estabelecer relação do texto do grupo Paideia com a história de *Cupido e Psiquê*, contada no romance *O asno de ouro*. Ao ser transformado para encenação no teatro de bonecos, ocorreram diversos e múltiplos processos que resultaram em alterações no formato e no estilo bem diferentes do que encontramos no texto-fonte. Embora tenha sido mantida a mesma sequência linear dos fatos e temas abordados, o texto de Apuleio, escrito em prosa, inspirou a criação de novos personagens, diálogos e cenas, na narrativa teatralizada, que contribuíram para a transformação da história clássica em um texto dialógico, verossímil, contemporâneo e contextualizado à realidade histórica, social e cultural do público.

Entende-se, a partir de Genette (2010), que por propor uma adaptação do texto clássico do mito de *Cupido e Psiquê*, contido na obra *O asno de ouro*, de Apuleio, o grupo

¹⁸ Coletânea de contos e histórias de tradição oral do Oriente, traduzidos de manuscritos arábicos do século XII, pela primeira vez, por Antonie Galland, de 1704 a 1717. Segundo Guedes (2016, p. 131), trata-se de uma reescrita adaptada, já que é Galland o criador da narrativa em segundo plano, a história de Sherazade. Essa não só assume o encadeamento dos contos, como dá voz a outros narradores que, assim como ela, contam histórias por questão de sobrevivência.

Paideia estabelece relação entre o texto produzido (hipertexto) a um texto anterior (hipotexto), do qual deriva por meio de processos de transformação.

A prática hipertextual adotada não possui intenções satíricas, agressivas, de rebaixamento da obra original e nem se limita a apenas transportar o texto clássico para contemporaneidade, em regime sério; pelo contrário, resgata suas temáticas em um movimento dialógico entre o texto produzido e o texto-fonte, em regime lúdico, renovando-o com outros elementos referenciais, atribuindo-lhe nova linguagem e o ressignificando.

A partir de uma **excisão** realizada na obra *O asno de ouro* de Apuleio, visando à extração da história de *Cupido e Psiquê*, contada, em segundo plano, por uma personagem e observada atentamente pelo protagonista, narrador da obra, o grupo Paideia aplica, no texto extraído, uma série de técnicas de transformação equitativas e temáticas para a produção hipertextual de *Psiquê e Eros* visando a encenação no teatro de bonecos.

Como se trata de uma transformação de um texto em prosa para uma peça teatral, com base em Genette (2010), o grupo utiliza técnica temática de **transmodalização**, para construir a história que é contada por um narrador, fora do ambiente no qual é desenvolvido a trama, e pela encenação dos personagens-bonecos. Muito do que encontramos descrito no texto-fonte é resumido pelo narrador da peça ou nos discursos das personagens, através da técnica equitativa de **concisão**. Em outros momentos, foi necessário **ampliação** textual para acomodar a criação de diálogos entre as personagens e todos os recursos intertextuais e referenciais utilizados para a construção de sentidos. Além disso, para adequar a narrativa ao teatro, evitando que a peça não ficasse deverasmente cansativa, foi realizado **excisão** em algumas passagens, seja pelo grupo considerar irrelevante ao enredo principal ou por adequação ao público infantil.

O asno de ouro apresenta as aventuras vividas pelo protagonista metamorfoseado em burro, que se torna vetor de uma série de narrativas em prosa de teor erótico e fantástico. Por fazer parte dessa obra, o conto de *Cupido e Psiquê* não poderia ter uma essência diferente. Assim, para acomodar a história do hipotexto adequada a todas as idades, alguns cortes foram realizados na prática hipertextual do grupo.

Outra técnica de transformação temática utilizada pelo grupo é a **transestetização** ou **transestilização**, marcada, no hipertexto, pelo estilo adotado pelo grupo ao construir a contação da história numa linguagem caracterizada pelo regionalismo cearense e inserções de termos e expressões referenciais, que, além de demarcar o modo e o estilo da época em que o texto foi produzido, funcionam como orientações de apelo à memória do coenunciador.

Genette (2010, p. 24) apresenta que todas as obras são hipertextuais em um certo grau, de modo que uma obra sempre permitirá, a partir dela, outras leituras. Esse feito, porém, só será possível diante da capacidade do espectador/leitor de identificar e reconhecer os aspectos textuais que fazem parte de seu repertório pessoal, construído com base em sua experiência de vida. Dessa forma, podemos concluir que quanto mais vasto for o conhecimento individual, mais conexões hipertextuais e intertextuais serão percebidas.

Quanto aos critérios classificatórios para os processos intertextuais, apontados por Nobre (2014), considerando todos os fragmentos apresentados, representativos das adaptações na íntegra, a relação intertextual entre o texto criado para o teatro de bonecos, pelo grupo Paideia e o texto contido na obra *O asno de ouro*, de uma maneira geral, no parâmetro **funcional**, ocorre **por subversão** em **regime lúdico**. O objetivo é recontar a história à maneira do grupo que, embora siga a orientação da narrativa original, insere outros textos, produzindo novos intertextos que somados provocam o riso.

Assim, no aspecto **constitucional**, a relação entre o conto de Apuleio e o texto teatral do grupo Paideia é **estrita**. O que nos leva a afirmar que o *hipertexto* produzido decorre integralmente do conto de Apuleio, de modo que todos os demais elementos, como as referências a músicas, novelas, notícias, ocorrem em função da narrativa, a partir de similaridades de ordem lexicais, semânticas e pragmáticas, estabelecidas da relação entre textos. Por conta disso, temos, no aspecto **composicional**, uma **derivação**. Como o roteiro da peça foi produzido a partir do hipotexto, mantendo trama e personagens, no aspecto **formal**, temos uma **adaptação**, e no **referencial**, um grau de **implicitude**. A seguir, apresento uma síntese da identificação dos parâmetros intertextuais.

Figura 13 – Identificação dos parâmetros intertextuais no hipertexto *Psiquê e Eros*

Parâmetro Funcional	Captação	Para convergência	
		Para divergência	
	Subversão	Em regime lúdico	
		Em regime satírico	
Parâmetro Constitucional	Intertextualidade ampla		
	Intertextualidade estrita	Parâmetro composicional	Derivação
			Copresença
		Parâmetro formal	Reprodução
			Adaptação
			Menção
	Parâmetro referencial	Explicitude	
Implicitude			

Fonte: Elaboração própria

Psiquê e Eros é a peça mais encenada do grupo e, conseqüentemente, a que possui um maior número de versões de seus roteiros. De 2003 a 2022, foi apresentada inúmeras vezes, em espaços e tempos diferentes, para públicos completamente distintos e, muitas vezes, heterogêneos, que nos permitiram a adaptação do texto, sem desvincular da sua essência clássica. Reservamos três cenas cujas alterações textuais ocorrem visando a adequação ao contexto da apresentação, que analisaremos na seção seguinte.

4.2 Cenas em contextos

Genette (2010, p. 7) já apresentava um palimpsesto como “um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo”. Propomos aqui essa leitura palimpsestuosa ao analisar, na peça *Psiquê e Eros*, a obra *O asno de ouro*.

Acreditamos que a relação estabelecida entre o texto de partida e as diversas versões do grupo permite não apenas a contação do mito, que tem servido de hipotexto para diversas práticas hipertextuais e hiperestéticas, nos últimos séculos, mas convida, a partir de excertos textuais dialógicos, a participação ativa do interlocutor no processo de construção de significados.

São essas inserções intertextuais que atribuem o caráter subversivo do hipertexto do Paideia. Diante delas, o observador pode simplesmente considerar as referências como parte do conjunto textual e seguir apreciando a narrativa, ou pode iniciar um resgate cognitivo de suas experiências de mundo armazenadas na memória.

A primeira cena escolhida para a análise trata-se de um diálogo entre Afrodite e Eros, na qual a deusa demonstra extremamente insatisfeita diante da repercussão que a beleza de Psiquê tem tomado por todo reino da antiga Grécia. Disposta a livrar-se de vez da jovem, a deusa do amor clama a seu filho por vingança, como vemos no texto traduzido do original em latim por Ruth Guimarães (2020):

Eu te conjuro pelos laços do amor materno, pelas doces feridas de tuas flechas, pelas deliciosas queimaduras da tocha que carregas, vinga aquela que te deu à luz, mas vinga-a completamente, e castiga sem piedade essa bela rebelde. Consente apenas – e isto somente me satisfará – em fazer de maneira que essa virgem seja possuída de ardente amor pelo derradeiro dos homens, um homem que a Fortuna tenha amaldiçoado em sua classe, seu patrimônio, sua própria pessoa; tão abjeto, em uma palavra, que, no mundo inteiro, não se encontre miséria que à sua se compare. (*O asno de ouro*, IV, 31)

Nesse mesmo direcionamento, está a tradução de Sandra Braga Bianchet (2020), também consultada pelo grupo, a partir do ano de sua publicação, em 2020.

Eu lhe imploro, pelos laços de amor materno que me unem a você, pelas doces feridas de sua flecha, pela ardência com sabor do mel de sua chama, vingue-se dela por sua mãe, mas eu quero uma vingança perfeita... **Castigue-a de forma exemplar, seja duro com essa beleza arrogante e execute, com vontade, este único, só este ato, que valerá por todos: que essa virgenzinha seja dominada por uma louca e ardente paixão pelo pior de todos os homens, uma pessoa que não só o prestígio social, mas igualmente o patrimônio, assim como a própria integridade física tenham sido condenados pela Fortuna, alguém de baixo nível que não encontre na face da terra um ser com infelicidade comparável à sua.** (*Metamorfoses*, livro IV, 31, grifos nossos)

O grupo Paideia, por sua vez, ao adaptar essa passagem da obra *O asno de ouro*, para sua primeira apresentação com expectativa de um público predominantemente infantil, escreve a seguinte versão, em 2003.

Afrodite – Meu querido filho Eros, você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar!? Ela é até bonitinha.... NÃO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mãe, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. E como dizia um filósofo cearense: “na velhice, a beleza é algo que se acaba e a feiura, algo que aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito...acho que só...Ah! e que não goste de ler e ouvir historinhas...acho que vai ser bom pr’essa lambisgóia.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? **Não seria melhor escravizá-la ou fazê-la de tapetinho?**

Afrodite – olhe só, seu mal-agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua mesada! (*Psiquê e Eros*, 2003, grifos nossos)

O apelo feito pela deusa que seu filho Cupido/Eros, com o uso de suas flechas ardentes, fizesse a jovem Psiquê se apaixonar pelo “derradeiro dos homens”, é ampliado para um texto em prosa dialógica, no qual observamos uma descrição detalhada de todos os atributos que o enamorado da jovem deveria ter. Nessa extensão textual, grifamos o trecho que estabelece a pior característica desejada por Afrodite como castigo para Psiquê. Tanto que, na sequência do diálogo, a personagem Eros sugere um “mais ameno”.

Ao construir essa cena, o grupo busca transmitir para seu público a ideia de que o pior castigo, qualquer que seja ele, é melhor do que não gostar “**de ler e ouvir historinhas**” (*Psiquê e Eros*, 2003). Assim, em 2003, o jovem pergunta à sua mãe se “**não seria melhor escravizá-la ou fazê-la de tapetinho**” (*Psiquê e Eros*, 2003), mantendo o direcionamento semântico do contido no hipotexto “**castiga sem piedade essa bela rebelde**” (*O asno de ouro*, IV, 31).

A expressão “**fazê-la de tapetinho**” faz referência implícita ao bordão “**cansei de ser pisada como um tapetinho**”, muito utilizado pela personagem Nazira na novela *O Clone*

(TV Globo, 2001/2002)¹⁹, quando reclamava do tratamento que recebia dos irmãos. A novela foi exibida inicialmente, na TV Globo, entre outubro de 2001 e junho de 2002, reexibida em 2011 e 2021, no programa *Vale a pena ver de novo*, da mesma emissora. Devido ao sucesso da personagem, na época de sua primeira exibição, o grupo faz remissão indireta à frase, sem citá-la por completo, sinalizando ao coenunciador, através da palavra “**tapetinho**”, que ele deve apelar à sua memória para identificar o referencial não dito.

A personagem Eros, ao se apropriar desse conteúdo, sugere que Psiquê seja tratada como a personagem Nazira da telenovela, numa espécie de referenciação indireta utilizada como recursos humorísticos para entreter a plateia. A compreensão do sentido do texto usado em cena independe da identificação da **alusão** e da retomada de seu referencial. No entanto, um interlocutor que conhece o bordão da personagem da telenovela consegue retomá-lo no processo interacional de construção de significados.

A partir dessa primeira adaptação outras versões foram surgindo e, dependendo do público e local de apresentação, castigos diferentes foram propostos, como observamos no quadro comparativo a seguir:

Quadro 6 – Cenas em contextos 1 – Afrodite e Eros

(continua)

FRAGMENTOS DE TEXTOS	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de ler e ouvir historinhas e nem vir ao teatro...acho que vai ser bom pr’essa lambisgóia.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor escravizá-la ou fazê-la de mulher-bomba?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua mesada. (<i>Psiquê e Eros</i>, 2006, grifos nossos)</p>	2006	IV Festival de Teatro de Fortaleza Público: Adultos, Jovens e Crianças.
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de ler ...acho que vai ser é pouco pr’essa lambisgóia.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor escravizá-la ou mandá-la para a Turquia?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes</p>	26/06/2013	Apresentação no Jornal O Povo Público: Adultos, Jovens e Crianças.

¹⁹ Informações disponíveis em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-clone/noticia/o-clone.ghtml> Acesso: 08 out. 2023.

Quadro 6 – Cenas em contextos 1 – Afrodite e Eros

(continuação)

FRAGMENTOS DE TEXTOS	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
e corto sua mesada. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2013, grifos nossos)		
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de magia... acho que vai ser é pouco pr'essa lambisgóia.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor amarrá-la e queimá-la na fogueira?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agrado, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua mesada. (<i>Psiquê e Eros</i>, 2014, grifos nossos)</p>	10/04/2014	Participação do 2º Encenp – Encontro Cearense de Neopaganismo Público: Adultos
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de Psicologia nem de Mitologia... acho que vai ser é pouco pr'essa amarela empombada.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pro Egito para sofrer as dez pragas de lá, além das pragas que a Senhora já lançou?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agrado, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua mesada. (<i>Psiquê e Eros</i>, 2016, grifos nossos)</p>	16/10/2016	Apresentação no Curso de Psicologia da Faculdade Farias Brito Público: Adultos
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não seja Junguiano nem Freudiano, nem goste de Mitologia, muito menos de Contos De Fadas... acho que vai ser é pouco pr'essa amarela empombada.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pro Egito para sofrer as dez pragas de lá, além das pragas que a Senhora já lançou?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agrado, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua mesada. (<i>Psiquê e Eros</i>, 2018, grifos nossos)</p>	13/07/2018	Apresentação no Curso de Contos de Fadas, Instituto Dédalus Público: Adultos
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é reia...acho que só...Ah! e que não goste de literatura, nem Mitologia... acho que vai ser é pouco pr'essa amarela empombada.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pra Brasília e deixá-la amarrada em uma pedra para ouvir eternamente a pregação da Damares?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agrado, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua bolsa CAPES! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2019, grifos nossos)</p>	03/06/2019	Apresentação no Encontro de Estudos Clássicos da UFC Público: Adultos

Quadro 6 – Cenas em contextos 1 – Afrodite e Eros

(conclusão)

FRAGMENTOS DE TEXTOS	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é reia...acho que só...Ah! e que não goste de literatura, nem Mitologia... acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pra Brasília e deixá-la amarrada em uma pedra para ouvir eternamente a pregação da Damares?</p> <p>Afrodite – Olhe só, seu mal-agrado, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua internet! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2020, grifos nossos)</p>	02/10/2020	Apresentação <i>On-line</i> Público: Diverso
<p>Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é reia...acho que só...Ah! e que não goste do Paideia, nem de Teatro de Bonecos, nem de Mitologia... acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.</p> <p>Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandar ela para o Brasil nesses tempos sombrios em que estão atolados?</p> <p>Afrodite – Não, para o Brasil, não, porque a desgraça de lá está com os dias contados! Mas olhe só, seu mal-agrado, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar senão eu tiro seus poderes e corto sua bolsa CAPES! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2022, grifos nossos)</p>	23/07/2022	Apresentação em comemoração aos 20 anos do grupo Paideia Público: Alunos do curso de extensão de Mitologia Greco-Romana e amigos do grupo Paideia.

Fonte: Elaboração própria

Em 2006, no texto readaptado para apresentação durante o IV Festival de Teatro de Fortaleza, além de “**ler e ouvir historinhas**”, presente na versão anterior de 2003, o grupo insere como uma característica má para o possível marido de Psiquê não gostar de “**vir ao teatro**”, numa referência implícita ao evento. Assim, o discurso de Afrodite, ao caracterizar o “derradeiro dos homens” (O asno de ouro, IV, 31) é transformado para a peça *Psiquê e Eros* e readequado a cada contexto de apresentação com foco no público, com intenção de transmitir a ele que um dos piores atributos de um ser é não comungar com os mesmos gostos subentendidos que unem a plateia.

Observamos isso, no texto escrito para apresentação realizada no Jornal O Povo, na qual a personagem fala “**que não goste de ler**” (*Psiquê e Eros*, 2013), para um público leitores do jornal; no da participação no 2º Encontro Cearense de Neopaganismo, “**que não goste de magia**” (*Psiquê e Eros*, 2014), para um público adepto ao culto primordial da Deusa e à magia que interliga tudo e todos no universo; no roteiro adaptado para apresentação na Faculdade

Farias Brito, “**que não goste de Psicologia, nem de Mitologia**” (*Psiquê e Eros*, 2016), para acadêmicos do curso de Psicologia; na adaptação escrita para apresentação no Instituto Dédalus de Psicanálise e Terapias, “**que não seja Junguiano, nem Freudiano, nem goste de Mitologia, muito menos de Contos de Fadas**” (*Psiquê e Eros*, 2018), para uma plateia composta por psicólogos, terapeutas e psicopedagogos, alunos da Formação em Contos de Fadas; e na versão encenada no Encontro de Estudos Clássicos da UFC, “**que não goste de Literatura, nem Mitologia**” (*Psiquê e Eros*, 2019), para professores, alunos e simpatizantes dos Estudos Clássicos, muitos oriundos dos cursos de Letras, Psicologia, História entre outros. Essa última versão do discurso da personagem também foi utilizada durante apresentação síncrona na plataforma *streaming* de vídeo Youtube, em 2020, cuja expectativa inicial de público era alunos e ex-alunos do curso de Mitologia e membros da comunidade *Amigos do Grupo Paideia* das redes sociais *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*. Já, na apresentação de comemoração dos vinte anos do Grupo Paideia, realizada no Centro de Humanidades – Área 1, da UFC, o texto utilizado foi “**que não goste do Paideia, nem de Teatro de Bonecos, nem de Mitologia**”

Nesse mesmo diálogo, temos o discurso da personagem Eros, ao rebater a fala de sua mãe, propondo um castigo “mais leve” que as atribuições propostas pela deusa, readequado a cada contexto, fazendo uso de eventos históricos, sociais, políticos e do entretenimento de massa relacionados à época da apresentação.

Assim como, em 2003, o grupo fez uso do elemento cotextual “**tapetinho**”, na fala da personagem Eros, para manter a relação temática com o hipotexto “**castiga sem piedade essa bela rebelde**” (*O asno de ouro*, IV, 31) e, a partir dele, estabelecer relação referencial com a telenovela da época. Nos anos seguintes, novos elementos foram inseridos como pistas intertextuais e referenciais de apelo à memória do espectador para construção de sentidos.

Em julho de 2005, o sistema público de transportes londrino sofreu quatro ataques terroristas, deixando 56 mortos, incluindo os quatro autores, e outras 700 pessoas feridas. Na ocasião, a Al-Qaeda assumiu autoria. Quinze dias depois, novas tentativas de ataques ocorreram sem êxito. Segundo a justiça britânica, conforme relatado no G1²⁰, as duas séries de atentados estavam relacionadas. Durante a ação policial contra os terroristas, o brasileiro Jean Charles de Menezes foi morto, confundido com um dos homens-bomba procurado. Esse caso teve grande repercussão na Grã-Bretanha, e manteve espaço nos noticiários brasileiros, pelo menos, até

²⁰ Relembre os principais atentados no Reino Unido. G1, 04, jun. 2017. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/relembre-os-principais-atentados-no-reino-unido-desde-2005.ghtml> Acesso em: 08 out. 2023.

2007, quando a Scotland Yard foi condenada pela morte de Jean. De acordo com a BBC News Brasil²¹, o brasileiro tornou-se símbolo da luta de ONGs de direitos humanos que cobram responsabilidade da polícia britânica em ações envolvendo agentes armados.

Com o tema terrorismo na mídia, em 2006, o Grupo Paideia insere, no texto escrito para a apresentação realizada no IV Festival de Teatro de Fortaleza, “**não seria melhor escravizá-la ou fazê-la de mulher-bomba?**” (*Psiquê e Eros*, 2006). Considerando que a expectativa de público dos festivais de teatro, quando se trata da modalidade teatro de animação, costuma ser composta por crianças e seus respectivos acompanhantes responsáveis, o elemento “**mulher-bomba**”, para a retomada referencial dos acontecimentos trágicos contextuais da época, torna-se limitado a um público mais experiente que tenha como hábito o acompanhamento dos noticiários e consiga ativar na sua memória o reconhecimento do castigo sugerido.

Em 2013, a adaptação feita para encenação no Jornal O Povo, para os seus assinantes convidados, trazia no discurso de Eros a sugestão: “**não seria melhor escravizá-la ou mandá-la para a Turquia?**” (*Psiquê e Eros*, 2013). O grupo, ao realizar tal inserção, esperava que o público estabelecesse relação do castigo sugerido com referencial de sentido, atribuído à ação de “mandar para Turquia”, na telenovela *Salve Jorge*, que foi transmitida no horário das 21h, até um mês anterior à apresentação, na emissora de televisão Globo.

Escrita por Glória Perez, *Salve Jorge* foi exibida no período de 22 de outubro de 2012 a 17 de maio de 2013 e trazia como trama a história de Morena, personagem principal que recebe uma proposta para trabalhar na Turquia. O que a jovem não imaginava era se tornar vítima de uma rede internacional de tráfico humano: presa, escravizada e forçada a se prostituir. É a retomada na memória da situação vivenciada pela protagonista da novela que o grupo Paideia, ao inserir o elemento “Turquia” no discurso de Eros, esperava que o coenunciador da peça conseguisse realizar, recuperando todo sofrimento experienciado pela personagem de *Salve Jorge* e sugerido por ele à jovem Psiquê.

No 2º Encontro Cearense de Neopaganismo, levando em consideração que o público do evento era composto por praticantes da *Wicca*²², o grupo optou por estabelecer

²¹ Caso Jean Charles: Que fim levaram os principais personagens? BBC News Brasil, 22, jul. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150722_jc_destino_final Acesso em: 08 out. 2023.

²² De acordo com Araujo (2020, p. 8), no mundo contemporâneo, a Wicca é considerada uma religião que, “por demandar iniciação e rituais para seu ingresso, é entendida como iniciática, sacerdotal, politeísta e ecológica; além de voltada aos fazeres e práticas como magia, manipulação de energias e um tipo de religião humana com a natureza”. Segundo a autora, os praticantes da Wicca são panteístas, por isso são considerados também como neopagãos, podendo serem denominados como bruxas(os), wiccanianas(os), wiccanas(os) ou wiccans.

relação de sentido entre o castigo sugerido por Eros aos acontecimentos da Baixa Idade Média e Idade Moderna, nos quais ocorreram inúmeras perseguições, de cunho religioso, político, econômico e social, a todos adeptos de religiões consideradas heréticas ou que se afastassem da fé católica. Segundo Pereira (2021, p. 210), o Tribunal da Inquisição, instaurado sob o comando do Papa Gregório IX, no século XIII, identificava, julgava e punia todos que, de alguma forma ameaçava as doutrinas da instituição cristã. Posteriormente, entre os séculos XV e XVIII, ocorreram os altos números de enforcamentos e execuções na fogueira, que marcaram a Idade Moderna. Tais acontecimentos são abordados nas aulas de Histórias, na Educação Básica, e já foram muito explorados em diversas mídias, tais como filmes, seriados, jogos, romances entre outros.

Ao utilizar, no discurso de Eros, **“não seria melhor amarrá-la e queimá-la na fogueira?”** (*Psiquê e Eros*, 2014), o grupo Paideia faz um apelo à memória das pessoas que compõem a plateia, composta em sua maioria por bruxos e bruxas, que façam alusão, a partir do elemento **“queimar na fogueira”**, ao período histórico da Inquisição e percebam a intensidade do castigo. O caráter satírico é estabelecido através do absurdo proposto.

A cena em questão analisada, nos anos de 2016 e 2018, manteve sem alterações, tendo no seu roteiro adaptado para acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Farias Brito, **“não seria melhor mandá-la lá pro Egito para sofrer as dez pragas de lá, além das pragas que a Senhora já lançou?”** (*Psiquê e Eros*, 2016/2018); e na encenação no Instituto Dédalus de Psicanálise e Terapias, para uma plateia composta por alunos da Formação em Contos de Fadas – psicólogos, terapeutas e psicopedagogos.

As pistas deixadas pelo grupo para a plateia inferir a gravidade do castigo sugerido pela personagem são localizadas a partir da retomada do referencial de **“Egito”** e **“as dez pragas”**, que remetem às narrativas bíblicas sobre Moisés²³, encontradas nos quatro livros do Velho Testamento, em especial, a história das dez pragas enviadas por Deus com intuito de castigar severamente o Faraó Ramsés (rei do Egito), sua família e todo o povo egípcio, em prol da libertação dos hebreus, encontrada em *Êxodo 7–10*.

²³ Em *El mito del nacimiento del héroe*, Otto Rank (1991, p. 79), depois de apresentar uma série de personalidades históricas, míticas e literárias de diferentes culturas, dentre elas Moisés, traça um ciclo de acontecimentos comuns a suas narrativas que os caracterizam como protótipo de herói, uma espécie de base típica a partir da qual uma lenda se constrói: o herói descendente de pais da mais alta nobreza; seu nascimento é precedido de dificuldades; antes de seu nascimento há uma profecia que alerta sobre o perigo do nascimento; na tentativa de evitar uma tragédia, é ordenada a morte ou o abandono da criança; em seguida, resgatada por pessoas humildes ou animais; cresce, não constrói família, nem tem filhos; por fim, descobre sua origem e cumpre seu destino como fundadores de povos e nações.

O resgate de tal narrativa era esperado pelo grupo, a partir do apelo à memória das aulas de religião e/ou catequese, que muitos da plateia poderiam ter experimentado ao longo de sua vida ou a partir do conhecimento de obras cinematográficas, tais como: o épico, *Os dez mandamentos* (1956) ou, a animação do estúdio Dreamworks, *O príncipe do Egito* (1998). Tal expectativa se deu ao considerar que o público das duas apresentações era composto por pessoas adultas, nascidas, pelo menos na década de noventa, frequentadores de algum clero cristão. Caso a retomada não ocorresse pautada nessas descrições, a mesma também poderia acontecer a partir da lembrança da telenovela brasileira *Os dez mandamentos*, encerrada alguns meses antes da primeira apresentação da peça contendo essa referência.

Escrita por Vívian de Oliveira, a telenovela foi inteiramente baseada nos livros bíblicos que relatam toda história e feitos de Moisés, com destaque para as dez pragas do Egito e abertura do Mar Vermelho. Tais cenas, devido a megaprodução de efeitos especiais em estúdios hollywoodianos, renderam o primeiro lugar no horário nobre da televisão e chegaram a ser o assunto mais comentado nas redes sociais. De acordo com ND Mais²⁴, a RecordTV anunciou um gasto de 750 mil reais por cada capítulo da novela, sendo que só a sequência da libertação do povo hebreu pelo mar ocorreu um investimento de R\$ 1 milhão.

O último capítulo da novela foi ao ar no dia 04 de julho de 2016. Na tentativa de repetir o sucesso de sua primeira exibição, a emissora voltou a transmiti-la, em julho de 2017, mas, com baixos índices de audiência, mudou o horário de exibição, em janeiro de 2018, sem eficácia. Em 2021, segundo Carta Capital²⁵, o governo brasileiro, sob a presidência de Jair Bolsonaro, pagou cerca de R\$ 3,2 milhões pelo direito de exibição do folhetim na TV Brasil, parte integrante da Empresa Brasil de Comunicação.

O roteiro da peça *Psiquê e Eros* manteve-se sem alterações relevantes até 2019, quando para encená-la, durante o Encontro de Estudos Clássicos da UFC, diante dos acontecimentos e personalidades da política brasileira, o grupo Paideia decide satirizá-las.

Na ocasião, diante de professores, alunos e simpatizantes dos Estudos Clássicos, muitos oriundos dos cursos de Letras, Psicologia, História entre outros, a personagem Eros pergunta a sua mãe se **“não seria melhor mandá-la (Psiquê) lá pra Brasília, e deixá-la amarrada em uma pedra para ouvir eternamente a pregação da Damares?”** (*Psiquê e Eros*,

²⁴ NDMAIS. Rede Record faz superprodução para abertura do Mar Vermelho em “Os Dez Mandamentos. Novelas. Karin Barros. Florianópolis. 09 nov. 2015. Disponível em: <https://ndmais.com.br/tv/novelas/rede-record-faz-superproducao-para-a-abertura-do-mar-vermelho-em-os-dez-mandamentos/> Acesso em: 14, out.2023.

²⁵ Estatal TV Brasil irá exibir novela ‘Os Dez Mandamentos’, da Record. Carta Expressa.02, abr. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/estatal-tv-brasil-ira-exibir-novela-os-dez-mandamentos-da-record/> Acesso em: 14 out. 2023.

2019/2020), para. Essa última versão do discurso da personagem também foi utilizada durante apresentação síncrona na plataforma *streaming* de vídeo Youtube, em 2020, cuja expectativa inicial de público era alunos e ex-alunos do curso de Mitologia e membros da comunidade *Amigos do Grupo Paideia* das redes sociais *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*.

Na frase utilizada por Eros, através dos elementos “**mandá-la**” e “**deixá-la amarrada em uma pedra**”, o grupo espera que o público, apreciador dos estudos clássicos e conhecedor de histórias mitológicas, retome ao mito de Prometeu²⁶, reconstruindo mentalmente a punição vivenciada pelo titã por roubar o fogo de Zeus e entregá-lo aos homens, transferindo-a para compreensão do castigo proposto para a Psiquê, “**ouvir eternamente a pregação da Damares**”, e, conseqüentemente, provocando o riso. Tal compreensão só é possível a partir do reconhecimento de quem se trata a pessoa citada para proferir a pregação.

Nomeada como chefe do Ministério da Mulher, da Família dos Direitos Humanos, durante o governo de Jair Bolsonaro, Damares Alves esteve no cerne de muitas polêmicas²⁷ durante todo o período que permaneceu à frente da pasta. Sua figura conservadora, nitidamente ligada à sua imagem como pastora, e suas declarações, muitas delas proferidas durante cultos, demonstravam ser incompatíveis com a função que exercia. No seu discurso de posse, já deixava explícito isso. Ao dizer “O Estado é laico, mas a ministra é terrivelmente cristã”, ratificou que seguiria fazendo intervenções em prol dos seus interesses.

No período que o grupo Paideia utilizou como referência o nome da pastora, ou seja, nos anos de 2019 e 2020, inúmeras frases ditas por ela tinham virado memes²⁸, e diversos vídeos, contendo seus discursos que extrapolavam o limite da insensatez, eram constantemente compartilhados nas redes sociais. Assim, diante da retomada das informações aludidas pelo elemento “Damares”, o público conseguiria construir o sentido do castigo proposto por Eros.

Já, em 2022, na apresentação de comemoração dos vinte anos do Grupo Paideia, realizada na Universidade Federal do Ceará, para um público estimado de alunos do curso de

²⁶ Em Hesíodo (*Teogonia*, v. 507 – 616), encontramos umas das versões do mito de Prometeu na qual, após roubar a chama de Zeus, é amarrado a uma rocha e condenado a ver seu fígado, num perpétuo renascer, sendo devorado por uma águia.

²⁷ FANTÁSTICO. **Damares Alves**: conheça a história da ministra que se envolveu em polêmicas. Fantástico. [S/l], 13 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/01/13/damares-alves-conheca-a-historia-da-ministra-que-se-envolveu-em-polemicas.ghtml> Acesso em: 14 out. 2023.

²⁸ De acordo com Cavalcante e Oliveira (2019, 14), “o meme é uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente, humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder aos enunciados de situações diversas dos usuários da internet”.

extensão de Mitologia Greco-Romana e amigos do grupo Paideia, no discurso da personagem Eros, é feita alusão ao contexto político em que a peça foi encenada.

No texto utilizado, “**Não seria melhor mandar ela para o Brasil nesses tempos sombrios em que estão atolados?**” (*Psiquê e Eros*, 2022), ao inserir os elementos cotextuais “Brasil”, “tempos sombrios que estão atolados”, o grupo esperava que o público refletisse sobre sua atual situação econômica, política e social, e recuperasse a experiência em viver sob o governo de Jair Bolsonaro.

Como havia uma expectativa de que a plateia fosse composta, em sua maioria, por pessoas contra as atitudes antidemocráticas e negacionistas do então presidente, o grupo sentiu-se à vontade para fazer todas as intervenções políticas possíveis.

A peça foi encenada em julho de 2022, estávamos a poucos meses da campanha eleitoral, mas a tensão pré-campanha já existia. O país vivenciava uma crise civilizatória e grave retrocesso com implicações diretas na cultura, na arte, na educação, na ciência, na pesquisa, nos direitos humanitários, no trabalho e na condição de vida da classe trabalhadora. Estar no Brasil, sendo pessoas contrárias aos posicionamentos ideológicos, conservadores e autoritaristas do Governo Federal, na figura do seu chefe maior, seria um verdadeiro tormento para Afrodite punir a jovem Psiquê.

No entanto, na continuação do diálogo entre as personagens, a deusa rebate a sugestão do filho dizendo “**Não, para o Brasil, não, porque a desgraça de lá está com os dias contados!**”, reforçando o contexto pré-eleitoral vivenciado por todos. Ao utilizar a expressão “a desgraça com os dias contados”, esperava que o público compreendesse o elemento “desgraça” como referência a Bolsonaro e “dias contados” com sua saída da presidência da República.

Ao contrastar todas as cenas, percebemos que, até 2018, a personagem Eros sugere punições severas, que chegavam até desrespeitar os direitos humanos, relacionadas ao contexto histórico e cultural, envolvendo crenças e entretenimento em massa. A tensão da cena sempre foi interrompida com a bronca da personagem Afrodite, ameaçando-lhe cortar a mesada, caso o filho não obedecesse às suas ordens.

A partir de 2019, o modo de estabelecer as relações referenciais foi alterado. O castigo sugerido por Eros, na cena analisada, passou a fazer referência a personalidades e situações do contexto político da encenação, com intuito de ridicularizá-las e/ou criticá-las. Já a repreensão de Afrodite a Eros agregou elementos referenciais comuns ao público, que facilitaram a identificação desse com a personagem, com o objetivo de provocar o humor.

Assim, quando encenada para alunos da Universidade, a deusa ameaça “**cortar a bolsa CAPES**”; e, durante a pandemia, na apresentação realizada na plataforma virtual Youtube, coloca em risco o sinal da *internet*.

Da mesma forma como ocorreu no roteiro dessa cena entre Eros e Afrodite, outras passagens da peça *Psiquê e Eros* sofreram alterações, ao longo dos anos, de modo adequar-se ao contexto de apresentação, mantendo o texto sempre atualizado ao seu tempo e ao seu público. Como o momento do encontro entre Psiquê e suas irmãs após sua união com Eros.

Em *O asno de ouro*, obra de Apuleio utilizada pelo grupo Paideia como texto-fonte da peça *Psiquê e Eros*, não existe o diálogo que analisaremos a seguir. Ele surgiu a partir da necessidade apontada pela prática hipertextual do grupo de transformar uma narrativa contida em um romance para um roteiro de teatro.

Assim, antes de nos aprofundarmos nas análises da materialidade semiótica das práticas hipertextuais da cena pelo grupo, cabe-nos apresentar o percurso desse processo. A começar pelo fragmento referente a passagem adaptada contido no hipotexto consultado pelo grupo, o texto traduzido, direto do latim para o português, por Ruth Guimarães (2020):

Saciadas com essa profusão de riquezas verdadeiramente celestiais, começaram elas, no fundo do coração, a nutrir pensamentos de inveja. Uma delas começou a fazer, com insistência, perguntas mais precisas: quem era o dono dessas divinas maravilhas, e que era o seu marido? Não infringiu Psiquê, absolutamente, as prescrições conjugais, nem as deixou escapar do segredo do seu coração. Inventou no momento que era **um belo moço, do qual uma penugem de barba sombreava há pouco tempo as faces. Ocupava-se frequentemente em caçar nos campos e montanhas.** (*O asno de ouro*, V, 8, grifos nossos)

Na tradução de Sandra Braga Bianchet (2020), utilizada pelo grupo, nas práticas hipertextuais mais recentes, encontramos a seguinte versão para o mesmo fragmento:

Evidentemente, as irmãs, saciadas com o fluxo abundante de riquezas celestiais, passaram a alimentar a inveja que se instalara bem no fundo de seus corações. Resumindo: uma delas não parou de indagar, com excessiva curiosidade e nos mínimos detalhes, quem era o dono daquelas riquezas de outro mundo, quem era e como era o marido de Psiquê. Ela, no entanto, de maneira alguma violou as juras feitas ao esposo, ou deixou escapar segredos de seu peito, mas acabou por inventar ali na hora, de improviso, que seu marido **era um jovem qualquer, muito bonito, que tinha no rosto uma sombra de barba, agradável e macia, e que vivia ocupado, quase o tempo todo, em caçadas pelos campos e montanhas.** (*Metamorfozes*, livro V, 8, grifos nossos)

Na passagem em questão, no hipotexto, em ambas as traduções, Psiquê é questionada por suas invejosas irmãs sobre o marido, dono “**de riquezas [verdadeiramente] celestiais**”. Sem poder revelar o nome de Eros, conforme o prometera, inventa uma série de características para descrevê-lo: como traduzido por Guimarães (2010), “**um belo moço... [que]**

ocupava-se frequentemente em caçar nos campos e montanhas”; ou, como traduzido por Bianchet (2020), “**um jovem qualquer muito bonito... [que] vivia ocupado, quase todo o tempo, em caçadas pelo campo e montanhas**”.

Já o grupo Paideia, na transformação do hipotexto, deixou de lado o teor narrativo e construiu o diálogo do primeiro hipertexto, em 2003, com técnicas de transformação temática por **transmodalização** e equitativa de **ampliação por extensão**, conforme demonstrado em seção anterior. Nessa cena adaptada pelo grupo, o diálogo é bem mais extenso. Para atender aos objetivos que propomos em nossa análise contextual, transcrevo aqui apenas o fragmento que contém o trecho que sofreu alterações ao longo do tempo.

Irmã 1 – e aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – ele é um gato?

Psiquê – **Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim e o cara lá de cima gosta que só dele.** (*Psiquê e Eros*, 2003, grifos nossos)

Na expectativa de encenar a peça em ambientes educacionais e espaços culturais, para um público predominantemente infantil, o grupo cria o discurso da personagem Psiquê, no hipertexto, inserindo características que descrevem o “belo moço” (*O asno de ouro*, V, 8), como “maravilhoso”, “culto”, “educado”, “bilíngue, fala grego e latim”, que “sabe só tudo de cultura clássica”. Já a sua ocupação em “caçar nos campos e montanhas” (*O asno de ouro*, V, 8) é descrita com o comentário da jovem que ele “é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo”.

Essa descrição é mantida em todas as práticas hipertextuais da peça *Psiquê e Eros* produzidas pelo grupo. No entanto, a partir da informação obtida sobre o contexto da apresentação, no que diz respeito ao local e ao público para o qual a peça será apresentada, uma nova informação sobre o marido de Psiquê é inserida em caráter lúdico, com a finalidade de puro entretenimento.

Assim, em 2003, para demonstrar o quanto o marido de Psiquê era importante e, conseqüentemente, provocar o riso da plateia, o grupo constrói o discurso da personagem por meio da sentença “**o cara lá de cima gosta que só dele**” (*Psiquê e Eros*, 2003). Com ela, fazia um apelo à memória de todos que estavam na plateia para a partir da **citação** de “**o cara lá de cima**” recontextualizando o modo como a apresentadora infantil Xuxa Meneghel referia-se ao Criador, especialmente registrada, na música *Lua de cristal*²⁹. Oficialmente lançada, em julho

²⁹ ECAD: 30875. Compositores: Michael Sullivan, Miguel [Mihail Plopschi] e Paulo Massadas. Gravadoras: Som Livre / SIGLA – Sistema Globo de Gravações Audiovisuais [Sony Music Entertainment Brasil ind. Com]. Editor: Sony Music Publishing Disponível em: <https://www.ubc.org.br/consulta> Acesso: 15 out. 2023.

de 1990, é considerada um dos grandes sucessos da cantora por ter servido de canção-tema para o seu filme de maior bilheteria, o mais visto, em 1990, no cinema nacional³⁰.

Apesar da distância de tempo que separa o lançamento da música e a utilização, em 2003, do elemento contido nela, extraído do fragmento “tudo que eu quiser **o cara lá de cima** vai me dar” (*Lua de Cristal*, 1990, grifos nossos), seu uso aplicado na peça demonstrou-se ser de fácil retomada referencial para os pais e pessoas que acompanhavam, durante as apresentações, as crianças. Essas, por sua vez, dependiam do acesso à memória de entretenimentos artísticos-culturais, como os programas³¹ de auditório apresentados pela cantora, contemporâneos à encenação, para o seu reconhecimento, tais como, Xuxa no mundo da imaginação (2002 a 2004), TV Xuxa (2005 a 2007) e Conexão Xuxa (2007 a 2008).

A partir dessa adaptação outras versões surgiram e, dependendo do público e local de apresentação, novos elementos foram servindo de características e de atribuições para o deus do amor, como observamos no quadro comparativo a seguir:

Quadro 7 – Cenas em contexto 2 – Psiquê e Irmãs

(continua)

FRAGMENTO / VARIAÇÕES	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
Irmã 1 – e aí, Psiquê? Fala um pouco do marido... Irmã 2 – ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim e o homem lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2006, grifos nossos)	2006	IV Festival de Teatro de Fortaleza Público: Adultos, Jovens e Crianças.
Irmã 1 – e aí, Psiquê? Fala um pouco do marido... Irmã 2 – ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim. Não sai de casa sem antes ler o jornal todinho e o homem lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2013, grifos nossos)	26/06/2013	Apresentação no Jornal O Povo Público: Adultos, Jovens e Crianças.
Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do marido... Irmã 2 – Ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ele ainda é um alto conhecedor de uns feitiçozinhos e deusa gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2014, grifos nossos)	10/12/2014	Participação do 2º Encenp – Encontro Cearense de Neopaganismo Público: Adultos

³⁰ BARGAS, Diego. Lua de Cristal 30 anos: Xuxa, Mallandro e Duda Little, entre outros, relembram as histórias dos bastidores. Home Office, 23 jun. 2020. <https://revistaquem.globo.com/Series-e-filmes/noticia/2020/06/lua-de-cristal-30-anos-xuxa-mallandro-e-duda-little-entre-outros-relembra-historias-dos-bastidores.html> Acesso em: 15 out. 23.

³¹ XUXA MENEGUEL. In: Memória Globo. [S/l] 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/xuxa-meneghel/noticia/xuxa-meneghel.ghtml> Acesso em: 19 out. 23.

Quadro 7– Cenas em contexto 2 – Psiquê e Irmãs

(conclusão)

FRAGMENTO / VARIAÇÕES	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão... Irmã 2 – Ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é psicólogo... e o cara lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2016, grifos nossos)	16/10/2016	Apresentação no Curso de Psicologia da Faculdade Farias Brito Público: Adultos
Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão... Irmã 2 – Ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é psicólogo... e o cara lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2018, grifos nossos)	13/07/2018	Apresentação no Curso de Contos de Fadas, Instituto Dédalus Público: Adultos
Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão... Irmã 2 – Ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é pesquisador do CNPq, monamú... e o cara lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2019, grifos nossos)	03/06/2019	Apresentação no Encontro de Estudos Clássicos da UFC Público: Adultos
Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão... Irmã 2 – Ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é digital influencer, monamú... e o cara lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2020, grifos nossos)	02/10/2020	Apresentação <i>On-line</i> Público: Diverso
Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão... Irmã 2 – Ele é um gato? Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é pesquisador do CNPq, monamú... e o cara lá de cima gosta que só dele. (<i>Psiquê e Eros</i> , 2022, grifos nossos)	23/07/2022	Apresentação em comemoração aos 20 anos do grupo Paideia Público: Alunos do curso de extensão de Mitologia Greco-Romana e amigos do grupo Paideia.

Fonte: Elaboração própria

Das oito adaptações da peça *Psiquê e Eros*, em análise, produzidas após 2003, cinco mantiveram a **citação** da música *Lua de cristal* (1990), “**o cara lá de cima**”, tal qual nela encontramos. Nas três exceções, o termo “**cara**” foi manipulado pelo grupo com intuito de se adequar formal ou ideologicamente com o público. Com esse direcionamento, fez uso dos elementos cotextuais “**homem**” e “**Deusa**” para substituí-lo.

Para atribuir um tom menos informal ao discurso contido na fala da personagem Psiquê, nas apresentações realizadas no *IV Festival de Teatro de Bonecos* (2006) e no *Jornal O Povo* (2013), o grupo decidiu adotar a palavra “**homem**”. Tal substituição visava a exclusão temporária do termo “**cara**” em referência a Deus, de modo a evitar possíveis incômodos à

plateia. Já a palavra “**Deusa**” foi utilizada em cena, durante a apresentação em um encontro de Neopaganismo (2014), com o objetivo explícito de referir-se ao modo como o público compreendia a figura divina. Em todos os casos, apesar da alteração, ainda é possível resgatar a citação da música, o que caracteriza o uso do *détournement* por substituição de palavras.

Além das substituições apontadas, ocorreram na cena, em algumas versões da peça *Psiquê e Eros*, inserções de novas características que atribuíram a Eros semelhanças ao público. Dessa forma, diante das informações contextuais da apresentação, o grupo Paideia apresentou a personagem como “**conhecedor de uns feitiçozinhos**” (*Psiquê e Eros*, 2013), para um público adepto da *Wicca*; como “**psicólogo**” (*Psiquê e Eros*, 2016/2018), para terapeutas e psicólogos; como “**pesquisador do CNPq**” (*Psiquê e Eros*, 2019/2022), para acadêmicos e pós-graduandos da UFC e como “**digital influencer**” (*Psiquê e Eros*, 2020), em uma apresentação em plataforma virtual. Em cada uma das situações, ao inserir, no discurso de Psiquê que descreve seu amado, os elementos cotextuais que remetem a características que muitos que estavam na plateia possuíam, o grupo Paideia espera que público, de forma lúdica, perceba as referências, identifique-se com elas, construindo assim os sentidos de humor.

As principais alterações presentes nas diferentes versões da peça *Psiquê e Eros* ocorrem justamente com esse objetivo: estabelecer uma relação de sentido que provoque o humor. Por conta disso, as práticas hipertextuais do grupo não estão restritas à mudança de modo, como o hipotexto será transformado do romance para a peça teatral, mas há ainda um esmero de como isso ocorrerá. Na construção de suas práticas, são mobilizadas nos textos pistas intertextuais de referências e alusões para estabelecer junto à plateia, no ato de sua encenação, apelo à memória e identificação dos referentes não ditos.

Como analisamos na seção anterior, os diálogos da peça demarcam a técnica **transmodalização** utilizada, considerando que a dinâmica do teatro pede um texto dialogal. É a partir deles, que são aplicadas técnicas de **extensão** e **transestetização** para delimitar, através da linguagem, o contexto da época da encenação.

Já mostramos que essas técnicas estão presentes em várias cenas da peça, em especial a que ocorre no Oráculo. Diferentemente do hipotexto, na prática hipertextual do grupo Paideia, a criação e encenação da consulta oracular mobilizou três personagens: o Oráculo, no hipertexto, personificado; a mãe que, no texto-fonte ficava em casa; e o rei, idealizador da consulta. Foram as adequações realizadas na trama do hipotexto que permitiram, no hipertexto do grupo, a inserção de elementos que, na fala das personagens, instigam à reflexão, à denúncia, à crítica, ora de forma lúdica, ora de forma satírica, sempre na busca do humor.

O fragmento de *O asno de ouro*, que serviu de inspiração para a prática hipertextual do grupo, é traduzido por Ruth Guimarães, obra basilar nos estudos de adaptação/tradução do Paideia, da seguinte forma:

Afinal, o triste pai da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o antigo oráculo do deus de Mileto. Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido. Apolo, apesar de grego e jônio, em consideração pelo autor da nossa milesiana, entregou este oráculo em latim: [Sobre o rochedo escarpado, /suntuosamente enfeitada, /expõe, rei, a tua filha/ para núpcias de morte. /Então, ó rei, não esperes /para teu genro, criaturas /originadas de mortal estirpe, / mas um monstro cruel e viperino, /que voa pelos ares. / Feroz e mau, não poupa ninguém, / Leva por toda parte o fogo e o ferro, / e faz tremer a Júpiter, / e é o terror de todos os deuses, / e apavora até as águas do inferno, / e inspira terror às trevas do Estige.] O rei, feliz anteriormente, depois que recebeu o santo vaticínio voltou para casa queixoso, com a alma triste e explicou à mulher o que havia prescrito o infausto oráculo. [...] (O asno de ouro, IV, 33)

No texto-fonte relacionado à cena criada pelo grupo, encontramos as suspeitas do pai sobre uma possível maldição, o apelo ao Oráculo, e, após oferendas de preces e sacrifícios, a revelação.

Já na adaptação do texto para a peça de teatro de bonecos *Psiquê e Eros*, que envolveu técnica de transformação equitativa de **excisão**, já demonstrada no tópico anterior, as personagens, além do drama, implicam com a plateia, utilizando recursos intertextuais e referenciais para provocar o riso. Desde sua primeira versão, em 2003, como demonstrado a seguir:

Rainha – **Puxa vida, meu marido, que fila enoorme!!!**
 Rei – **É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?**
 Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!
 [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?
 Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! **Que entrem os pais de Páris!!!** (*Psiquê e Eros*, 2003)

Quando encenada, as personagens do rei e da rainha entram em cena interagindo com a plateia, perguntando se todos que lá estão são para casar as filhas. O diálogo dos dois é interrompido com a convocatória do Oráculo. Após a pergunta, e todas as recomendações, o Oráculo expulsa os pais de Psiquê, convocando o próximo da fila para revelação.

A peça escrita, em 2003, serviu como texto-base para outras versões que foram produzidas posteriormente pelo grupo. Até 2013, o texto manteve-se sem alterações relevantes, no entanto, no ano seguinte, o grupo sentiu a necessidade de estabelecer relações de sentido entre o texto apresentado e o contexto de apresentação.

Nessa cena, em especial, observando as transformações ocorridas nos textos e a natureza das intertextualidades utilizadas, verificamos que, com o passar do tempo, o grupo foi reduzindo o uso das intertextualidades estritas (Carvalho, 2018), em regime lúdico, e substituindo-as por intertextualidades amplas (Carvalho, 2018), em regime satírico, como observamos no quadro comparativo a seguir:

Quadro 8 – Cenas em contexto 3 – Oráculo

(continua)

FRAGMENTO / VARIAÇÕES	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enoorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! Que entrem os pais de Páris!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2006, grifos nossos)</p>	2006	IV Festival de Teatro de Fortaleza Público: Adultos, Jovens e Crianças.
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enoorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! Que entrem os pais de Páris!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2013, grifos nossos)</p>	26/06/2013	Apresentação no Jornal O Povo Público: Adultos, Jovens e Crianças.
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enoorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! Que entrem os pais de Artur Pendragon!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2014, grifos nossos)</p>	10/12/2014	Participação do 2º Encenp – Encontro Cearense de Neopaganismo Público: Adultos
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enoorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! Que entrem os pais de Marcos Feliciano!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2016, grifos nossos)</p>	16/10/2016	Apresentação no Curso de Psicologia da Faculdade Farias Brito Público: Adultos
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enoorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! Que entrem agora os técnicos das seleções da Croácia e da França!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2018, grifos nossos)</p>	13/07/2018	Apresentação no Curso de Contos de Fadas, Instituto Dédalus Público: Adultos

Quadro 8 – Cenas em contexto 3 – Oráculo

(conclusão)

FRAGMENTO / VARIAÇÕES	DATA	CONTEXTO DA APRESENTAÇÃO
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra se aposentar... ops, pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psi, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! Que entrem agora Olavo de Carvalho, o astrólogo da terra plana!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2019, grifos nossos)</p>	03/06/2019	Apresentação no Encontro de Estudos Clássicos da UFC Público: Adultos
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!! Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra se aposentar... ops, pra casar as filhas? Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psi, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Agora revelarei o porquê dos 89 mil na conta... (<i>Psiquê e Eros</i>, 2020, grifos nossos)</p>	02/10/2020	Apresentação <i>On-line</i> Público: Diverso
<p>Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!! Rei – É, mulher!!! Será que essa gente tá pensando que aqui é posto pra tomar a quarta dose... é não, meu povo, aqui é pra falar com o Oráculo. Vão tomar no Centro de Eventos! [...] Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psi, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é? Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! Que entre agora o futuro Presidente do Brasil!!! (<i>Psiquê e Eros</i>, 2022, grifos nossos)</p>	23/07/2022	Apresentação em comemoração aos 20 anos do grupo Paideia Público: Alunos do curso de extensão de Mitologia Greco-Romana e amigos do grupo Paideia.

Fonte: Elaboração própria

Na prática hipertextual do grupo, de 2006 e 2013, a personagem Oráculo convoca para atendimento “os pais de Páris” (*Psiquê e Eros*, 2006/2013), em referência à história de Páris, na qual também envolve uma revelação³² sobre o destino da criança, no momento de seu nascimento. Ao inseri-la, o grupo Paideia esperava, pelo menos duas situações: que alguém da plateia detivesse o conhecimento da história pertencente à cultura antiga greco-romana sobre a guerra de Troia ou que já tivesse assistido à apresentação da peça “*A escolha de Páris*”, também adaptada pelo grupo. Uma vez havendo o reconhecimento do mito, estaria estabelecido o sentido de humor, ao ter a personagem do Oráculo, em cena, convocando Príamo e Hécuba para consulta.

³² No mito, de acordo com Harvey (1998, p. 103), é Cassandra que profecia aos pais, Príamo e Hécuba, no nascimento de Páris (Alexandre) que ele causaria a destruição de Tróia, por conta disso, a criança é enjeitada e criada por pastores no Monte Ida.

Em 2014, no Encontro Cearense de Neopaganismo, a referência à personagem troiana foi substituída pela figura lendária do imaginário celta pertencente ao ciclo arturiano³³. Forjado em uma época, na qual a Igreja Católica empenhava-se em consolidar sua influência e universalidade, é através das narrativas produzidas nesse período que a cultura popular ocidental redescobriu parte de suas raízes celtas e pagãs. Por acreditar que o público do evento, cujo tema era o Neopaganismo, detinha o conhecimento sobre a história de Artur Pendragon, o Rei Artur, concebido graças aos feitiços do mago Merlim, o grupo decide inserir na convocação do Oráculo, **“Que entrem os pais de Artur Pendragon”** (*Psiquê e Eros*, 2014).

Até 2014, percebemos nas práticas hipertextuais do grupo Paideia a preocupação em manter o regime lúdico nos textos. As intertextualidades construídas, a partir das inserções de duas figuras importantes do imaginário histórico-cultural, permitem a aproximação da peça *Psiquê e Eros* não com textos específicos, mas com qualquer obra hipertextual ou hiperestética, que tenham no cerne de sua trama a história de Páris, o príncipe troiano ou do Rei Arthur, o grande líder da Grã-Bretanha Medieval. O conhecimento de qualquer uma dessas manifestações literárias, artísticas, cinematográficas, entre outras, permite a identificação das personagens citadas e, conseqüentemente, provocam o riso, considerando que todas as referências intertextuais da cena são pensadas como fonte de entretenimento.

Nos textos readaptados para apresentação em 2016 e 2019, o fragmento em análise foi substituído pelas personalidades ligadas direta ou indiretamente à política brasileira, no caso, Marcos Feliciano e Olavo de Carvalho, respectivamente, com intenções satíricas depreciativas. A convocação dessas figuras, conhecidas por suas polêmicas e posicionamento de extrema direita, na cena na qual a personagem Oráculo dá aconselhamentos, com sermões, e faz revelações sobre o futuro, é colocada no texto teatral do grupo como pistas intertextuais para ridicularizá-las.

No cenário político, desde 2010³⁴, o pastor Marco Feliciano esteve envolvido em diversas polêmicas diretamente relacionadas a muitas de suas declarações de cunho conservador, como as proferidas, em junho de 2016, na reunião da Comissão dos Direitos

³³ Conhecido também como ciclo bretão, refere-se às narrativas cavaleirescas, do século XII, que trazem a figura do Rei Artur e seus cavaleiros como personagens centrais. De acordo com Carneiro (2006, p. 99), tais narrativas “apresentam componentes mágicos e exóticos, seres do mundo imaginários, porém em atuação na realidade material”. O espírito de aventura, os elementos mitológicos e pagãos, como fadas, feitiçeras, feras, anões, gigantes e florestas encantadas, comumente encontrados nas histórias desse ciclo, influenciaram diretamente as narrativas medievais e persistem até os dias atuais.

³⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. **Mais votado na região, Marco Feliciano “sonha” ser senador**. Ribeirão. Ribeirão Preto, 24 out. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2410201008.htm> Acesso em: 22 out. 2023.

Humanos da Câmara, acerca dos casos de estupros no Brasil. No mesmo ano, dois meses depois, foi acusado de tentativa de estupro e agressão. Com o nome do deputado federal constantemente na mídia, o grupo Paideia resolve fazer **alusão** a suas polêmicas, convocando para conversa com o Oráculo “**os pais de Marcos Feliciano!!!**” (*Psiquê e Eros*, 2016).

Na peça, a cena não é ampliada, as personagens convocadas não entram em cena e não é estabelecido nenhum diálogo. A plateia recebe como indícios cotextuais apenas o anúncio do Oráculo com as referências “pais” e “Marco Feliciano”. Ao inserir tais elementos, o grupo espera que o público, composto por adultos, acadêmicos de psicologia, consiga construir o sentido sarcástico que teria esse atendimento com a personagem divinatória. Nesse mesmo direcionamento temos, em 2019, a referência “Olavo de Carvalho”, no entanto, esse elemento ainda foi acompanhado por “astrólogo da terra plana”, com fins intimamente ligados à zombaria e escárnio.

Em 2018, na véspera da final da Copa do Mundo FIFA³⁵, a personagem Oráculo convoca “**os técnicos das seleções da Croácia e da França!!!**” (*Psiquê e Eros*, 2018). Ao incluir esse referencial, em caráter lúdico, o grupo Paideia esperava que a plateia, em sua maioria composta por alunos da especialização em Contos de Fadas, retomasse o conhecimento de que se tratava dos técnicos das duas seleções que estariam no último jogo do campeonato. Uma vez aludida essa informação, o sentido de humor seria construído a partir da ideia de que o assunto tratado na consulta oracular seria atinente a quem ganharia a Copa do Mundo de 2018.

Já em 2020, após a saída dos pais de Psiquê, o Oráculo comunica à plateia que revelará “**o porquê dos 89 mil na conta...**” (*Psiquê e Eros*, 2020). Com essa inserção o grupo fazia um apelo à memória do público, que assistia à peça pela plataforma virtual Youtube, para a retomada de um dos assuntos mais comentados³⁶, no período, nos noticiários de televisão e perfis das redes sociais sobre política no Brasil: os R\$ 89 mil que foram depositados na conta de Michele Bolsonaro. Estabelecida a conexão referencial, a partir do elemento cotextual “89 mil”, o grupo atribui um tom crítico à fala da personagem e construiu o sentido de humor ao criar a expectativa da revelação.

Esse mesmo sentido é esperado pelo grupo no hipertexto escrito em 2022, quando a personagem convoca o “**futuro presidente do Brasil**” (*Psiquê e Eros*, 2022). Ao fazer uso desse referente no discurso da personagem Oráculo, o grupo espera que a plateia, composta em

³⁵ Federação Internacional de Futebol (FIFA).

³⁶ METRÓPOLES. **Placa em frente ao Planalto questiona Bolsonaro sobre o depósito de R\$ 89 mil.** Política. Fernando Caixeta. [S/l], 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/placa-em-frente-ao-planalto-questiona-bolsonaro-sobre-deposito-de-r-89-mil> Acesso em: 22 out. 2023.

sua maioria por alunos e ex-alunos do Curso de Mitologia e membros integrantes da comunidade das redes sociais Amigos do Grupo Paideia, retome o contexto sócio-histórico, demarcado pelos três meses que antecederam o primeiro turno da eleição presidencial de 2018, vivenciado por todos, na ocasião da apresentação.

Todas essas intervenções contextuais de cunho político, embora tenham intenções cômicas, fazem com que o texto adaptado atravesse a fronteira do lúdico/satírico chegando à intenção de ridicularizar, criticar e ser sarcástico com a situação ou personalidade referenciadas.

4.3 Pistas por entre o texto

O Grupo Paideia, desde a sua primeira prática hipertextual, na transformação da obra *O asno de ouro* para a peça *Psiquê e Eros*, vem incorporando, nos hipertextos produzidos, elementos intertextuais, de natureza ampla ou estrita, de modo a estabelecer diálogo entre textos para a construção de sentido, previamente estabelecido pelo grupo. Tal prática envolve uma reescrita com a linguagem coloquial adotada no Ceará, pistas referenciais, que são deixadas pelo grupo e transportam o texto de Apuleio para o cenário contemporâneo, ao mesmo tempo que o tom lúdico e sarcástico produz efeitos humorísticos e críticos.

Nessa seção, apresentamos algumas pistas, deixadas pelo Grupo Paideia para o público, por entre o texto da peça *Psiquê e Eros*. Trata-se de elementos referenciais e intertextuais que foram utilizados para atribuir o tom parodístico e de bricolagem aos hipertextos, durante cada ato de encenação da história.

Novelas, filmes, músicas, assuntos mais comentados nas redes sociais e nos noticiários televisivos, tudo poderia e pode ser utilizado como elementos alusivos no estabelecimento do diálogo entre o texto de Apuleio adaptado com diversos outros textos, e, através deles, facilitar a contação da história. Essa, embora exista aproximação nítida do texto fonte, distancia-se, em alguns momentos, com fins cômicos e/ou satíricos, atribuindo à adaptação do grupo traços da paródia. Tal situação é observada em diversas cenas da peça *Psiquê e Eros*.

Reservamos aqui uma série de seis fragmentos do texto, nos quais encontramos a ocorrência dos dois tipos de intertextualidades descritas por Carvalho (2018), as intertextualidades estritas e amplas. Todas foram utilizadas de forma consciente pelo grupo, de modo a (re)construir sentidos. É fato que nem todos que assistem a uma apresentação da peça conseguem resgatar junto à memória os conhecimentos evocados, e isso não impossibilita a compreensão da narrativa, no entanto, os que, através dos elementos cotextuais dispostos,

recuperam os indícios intertextuais, embarcam nas diversas funções textuais-discursivas propostas com a cena.

Damos continuidade a nossa análise, apresentando a cena que retrata a chegada de Psiquê ao palácio de Eros e a recepção feita pelas vozes que se apresentam prontas para servi-la. No hipotexto, que serviu como base para a prática hipertextual de transformação, de acordo com a tradução de Ruth Guimarães (2020), encontramos:

Psiquê olhou para tudo, com volúpia, eis senão quando vem até ela uma voz destituída de corpo: 'Por que, senhora, tanto espanto à vista deste esplendor? Tudo isto te pertence. Entra no quarto, deita-te no leito, repousa os membros fatigados, e, quando quiseres, pede um banho. Nós, estas de quem ouves a voz, somos tuas escravas, executaremos apressadamente as tuas ordens, e, acabado o cuidado com a tua pessoa, um festim real te será destinado, e não se fará esperar.' (*O asno de ouro*, V, 3)

Uma das marcas que caracterizam a técnica de transformação temática por *transestetização*, nas práticas hipertextuais do grupo, como vimos nas seções anteriores, é a inserção de elementos intertextuais contemporâneos ao ato de encenação. Ao transformar a passagem supracitada, o grupo deixa, pelo menos, três pistas intertextuais estritas que estabelecem diálogo, por alusão, entre o texto adaptado e cenas de filmes, personagens de novela e seriados de *streaming*. Vejamos:

Quadro 9 – Pistas intertextuais 1 – As vozes do castelo

NARRADOR: [...] um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhinhos da mortal.

TEC: 09 PALACIO (BG CEN: CASTELO DO MONSTRO – STRANGER THINGS

Psiquê – Oiiiiii!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aí????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narradora?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – Eu ouço vozes?

Narrador – Com que frequência?

Psiquê – O tempo todoooo!

Vozes – [Gritando] PSIQUE!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! **É o Vecna, é o Vecna! Traz meu walkman!**

Voz 1 – Não temas amiga (bate palmas), nós somos as vozes do castelo e estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Ai vai, e essa voz bate palma??? Servir a mim? Mas onde estou? Será que eu morriiiii?

Voz 1 – Calminha queridinha!

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – Mas como eu vou olhar? Se tu é voz! **Já basta na novela que a Dona Muda falou!!**

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer... agora melhorou?

Psiquê – Agora é outros 500!!!

Voz 2 – Esta é a sua nova morada. Lembre-se, Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada... Mas como tal, deve comportar-se.... Seu marido virá visitá-la todas as noites... mas você nunca poderá ver seu rosto... Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? **Alôôôô além, alô além?! Câmbio! Câmbio! Tá sem conexão? Wiiiiiiii?**

(*Psiquê e Eros*, 2022, grifos nossos)

Legenda: Grifos, em amarelo, marcam as ocorrências intertextuais em análise.

Fonte: Elaboração própria

No texto adaptado pelo grupo Paideia, a partir da versão escrita em 2013, ao chegar ao castelo, Psiquê ouve seu nome ser chamado duas vezes e, desesperada, inicia o diálogo com a narradora, que remete a uma das principais cenas do filme *Sexto Sentido*³⁷ (1999), “hã??? Quem??? Narradora? / Eu ouço vozes/ Com que frequência/ O tempo todo” (*Psiquê e Eros*, 2022).

Escrito e dirigido pelo cineasta indiano Manoj Nelliattu Shyamalan, o filme traz, em sua trama, a história de um psicólogo infantil que resolve acompanhar o caso de um garoto de 8 anos com dificuldades de socialização. Apesar de sua estreia ter ocorrido no final dos anos 90, elementos de sua narrativa ainda ressoam nos dias de hoje, ou, pelo menos, é o que verificamos com o efeito gerado a partir do diálogo travado entre os protagonistas, “Eu vejo gente morta/ Com que frequência/ O tempo todo” (*Sexto Sentido*, 1999).

Os elementos presentes na peça contribuem para a identificação das relações intertextuais que tem como *parâmetro funcional a subversão* em regime lúdico. Em cena, temos, além sequência sintática semelhante à do filme, registrada nos discursos das personagens, observamos a sugestão do tom amedrontado empregado por Psiquê e as vozes inanimadas que clamam pela jovem.

A subversão da cena criada pelo grupo Paideia é marcada pelo uso *détournement* (Koch, Bentes e Cavalcante, 2012). Se, em o *Sexto Sentido*, o diálogo envolve um tom de suspense, em *Psiquê e Eros*, a substituição de “eu vejo gente morta” (*Sexto Sentido*, 1999) por “eu ouço vozes” (*Psiquê e Eros*, 2022) ganha uma nuance lúdica. A intenção do grupo não é ridicularizar o filme referenciado e nem deixar em segundo plano o drama de Psiquê, mas sim, através do apelo à memória do público, proporcionar efeitos humorísticos à narrativa que está sendo contada.

A partir da versão de 2020, com o sucesso das três primeiras temporadas de *Stranger Things*³⁸ e sua renovação confirmada pela plataforma de *streaming* Netflix, o grupo incluiu referências da série, materializadas semioticamente pela trilha sonora escolhida para a entrada de Psiquê no palácio, que é mesma da abertura dos episódios, e, cotextualmente, pela tentativa de comunicação da personagem da peça com Will, personagem do seriado: “Alôôô além, alô além?! Câmbio! Câmbio! [...] Wiiiiilll?” (*Psiquê e Eros*, 2020/2022).

³⁷ *Sexto Sentido*. Direção: M Night Shymalan. Produção: Kathleen Kennedy e Frank Marshall. Walt Disney Pictures, 1999. (107 min)

³⁸ *Stranger Things*. Direção: Matt Duffer e Rodd Duffer. Produção: Matt Duffer e Rodd Duffer, Shawn Levy e Dan Cohen. Netflix, 2016 – 2022, 34 episódios.

A série da Netflix conta a história de Will, um garoto desaparecido que se encontra preso em um lugar denominado Mundo Invertido, um universo paralelo, uma espécie de espelho que reflete o lado sombrio de tudo. Embora recluso, a partir do segundo episódio da primeira temporada, encontra uma maneira de se comunicar com a mãe por meio de interferências elétricas e sonoras.

Quando o grupo Paideia, em 2020, insere no discurso de Psiquê a tentativa de se conectar com a personagem, espera que o público retome essas informações com fins de entretenimento. Já na versão de 2022, com o lançamento da quarta temporada e, com ela, o surgimento de um novo vilão, a referência é ampliada com a inserção da fala “É o Vecna, é o Vecna! Traz meu walkman!” (*Psiquê e Eros*, 2022).

Ambas as referências contribuem para a menção indireta da série *Stranger Things*, caracterizando a **alusão estrita** (Carvalho, 2018). Nesses casos, para que a expectativa do grupo seja alcançada, quanto à construção de sentido esperado, é necessária a percepção dos elementos cotextuais alocados no texto. Com a inserção do referente “Vecna”, em meio ao desespero da personagem Psiquê por estar ouvindo vozes sem uma explicação prévia, o grupo Paideia esperava que o público aludisse ao ser sombrio, que se alimenta das dores de suas vítimas, torturando-as com memórias tristes. Entrementes, ao solicitar que alguém levasse a ela um *walkman*, a personagem torna a referência mais concreta para aqueles que detém o conhecimento de que, na série, as recordações proporcionadas por uma música favorita salvariam da maldição do vilão.

Essa mesma relação de copresença verificamos na remissão indireta à personagem da novela *Pantanal*³⁹ (2022) Muda, quando o grupo insere no discurso de Psiquê a indagação: “Mas como eu vou olhar? Se tu é voz! Já basta na novela que a Dona Muda falou!! (*Psiquê e Eros*, 2022). Na cena, o grupo aproveita o duplo sentido do termo “olhe”, que possui no texto a mesma carga semântica de “preste atenção”, para introduzir o elemento referencial “Dona muda falou”, em regime lúdico.

Embora esteja explícito o elemento cotextual “novela”, a retomada, de fato, da referência esperada pelo grupo só será possível caso o interlocutor reconheça que o termo “Dona Muda” se refere a uma das personagens de *Pantanal*. E, mais ainda, recorrendo ao conhecimento acerca da telenovela, reconstrua a informação de que, a personagem chamada Muda, depois de um certo tempo da trama global, começou a falar.

³⁹ LUPERI, Bruno. **Pantanal**. Direção: Rogério Gomes e Gustavo Fernandez. TV Globo. Período de exibição: 28 mar. a 07 out. 2022, Horário: 21h, nº de capítulos: 167. Baseado em: BARBOSA, Benedito Ruy. *Pantanal*. 1990.

Durante todo o período de exibição, a refilmagem da novela *Pantanal* manteve-se entre os assuntos mais comentados nas redes sociais e, conseqüentemente, gerou *memes* e *posts* de compartilhamento em massa. Nesse ínterim, o grupo acreditou que, deixando pistas referenciais sobre as personagens, modo de falar e cenas da novela, direcionaria o público aos sentidos textuais-discursivos pretendidos, nesse caso, em especial, o humor. Esse direcionamento, também observamos na cena seguinte:

Quadro 10 – Pistas intertextuais 2 – Vida a dois de Psiquê e Eros

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. **Conversavam... dançavam, assistiam ao remake do Pantanal...**

Psiquê – **Eros, cê tá andando armado?**

Eros – Ôxe, eu sou contra o porte de arma! **Isso aí é a fivela do meu cinto!**

Psiquê – **Fivela de respeito!**

NARRADOR: ...mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

(*Psiquê e Eros*, 2022)

Legenda: Grifos, **em amarelo**, marcam as ocorrências intertextuais em análise.

Fonte: Elaboração própria

Ainda na versão do texto de 2022 e explorando o sucesso do *remake* de *Pantanal*, o grupo Paideia inseriu, na cena que retrata a vida de casada da personagem Psiquê, a reprodução de um diálogo⁴⁰, da novela, que teve muita repercussão, por envolver as personagens Maria Bruaca e Alcides. Desse diálogo, composto por três falas, uma foi registrada literalmente na peça, e, nas demais, podemos observar aproximações temáticas que visam à retomada do referencial e (re)construção de sentidos.

Trata-se do momento no qual Psiquê, no texto do Paideia, e Maria, na telenovela, questionam, respectivamente: “Eros, cê tá andando armado?” (*Psiquê e Eros*, 2022); e “Nossa, Alcides, não sabia que 'ocê' andava armado...” (*Pantanal*, 2022). Na evolução das cenas, os dois negam, respondendo, com construções textuais bem próximas, mas não iguais, que o volume sentido pelas personagens é, na verdade, a fivela do cinto. Nesse momento, o grupo ainda aproveita o uso da **alusão estrita** (Carvalho, 2018) à cena de *Pantanal*, para posicionar-se, a partir do discurso de Eros, contra o porte de arma. Na finalização do diálogo, é reproduzida, na fala da jovem protagonista, a mesma frase utilizada no folhetim.

⁴⁰ GSHOW. Maria Bruaca, Alcides e a fivela: diálogo de ‘Pantanal’ viraliza na web. *Pantanal*. Rio de Janeiro. 25 mai. 2022. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/pantanal/noticia/maria-bruaca-alcides-e-a-fivela-dialogo-de-pantanal-viraliza-na-web.ghtml> Acesso em: 01 nov. 2023.

Embora utilize uma citação não marcada de um trecho de *Pantanal*, por considerar que ela por si só não seria elemento suficiente para a retomada do referencial e, conseqüentemente, a construção de sentido esperado, o grupo Paideia inseriu, já no discurso do narrador que introduz o diálogo, pistas que direcionariam o público à novela.

Ao apresentar as ações que Eros e Psiquê faziam juntos, “Conversavam... dançavam, assistiam ao remake do Pantanal...” (*Psiquê e Eros*, 2022), a referência à novela foi inserida para ativar a memória da plateia e preparar para a cena que seria desenvolvida. Dessa forma, o grupo esperava que o público identificasse a reprodução da cena da novela, em regime lúdico, visando entretenimento.

Ainda no campo das **alusões estritas** (Carvalho, 2018), outro momento da peça que verificamos o fenômeno ocorre na cena na qual Psiquê descobre a verdadeira identidade de seu marido.

Quadro 11 – Pistas intertextuais 3 – A descoberta de Psiquê

NARRADOR – Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela, uma pequenina vela, e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor????!!!! Como pode me enganar esse tempo todo?!

Eros – Você me queimou, traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mami para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive sob suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!! Não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar louca, louca, louca!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – **Estás mentindo, posso ver!**

Eros – Vai logo timbora! (*Psiquê e Eros*, 2022)

Legenda: Grifos, em amarelo, marcam as ocorrências intertextuais em análise.

Fonte: Elaboração própria

A descrição do ato de Psiquê, contada em primeira pessoa, no texto original, torna-se inspiração para o diálogo na peça, que inicia com a surpresa da revelação da identidade do amado. Esse novo texto foi composto por transformações equitativas, de ampliação, e temáticas, por transmodalização. Embora ocorra alterações de modo narrativo/descritivo para o dramático, o conteúdo do texto de Apuleio é preservado e faz-se presente em toda a cena. Assim, em relação ao hipotexto, seguindo os critérios classificatórios de Nobre (2014), é estabelecida relação intertextual estrita, no parâmetro constitucional; por derivação, no composicional; por adaptação, no formal; e por implicitude, no parâmetro referencial.

Embora soubesse que o público mais jovem teria dificuldades em identificar a referência, o grupo Paideia, desde a primeira versão da peça, vem utilizando o elemento cotextual “NÃO SE VÁÁÁÁ!!!”, na fala de Psiquê, visando explicitar, em cena, seu desespero e arrependimento sentidos. A partir de 2016, o trecho reproduzido da música *Não se vá*⁴¹, de Jane e Herondy, foi ampliado, conforme observado no excerto supracitado, e acrescido, no texto da peça, fragmentos do sucesso musical da dupla Pimpinela, a canção *Siga seu rumo*⁴²

São essas citações, não marcadas explicitamente, que atribuem ao texto do Paideia, no parâmetro funcional, uma relação intertextual de subversão perante o texto original. Não há intenções de rebaixamento da obra clássica, as inserções dos trechos da música apresentam-se a serviço do texto adaptado, reforçando seu regime lúdico.

O público mais jovem costuma ter dificuldade de retomar a canção e assiste à cena apenas como uma discussão de um casal que está se separando. Aqueles, porém, que conseguem identificar a presença dos sucessos musicais que marcaram o final dos anos 70 e início dos anos 80, não conseguem conter o riso.

Assim, os trechos “Não se vá/ Não me abandone por favor / Pois sem você vou ficar louco” (*Não se vá*, 1978) e “...fora! Esqueça meu rosto, o meu nome, esta casa e siga seu rumo [...] está mentindo, posso ver.” (*Siga seu rumo*, 1982) são alocados na peça. Enquanto o primeiro tem o gênero do elemento “louco” adaptado para expressar, no discurso de Psiquê, sua dor; o segundo, na fala de Eros, acaba por equivaler semanticamente ao trecho “divorcio-me de ti, toma quanto te pertence e deixa-me” (*O asno de ouro*, V, 26), encontrado no texto-fonte, quando, ao relatar o ocorrido às irmãs, Psiquê reproduz o discurso do deus. Ambos os casos caracterizam o recurso da alusão estrita, utilizada com intenções cômicas pelo produtor.

No quadro a seguir, temos a cena da chegada das irmãs à nova morada de *Psiquê*, readaptada para encenação em três diferentes períodos. Nos três, encontramos exemplos de alusão, utilizadas de formas estritas ou amplas (Carvalho, 2018), que nos contribuem para a reconstrução de sentidos da cena e, até mesmo, situá-las no tempo que foram encenadas.

⁴¹ ECAD: 25119. Gravadora: BMG Brasil Discos LTDA. Compositor: Al Kerty. Editor: Soc Bretagne. Versionista: Thina. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/consulta> Acesso: 15 out. 2023.

⁴² ECAD: 13645912. Gravadora: Sony Music Publishing. Compositor: Joaquim Roberto Galan e Lúcia Galan. Versionista: Paulinho Camargo. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/consulta> Acesso: 01 nov. 2023

Quadro 12 – Pistas intertextuais 4 – Visita das irmãs

<p>Irmã 2 – Quanto ouro! Psiquê – Todo meu. “Insha'Allah” Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!! Irmã 2 – Ah, se o rei Midas visse ele ia ficar passado de inveja (<i>Psiquê e Eros</i>, 2003)</p>
<p>Irmã 2 – Quanto oooooouro! Tu tá em Atibaia, é? Irmã 1 – Isso é um fundo fake que ela bota, mas ... e aqueles comprovantes?!! Irmã 2 – Ah, se o rei Midas visse, ele ia ficar passado de inveja. (<i>Psiquê e Eros</i>, 2020)</p>
<p>Irmã 2 – Quanto oooooouro! Será que é verba federal? Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!! E esse ouro é em barras! Irmã 2 – Ah, se o rei Midas visse, ele ia ficar passado de inveja. (<i>Psiquê e Eros</i>, 2022)</p>
<p>Legenda: Grifos, em amarelo, marcam as ocorrências intertextuais em análise.</p>

Fonte: Elaboração Própria

A primeira versão de *Psiquê e Eros*, em análise, foi escrita em 2003. No ano anterior, a TV Globo levou ao ar o último capítulo da telenovela *O Clone*, cuja personagem infantil Khadija usava o bordão “*Inshalá*, muito ouro”, sempre que almejava riquezas e prosperidade. O modo de proferir a expressão muçulmana popularizou-se de tal forma que, passados vinte anos de sua primeira exibição, ainda é comum encontrarmos *memes* com a imagem da personagem, interpretada pela atriz Carla Diaz.

O grupo Paideia, ao fazer uso do elemento cotextual “*inshalá*”, no discurso de Psiquê, no ato da visita de suas irmãs, simultaneamente, adota um tom de ludicidade e faz um apelo à memória da plateia que acesse o conhecimento relacionado à telenovela e (re)construa o seu sentido junto à situação encenada.

Essa expressão fez parte do vocabulário da personagem Psiquê e compôs a cena em questão até a versão de 2006, como pistas deixadas pelo grupo Paideia em **alusão estrita** (Carvalho, 2018) à novela escrita por Glória Perez. Todavia, a partir de 2020, o diálogo entre textos, deixou de ocorrer entre textos específicos, como ocorria entre a novela e a peça, para ocorrer entre essa e conteúdos explicitados em diversas formas textuais, tais como, noticiários, postagens das redes sociais etc., caracterizando assim o uso da **alusão ampla** (Carvalho, 2018) com funções textuais-discursivas.

Na adaptação da peça, escrita para apresentação em plataforma *online*, em 2020, o grupo inseriu os elementos cotextuais “*Atibaia*” e “*comprovantes*”, como pistas intertextuais de apelo à memória da plateia sobre os acontecimentos políticos brasileiros para a construção do regime satírico.

Em junho de 2020, no desdobramento de uma investigação da Polícia Federal que apurava o esquema de “*rachadinha*” na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro,

Fabrizio Queiroz, ex-assessor e ex-motorista do senador Flávio Bolsonaro, foi preso⁴³ em Atibaia, interior de São Paulo, na manhã de 18 de junho. Segundo a investigação, o ex-funcionário recebeu⁴⁴ R\$ 2 milhões por meio de 483 depósitos de dinheiro em espécie feitos por 13 assessores ligados ao gabinete do filho do ex-presidente da República.

O fato de a investigação envolver pessoas diretamente ligadas ao presidente da república Jair Bolsonaro gerou muita repercussão, fazendo com que diversos textos, abordando o assunto, fossem escritos para diferentes mídias digitais. Diante disso, o grupo Paideia viu a oportunidade de utilizar o teatro de bonecos com fins sarcásticos, para gerar crítica e até ridicularizar.

Ao utilizar os termos “Atibaia” e “comprovantes”, o grupo esperava que a plateia retomasse um dos assuntos mais comentados nas redes sociais e noticiários, em 2020, acerca do cenário político brasileiro, e (re)construísse, a partir do fenômeno de **alusão ampla** utilizado, a denúncia crítica em cena. Finalidade semelhante também encontramos na readaptação do ano seguinte.

No primeiro semestre de 2022, no Brasil, o campo da política foi marcado pelo escândalo de corrupção do Ministério da Educação (MEC), que envolveu a prisão do ex-ministro Milton Ribeiro⁴⁵ e a criação de uma CPI, o que revelou a existência de um “gabinete paralelo⁴⁶” composto por pastores que influenciavam a agenda do MEC e a alocação de recursos públicos, em troca de favores, propinas e barras de ouro.

Na tentativa de proporcionar subsídios à plateia para a retomada desse assunto e a (re)construção do tom crítico, de denúncia ao fato, gerado na cena de *Psique e Eros*, o grupo insere os termos “verba federal” e “barras de ouro” como pistas referenciais de **alusão ampla** (Carvalho, 2018).

⁴³ FERRARI, Murilo e PEIXOTO, Sinara. **Fabrizio Queiroz é preso no interior de SP e transferido para o Rio de Janeiro**. CNN. São Paulo. 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fabrizio-queiroz-e-preso-no-interior-de-sao-paulo/> Acesso em: 01 nov. 2023.

⁴⁴ GUIMARÃES, Arthur. **Queiroz recebeu R\$ 2 milhões em 482 depósitos de assessores ligados a Flávio Bolsonaro, diz MP**. G1. [S/l]. 18 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/18/queiroz-recebeu-r-2-milhoes-em-483-depositos-de-assessores-ligados-a-flavio-bolsonaro-diz-mp.ghtml> Acesso em: 01 nov. 2023.

⁴⁵ TEODORO, Plínio. **Milton Ribeiro: Entenda o esquema de propinas em barra de ouro com pastores que levou ex-ministro à prisão**. Revista Forum. Política. Governo Bolsonaro. [S/l]. 22 jun. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/6/22/milton-ribeiro-entenda-esquema-de-propinas-em-barra-de-ouro-com-pastores-que-levou-ex-ministro-priso-119089.html> Acesso em: 01 nov. 2023.

⁴⁶ ESTADÃO. **Propina em ouro, via bíblia e no pneu: entenda o escândalo dos pastores e ‘gabinete paralelo’ no MEC**. Política. [S/l]. 23 set. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/propina-em-ouro-via-biblia-e-no-pneu-entenda-o-escandalo-dos-pastores-e-gabinete-paralelo-no-mec/> Acesso em: 01 nov. 2023.

Uma das primeiras ocorrências de **alusão ampla**, utilizada nas práticas hipertextuais do grupo, ocorreu na versão de 2014, na cena em que Psiquê conversa com o barqueiro Caronte com o objetivo de chegar ao Hades.

Embora a cena busque retomar um assunto de grande repercussão nos noticiários e, que serviu de incentivo para muitas manifestações políticas ocorridas naquele ano, os elementos cotextuais utilizados permaneceram sem alterações nas versões posteriores. Em algumas versões, como a de 2022, que reproduzimos a seguir, alguns elementos foram inseridos com foco na função textual discursiva subversiva.

Quadro 13 – Pistas intertextuais 5 – Diálogo com o Caronte

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como tem andado?
Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?
Psiquê – Eita que bicho ignorante! É o Lunga do Mundo dos Mortos! Bem preciso ir ao Hades. É porque eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.
Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!
Psiquê – Nã, num tô precisando disso não?!
Caronte – Mía fia, depois da pandemia, tá todo mundo com o juízo lascado precisando de terapia!
Psiquê – Pois tá que é uma verdade! Mas o que é que eu preciso fazer para ir ao Hades?
Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!
Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.
Caronte – Oh, minha filha, aqui embaixo quem dita as regras sou eu, e **se depender do povo que tá aí a democracia está quase extinta nesse país.** Aqui tem que pagar.
Psiquê – Ta, e quanto é?
Caronte – 10 Drácmas e **20 centavos**
Psiquê – Perai.. sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! **Tá acompanhando o aumento da gasolina? E tu bota gasolina onde nessa tua barca furada, nessa tua chalana! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado por aqui!**
Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?
Psiquê – **Não é pelos 20 centavos... É pela educação, pela saúde, pela Amazônia, pela caatinga, pelo Pantanal... Aceita meia?**
Caronte – Não! (*Psiquê e Eros*, 2022)

Legenda: Grifos, **em amarelo**, marcam as ocorrências intertextuais em análise.

Fonte: Elaboração Própria

Na mitologia greco-romana, Caronte é o barqueiro responsável pela travessia das almas ao Hades, mediante pagamento de um óbolo, moeda colocada na boca da pessoa, no momento de sua morte. No mito de *Cupido e Psiquê*, ele surge como a entidade que “transporta os viajantes para a margem oposta” (*O asno de ouro*, VI, 18) do rio da morte, e por não fazer nada de graça, a jovem deveria levar duas moedas e fazer com que ele tirasse uma de sua boca, com as próprias mãos, em cada umas das travessias.

No texto adaptado pelo grupo Paideia, em 2003, o momento que ocorre em silêncio, no hipotexto, foi ampliado, transmodalizado e transtetizado para um diálogo entre as

personagens Psiquê e Caronte, e, nele, adotado a cobrança de 10 dracmas⁴⁷ pela travessia, até 2013.

A partir de 2014, diante do contexto político-histórico brasileiro, o grupo fez a inserção do elemento cotextual “20 centavos”, no discurso de Caronte, que apresentava o preço da passagem a Psiquê. Tal elemento caracterizou a **alusão ampla** utilizada como apelo à memória da plateia para, a partir da retomada dos noticiários de TV, mídias digitais e acontecimentos políticos, construísse o tom crítico e sarcástico da cena.

Em decorrência do aumento nas passagens de ônibus e metrô de São Paulo, o Movimento Passe Livre (MPL) percorreu as ruas do centro da cidade paulistana, defendendo uma tarifa zero para todos, com protestos que ficaram conhecidos como “jornadas de junho”⁴⁸, em 2013. Em poucos dias, e com a visibilidade mundial do país como sede da Copa das Confederações, as reivindicações, que começaram por 20 centavos, tornaram-se uma grande luta por melhorias nos serviços públicos⁴⁹. Com a proximidade da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, voltaram a ocorrer novos atos⁵⁰.

Durante as apresentações realizadas, em 2014, o fato de a personagem citar o aumento dos 20 centavos na passagem para o Hades, e Psiquê assumir postura de manifestante dizendo “Não é pelos 20 centavos [...] é pela saúde... pela educação” (*Psiquê e Eros*, 2014), diante de todo clima de manifestações vivenciadas, na época, proporcionava à cena um tom de caráter lúdico, com a expectativa de provocar o riso da plateia.

O que começou como uma luta por direitos sociais e contra megaeventos, como o Mundial de futebol e Olimpíadas, alimentou um clima de insatisfação no país e, por conseguinte, um desgaste do Governo Federal, aumento da inflação, ascensão da extrema-direita no país e *impeachment* da presidente Dilma Rousseff⁵¹.

Com esse contexto, após o anúncio do acréscimo de 20 centavos à passagem, o grupo Paideia passou a inserir, a partir de 2016, no discurso das personagens, pistas que levavam à alusão ampla ou referência aos acontecimentos político-sociais, de fácil acesso nas diversas mídias, adotando um tom crítico, na expectativa de que o público (re)construísse

⁴⁷ Moeda utilizada, durante o período helenístico, na Grécia Antiga e em alguns reinos do Oriente Médio.

⁴⁸ VENTURINI, Lílian. **Relembre os principais momentos dos protestos de junho**. Valor. São Paulo. 02 jun. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2023/06/02/relembre-os-principais-momentos-dos-protestos-de-junho-de-2013-veja-as-fotos.ghtml> Acesso em: 02 nov. 2023.

⁴⁹ BRASIL247. **Protestos por melhores serviços marcaram 2013**. BRASIL. [S/l]. 31 dez. 2013. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/protestos-por-melhores-servicos-marcaram-2013> Acesso em: 02 nov. 2023.

⁵⁰ BARROS, Ciro. **Quem grita ‘Não vai ter copa?’**. Agência Pública. [S/l]. 17 fev. 2014. Disponível em: <https://apublica.org/2014/02/quem-grita-nao-vai-ter-copa/> Acesso em: 02 nov. 2023.

⁵¹ OLIVEIRA, Caroline. *Impeachment 5ano: a relação entre junho de 2013 e a ascensão da extrema direita*. Brasil de fato. São Paulo – SP. 18 abr. 2021.

o sentido e percebesse a denúncia da cena. Tal ocorrência podemos observar, por exemplo, em “Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui!” (*Psiquê e Eros*, 2016) e “Tá acompanhando o aumento da gasolina?” (*Psiquê e Eros*, 2022), cujos elementos cotextuais apontam para o aumento dos preços dos serviços e materiais e bens de consumo, devido à alta da inflação, e aumento da gasolina, respectivamente.

Em síntese, como procuramos demonstrar, todas as práticas hipertextuais do grupo Paideia contêm indícios materiais, previamente estabelecidos, que além de promover diálogos entre textos, proporcionam à cada versão uma atualização textual-discursiva, mediante o contexto social de encenação, com propósitos comunicativos variados. Essas atualizações fazem com que, cada versão da peça, seja enunciada de maneira única em meio ao contexto sócio-histórico-cultural de sua plateia. Uma vez deslocada da situação de uso para o qual foi planejada, muitas pistas referenciais podem ser perdidas e, conseqüentemente, os propósitos iniciais do grupo, por meio do apelo à memória do público, podem não ser alcançados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por objetivo analisar as relações intertextuais utilizadas pelo grupo Paideia na peça *Psiquê e Eros* e suas readaptações, exploramos, neste trabalho, o uso das intertextualidades como práticas discursivas planejadas, de apelo à memória do interlocutor, para a construção de sentido. Para tanto, buscamos, inicialmente, compreender o processo de adaptação do mito *Cupido e Psiquê*, extraído da obra *O asno de ouro*, para a contação no teatro de bonecos.

Na tentativa de compreensão da intertextualidade como fenômeno linguístico, retomamos à origem do termo, na crítica literária, com Kristeva (1969/2005), que, em seu estudo sobre o significado poético, apontou a existência de um “espaço textual múltiplo” (Kristeva, 2005, p. 186), denominado de intertextual, e a intertextualidade como uma lei fundamental dos textos poéticos da modernidade, considerando que “eles se constroem absorvendo e destruindo, concomitantemente, os outros textos do espaço intertextual” (Kristeva, 2005, p. 187).

A ideia de Kristeva (2005, p. 186) que o “significado poético remete a outros significados discursivos, de modo a serem legíveis no enunciado poético vários outros discursos” acaba por ser ampliada e redefinida por Genette (2010). Segundo ele, o objeto da poética não é o texto, mas a transtextualidade, ou seja, “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta com outros textos” (Genette, 2010, p. 13), e engloba cinco tipos de relações, enumeradas numa ordem crescente de abstração, implicação globalidade: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitekstualidade e hipertextualidade. Foi a partir de seus estudos sobre hipertextualidade que começamos a definir nosso objeto de estudo.

Genette (2010, p. 7), ao explicar o conceito de palimpsestos, apresenta-os, literalmente, como hipertextos, “todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou imitação”. Essa derivação é estabelecida por uma relação de hipertextualidade, que une um texto B, chamado por ele de hipertexto, a um texto anterior A, chamado hipotexto.

Considerando que os textos da peça *Psiquê e Eros* são textos criados a partir do mito *Cupido e Psiquê*, extraído da obra latina *Asinus Aureus (O asno de ouro)*, há, entre os textos, uma relação de hipertextualidade. No caso do Paideia, como o objetivo do grupo não é imitar Apuleio, mas recontar a história de uma forma bem peculiar, temos uma transformação textual. Passamos, então compreender cada um dos roteiros escritos como hipertextos.

Ao adaptar textos literários clássicos para o teatro de bonecos, utilizando roteiros escritos em uma linguagem popular, que incorpora elementos do imaginário cearense, o grupo Paideia explora os recursos da língua, transformando textos antigos de acordo com o contexto social e histórico de encenação. E, como essa ação é realizada esporadicamente, visando a construção de sentido junto à público do espetáculo, temos uma prática hipertextual.

Assim delimitamos o foco de nossa pesquisa que se constituiu na análise das relações intertextuais estabelecidas nas práticas hipertextuais de transformação do mito *Cupido e Psiquê* para a peça *Psiquê e Eros*, realizada pelo grupo Paideia, identificando seus objetivos comunicativos.

Genette (2010, p. 18) definiu a transformação como uma operação comum a textos literários que transporta aspectos, como estilo ou gênero literário de um texto, para um outro, mantendo elementos semânticos essenciais do texto original. Embora Genette (2010) tenha apresentado as análises de transformação para as transposições (séria), Nobre (2014, p. 54) observa que, devido ao seu caráter formal, elas também podem ser aplicadas nas transformações lúdicas (paródia) e nas satíricas (travestimento).

Ancorando-nos em Nobre (2014, p. 53), consideramos as análises de transposições de Genette (2010) “como técnicas de transformação empregadas pelas pessoas quando produzem algum texto derivado de outro”. E, de posse delas, descrevemos as práticas hipertextuais de transformação utilizadas para a construção do texto adaptado.

Apesar da manutenção da temática e mesma sequência narrativa do hipotexto, a peça *Psiquê e Eros* apresenta diversos processos de transformação, quanto ao formato e estilo, bem distintos do seu texto-fonte. A narrativa teatralizada pelo grupo ganhou novos personagens, diálogos, que não aconteceram na obra original, cenas ampliadas ou, mesmo, suprimidas. Tudo isso contribuiu para a transformação da história clássica em um texto dialogal, verossímil, contemporâneo e contextualizado à realidade histórica, social e cultural do público para o qual foi encenado. Como as técnicas de transformações são adotadas em todo hipertexto do grupo, apresentamos quatro cenas da peça para compará-las ao hipotexto de Apuleio.

Seguindo nossa busca pela compreensão da intertextualidade, retomamos ainda aos estudos de Piégay-Gros (2010) e Sant’Anna (2003), apresentando seus conceitos até a expansão do debate para os estudos linguísticos com Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Cavalcante (2021). Procuramos apresentar toda discussão acerca do fenômeno em foco, por meio dos novos conceitos propostos por Faria (2014) e, em especial, Nobre (2014) e Carvalho (2018).

A partir dos critérios classificatórios apresentados por Nobre (2014), na subseção 4.1, cujo título designado foi *As metamorfoses de Psiquê e Eros*, investigamos as relações intertextuais estabelecidas entre o texto adaptado e o texto original. Indicamos e descrevemos os parâmetros intertextuais adotados na adaptação do texto clássico, em seus aspectos funcionais, constitucionais, composicionais, formais e referenciais.

Considerando todos os fragmentos analisados representativos das adaptações na íntegra, a relação intertextual entre a peça *Psiquê e Eros* e o mito de *Cupido e Psiquê*, de uma maneira geral, temos: no parâmetro funcional, ocorre por subversão em regime lúdico; no constitucional, uma relação estrita; no composicional, ocorre uma derivação; no formal, temos o texto como uma adaptação; e, no referencial, um grau de implicitude. Isso porque o texto escrito para encenação no teatro de bonecos constrói a história à maneira do grupo. Embora adote o mesmo direcionamento temático e narrativo do texto de Apuleio, seu hipotexto, o grupo insere novos elementos com fins de entretenimento.

Para estabelecer a comparação entre os textos, foram construídos **quadros comparativos de cenas**, contendo fragmentos do texto da peça *Psiquê e Eros* e os respectivos fragmentos do texto-fonte relacionados a eles. Ao transformar o texto de Apuleio para um texto a ser encenado no teatro de bonecos, grupo Paideia realiza diversos e múltiplos processos que resultaram em alterações no formato e no estilo bem diferentes do que encontramos no texto original.

A elaboração e análise desses quadros permitiram a observação da manutenção da temática, identificando aproximações e distanciamentos entre os textos, o que resultou na análise da prática hipertextual do grupo, pautada em Genette (2010), demarcando as técnicas de transformações, temáticas e equitativas, utilizadas.

Embora mantida a sequência linear dos fatos e os temas verificados no texto original, o hipertexto produzido pelo grupo apresenta personagens, cenas e diálogos, inspirados no hipotexto, que permitiram a transformação da história clássica para um texto dialogal, verossímil, contemporâneo e contextualizado à realidade histórica, social e cultural do público.

Em todas as práticas hipertextuais do grupo Paideia, por nós analisadas, verificamos, ao longo da narrativa, indícios materiais que auxiliaram o texto clássico em suas transformações para o cenário contemporâneo à apresentação. Trata-se de pistas intertextuais de apelo à memória, deixadas pelo grupo no texto, que, dependendo de sua intenção, remetem a filmes, músicas, séries, assuntos mais comentados nas redes sociais, entre outros.

Após o mapeamento dos fenômenos intertextuais e referenciais utilizados no texto adaptado e suas readaptações, identificando os propósitos comunicativos, compreendemos, a partir de Carvalho (2018), que o grupo, além de promover o diálogo entre textos, estabelece previamente funções textuais-discursivas variadas.

Uma análise mais minuciosa dos roteiros de *Psique e Eros*, na subseção 4.2, intitulada *Cenas em contextos*, permitiu observar que, até a versão de 2018, as intertextualidades utilizadas referenciavam o contexto histórico e cultural, estabelecendo relação de sentido entre a história encenada e novelas, filmes, músicas, acontecimentos históricos, notícias etc. Já, a partir de 2019, diante do contexto político brasileiro, o grupo passou a inserir também referência a personalidades e situações polêmicas ou constrangedoras por elas envolvidas, com intuito de denunciá-las, ridicularizá-las e/ou criticá-las. Tal fenômeno também foi verificado nas análises das *Pistas intertextuais* por entre o texto, realizadas na subseção 4.3.

Desde a primeira prática hipertextual de transformação da obra *O asno de ouro* para a peça *Psiquê e Eros*, o grupo Paideia incorpora elementos intertextuais, de natureza ampla ou estrita, visando estabelecer diálogo entre os textos para a construção de sentidos, com propósitos comunicativos variados. Esses indícios materiais discursivos, previamente estabelecidos pelo grupo, não só promovem o diálogo entre os textos, como proporcionam a cada versão uma atualização textual discursiva, mediante ao contexto histórico, social e cultural de encenação.

Essas atualizações ratificam o propósito do Paideia em gerar discussões e reflexões através das adaptações de histórias antigas da Mitologia Greco-Romana. A cada nova versão do texto, percebe-se um engajamento político e sociocultural que está além de uma mera adaptação contextual. Na versão de *Psiquê e Eros*, por exemplo, escrita em 2023 e não explorada nesse estudo, com intuito de combater o preconceito e qualquer discriminação social, foram excluídas todas as expressões e termos ofensivos ou pejorativos utilizados pelas personagens, que, de acordo com o grupo, reforçavam a prática do capacitismo no texto. Tal ação tenciona o posicionamento ideológico do grupo como um coletivo crítico, atuante e disposto a provocar intervenções por meio de suas práticas textuais discursivas.

No decorrer desse estudo, realizamos uma análise das práticas hipertextuais do grupo Paideia, demonstrando como o texto clássico do mito *Cupido e Psiquê*, extraído da obra *O asno de ouro*, foi transestetizado e transmodalizado para a peça *Psiquê e Eros* e suas diversas versões. Além disso, realizamos uma análise comparativa de cenas em diferentes contextos,

examinando os recursos intertextuais inseridos na narrativa e que direcionam as intenções da prática discursiva junto à plateia. Ao fazê-la, explicitamos não apenas a capacidade do grupo de recontar o mito, mas como essas inserções intertextuais, estritas ou amplas, proporcionam um caráter subversivo aos hipertextos produzidos e funcionam como um convite para a participação ativa do interlocutor no processo de construção de significados.

REFERÊNCIAS

Estudos da Linguagem

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BAR-HILLEL, Yehoshua. Expressões indiciais. **Fundamentos metodológicos da linguística: problemas, críticas e perspectivas da linguística**. Tradução de Rodolfo Hari. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 23-49, 1982.

BARROS, Diana Luz. Pessoa de.; FIORIN, José Luiz. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo, SP: Edusp, 1999.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39589>. Acesso em: 03 out. 2023.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação e intertextualidade. In: XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, 2006, João Pessoa. XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos. **Anais**. João Pessoa: Gelne, 2006. v. 1. p. 2250-2260.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; OLIVEIRA, Rafael Lima de. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. **Revista Desenredo**, v. 15, n. 1, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8931>. Acesso em: 19 out. 2023.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2021.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidade e psicanálise. **Calidoscópio**, v. 10, n. 3, p. 310-320, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FARIA, Maria da Graça dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**, n. 36, v. 2, jul/dez, 2017, p. 7-22. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31250>. Acesso em: 25 set. 2023.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. 2014. 118f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8919>. Acesso em: 01 out. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes. KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FORTE, Jamille Sainne Malveiras. **Funções textual-discursivas de processos intertextuais**. 131f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8198>. Acesso em: 06 out.2023.

GARANTIZADO JÚNIOR, José Olavo da Silva; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Para além da coesão textual apenas como elos coesivos. **Dialogia**, São Paulo, n. 19, p. 147-162, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.N19.4414>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/4414>. Acesso em: 21 nov. 2021.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2010 [1982].

JENNY, Laurent. (1979). A estratégia da forma: a intertextualidade implícita e explícita. In: **Poétique**, nº 27. Coimbra: Almedina, p. 5-49.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo, Martins Fontes, 2023.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Kristeva, Julia. **La révolution du langage poétique: l'avant-garde à la fin du XIX^e siècle**. França, Seuil, 1974.

LEONEL, Maria Célia. **Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra**. São Paulo: UNESP, 2000.

LOPES, Edward. Discurso Literário e dialogismo em Bakhtin. In: **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. Em torno e Bakhtin. BARROS, Diana Pessoa de e FIORIN, José Luiz (Orgs.). São Paulo: Edusp, 1994, p. 63-81. (Ensaio de Cultura, 7).

NOBRE, Kennedy Cabral. **Crériterios classificatórios para processos intertextuais**. 2014. 129f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8243>. Acesso em: 05 jul. 2023.

PEREIRA, Edilanny de Lima. **Os processos referenciais, a intertextualidade e a ironia na construção do sentido do gênero meme**. 2023. 96f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2023.

PIÈGAY-GROS, Nathalie. Introduction à l'intertextualité. Paris: Dunod, 1996. Traduzido por Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. **Interseções**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 220-244, 2010. Disponível em: http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/intersecoes_ano_3_numero_1_20100516.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. Átila, 7. ed. São Paulo, 2003

SILVA, Hermínia Maria Lima da. **As práticas intertextuais hiperestéticas em obras de conteúdo bíblico**. 2016.

SOUSA, Mariana Machado de. **Intertextualidade e produção de sentidos nas tiras “um sábado qualquer”, de Carlos Ruas Bon**. 2021. 126 f. Dissertação (Programa de Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2021. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/261>. Acesso em: 02 out. 2023.

VASQUES, Cristina Maria. **Uma viagem pela intertextualidade em Reinações de Narizinho**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93460>. Acesso em: 19 fev. 2023.

Adaptação de Clássicos

APULEIO. BIANCHET, Sandra Braga (Trad.). **As metamorfoses de um burro de ouro de Apuleio**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2020.

APULEIO. GUIMARÃES, Ruth (Trad., introd. e notas). DUARTE, Adriane da Silva (Apres. e notas adicionais). **O Asno de Ouro**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

BARRETO, Rayana da Costa Teles. **Cupido e Psiquê: o leitor, curiositas e intertextos nas Metamorfoses de Apuleio**. 2022. 1 recurso online (128 p.) Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/4569>. Acesso em: 6 set. 2023.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. I. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. II. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. III. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de Deuses e Heróis. 28. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. 16.ed. (Org. Betty Sue Flowers). **Entrevista concedida a Bill Moyers**. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1998. (ed. Org. 988).

DUARTE, Adriane da Silva. Apuleio e seu tempo. [Apresentação]. **O asno de ouro**. São Paulo: Ed. 34.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1989 (Coleção CDebates).

FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

GUEDES, Maria Inês Coimbra. (2016). **Galland, autor das ‘Mil e uma noites’**. Gragoatá, 7(13). Recuperado de <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33518> Acesso em: 18 set. 2023.

HARVEY, Paul. 1998. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar.

HESÍODO. **Teogonia**: A Origem dos Deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

KERÉNYI, Karl. **Os Deuses Gregos**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2000.

LEPRINCE DE BEAUMONT, Jeanne-Marie; VILLENEUVE, Gabrielle-Suzanne Barbot de. **A Bela e a Fera**. Tradução de André Telles. Prefácio de Rodrigo Lacerda. São Paulo: Zahar, 2016. 238p. Tradução de: La Belle et la Bête

TORRANO, Jaa. **O sentido de Zeus**. O mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996. 182 p.

Referências contextuais e cotextuais inseridas nas notas de rodapé

ARAÚJO, Kallyne Fabiane Pequeno de. **Wicca, religião e natureza**: bruxaria e espaços sagrados no Brasil. 2020. 214f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/32821> Acesso em: 11 out. 23.

CARNEIRO, Cristina Helena. **Bruxas e feiticeiras em novelas de cavalaria do ciclo arturiano**: o reverso da figura feminina?. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4084> Acesso em: 21 out. 23.

DE SOUZA, Alexandre Adir. Uma análise da palavra como agente parasitário na literatura de William Burroughs. In: Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2011: Curitiba, PR – **CENTRO, CENTROS; ética e estética**. Betino Martinez Rodrigues (org) – Curitiba: ABRALIC, 2011, ebook. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0913-1.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.

FREITAS, Márcia Silva Pituba. **Cinderelas em contextos**: um mosaico de identidade, memória e tradição. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20554>. Acesso em: 27 set. 2023.

GILL, N.S. Should We Use A.D. or C.E.? **TrouthCo**, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/when-to-use-ad-or-ce-116687> Acesso em 13 out. 2023.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.

PEREIRA, Juliana. O *Malleus Maleficarum* e a questão da bruxaria: a mulher nos tempos da inquisição. **Revista Trilhas da História**, v. 11, n. 21, p. 209-227, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/13081> Acesso em: 13 out. 2023.

RANK, Otto; LOEDEL, Eduardo A.; BUTELMAN, Enrique. **El mito del nacimiento del héroe**. Paidós, 1981.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Cotexto. E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia, 30 dez. 2009 Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cotexto> Acesso em: 23 set. 2023.

Referências cinematográficas e das teledramaturgias

PANTANAL. Direção: Rogério Gomes e Walter Carvalho, Rio de Janeiro/ Mato Grosso do Sul, TV Globo, 2022, Telenovela (167 capítulos).

O PRÍNCIPE DO EGITO. Direção: Simon Wells, Produção: Jeffrey Katzenberg, Estados Unidos, DreamWorks Pictures, 1998, DVD (98 min).

OS DEZ MANDAMENTOS. Direção e Produção: Cecil Blount DeMille, Estados Unidos, Paramount Pictures, 1956, 2 DVDs (222 min).

OS DEZ MANDAMENTOS. Direção: Alexandre Avancini. Rio de Janeiro, RecordTV, 2015, Telenovela (242 capítulos).

O CLONE. Direção: Jayme Monjardim, Marcos Schechtman, Mário Márcio Bandarra, Marcelo Travesso e Teresa Lampreia, TV Globo, 2002, Telenovela (221 capítulos).

SALVE JORGE. Direção: Luciano Sabino, Alexandre Klemperer, Adriano Melo, João Boltshauser e João Paulo Jabur. TV Globo, 2012, Telenovela (179 capítulos).

SEXTO SENTIDO. Direção: M Night Shymalan, Produção: Kathleen Kennedy e Frank Marshall. Walt Disney Pictures, 1999. DVD (107 min)

STRANGER THINGS. Direção: Matt Duffer e Rodd Duffer. Produção: Matt Duffer e Rodd Duffer, Shawn Levy e Dan Cohen, Netflix, 2016, Série (34 episódios).

Referências de noticiários e programas de TV.

BARGAS, Diego. Lua de Cristal 30 anos: Xuxa, Mallandro e Duda Little, entre outros, relembram as histórias dos bastidores. **Revista Quem**. [S/l], 23 jun. 2020. <https://revistaquem.globo.com/Series-e-filmes/noticia/2020/06/lua-de-cristal-30-anos-xuxa-mallandro-e-duda-little-entre-outros-relembram-historias-dos-bastidores.html>. Acesso em: 15 out. 23.

Caso Jean Charles: Que fim levaram os principais personagens? **BNC News Brasil**. [S/l], 22, jul. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150722_jc_destino_final. Acesso em: 08 out. 2023.

CAIXETA, Fernandes. Placa em frente ao Planalto questiona Bolsonaro sobre o depósito de R\$ 89 mil. **Metrópoles**. [S/l], 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/placa-em-frente-ao-planalto-questiona-bolsonaro-sobre-deposito-de-r-89-mil>. Acesso em: 22 out. 2023.

Dameres Alves: conheça a história da ministra que se envolveu em polêmicas. **Fantástico**. [S/l]. 13 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/01/13/dameres-alves-conheca-a-historia-da-ministra-que-se-envolveu-em-polemicas.ghtml>. Acesso em: 14 out. 2023.

FERRARI, Murilo; PEIXOTO, Sinara. Fabrício Queiroz é preso no interior de SP e transferido para o Rio de Janeiro. **CNN**. São Paulo. 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fabricio-queiroz-e-presno-no-interior-de-sao-paulo/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

Mais votado na região, Marco Feliciano “sonha” ser senador. **Folha de São Paulo**. Ribeirão Preto. 24 out. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2410201008.htm> Acesso em: 22 out. 2023.

Relembre os principais atentados no Reino Unido. **G1**. [S/l], 04 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/relembre-os-principais-atentados-no-reino-unido-desde-2005.ghtml>. Acesso em: 08 out. 2023.

GUIMARÃES, Arthur. Queiroz recebeu R\$ 2 milhões em 482 depósitos de assessores ligados a Flávio Bolsonaro, diz MP. **G1**. Rio de Janeiro. 18 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/18/queiroz-recebeu-r-2-milhoes-em-483-depositos-de-assessores-ligados-a-flavio-bolsonaro-diz-mp.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2023.

Xuxa Meneguel. **Memória Globo**. [S/l], 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/xuxa-meneghel/noticia/xuxa-meneghel.ghtml>. Acesso em: 19 out. 23.

BARROS, Karin. Rede Record faz superprodução para abertura do Mar Vermelho em “Os Dez Mandamentos”. **NDMAIS**. Florianópolis. 09 nov. 2015. Disponível em: <https://ndmais.com.br/tv/novelas/rede-record-faz-superproducao-para-a-abertura-do-mar-vermelho-em-os-dez-mandamentos/>. Acesso em: 14, out. 2023.

APÊNDICE A – BREVE HISTÓRICO DO GRUPO PAIDEIA

Durante o semestre 2002.1 do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), os discentes de Teoria e Prática de Ensino de Literatura Vernácula, foram incumbidos pela professora Sarah Diva Ipiranga, a elaborar uma aula diferenciada de Literatura, voltada para alunos do Ensino Fundamental, como critério de aprovação em sua disciplina. Nossa equipe, composta por cinco integrantes (Carla Rafaela, Daniela Alves, Danielle Motta, Luiza Rochelle e Walnysse Gonçalves), optou por adaptar o mito do julgamento de Páris para o teatro de bonecos.

Tal mito é inspirado nas narrativas míticas da Guerra de Troia, contadas oralmente por *aedos*, cujas obras se perderam, mas construíram todo um ciclo de epopeias para contar, desde o início, todo o confronto bélico entre gregos e troianos. Um dos registros desse período é o poema épico *Ilíada*, de Homero, que apresenta relatos do ocorrido nos cinquenta e um dias finais do confronto, o episódio da morte de Heitor. Embora não retome os fatos que motivaram a Guerra de Tróia, em especial, o rapto de Helena, existem referências que remetem a esse acontecimento, durante as negociações para o fim da guerra, que os troianos deveriam restituir “Helena, Argiva, e os bens que trouxe.” (Campos, 2003, p. 285)⁵²

Já a arte dos *aedos* não se limitou a esta explicação modesta, previu todo encadeamento dos fatos: a premonição da destruição de uma nação inteira; uma criança abandonada; a rivalidade entre três deusas por uma maçã destinada “à mais bela” por Eris, deusa da discórdia; o julgamento de Paris e a escolha de Afrodite; o príncipe troiano criado por pastores; e o amor da mulher mais bela como recompensa. Todas as pesquisas realizadas pelo grupo sobre o mito escolhido traziam esses mesmos elementos como evolução da narrativa.

Pesquisadores da literatura clássica como Brunel (2000)⁵³, Harvey (1998)⁵⁴, Bulfinch (2001)⁵⁵ e Brandão (2000),⁵⁶ e suas respectivas obras, serviram de fonte de pesquisa e inspiração para a elaboração do texto da peça “A Escolha de Páris”, cujo personagem principal é Páris, o pastor de ovelhas. Para ambientá-la ainda mais ao cenário nordestino cearense,

⁵² CAMPOS, Haroldo de. **Ilíada de Homero**; tradução Haroldo de Campos; introdução e organização Trajano Vieira. 4. ed. São Paulo: Arx, 2003. [1929]

⁵³ BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

⁵⁴ HARVEY, Paul. 1998. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar.

⁵⁵ BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis / Tradução de David Jardim Júnior**. 28. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

⁵⁶ BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega. Vol. I**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega. Vol. II**. 13ª ed.. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega. Vol. III**. 12ª ed.. Petrópolis: Vozes, 2000.

foi inserido como amigo e confidente um bode de estimação, em alusão ao “bode Ioiô”, e adotada a linguagem popular da região, marcada por gírias e jargões.

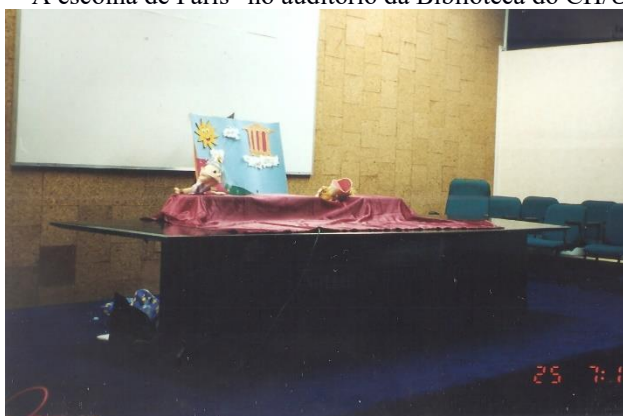
A peça foi escrita há poucos meses das eleições de 2002, para os cargos de presidente da república, senador, governador, deputado federal e deputado estadual. Como todo período eleitoral é marcado por um contexto típico que envolve candidatos, promessas de campanha, voto do eleitor e apuração, a equipe viu a oportunidade de, por meio da contação de um clássico grego, promover o debate sobre a responsabilidade do voto e as consequências de sua compra ou venda.

A partir dessa apresentação inicial, surgiram diversos convites para outras apresentações dentro da universidade e, conseqüentemente, a necessidade da criação de um grupo cujo objetivo primordial fosse a divulgação das histórias da cultura clássica contadas por bonecos e outras formas animadas, usando uma linguagem popular, típica cearense.

Das cinco integrantes da equipe, quatro toparam o desafio da criação desse grupo, e, com as sílabas iniciais de seus nomes, batizamos o grupo de teatro de bonecos DADAWALU - um acrônimo das palavras Danielle, Daniela, Walnyse e Luíza.

Até meados de 2003, o grupo ainda era bem amador. Utilizávamos bonecos de espuma, também conhecidos como fantoches escolares, apoiávamos nossos cenários em cadeiras e realizávamos a manipulação das personagens sentadas no chão, atrás de mesas ou birôs. Um dos registros mais antigos que temos em fotografia (Figura 1), mostra a apresentação de “A escolha de Paris” no auditório Rachel de Queiroz, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, em 2003.

FIGURA 1 - “A escolha de Paris” no auditório da Biblioteca do CH/UFC.



Fonte: Arquivo do grupo Paideia

Éramos estudantes do curso de letras, fazendo teatro de bonecos para professores e alunos da UFC, em eventos acadêmicos de diferentes cursos do Centro de Humanidades. Logo surgiram convites para apresentações fora do ambiente acadêmico e, com eles as obrigações

que a nova fase do grupo exigia: organização, como grupo de teatro de bonecos, que incluía a confecção de novos bonecos que representassem as personagens da peça e construção de uma barraca para manipulação, e o cumprimento de uma rotina de encontros para estudos visando a elaboração de novas adaptações, ensaios e execução da agenda de apresentações. Tentávamos aproveitar todas as oportunidades que surgiam.

Com a intensificação de nossas atividades, duas integrantes da formação inicial tiveram que se ausentar e novas integrantes, antes, admiradoras da proposta do grupo, se propuseram a contribuir conosco. A partir da chegada de Ana Candelária e Luciana Souza, decidimos escolher um nome que representasse significadamente nossas intenções.

O nome Paideia foi uma sugestão do nosso professor de grego clássico, Orlando Luiz de Araújo, pela representação do termo na Grécia Antiga e pela sonoridade fonética que faz lembrar o termo *pai d'égua*, comum na linguagem popular cearense, adotada nas adaptações do grupo.

Assim surgiu Paideia, um grupo de teatro amador que se propõe a utilizar, dentre outras técnicas de animação, o Teatro de Bonecos. Mas o que vem a ser Paideia? Do grego, *Παιδεία*, designa “a formação do homem grego” em sentido amplo; “[...] a formação dum elevado tipo de Homem para o qual a ideia de educação representava [...] o sentido de todo o esforço humano” (Jaeger, 2003, p. 6).⁵⁷

Uma vez educadores, entendemos que o mito é fundamento da vida, uma reprodução do inconsciente. Portanto, tratar de Mitologia é tratar de Psicologia, que, ao regressar à infância da alma individual, também o faz à infância da humanidade ao primitivo, ao mítico. Cuidar das profundezas da alma remete a tempos primordiais, ao poço do tempo, a normas e formas de vida originais. Isso é possível buscar por meio da *Mythologia*: “histórias” (*mythoi*) e “narração” (*legein*). Trata-se, pois, de uma forma de narrar que suscita ecos, desperta a consciência de que a história diz respeito, pessoalmente, ao narrador e ao espectador (Kerényi, 2000, p. 6).⁵⁸

Também do grego, *Παιδεία* significa a formação integral do homem através da cultura, da política, da religião, da filosofia e dos jogos (fúnebres e olímpicos). O grupo tem, ainda, o propósito de resgatar a figura do contador de histórias. Este, a exemplo dos *aedos*, dá voz à *Mnemosine*, a deusa da memória, além de adequar a seu público, seja infantil ou adulto, o que vai contar. Ele é mediador do passado feito presente que, por sua vez, aponta para o futuro

⁵⁷ JAEGER, Werner. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁵⁸ KERÉNYI, Karl. **Os Deuses Gregos**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2000.

pautado no sonho. Sim, pois não são os mitos irmãos dos Sonhos? O material de ambos não são imagens criativas e vivas? Que o digam, Freud, Jung [...], os antigos.

A segunda peça adaptada, agora como grupo Paideia, foi “Psiquê e Eros”, texto extraído e adaptado de o “Asno de Ouro” de Apuleio (sec. II EC). Foi na escrita deste enredo que iniciamos nosso trabalho com as adaptações/traduições. Isso porque encontramos a fábula dos infortúnios da Alma (Psiquê), contada ao asno Lucius, transcrita na íntegra, mas com uma linguagem popular cearense.

A sequência dos fatos é a mesma: Psiquê e a adoração dos homens por sua beleza; a ira de Afrodite; o cupido enamorado; as núpcias de Psiquê; a desconfiança; a identidade revelada; a busca pelo amado; os trabalhos impossíveis; a redenção; e as núpcias celestes. A linguagem adotada, porém, apresenta termos como “macho/mah”, “mulher/mulherzinha”, empregados como vocativo, tipicamente no Ceará.

Apesar de todo o improviso, desde as primeiras apresentações, percebemos que o grande interesse pela narrativa contada estava na linguagem adotada e, sobretudo, nas referências que fazíamos para aproximar a obra clássica com a atualidade. Na peça Psiquê e Eros, por exemplo, após suas núpcias, a personagem é comunicada pelas vozes do castelo que não poderá ver o rosto de seu marido. Como a personagem já havia sido informada de que casaria com um “ser monstruoso”, optamos por apresentar a personagem Eros escondendo seu rosto com uma máscara semelhante a do protagonista do filme de terror Pânico. (Figura 2)

FIGURA 2 - Eros usa a máscara do Pânico para esconder seu rosto de Psiquê.



Fonte: Arquivo do grupo Paideia

Trata-se da peça mais encenada do grupo e, conseqüentemente, a que possui um maior número de versões de seus roteiros. De 2003 a 2022, a peça foi encenada inúmeras vezes, em espaços e tempos diferentes, para públicos completamente distintos e, muitas vezes, heterogêneos, que nos permitiram variação do texto, sem desvincular da sua essência clássica.

A terceira história adaptada foi feita, na realidade, sob encomenda. Em 2007, o grupo foi convidado a participar de uma aula sobre responsabilidade social, no curso de

especialização em Planejamento e Gestão Ambiental da Universidade 7 de setembro. Como as peças adaptadas que tínhamos não poderiam ser relacionadas com a temática da aula, optamos por adaptar o mito de Perséfone e Deméter.

Algo a se observar sobre essa adaptação é que, apesar de manter o mesmo estilo de texto adaptado pelo grupo, a reescrita de textos clássicos com a linguagem popular cearense, a peça busca advertir o interlocutor sobre a responsabilidade de todos perante a preservação do meio ambiente. Tal ação resgata a moral da história, item típico do gênero contos de fadas.

Passados nove anos do início das atividades do grupo, tivemos oportunidade de apresentar nossas peças em eventos de universidades públicas e particulares; em escolas, do ensino infantil ao ensino médio; festas de aniversários em residências, pizzarias e buffet; praças públicas e terminais de ônibus. Independentemente do local, a reação do público sempre chamava atenção. Enquanto as crianças e adolescentes, rapidamente, são envolvidos pela narrativa, o público mais adulto, logo no início, apresentava uma certa impaciência por estar em uma apresentação de teatro de bonecos. No entanto, à medida que a trama se desenvolvia, o interesse era despertado; e, na segunda parte do espetáculo, tínhamos a plateia completamente participativa.

A falta de interesse por parte de alguns adultos era simplesmente a materialização de um conceito pré-estabelecido, erradamente, de que o teatro de bonecos é sempre feito para um público infantil. Com o objetivo de reverter essa ideia, decidimos, em 2011, escrever a quarta peça do grupo, específica para públicos maiores de dezoito anos. Aproveitamos o lançamento da tradução feita pela professora Ana Maria César Pompeu para adaptar a comédia grega de Aristófanes *Lisístrata – A greve do sexo* e homenageá-la, ao mesmo tempo que fazíamos questão de alertar sobre a censura da peça.

Apesar de escrita/encenada no século V AEC, seu enredo sugere temas atuais e necessários à discussão, como o empoderamento e a emancipação do feminino. E mais, as ideias presentes incentivam a reflexão acerca de como a sociedade patriarcal, séculos depois, ainda hoje silencia as mulheres nas vontades do ser, do agir, do pensar, do falar e do pertencer; e como as mulheres também reproduzem essa concepção de sociedade, impondo limites semelhantes umas às outras. Por isso, falar em sororidade também é tão importante.

Além das peças supracitadas, o grupo Paideia possui "*Prometeu acorrentado*", adaptado para o teatro de sombras; e, em comemoração aos seus 20 anos de existência, em 2022, o grupo iniciou a pesquisa para a escrita da adaptação/tradução das "*As 12 peleja do Cumpade Hércules na Terra da Luz*".

E por que o Teatro de Bonecos? Não seria ele um gênero teatral próprio apenas para crianças? Limitar o seu público a uma determinada faixa etária e não o reconhecer como uma arte dramática seria negar tudo que tem sido feito nos últimos anos por grandes artistas, que dedicam todos os seus recursos e experiências a fim de que esse gênero esteja no mesmo nível de qualidade de qualquer outra maneira de fazer teatro.

O Teatro de Bonecos incorporou diversos recursos, mesclando e criando técnicas, de tal forma que hoje oferece ao artista diversas possibilidades de expressar sua arte com formas animadas: fantoche, manipulação direta, boneco de vara, marionete ou boneco de fio, teatro de Sombra, boneco de balcão, teatro negro, boneco de espuma, mamulengo, bonecos habitáveis, teatro de objetos, teatro de miniaturas e infinitas técnicas mistas e novidades que surgem a cada momento (Beltrame, 2005, p. 57)⁵⁹.

A partir de 2007, somado às atividades de estudos clássicos, o grupo iniciou o projeto de extensão intitulado “A Mitologia Greco-romana e a Sobrevivência do Mito na Atualidade”, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Tratava-se de um curso, dividido em dois módulos, cada um com carga horária de 100 horas, cujo objetivo é estudar a mitologia e suas manifestações contemporâneas, como no cinema, arte, música, quadrinhos e outras expressões culturais.

No primeiro módulo, “*Clássico*”, era estudado conceitos de Mito, alfabeto grego, termos da língua grega que usamos na atualidade, mitos de criação, sobre deuses, heróis e heroínas, tragédias, comédias e epopeias. Já no segundo, “*Recepção do mito*”, contemplava a percepção do mito nas histórias de super-heróis e anti-heróis da atualidade, nas narrativas de jogos, nas obras de J.R.R. Tolkien, nos contos de fadas, dentre outros.

Em ambos, quando possível, os bonecos do grupo são incorporados às aulas, integrando o elemento lúdico ao ambiente acadêmico. Combinação essa que tem se mostrado bem eficaz: ao garantir a preservação do conteúdo previsto, educa entretendo.

Na aula sobre os deuses gregos, por exemplo, Zeus, como boneco, faz interferências cômicas ou arrogantes, durante a explanação dos docentes. Como dito por Araujo, et al. (2021, p. 135)⁶⁰, o deus boneco (Figura 3) aproveita-se “de sua onisciência para anteceder, alterar ou

⁵⁹ BELTRAME, Valmor. A marionetização do ator. In: Móin-Móin — **Revista de Estudos Sobre o Teatro de Formas Animadas**. Jaraguá do Sul: SCAR/UEDESC, ano 1, v. 1, 2005, p. 53-78

⁶⁰ ARAUJO, Danielle Motta et al. Botando boneco mitológico no Ceará: relato de experiência do grupo Paideia. **Comissão Editorial**, p. 128.

apagar os fatos como bem entender, porque, como ele mesmo diz durante a aula: “Fiz porque quis.” ou “Foi por um bem maior, beeeem maior!”.

FIGURA 3: Boneco de Zeus durante a aula sobre os deuses gregos



Fonte: Arquivo do grupo Paideia

Apesar de ocorrer em ambiente acadêmico, no Bloco Didático do Curso de Letras da UFC, o curso está aberto à comunidade em geral. De adolescentes a senhoras e senhores, de estudantes do Ensino Básico a acadêmicos de Letras, História, Direito, Medicina, Psicologia, dentre outras, de servidores públicos a profissionais de diversas áreas, o público mais diversificado já participou desse projeto, em 16 anos e 22 turmas.

Nos últimos anos, além do Curso de Mitologia e do Teatro de Bonecos, o grupo tem promovido encontros acadêmicos, junto à Universidade Federal do Ceará, com apresentações de pesquisas realizadas por alunos e ex-alunos do Curso de Mitologia e do Núcleo de Estudos Clássicos. Além disso, tem promovido eventos temáticos, presenciais ou via plataformas de *streaming*, dentro do universo do mito, ampliado para as diversas mitologias, brasileira, africana, chinesa entre outras.

ANEXO 1 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2022)⁶¹

PSIQUÊ & EROS

TEC: 01 ABERTURA CEN: GRÉCIA ANTIGA

NARRADOR - Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - **Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)**

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma Deusa.

TEC: 02 COMO UMA DEUSA

NARRADOR - Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor...
Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê e Eros.

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos, nos contos de fadas, novela das 6, novela das 7...

1ª irmã – Ô Psiquê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nem um Santo Casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! **Ninguém tem mais privacidade nesse bloco da UFC, ora?!**

2ª irmã – Gentee! Sabem dos boatos que correm por aqui na UFC? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com **um traste de maridinho bolsominionzinho da marca do de vocês!**

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

2ª irmã – Quem souber, morre!

1ª irmã – Acho que eles têm medo é de serem traídos.

⁶¹ Texto escrito para apresentação em comemoração aos 20 anos do grupo Paideia, realizada na Universidade Federal do Ceará, para um público estimado de alunos do curso de extensão de Mitologia Greco-Romana e amigos do grupo Paideia, composto por adultos, jovens e crianças. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Sequestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

TEC: 03 AFRO

Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros? Você acredita que tem uma garotinha fake tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza - Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mainha, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diria um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, **seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é reia...acho que só...Ah! e que não goste do Paideia, nem de Teatro de Bonecos, nem de Mitologia...** acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? **Não seria melhor mandar ela para o Brasil nesses tempos sombrios em que estão atolados?**

Afrodite – **Não, para o Brasil, não, porque a desgraça de lá está com os dias contados!** Mas olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu **tiro seus poderes e corto sua bolsa CAPES!**

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da beleza....

Afrodite – É O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa mal diagramada?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

NARRADOR: Afrodite, sedenta de vingança, acompanha Eros até Psiquê.....e se vai. Porém a realização de seu plano fracassara.....

TEC: 04 EROS

NARRADOR – Eros, quando viu Psiquê, ficou tão encantado com sua beleza, que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.

TEC: 05 ORÁCULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É, mulher!!! Será que essa gente tá pensando que aqui é posto pra tomar a quarta dose... é não, meu povo, aqui é pra falar com o Oráculo. Vão tomar no Centro de Eventos!

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? Eu não sou o gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites preparem sua filha para a cerimônia de casamento e....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Esta véia parece o Faustão e não me deixa falar!!!

Rei – Te aquieta mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!

Rainha – Ô LOCO MEU?

Oráculo – Ram, ram! Bem... Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! **Que entre agora o futuro Presidente do Brasil!!!**

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiii???? Vocês foram na cartomantezinha?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei – Mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oraculozinho disse?

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar... você tem que ser forte.

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, não me enrole não! Vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – Uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei e Rainha – você vai se casar!

Psiquê – Iiiiiiiiiiiiiiiii!!!

TEC: 06 CASAMENTO

Psiquê – E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa...

Psiquê – Como nãaaao?

Rainha – É assim... sei lá... uma coisa...

Psiquê – Como coooooooooisa?

Rainha – Ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

TEC: 07 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

TEC: 08 ROCHEDO (BG)

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Pais: Nãaaaao... Psiquê....

Rainha: Eu vou com ela... eu vou com ela...

Psiquê: Pra quê essa baixaria? Aqui né 190 não! Pois vem morrer no meu lugar, bonita?

Rainha: Eu não

NARRADOR: Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada...

Psiquê: Oi?

NARRADOR: Ops, arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhinhos da mortal.

TEC: 09 PALACIO (BG) CEN: CASTELO DO MONSTRO

STRANGER THINGS

Psiquê – Oiiiiii!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aíii????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narradora?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – **Eu ouço vozes?**

Narrador – **Com que frequência?**

Psiquê – **O tempo todoooo!**

Vozes – [Gritando] PSIQUÊ!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! **É a Vecna, é o Vecna! Traz meu walkman!**

Voz 1 – Não temas amiga (bate palmas), nós somos as vozes do castelo e estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Ai vai, e essa voz bate palma??? Servir a mim? Mas onde estou? Será que eu morriiiii?

Voz 1 – Calminha queridinha!

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – Mas como eu vou olhar? Se tu é voz! Já basta na novela que a Dona Muda falou!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer... agora melhorou?

Psiquê – Agora é outros 500!!!

Voz 2 – Esta é a sua nova morada. Lembre-se, Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada... Mas como tal, deve comportar-se.... Seu marido virá visitá-la todas as noites... mas você nunca poderá ver seu rosto... Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? Alôôôô além, alô além?! Câmbio! Câmbio! Tá sem conexão? Wiiiiiii??

TEC: 10 VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam... dançavam, assistiam ao remake do Pantanal...

Psique – Eros, sê tá andando armado?

Eros – Ôxe, eu sou contra o porte de arma! Isso aí é a fivela do meu cinto!

Psique – Fivela de respeito!

NARRADOR: ...mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

Eros – Por que você quer me ver?... Você duvida do meu amor?... Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – Mas eu te amo, amor de minha vida! É porque eu me sinto tão sozinha nesse castelozinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiazinha todinha!!!

Eros – A sua família todinha é meio difícil. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê? Contanto que elas venham de máscara pq a covid ainda tá no mei do mundo!

TEC: 11 IRMÃS

NARRADOR: Persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar as irmãs, então ordenou ao vento Zéfiro que trouxesse as suas invejosas cunhadas ao castelo.

Irmã 2 – Quanto oooooouro! Será que é verba federal?

Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!! E esse ouro é em barras!

Irmã 2 – Ah, se o rei Midas visse, ele ia ficar passado de inveja.

Psiquê – É tudo meu! 18 quilates e 20 que morde!

Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – Ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é pesquisador do CNPq, monamú... e o cara lá de cima gosta que só dele.

Irmã 1 – Mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – Bem, ele não é nem altinho nem baixinho; não é gordinho nem magrinho...

Irmã 2 – E ele é gente?

Psiquê – Bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa, viu!?

Irmã 1 – Menina, eu tô passada!

Irmã 2 – E se ele for banguela?

Irmã 1 – Mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – Ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Psiquê – Mulher, tu é muito sem noção! Ô besteira, bicha preconceituosa. Num tem problema não de ele ser banquela, pois é só botar uma chapa!!

Irmã 1 – Tive uma ideia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demaaaaais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto. Depois tu me conta como foi.

Psiquê – Eu lá vou fazer isso, num sou nem curiosa... Cadê a vela? Cadê a vela???

NARRADOR – **Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela, uma pequenina vela, e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...**

TEC: 12 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor???!?! Como pode me enganar esse tempo todo?!

Eros – Você me queimou, traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mami para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive sob suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!! Não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar louca, louca, louca!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – Estás mentindo, posso ver!

Eros - Vai logo timbora!

Psiquê - Eros. Eros... Dá rabissaca não, mah!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR - **E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso e arquitetou uma vingança.**

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está! Eu tenho que encontrar meu Eros. Gente, vocês viram meu Eros? Será que ele foi pro Pantanal? Ou tá no Mundo Invertido?

NARRADOR – **A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.**

TEC: 13 USURPADORA**CEN: GRÉCIA ANTIGA**

Afrodite – Eu acho tão engraçado essas coisas, essazinha roubou meu título de deusa mais bela... roubou meu filho... e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe, se poupe, nos poupe!!!

Psiquê – Deusazinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse tão bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faço qualquer coisinha que a senhora me pedir.

Afrodite - Qualquer coisa?

Psiquê - Menos carregar peso porque eu tô toda sequelada de um combo Chycungunha e Dengue que tive no mês passado.

Afrodite - Como é?

Psiquê - Tá bom! Qualquer coisa.

Afrodite – Ahã!!!! Prepara-te filhote de Cruz Credo!!! O teu primeiro trabalho será separar os grãos de diversos cereais em apenas uma noite!

Psiquê - Uma noooite?

Afrodite - UMA noite!

Psiquê - Ó céus! Quem poderá me ajudar!

NARRADOR: E Psiquê desencorajada de realizar essa tarefa, foi ajudada por formiguinhas que separam rapidamente os grãos.

TEC: 14 FORMIGAS (BG)

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho! Passa na frente, meu Zeus!

NARRADORA - Dessa vez, Psiquê irá a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas.

OVELHAS APARECEM

NARRADORA - Mas ela vai ter ajuda inesperada.

CANIÇO APARECE

Psiquê – Se fosse pelo menos aqui no bosque das Letras, mas é lá no bosque da caixa prego! Eu não vou conseguir...

Caniço – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem tá falando? Oi, capinzinho?!

Caniço – Sou o Caniço, minha fia, caniço...

Psiquê – E o que isso na tua voz? É sequela do covid?

Caniço – Pois experimenta balançar falando ou falar balançando! Olha, Psiquê! Todas as pessoas que arrancaram as lãs dessas ovelhas morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Canijo – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... à noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

NARRADOR: Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo.

Canijo – Não é capim, é canijo.

NARRADOR – Tá boooooom, Canijo!

TEC: 15 OVELHAS

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí de cima é? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil como foi o das ovelhinhas, não!

NARRADOR: Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.

Psiquê – Pequeno recipiente? Morde aqui pra ver se sai leite! Eu lá é que caio nessa! Vou levar um garrafão de dois litros, que eu num sou besta.

TEC: 16 MONTANHA

(Psiquê sobe a montanha, pega a água, volta na águia de Zeus, cai)

NARRADOR: Psiquê? Você está bem? Você se machucou?

Psiquê – Tô bem, criatura, pois eu sou de machê e pano.

NARRADOR: Ah, sim! Que bom! E a garrafa?

Psiquê – É de plástico, que não sou boba!

Afrodite – Assim não dá! Pois na próxima você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Não tem o P do perigo deu ir! Eu tô ficando é velha né doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Psiquê – Leitura labial: eu não vou!

Afrodite – Você vai sim. Quem manda nesta barraca sou eu...

Psiquê – Tá bom, tá bom.... Não tá mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 17 MONÓLOGO

Psiquê – Bem, agora que estou sozinha, farei um monólogo... Penso, Logo morro... minha gente... Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá, que é morrendo! Vou ou num vou? (interage com a plateia)

NARRADOR – Valha, Psiquê mulher, como tu sofre! Desce daí, bicha! Eu vou te ensinar um outro caminho!...

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão...

Primeiro: pegue uma caneta e um papel porque a lista é grande!... Controle sua curiosidade que tudo dará certo...

Segundo: ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio e não o conteste...

Terceiro: leve alimento para o cão Cérbero... assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar com Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém...

Quarta coisa: pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte...

E o mais importante:... não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão...

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TEC: 18 CARONTE

Caronte – Campus do Pici, Triângulo Motel, Shopping Benfica, Le Chalet, CH, Sala de Defesa Capitu e parada final no Hades.

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como tem andado?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – Eita que bicho ignorante! É o Lunga do Mundo dos Mortos! Bem preciso ir ao Hades. É porque eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – Nã, num tô precisando disso não?!

Caronte – Mia fia, depois da pandemia, tá todo mundo com o juízo lascado precisando de terapia!

Psiquê – Pois táí que é uma verdade! Mas o que é que eu preciso fazer para ir ao Hades?

Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui embaixo quem dita as regras sou eu, e se depender do povo que tá aí a democracia está quase extinta nesse país. Aqui tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas e 20 centavos

TEC: 19 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Perai.. sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Tá acompanhando o aumento da gasolina? E tu bota gasolina onde nessa tua barca furada, nessa tua chalana! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado por aqui!

Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?

Psiquê – Não é pelos 20 centavos... É pela educação, pela saúde, pela Amazônia, pela caatinga, pelo Pantanal... Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Pix?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Olympus Card?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Olha, eu só tenho uma “ceda” de 100 dracmas! Eu vou te pagar na volta porque lá no Hades eu compro um churrasquinho e troco meu dinheirinho, tá bom?!

Caronte - To sentindo cheiro de calote... posso estar enganado ou sendo enganado.

Psiquê - Eu te pago besta, num sou caloteira não! Eu juro! Juro pela Ana Maria!

Caronte - Então sobe... nossa, você tá gorda...

Psiquê - Seu gordofóbico! #corpolivre!

TEC: 20 HADES CEN: HADES

Psiquê - Ó seu Caronte... é verdade que esse rio tá cheio de gente morta?

Caronte - Pula aí pra ver!

Psiquê - Ó seu Caronte... será que o véi do rio vai aparecer?

Caronte - Arrra, que era muito bom que eu me livrava de ti, sua disgrama!

Psiquê - Ó seu Caronte... eu tô enjoada!

Caronte - Minha filha... você É enjoada.

Psiquê - Melhor do que ficar réeeeeiva porque eu viro onça! Ó seu Caronte... querimbora!

Caronte - Vai te aquietar, Psiquê Marruá!

Psiquê - Onde é a parada? Onde que puxa a cordinha!

Caronte - Agora, pula!

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão cérbere e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 21 FUGA PSIQUE CEN:GRÉCIA ANTIGA

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que essa aí que tá contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daaando uuuuum soniiiiinho!!!! Olha uma luz...

Voz - Psiquê, não olhe para a luz!

Psiquê - Agora é tarde! Me lasquei todinha!

TEC: 22 SONO (BG)

Eros – Ê ê Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre vou protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? Qual o resultado do primeiro turno das eleições?

Eros – Tenha calma, minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – Ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 23 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente, com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Uia, minha filha? Olha que bicha falsiane!

Afrodite - Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdôo. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade. Dar-te-ei a vida eterna.

Psiquê – Mesóclise perfeita!

Afrodite - Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – Quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado, amor de minha vida? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheirinho dele!!!

TEC: 24 ENCERRAMENTO

ANEXO 2 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2020)⁶²

PSIQUÊ & EROS

TEC: 01 ABERTURA CEN: GRÉCIA ANTIGA

TRÊS JANELAS | DESTAQUE NEY - CARTAZ

NARRADOR - Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma Deusa.

DANI E BETINHO CANTAM TEC: 02 COMO UMA DEUSA

NARRADOR - Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor...
Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê & Eros.

TIRA CARTAZ | TIRA DESTAQUE NEY

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é Santo Antônio não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade na internet, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem dos boatos que correm pelas redes sociais? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... #encalhada, #vitalina, #moçavelha, #solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes #solteirona do que casada com um maridinho bolsominionzinho de vocês!

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

⁶² Texto escrito para apresentação síncrona na plataforma *streaming* de vídeo Youtube, em 2020, cuja expectativa inicial de público era alunos e ex-alunos do curso de Mitologia e membros da comunidade *Amigos do Grupo Paideia* das redes sociais *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

2ª irmã – Quem souber, morre!

1ª irmã – Acho que eles têm medo é de serem traídos.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Sequestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

IRMÃS SAEM ANDANDO

TEC: 03 AFRO

TIRA DANI

Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros? Você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza - Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mainha, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diria um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é reia...acho que só...Ah! e que não goste de literatura, nem Mitologia.. acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pra Brasília e deixá-la amarrada em uma pedra para ouvir eternamente a pregação da Damares?

Afrodite – Olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua internet!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da beleza....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa tribufu?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

TIRA DELANO | INSERE DANI | TIRA NEY | INSERE DELANO

TEC: 04 EROS

NARRADOR – Afrodite indicou o caminho. Eros, ao encontrá-la, ficou tão encantado com a beleza de Psiquê, que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

SAEM DE CENA

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

INSERE NEY | TIRA DANI

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.

INSERE DANI

TEC: 05 ORÁCULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! **Será que essa gente toda é pra se aposentar...** ops, pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? Eu não sou o gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites preparem sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - TÃO ME OUVINDO.... DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Esta véia não me deixa falar!!!

Rei – Te quieta mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!

Rainha – Ta bom, ta bom, vou desligar o mic...

Oráculo – Ram, ram! Bem... Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? **Agora revelarei o porquê dos 89 mil na conta...**

REIS SAEM DE CENA ANDANDO

DANI CONGELA

TIRA DANI

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

INSERE DANI

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiií???? Vocês foram na cartomantezinha?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei – Mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oraculozinho disse?

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar... você tem que ser forte.

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – Uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei – você vai se casar, minha filha!

Psiquê – Iiiiiieeeeeiiiiiii!!!

TEC: 06 CASAMENTO - CANTAR ALELUIA

Psiquê – E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa...

Psiquê – Como nãaaaoo?

Rainha – É assim... sei lá... uma coisa...

Psiquê – Como cooooooooooisa?

Rainha – Ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

NÃO PRECISA - TEC: 07 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

REI E RAINHA SAEM ANDANDO**TEC: 08 ROCHEDO (BG)****DESTAQUE DANI**

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Rainha: Nãaaaoo... Psiquê....

Rei: Nãaaaoo... Psiquê....

Rainha: Eu vou com ela... eu vou com ela...

Psiquê: Pra quê essa baixaria? Aqui né 190 não! Pois vem morrer no meu lugar?

Rainha: Eu não

NARRADOR: Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhinhos da mortal.

TEC: 09 PALACIO (BG)**CEN: CASTELO DO MONSTRO**

STRANGER THINGS

Psiquê – Oiiiiii!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aííí'?????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narrador?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – Eu ouço vozes...

Narrador – Com que frequência?

Psiquê – O tempo todoooo!

Vozes – [Gritando] PSIQUE!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu morriiiii?

Voz 1 – Calminha queridinha! E teve boatos de que você ainda estava na pior!

Psiquê – Se isso é tá na pior... ôrra... quê que é estar bem?

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – Mas como eu vou olhar? Se tu é voz! Te alui, voz!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – Agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo... Esta é a sua nova morada. Lembre-se, Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada... Mas como tal, deve comportar-se.... Seu marido virá visitá-la todas as noites... mas você nunca poderá ver seu rosto... Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? Alôôôô além, alô além?! Câmbio! Câmbio! Acabaram-se os créditos? Wiiiiilll?

TIRA NEY | TIRA DELANO | INSERE DELANO

TEC: 10 VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam... assistiam netflix... dançavam... mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

Eros – Por que você quer me ver? [PARA CARAIO]... Você duvida do meu amor? [PARA DENOVO]... Se você me olhar, talvez tenha medo de mim [STOP BITCH]... ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – Mas eu te amo, amor de minha vida! É porque eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiazinha todinha!!!

Eros – A sua família todinha é meio difícil, olha o isolamento social. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com uma live com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

NARRADOR: Persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar as irmãs, então pediu a Hermes que organizasse uma videoconferência com suas invejosas cunhadas.

TIRA DELANO | ATIVA NOMES| MUDA MODO LIVE | [01] INSERE DELANO

[02] INSERE NEY

TEC: 11 IRMÃS

Irmã 2 – Quanto oooooouro! Tu tá em Atibaia, é?

Irmã 1 – Isso é um fundo fake que ela bota. Mas... e aqueles comprovantes?

Irmã 2 – Ah, se o rei Midas visse, ele ia ficar passado de inveja.

Psiquê - É tudo meu! 18 quilates e 20 que morde!

Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – Ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é digital influencer, monamú... e o cara lá de cima gosta que só dele.

Irmã 1 – Mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – Bem, ele não é altinho nem baixinho; não é gordinho nem magrinho...

Irmã 2 – E ele é gente?

Psiquê – Bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – Menina, eu tô passada!

Irmã 2 – E se ele for banguela?

Irmã 1 – Mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – Ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Psiquê – O besteira, bicha preconceituosa. Bota uma chapa!!

Irmã 1 – Tive uma ideia... como sou sua irmã mais velha e me preocupo demaaaaais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto. Depois tu me conta como foi...

TIRA DELANO | TIRA NEY

Psiquê – Eu lá vou fazer isso, num sou nem curiosa... Cadê a vela? Cadê a vela???

TIRA NOME | MUDA CENA | INSERE DELANO

NARRADOR – Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela, uma pequenina vela, e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...

TEC: 12 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor????!!!! Como pode me enganar o tempo todo?!

Eros – Você me queimou, traidora! Como você pôde fazer isso? Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive sob suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!!** Não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar louca, louca, louca!

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – **Estás mentindo, posso ver!**

Eros - Vai logo timbora!

Psiquê - Eros. Eros... Dá rabissaca não, mah!!! (Psiquê sai chorando)

DESTAQUE DANI

NARRADOR - E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso e arquitetou uma vingança.

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está! Eu tenho que encontrar meu Eros. Gente, vocês viram meu Eros?

NARRADOR – A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.

TIRA DELANO | INSERE NEY

TEC: 13 AFRO

CEN: GRÉCIA ANTIGA

Afrodite – Eu acho tão engraçado essas coisas,... essazinha roubou meu título de deusa mais bela,... roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe, se poupe, nos poupe!!!

Psiquê – Deusazinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgraças. Antes não fosse tão bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faça qualquer coisinha que a senhora me pedir.

Afrodite - Qualquer coisa?

Psiquê - Menos ir para aglomerações por que estou em isolamento social e carregar peso porque eu tô com duas hérnias de DVD no meu espinhaço.

Afrodite - Como é?

Psiquê - Tá bom! Eu boto máscara... tomo banho de alquigel. Qualquer coisa.

Afrodite – Ahã!!!! Prepara-te amarela empombada!!! O teu primeiro trabalho será separar os grãos de diversos cereais em apenas uma noite!

Psiquê - Uma noooite?

Afrodite - UMA noite!

DESTAQUE DANI

TEC: 14 FORMIGAS (BG)

[TRABALHO]

TIRA DESTAQUE DANI

Psiquê – Afrô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha!... Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho! Passa na minha frente, meu Zeus!

INSERE DELANO

NARRADOR - Dessa vez, **Psiquê** irá a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas.

OVELHAS APARECEM

NARRADOR - Mas ela vai ter ajuda inesperada.

CANIÇO APARECE

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Caníço – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem tá falando? Oi, capinzinho?!

Caníço – o Caníço, minha fia, caníço... Olhe! Todas as pessoas que arrancaram as lãs dessas ovelhas morreram queimadas...

Psiquê – E essas ovelhas moram na Amazônia ou no Pantanal? Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Caníço – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

Psiquê - (*arremedando o Caníço*) Aaaa, ta bom, brigaaada, seu Caniiço...

Caníço - Tu tá me arremedando?

Psiquê - É não, é quando eu vejo gente falando legal assim eu fico falando igual.

NARRADOR: Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo gago.

Psiquê – Olha o cyberbullying, narrador...

NARRADOR - Perdão! Ela seguiu todas as orientações dadas pelo capim com especialidade de fala.

Caníço – Não é capim, é caníço.

NARRADOR – Tá boooooom, Caníço!

TIRA NEY

TEC: 15 OVELHAS

TIRA DELANO | INSERE NEY

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí do Olimpo? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi o das ovelhinhas, não!

INSERE DELANO | DETAQUE DANI

NARRADOR: Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu lá é que caio nessa! Vou levar um garrafão de dois litros, que eu num sou besta.

TEC: 16 ROCHEDO

(Psiquê vai ao Hades, pega a água, volta na água de Zeus, cai)

NARRADOR: Psiquê? Você está bem? Você se machucou?

Psiquê – Tô bem, criatura, pois eu sou de machê e pano.

NARRADOR: Ah, sim! Que bom! E a garrafa?

Psiquê – É de plástico!

TIRA DELANO | TIRA DESTAQUE DANI

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu tô ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Psiquê – Leitura labial: eu não vou!

Afrodite – Você vai sim. Quem manda nesta live sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom.... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

INSERE DELANO | DESTAQUE JANELA DANI

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 17 MONÓLOGO

Psiquê – Bem, agora que estou sozinha nesta live, farei um monólogo... Penso, Logo Morro... minha gente... Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a plateia)

NARRADOR – Valha, Psiquê, como tu sofre! Desce daí! Eu vou te ensinar um outro caminho!

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão.

Primeiro: pegue uma caneta e um papel porque a lista é grande! Controle sua curiosidade que tudo dará certo.

Segundo: Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste.

Terceiro: Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar com Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém.

Quarta coisa: Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte.

E o mais importante: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TIRA DELANO**TEC: 18 CARONTE**

Caronte – Jaguaribe, Quixadá, Iguatu, Crato, João Pessoa, Maceió, Rio de Janeiro, São Gonçalo, São Paulo, Toronto, Messejana e parada final do Hades.

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como tem andado?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – Bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – Nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem que pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui nessa barca quem dita as leis sou eu, se quiser democracia vá pra um posto Ipiranga. Aqui tem que pagar.

Psiquê – Tá, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas e 20 centavos

TEC: 19 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Perai... sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui!

Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?

Psiquê – Não é pelos 20 centavos... É pela educação, pela saúde... Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olimpus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Eu vou te pagar na volta porque eu não tenho trocado.

Caronte - To sentindo cheiro de calote... posso está enganado ou sendo enganado.

Psiquê - Eu te pago besta, num sou caloteira não!

Caronte - Então sobe... nossa, você ta gorda...

Psiquê - Seu gordofóbico!!!!

TEC: 20 HADES

CEN: HADES

Psiquê - Ó seu Caronte... é verdade que esse rio tá cheio de gente morta?

Caronte - Pula ai pra ver!

Psiquê - Ó seu Caronte... eu to enjoada!

Caronte - Minha filha... você É enjoada.

Psiquê - Onde é a parada?

Caronte - Agora, pula!

DESTAQUE DANI

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão cérbere e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 21 FUGA PSIQUE CEN:GRÉCIA ANTIGA

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que esse aí que tá contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas tá me daaando uuuuum soniiiiinho!!!! Olha uma luz...

Narradora - Psiquê, não olhe para a luz!

Psiquê - Agora é tarde!

TIRA NEY | INSERE DELANO

TEC: 22 NINAR

Eros – Ê ê Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre vou protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? E Queiroz, onde estará?

Eros – Tenha calma, minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – Ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 23 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

INSERE NEY

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Uia, minha filha? Olha que falsiane!

Afrodite - Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdôo. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade. Dar-te-ei a vida eterna.

Afrodite - Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheirinho dele!!!

TEC: 24 ENCERRAMENTO

ANEXO 3 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2019)⁶³

PSIQUÊ & EROS

TEC: 01 ABERTURA CEN: GRÉCIA ANTIGA

NARRADOR - Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - **Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)**

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma Deusa.

TEC: 02 COMO UMA DEUSA

NARRADOR - Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor...
Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê & Eros.

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castiga com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é Santo Antônio não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse bloco, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem dos boatos que correm por aqui na UFC? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com **um maridinho bolsominionzinho de vocês!**

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

2ª irmã – Quem souber, morre!

1ª irmã – Acho que eles têm medo é de serem traídos.

⁶³ Texto escrito para apresentação no Encontro de Estudos Clássicos da UFC, cuja expectativa inicial de público era de ser composto por professores, alunos e simpatizantes de Cultura Clássica, muitos oriundos dos cursos de Letras, Psicologia, História, entre outros. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Sequestrada!!!

2ª irmã – Psiquêê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

TEC: 03 AFRO

Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros? Você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza - Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mainha, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diria um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborreia, diarreia, piorreia e tudo que é reia...acho que só...Ah! e que não goste de literatura, nem Mitologia... acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pra Brasília e deixá-la amarrada em uma pedra para ouvir eternamente a pregação da Damares?

Afrodite – Olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua bolsa CAPES!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da belez....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa tribufu?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

TEC: 04 EROS

NARRADOR – Afrodite indicou o caminho. Eros, ao encontrá-la, ficou tão encantado com a beleza de Psiquê, que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.

TEC: 05 ORÁCULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra se aposentar... ops, pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? **Eu não sou o Will Smith Avatar gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.**

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites preparem sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPAREM A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Esta véia parece o Faustão e não me deixa falar!!!

Rei – Te aquieta mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!

Rainha – Ô LOCO MEU?

Oráculo – Ram, ram! Bem... Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! **Que entrem agora Olavo de Carvalho, o astrologo da terra plana!!!**

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiii???? Vocês foram na cartomantezinha?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei – Mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oraculozinho disse?

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar... você tem que ser forte.

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – Uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei e Rainha – você vai se casar, minha filha!

Psiquê – Iiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!

TEC: 06 CASAMENTO

Psiquê – E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa...

Psiquê – Como nãaaaoo?

Rainha – É assim... sei lá... uma coisa...

Psiquê – Como coooooooooisa?

Rainha – Ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

TEC: 07 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

TEC: 08 ROCHEDO (BG)

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Pais: Nãaaaao... Psiquê....

Rainha: Eu vou com ela... eu vou com ela...

Psiquê: Pra quê essa baixaria? Aqui né 190 não! Pois vem morrer no meu lugar?

Rainha: Eu não

NARRADOR: Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhinhos da mortal.

TEC: 09 PALACIO (BG) CEN: CASTELO DO MONSTRO**STRANGER THINGS**

Psiquê – Oi!!!!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aííí?????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narrador?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – **Eu ouço vozes?**

Narrador – **Com que frequência?**

Psiquê – **O tempo todoooo!**

Vozes – [Gritando] PSIQUÊ!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu morriiiii?

Voz 1 – Calminha queridinha! E teve boatos de que você ainda estava na pior!

Psiquê – Se isso é tá na pior... ôrra... quê que é estar bem?

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – Mas como eu vou olhar? Se tu é voz! Te alui, voz!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – Agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada. Lembre-se, Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada... Mas como tal, deve comportar-se.... Seu marido virá visitá-la todas as noites... mas você nunca poderá ver seu rosto... Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? **Alôôôô além, alô além?! Acabaram-se os créditos? Wiiiiilll?**

TEC: 10 VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam... dançavam... mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

Eros – Por que você quer me ver?... Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – Mas eu te amo, amor de minha vida! É porque eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiarzinha todinha!!!

Eros – A sua família todinha é meio difícil. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

TEC: 11 IRMÃS

NARRADOR: Persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar as irmãs, então ordenou ao vento Zéfiro que trouxesse as suas invejosas cunhadas ao castelo.

Irmã 2 – Quanto oooooouro! Aqui é melhor que o Le Chalet.

Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!! É melhor até do que o Dragon.

Irmã 2 – Ah, se o rei Midas visse, ele ia ficar passado de inveja.

Psiquê - É tudo meu! 18 quilates e 20 que morde!

Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – Ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ainda é pesquisador do CNPq, monamú... e o cara lá de cima gosta que só dele.

Irmã 1 – Mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – Bem, ele não é altinho nem baixinho; não é gordinho nem magrinho...

Irmã 2 – E ele é gente?

Psiquê – Bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – Menina, eu tô passada!

Irmã 2 – E se ele for banguela?

Irmã 1 – Mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – Ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Psiquê – O besteira, bicha preconceituosa. Bota uma chapa!!

Irmã 1 – Tive uma ideia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demaaaaais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

Psiquê – Eu lá vou fazer isso, num sou nem curiosa... Cadê a vela? Cadê a vela???

NARRADOR – **Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela, uma pequenina vela, e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...**

TEC: 12 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor????!!!! Como pode me enganar o tempo todo?!

Eros – Você me queimou, traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive sob suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!! Não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar louca, louca, louca!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – **Estás mentindo, posso ver!**

Eros - Vai logo timbora!

Psiquê - Eros. Eros... Dá rabissaca não, mah!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR - **E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso e arquitetou uma vingança.**

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está! Eu tenho que encontrar meu Eros. Gente, vocês viram meu Eros?

NARRADOR – **A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.**

TEC: 13 USURPADORA CEN: GRÉCIA ANTIGA

Afrodite – Eu acho tão engraçado essas coisas, essazinha roubou meu título de deusa mais bela, roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe, se poupe, nos poupe!!!

Psiquê – Deusazinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faço qualquer coisinha que a senhora me pedir.

Afrodite - Qualquer coisa?

Psiquê - Menos carregar peso porque eu tô com duas hérnias de DVD no meu espinhaço.

Afrodite - Como é?

Psiquê - Tá bom! Qualquer coisa.

Afrodite – Ahã!!!! Prepara-te amarela empombada!!! O teu primeiro trabalho será separar os grãos de diversos cereais em apenas uma noite!

Psiquê - Uma noooite?

Afrodite - UMA noite!

TEC: 14 FORMIGAS (BG)

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho! Passa na minha frente, meu Zeus!

NARRADOR - **Dessa vez, Psiquê irá a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas.**

OVELHAS APARECEM

NARRADOR - **Mas ela vai ter ajuda inesperada.**

CANIÇO APARECE

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Canião – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem tá falando? Oi, capinzinho?!

Canião – o Canião, minha fia, canião... Olhe! Todas as pessoas que arrancaram as lãs dessas ovelhas morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Canião – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

Psiquê - (*arremedando o Canião*) Aaaa, ta bom, brigaaada, seu Caniiiço...

Canião - Tu tá me arremedando?

Psiquê - É não, é quando eu vejo gente falando legal assim eu fico falando igual.

NARRADOR: **Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo gago.**

Psiquê – Olha o bullying, narrador...

NARRADOR - **Perdão! Ela seguiu todas as orientações dadas pelo capim com especialidade de fala.**

Canião – Não é capim, é canião.

NARRADOR – **Tá boooooom, Canião!**

TEC: 15 OVELHAS

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí de cima é? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi o das ovelhinhas, não!

NARRADOR: **Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.**

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu lá é que caio nessa! Vou levar um garrafão de dois litros, que eu num sou besta.

TEC: 16 MONTANHA

(Psiquê vai ao Hades, pega a água, volta na águia de Zeus, cai)

NARRADOR: Psiquê? Você está bem? Você se machucou?

Psiquê – Tô bem, criatura, pois eu sou de machê e pano.

NARRADOR: Ah, sim! Que bom! E a garrafa?

Psiquê – É de plástico!

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Psiquê – Leitura labial: eu não vou!

Afrodite – Você vai sim. Quem manda nesta barraca sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 17 MONÓLOGO

Psiquê – Bem, agora que estou sozinha, farei um monólogo... Penso, Logo Morro... minha gente... Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a plateia)

NARRADOR – Valha, Psiquê, como tu sofre! Desce daí! Eu vou te ensinar um outro caminho!

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão.

Primeiro: pegue uma caneta e um papel porque a lista é grande! Controle sua curiosidade que tudo dará certo.

Segundo: Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste.

Terceiro: Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar com Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém.

Quarta coisa: Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte.

E o mais importante: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TEC: 18 CARONTE

Caronte – Campus do pici, Triângulo Motel, Shopping Benfica, Le Chalet, CH, Auditório Raquel de Queiroz e parada final no Hades.

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como tem andado?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – Bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – Tá me chamando de doida, é?! Nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, se quiser democracia vá pra um posto Ipiranga. Aqui tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas e 20 centavos

TEC: 19 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Perai.. sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui!

Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?

Psiquê – Não é pelos 20 centavos... É pela educação, pela saúde... Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olimpus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Eu vou te pagar na volta porque eu não tenho trocado.

Caronte - To sentindo cheiro de calote... posso está enganado ou sendo enganado.

Psiquê - Eu te pago besta, num sou caloteira não!

Caronte - Então sobe... nossa, você ta gorda...

TEC: 20 HADES CEN: HADES

Psiquê - Ó seu Caronte... é verdade que esse rio tá cheio de gente morta?

Caronte - Pula ai pra ver!

Psiquê - Ó seu Caronte... eu to enjoada!

Caronte - Minha filha... você É enjoada.

Psiquê - Onde é a parada?

Caronte - Agora, pula!

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão céerber e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 21 FUGA PSIQUÊ CEN:GRÉCIA ANTIGA

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que esse aí que ta contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daaando uuuuum soniiiiinho!!!! Olha uma luz...

Voz - Psiquê, não olhe para a luz!

Psiquê - Agora é tarde!

TEC: 22 SHALLOW

Eros – Ê é Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre vou protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? E Queiroz, onde estará?

Eros – Tenha calma, minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – Ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 23 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Uia, minha filha? Olha que falsiane!

Afrodite - Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdô. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade. Dar-te-ei a vida eterna.

Afrodite - Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheirinho dele!!!

TEC: 24 ENCERRAMENTO

ANEXO 4 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2018)⁶⁴

PSIQUÊ & EROS

TEC: 01 ABERTURA CEN: GRÉCIA ANTIGA

NARRADOR - Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma Deusa.

TEC: 02 COMO UMA DEUSA

NARRADOR - Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor...
Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê & Eros.

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nenhum santo casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse castelinho, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem dos boatos que correm por aqui na Cidade dos Funcionários? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com um traste da marca do maridinho de vocês!

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

2ª irmã – Quem souber, morre!

1ª irmã – Acho que eles têm medo é de serem traídos.

⁶⁴ Texto escrito para apresentação no Curso de Contos de Fadas, do Instituto Dédalus, cuja expectativa de público era uma plateia composta por alunos da Formação em Contos de Fadas – psicólogos, terapeutas e psicopedagogos. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Sequestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

TEC: 03 AFRO

Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros? Você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza - Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – A Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diz um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, **seborréia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não seja Junguiano nem Freudiano, nem goste de Mitologia, muito menos de Contos De Fada...** acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? **Não seria melhor mandá-la lá pro Egito para sofrer as dez pragas de lá,** além das pragas que a Senhora já lançou?

Afrodite – Olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não **eu tiro seus poderes e corto sua mesada!**

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da belez....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa tribufu?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

TEC: 04 EROS

NARRADOR – Eros ficou tão encantado com a beleza de Psiquê, que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.

TEC: 05 ORÁCULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? Eu não sou gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites prepare sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Esta véia babaquara não deixa eu falar!!!

Rei – Te aquieta mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!

Oráculo – Ram, ram! Bem...Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, ou se faz? Próximo!!!! **Que entrem agora os técnicos das seleções da Croácia e da França!!!**

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiií???? Vocês foram na cartomantezinha?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei – Mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oraculozinho disse?

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar... você tem que ser forte.

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – Uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei e Rainha – você vai se casar, minha filha! (música entra no mesmo instante que a frase termina)

TEC: 06 CASAMENTO

Psiquê – Iiiiiieeeeeiiiiiii!!! E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa...

Psiquê – Como nãaaaoo?

Rainha – É assim... sei lá... uma coisa...

Psiquê – Como coooooooooisa?

Rainha – ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

TEC: 07 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

TEC: 08 ROCHEDO (BG)

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Pais: Nãaaaao... Psiquê....

Rainha: Eu vou com ela... eu vou com ela...

Psiquê: Pra quê essa baixaria? Aqui né 190 não! Pois vem morrer no meu lugar?

Rainha: Eu não

NARRADOR: Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhinhos da mortal.

TEC: 09 PALACIO (BG) CEN: CASTELO DO MONSTRO

STRANGER THINGS

Psiquê – Oi!!!!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aíí'????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narrador?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – **Eu ouço vozes!**

Narrador – **Com que frequência?**

Psiquê – **O tempo todoooo!**

Vozes – [Gritando] **PSIQUÊ!**

Psiquê – **AHHH!!!!** Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu morriiiii?

Voz 1 – Calminha queridinha! E teve boatos de que você ainda estava na pior!

Psiquê – Se isso é tá na pior... ôrra... quê que é estar bem?

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – mas como eu vou olhar? Se tu é voz! Te alui, voz!!

Voz 2 – **OUÇA BEM** o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – Agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada. Lembre-se, Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada... Mas como tal, deve comportar-se.... Seu marido virá visitá-la todas as noites... mas você nunca poderá ver seu rosto... Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? **Alôôôô além, alô além?! Acabaram-se os créditos? Wiiiiiii!**

TEC: 10 VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam... dançavam... mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

Eros – Por que você quer me ver?... Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – Mas eu te amo, amor de minha vida! É porque eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiarzinha todinha!!!

Eros – A sua família todinha é meio difícil. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

TEC: 11 IRMÃS

NARRADOR: Persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar as irmãs, então ordenou ao vento Zéfiro que trouxesse as suas invejosas cunhadas ao castelo.

Irmã 2 – Quanto oooooouro!

Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!!

Irmã 2 – **Ah, se o rei Midas visse, ele ia ficar passado de inveja.**

Psiquê - É tudo meu! 18 quilates e 20 que morde!

Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – Ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... **e ainda é psicólogo... e o cara lá de cima gosta que só dele.**

Irmã 1 – Mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – Bem, ele não é altinho nem baixinho; não é gordinho nem magrinho...

Irmã 2 – E ele é gente?

Psiquê – Bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – Menina, eu tô passada!

Irmã 2 – E se ele for banguela?

Irmã 1 – Mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – Ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Psiquê – O besteira, bicha preconceituosa. A gente bota uma chapa na boca dele!!

Irmã 1 – Tive uma ideia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demaaaaais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

Psiquê - Eu lá vou fazer isso, num sou nem curiosa... Cadê a vela? Cadê a vela???

NARRADOR - **Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela, uma pequenina vela, e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...**

TEC: 12 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor????!!!! Como pode me enganar o tempo todo?!

Eros – Traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive sob suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!! Não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar louca, louca, louca!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – Estás mentindo, posso ver!

Eros - Vai logo timbora!

Psiquê - Eros. Eros... Dá rabissaca não, mah!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR - **E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso e arquitetou uma vingança.**

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está! Eu tenho que encontrar meu Eros. Gente, vocês viram meu Eros?

NARRADOR – **A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.**

TEC: 13 USURPADORA **CEN: GRÉCIA ANTIGA**

Afrodite – Eu acho tão engraçado essas coisas, essazinha roubou meu título de deusa mais bela, roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe, se poupe, nos poupe!!!

Psiquê – Deusazinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faço qualquer coisinha que a senhora me pedir.

Afrodite - Qualquer coisa?

Psiquê - Menos carregar peso porque eu tô com duas hérnias de DVD no meu espinhaço.

Afrodite - Como é?

Psiquê - Tá bom! Qualquer coisa.

Afrodite – Ahã!!!! Prepara-te amarela empombada!!! O teu primeiro trabalho será separar os grãos de diversos cereais em apenas uma noite!

Psiquê - Uma noooite?

Afrodite - UMA noite!

TEC: 14 FORMIGAS (BG)

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho! Passa na minha frente, meu Zeus!

NARRADOR - **Dessa vez, Psiquê irá a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas.**

OVELHAS APARECEM

NARRADOR - **Mas ela vai ter ajuda inesperada.**

CANIÇO (GAGO) APARECE

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Canijo – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem tá falando? Oi, capinzinho?!

Canijo – o Canijo, minha fia, canijo... Olhe! Todas as pessoas que tentaram arrancar as lãs dessas ovelhas durante o dia morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Canijo – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

Psiquê - (*arremedando o Canijo*) Aaaa, ta bom, brigaaada, seu Caniijo...

Canijo - Tu tá me arremedando?

Psiquê - É não, é quando eu vejo gente falando legal assim eu fico falando igual.

NARRADOR: **Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo gago.**

Psiquê – Olha o bullying, narrador...

NARRADOR - **Perdão! Ela seguiu todas as orientações dadas pelo capim com especialidade de fala.**

Canijo – Não é capim é canijo.

NARRADOR – **Tá boooooom, Canijo!**

TEC: 15 OVELHAS

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí de cima é? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi com as ovelhinhas, não!

NARRADOR: **Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.**

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu lá é que caio nessa! Vou levar um garrafão de dois litros, que eu num sou besta.

TEC: 16 MONTANHA

(Psiquê vai ao Hades, pega a água, volta na águia de Zeus, cai)

NARRADOR: Psiquê? Você está bem? Você se machucou?

Psiquê – Tô bem, criatura, pois eu sou de pano.

NARRADOR: Ah, sim! Que bom! E a garrafa?

Psiquê – É de plástico!

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Psiquê – Leitura labial: eu não vou!

Afrodite – Você vai sim. Quem manda nesta barraca sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 17 MONÓLOGO

Psiquê – Bem, agora que estou sozinha, farei um monólogo... Penso, Logo Morro.. minha gente... Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a plateia)

NARRADOR – Valha, Psiquê, como tu sofre! Desce daí! Eu vou te ensinar um outro caminho!

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão.

Primeiro: pegue uma caneta e um papel porque a lista é grande! Controle sua curiosidade que tudo dará certo.

Segundo: Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste.

Terceiro: Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar com Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém.

Quarta coisa: Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte.

E o mais importante: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TEC: 18 CARONTE

Caronte – Treze de Maio, Pontes Vieira, Washington Soares, Instituto Dédalus e parada final no Hades.

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como tem andado?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – Bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo (aproveita que tem um monte aí na plateia) ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – Tá me chamando de doida, é?! Nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, esse negócio de democracia num tá funcionando nem lá por cima. Se quiser ir tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas e 20 centavos

TEC: 19 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Perai.. sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui!

Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?

Psiquê – Não é pelos 20 centavos... É pela educação, pela saúde... Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olympus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Eu vou te pagar na volta porque eu não tenho trocado.

Caronte - To sentindo cheiro de calote... posso está enganado ou sendo enganado.

Psiquê - Eu te pago besta, num sou caloteira não!

Caronte - Então sobe... nossa, você ta gorda...

TEC: 20 HADES CEN: HADES

Psiquê - Ó seu Caronte... é verdade que esse rio tá cheio de gente morta?

Caronte - Pula ai pra ver!

Psiquê - Ó seu Caronte... eu to enjoada!

Caronte - Minha filha... você É enjoada.

Psiquê - Onde é a parada?

Caronte - Agora, pula!

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão cérbere e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 21 FUGA PSIQUÊ CEN: GRÉCIA ANTIGA

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que esse aí que ta contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daaando uuuuum soniiiiinho!!!! Olha uma luz...

Voz - Psiquê, não olhe para a luz!

Psiquê - Agora é tarde!

TEC: 22 SONO

Eros – Ê é Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre vou protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? Quem matou Aquiles?

Eros – Tenha calma, minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – Ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 23 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Uia, minha filha? Olha que falsiane!

Afrodite - Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdôo. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade. Dar-te-ei a vida eterna.

Afrodite - Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheirinho dele!!!

TEC: 23 ENCERRAMENTO

ANEXO 5 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2016)⁶⁵**PSIQUÊ & EROS****TEC: 01 ABERTURA CEN: GRÉCIA ANTIGA**

NARRADOR - Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma Deusa.

TEC: 02 COMO UMA DEUSA

NARRADOR - Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor...
Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê & Eros.

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquêê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nenhum santo casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse castelinho, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem dos boatos que correm por aqui na Faculdade Farias Brito? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com um traste da marca do maridinho de vocês!

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

⁶⁵ Texto escrito para apresentação no Curso de Psicologia da Faculdade Farias Brito, cuja expectativa de público era uma plateia composta por alunos e professores do curso. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

2ª irmã – Quem souber, morre!

1ª irmã – Acho que eles têm medo é de serem traídos.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Sequestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

TEC: 03 AFRO

Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros? Você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza - Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – A Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diz um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborréia, diarreia, piorréia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de Psicologia nem de Mitologia... acho que vai ser é pouco pr’essa amarela empombada.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor mandá-la lá pro Egito para sofrer as dez pragas de lá, além das pragas que a Senhora já lançou?

Afrodite – Olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua mesada!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da beleza....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa tribufu?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

TEC: 04 EROS

NARRADOR – Eros ficou tão encantado com a beleza de Psiquê, que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.

TEC: 05 ORÁCULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? **Eu não sou gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.**

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites prepare sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Essa criatura não deixa eu falar!!!

Rei – Te aquieta mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!

Oráculo – Ram, ram! Bem...Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! **Que entrem os pais de Marcos Feliciano!!!**

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiii???? Vocês foram na cartomantezinha?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei – Mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oraculozinho disse?

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar... você tem que ser forte.

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – É uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei e Rainha – você vai se casar, minha filha! (música entra no mesmo instante que a frase termina)

TEC: 06 CASAMENTO

Psiquê – Uri Cumpadi!!! E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa...

Psiquê – Como nãaaaao?

Rainha – É assim... sei lá... uma coisa...

Psiquê – Como coooooooooisa?

Rainha – ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

TEC: 07 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

TEC: 08 ROCHEDO (BG)

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Pais: Nãaaaao... Psiquê....

Rainha: Eu vou me jogar... eu vou me jogar...

Psiquê – Pra quê essa baixaria? Aqui né 190 não! Pois vem morrer no meu lugar!

Rainha: Eu não

NARRADOR: Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhinhos da mortal.

TEC: 09 PALACIO (BG) CEN: CASTELO DO MONSTRO**STRANGER THINGS**

Psiquê – Oi!!!!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aííí?????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narrador?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – Eu ouço vozes?

Narrador – Com que frequência?

Psiquê – O tempo todoooo!

Vozes – [Gritando] PSIQUÊ!

Psiquê – AHhh!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu moriiii?

Voz 1 – Calminha queridinha! E teve boatos de que você ainda estava na pior!

Psiquê – Se isso é tá na pior... ôrra... quê que é estar bem?

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – mas como eu vou olhar? Se tu é voz! Te alui, voz!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – Agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada. Lembre-se, Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada. Mas como tal, deve comportar-se. Seu marido virá visitá-la todas as noites mas você nunca poderá ver seu rosto. Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? **Alôôôô além, alô além?! Acabaram-se os créditos? Wiiiiiii!**

TEC: 10 VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam... dançavam... mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

Eros – Por que você quer me ver? Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – Mas eu te amo, amor de minha vida! É porque eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiazinha todinha!!!

Eros – A sua família todinha é meio difícil. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

TEC: 11 IRMÃS

NARRADOR: Persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar as irmãs, então ordenou ao vento Zéfiro que trouxesse as suas invejosas cunhadas ao castelo.

Irmã 2 – Quanto oooooouro!

Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!!

Irmã 2 – **Ah, se o rei Midas visse ele ia ficar passado de inveja.**

Psiquê - É tudo meu! 18 quilates e 20 que morde!

Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – Ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... **e ainda é psicólogo... e o cara lá de cima gosta que só dele.**

Irmã 1 – Mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – Bem, ele não é altinho nem baixinho; não é gordinho nem magrinho...

Irmã 2 – E ele é gente?

Psiquê – Bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – Menina, eu tô passada!

Irmã 2 – E se ele for banguela?

Irmã 1 – Mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – Ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Psiquê – O besteira, bicha preconceituosa. A gente bota uma chapa na boca dele!!

Irmã 1 – Tive uma ideia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demaaaaais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

Psiquê - Eu lá vou fazer isso, num sou nem curiosa... Cadê a vela? Cadê a vela???

NARRADOR - **Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela, uma pequenina vela, e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...**

TEC: 12 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor????!!!! Como pode me enganar o tempo todo?!

Eros – Traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive com suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – **Estás mentindo, posso ver!**

Eros - Vai logo timbora!

Psiquê - Eros. Eros... Dá rabissaca não, mah!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR - **E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso e arquitetou uma vingança.**

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está! Eu tenho que encontrar meu Eros. Gente, vocês viram meu Eros?

NARRADOR – **A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.**

TEC: 13 USURPADORA CEN: GRÉCIA ANTIGA

Afrodite – Eu acho tão engraçado essas coisas, essazinha roubou meu título de deusa mais bela, roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe!!!

Psiquê – Deusinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faço qualquer coisinha que a senhora me pedir.

Afrodite - Qualquer coisa?

Psiquê - Menos carregar peso porque eu tô com duas hérnias de DVD no meu espinhaço.

Afrodite - Como é?

Psiquê - Tá bom! Qualquer coisa.

Afrodite – Ahã!!!! Prepara-te amarela empombada!!! O teu primeiro trabalho será separar os grãos de diversos cereais em apenas uma noite!

Psiquê - Uma noooite?

Afrodite - UMA noite!

TEC: 14 FORMIGAS (BG)

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho! Passa na minha frente, meu Zeus!

NARRADOR - **Dessa vez, Psiquê irá a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas.**

OVELHAS APARECEM

NARRADOR - **Mas ela vai ter ajuda inesperada.**

CANIÇO APARECE

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Caniço – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem tá falando? Oi, capinzinho?!

Caniço – o Caniço, minha fia, caniço... Olhe! Todas as pessoas que tentaram arrancar as lãs dessas ovelhas durante o dia morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Caniço – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

Psiquê - (*arremedando o Caniço*) Aaaa, ta bom, brigaaada, seu Caniiiço...

Caniço - Tu tá me arremedando?

Psiquê - É não, é quando eu vejo gente falando legal assim eu fico falando igual.

NARRADOR: **Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo gago.**

Psiquê – Olha o bullying, narradora...

NARRADOR - **Perdão! Ela seguiu todas as orientações dadas pelo capim com especialidade de fala.**

Caniço – Não é capim é caniço.

NARRADOR – **Tá boooooom, Caniço!**

TEC: 15 OVELHAS

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí de cima é? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi com as ovelhinhas, não!

NARRADOR: **Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.**

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu lá é que caio nessa! Vou levar um garrafão de dois litros.

TEC: 16 MONTANHA

(Psiquê vai ao Hades, pega a água, volta na águia de Zeus, cai)

NARRADOR: Psiquê? Você está bem? Você se machucou?

Psiquê – Tô bem, criatura, pois eu sou de pano.

NARRADOR: Ah, sim! Que bom! E a garrafa?

Psiquê – É de plástico!

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármoreos do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Você vai sim. Quem manda nesta barraca sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom.... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 17 MONÓLOGO

Psiquê – Agora que estou sozinha, farei um monólogo... Penso, Logo Morro.. minha gente... Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a plateia)

NARRADOR – Valha, Psiquê, como tu sofre! Desce daí! Eu vou te ensinar um outro caminho!

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão.

Primeiro: pegue uma caneta e um papel porque a lista é grande! Controle sua curiosidade que tudo dará certo.

Segundo: Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste.

Terceiro: Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar com Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém.

Quarta coisa: Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte.

E o mais importante: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TEC: 18 CARONTE

Caronte – UFC, Treze de Maio, Pontes Vieira, Barão de Studart, Santos Dumont, Castro Monte, Faculdade Farias Brito e parada final no Hades.

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como tem andado?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – Bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo (aproveita que tem um monte aí na plateia) ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – Tá me chamando de doida, é?! Nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, esse negócio de democracia num tá funcionando nem lá por cima. Se quiser ir tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas e 20 centavos

TEC: 19 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Perai.. sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui!

Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?

Psiquê – Não é pelos 20 centavos... É pela educação, pela saúde... Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olimpus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Eu vou te pagar na volta porque eu não tenho trocado.

Caronte - To sentindo cheiro de calote... posso está enganado ou sendo enganado.

Psiquê - Eu te pago besta, num sou caloteira não!

Caronte - Então sobe... nossa, você ta gorda...

TEC: 20 HADES CEN: HADES

Psiquê - Ó seu Caronte... é verdade que esse rio tá cheio de gente morta?

Caronte - Pula ai pra ver!

Psiquê - Ó seu Caronte... eu to enjoada!

Caronte - Minha filha... você É enjoada.

Psiquê - Onde é a parada?

Caronte - Agora, pula!

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão cérbero e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 21 FUGA PSIQUÊ CEN: GRÉCIA ANTIGA

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela

pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que esse aí que tá contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas tá me daaando uuuuum soniiiiinho!!!! Olha uma luz...

Voz - Psiquê, não olhe para a luz!

Psiquê - Agora é tarde!

TEC: 22 SONO

Eros – Ê é Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre vou protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? Quem matou Aquiles?

Eros – Tenha calma, minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – Ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 23 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Uia, minha filha? Olha que falsiane!

Afrodite - Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdôo. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade. Dar-te-ei a vida eterna.

Afrodite - Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheirinho dele!!!

TEC: 24 ENCERRAMENTO

ANEXO 6 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2014)⁶⁶

PSIQUÊ & EROS

TEC: 01 ABERTURA CEN: GRÉCIA ANTIGA

NARRADOR - Era uma vez, na antiga Grécia, um rei e uma rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua graciosidade, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma divindade. Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor... Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê & Eros.

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquêê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nenhum santo casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse castelinho, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem dos boatos que correm por aqui no encontro de neopaganismo? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com um traste da marca do maridinho de vocês!

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

2ª irmã - Quem souber, morre!

1ª irmã – Acho que eles têm medo é de serem traídos.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

⁶⁶ Texto escrito para apresentação no 2º Encontro Cearense de Neopaganismo, cuja expectativa de público era uma plateia composta por praticantes ou curiosos da Wicca. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Seqüestrada!!!

2ª irmã – Psiquêê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

TEC: 02 AFRO

Afrodite – Bom dia, meus súditos! Meu querido filho Eros? Você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar? Logo a mim, a deusa da beleza - Afrodite! Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – A Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diz um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborréia, diarréia, piorréia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de magia... acho que vai ser é pouco pr’essa lambisgóia.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor amarrá-la e queimá-la na fogueira?

Afrodite – Olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua mesada!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da belez....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa tribufu?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

TEC: 03 EROS

NARRADOR – Eros ficou tão encantado com a beleza de Psiquê, que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê. Bora mulher.

TEC: 04 ORÁCULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? Eu não sou gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites prepare sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Essa criatura não deixa eu falar!!!

Rei – Te acalma mulher, cala a boca ou vai ter que aguentar tua vitalina dentro de casa!

Oráculo – Ram, ram! Bem...Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! **Que entrem os pais de Artur Pendragon!!!**

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiií???? Vocês foram na cartomante?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei – Mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oráculo disse?

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar... você tem que ser forte.

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – É uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei e Rainha – você vai se casar, minha filha! (música entra no mesmo instante que a frase termina)

TEC: 05 CASAMENTO

Psiquê – Uri Cumpadi!!! E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa. É assim... sei lá... uma coisa...ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

TEC: 06 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

TEC: 07 ROCHEDO (BG)

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Pais: Nãaaaao... Psique.... Eu vou me jogar... eu vou me jogar...

Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhos da mortal.

TEC: 08 PALACIO (BG) CEN: CASTELO DO MONSTRO

Psiquê – Oi!!!!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aíí'????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narrador?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – **Eu ouço vozes?**

Narrador – **Com que frequência?**

Psiquê – **O tempo todoooo!**

Vozes – [Gritando] PSIQUE!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu moriiii?

Voz 1 – Calminha queridinha!

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – mas como eu vou olhar? Te alui, voz!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – Agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada. Lembre-se Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada. Mas como tal, deve comportar-se. Seu marido virá visitá-la todas as noites mas você nunca poderá ver seu rosto. Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? Alôôô além, alô além?! Acabaram-se os créditos?

TEC: 09_VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam, dançavam... mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Amor de minha vida, por que não posso vê-lo??

Eros – Por que você quer me ver? Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – Pois eu te amo, amor de minha vida! É porque eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiazinha todinha!!!

Eros – A sua família todinha é meio difícil. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

TEC: 10 IRMAS

NARRADOR: Persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar as irmãs, então ordenou ao vento Zéfiro que trouxesse as suas invejosas cunhadas ao castelo.

Irmã 2 – Quanto ouro!

Irmã 1 – Nooossa Psiquê, quanta riqueza!!!

Irmã 2 – Ah, se o **rei Midas** visse ele ia ficar passado de inveja.

Psiquê - É tudo meu! 18 quilates e 20 que morde!

Irmã 1 – E aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – Ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngue, fala grego e latim... e ele ainda **é um alto conhecedor de uns feitiçozinhos e deusa gosta que só dele.**

Irmã 1 – Mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – Bem, ele não é alto nem baixo; não é gordo bem magro...

Irmã 2 – E ele é gente?

Psiquê – Bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – Menina, eu tô passada!

Irmã 2 – E se ele for banguela?

Irmã 1 – Mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – Ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Psiquê – Oooh!!!

Irmã 1 – Tive uma ideia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

Psiquê - Eu lá vou fazer isso, num sou nem curiosa... Cadê a vela? Cadê a vela???

NARRADOR - Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...

TEC: 11 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor????!!!! Como pode me enganar o tempo todo?!

Eros – Traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive com suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você. **Fora, esqueça meu rosto, meu nome, esta casa, e siga seu rumo!**

Psiquê – **Estás mentindo, posso ver!**

Eros - Vai logo timbora!

Psiquê - Eros. Eros... Dá rabissaca não, mah!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR - **E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso e arquitetou uma vingança.**

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está! Eu tenho que encontrar meu Eros.

NARRADOR – **A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.**

TEC: 12 AFRO CEN: GRÉCIA ANTIGA

Afrodite – Eu acho tão engraçado essas coisas, **essazinha roubou meu título de deusa mais bela,** roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe!!!

Psiquê – Deusinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgraças. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faça qualquer coisa que você quiser.

Afrodite - Qualquer coisa?

Psiquê - Menos carregar peso porque eu tô com duas hérnias de DVD no meu espinhaço.

Afrodite - Como é?

Psiquê - Tá bom! Qualquer coisa.

Afrodite – Ahã!!!! Prepara-te amarela empombada!!! O teu primeiro trabalho será separar os grãos de diversos cereais em apenas uma noite!

Psiquê - Uma noooite?

Afrodite - UMA noite!

TEC: 13 FORMIGAS (BG)

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

Psiquê – Sua bruxa!

Afrodite – E não me venha com elogios!

NARRADOR - **Dessa vez, Psiquê irá a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas.**

OVELHAS APARECEM

NARRADOR - **Mas ela vai ter ajuda inesperada.**

CANIÇO (GAGO) APARECE

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Caniço – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem ta falando?

Caniço – Sou eu aqui, o Caniço... todas as pessoas que tentaram arrancar as lãs dessas ovelhas durante o dia morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Caniço – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

Psiquê - (*arremedando o Caniço*) Aaaa, ta bom, brigaaada, seu Caniiiço...

Caniço - Tu tá me arremedando?

Psiquê - É não, é quando eu vejo gente falando legal assim eu fico falando igual.

NARRADOR: Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo gago.

Psiquê – Olha o bullying...

NARRADOR - Ela seguiu todas as orientações dadas pelo capim com especialidade de fala.

Caniço – Não é capim é caniço.

NARRADOR – Tá bom, Caniço!

TEC: 14 OVELHAS

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí de cima é? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi com as ovelhinhas, não!

NARRADOR: Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu não caio nessa não vou levar um garrafão de dois litros.

TEC: 15 MONTANHA

(Psiquê vai ao Hades, pega a água, volta na águia de Zeus, cai, dialoga com o Narrador e bate com a garrafa na cabeça de Afrodite)

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Você vai sim. Quem manda nesta barraca sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 16 MONÓLOGO

Psiquê – Agora que estou sozinha, farei um monólogo... Penso, Logo Morro.. minha gente... Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a plateia)

NARRADOR – Valha, Psiquê, como tu sofre! Desce daí! Eu vou te ensinar um outro caminho!

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão. Primeiro: Controle sua curiosidade que tudo dará certo. Segundo: Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste. Terceiro: Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém. Quarta coisa: Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte. E o mais importante: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TEC: 17 CARONTE

Caronte – Pontes Vieira, 13 de Maio, IFCe, pracinha da Gentilândia, SINTUFC e parada final no Hades.

Psiquê – Que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como vai andando?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – (Aff, parece que é parente do Seu Lunga)... Bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – Nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – Pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, esse negócio de democracia num tá funcionando nem lá por cima. Se quiser ir tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas e 20 centavos

TEC: 18 PSIQUÊ DRAMÁTICA

Psiquê – Perai.. sempre foi 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui!

Caronte – Essa confusão toda por causa de 20 centavos?

Psiquê – Não é pelos 20 centavos...

Psiquê - Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olimpus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Eu vou te pagar na volta porque eu não tenho trocado.

Caronte - To sentindo cheiro trapaça... posso está enganado ou sendo enganado.

Psiquê - Eu te pago besta, num sou caloteira não!

Caronte - Então sobe... nossa, você ta gorda...

TEC: 19 HADES CEN: HADES

Psiquê - Ó seu Caronte... é verdade que esse rio tá cheio de gente morta?

Caronte - Pula ai pra ver!

Psiquê - Ó seu Caronte... eu to enjoada!

Caronte - Minha filha... você É enjoada.

Psiquê - Onde é a parada?

Caronte - Agora, pula!

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão cérbero e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 20 FUGA PSIQUÊ CEN: GRÉCIA ANTIGA

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que esse aí que ta contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daaando uuuuum soniiiiinho!!!! Olha uma luz...

Voz - Psiquê, não olhe para a luz!

Psiquê - Agora é tarde!

TEC: 21 SONO

(ou flauta + coro)

*A jovem Psiquê
um dia quis casar,
só não podia crer
que fosse encontrar
nos braços do Amor
a dor e o querer.
E foi tanto querer.
E foi tanto gostar
que não pôde conter.*

*Trazendo à luz o Amor
trouxe consigo a dor
que o Deus quis esconder.
Tinha de sofrer,
tinha de purgar
sua insensatez.
Quis até morrer,
parar de sonhar
com a doce tez.
Mas em meio a dor,
eis que surge Amor
para redimir.
De sonho desperta,
vê e fica certa
que enfim pode sorrir.*

Eros – Ê é Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre vou protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? Quem matou Aquiles?

Eros – Tenha calma minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – Ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 22 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Minha filha? Olha que bicha falsa!

Afrodite - Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdô. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade. Dar-te-ei a vida eterna.

Afrodite - Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheiro dele!!!

TEC: 23 ENCERRAMENTO

ANEXO 7 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2013)⁶⁷

PSIQUÊ & EROS

TEC: 01 ABERTURA

NARRADOR - Há muito tempo, em um reino distante, na antiga Grécia, havia um Rei e uma Rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza. Era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua graciosidade, quase divina, alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO - Ô PSIQUÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR - No entanto, nenhum mortal ousava pedir a sua mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma deusa. Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor... Conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já viu: Psiquê & Eros.

Psiquê - Oh, Zeusinho grandiosinho! Por que me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nenhum santo casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse castelinho, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem do boato que corre pela redação do Jornal O POVO? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com um traste da marca do maridinho de vocês!

1ª irmã – Olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

1ª irmã – Ah, sei lá! Acho que eles têm medo é de serem traídos.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

⁶⁷ Texto escrito para apresentação no Jornal O Povo, cuja expectativa de público era uma plateia composta por assinantes convidados, em sua maioria, adultos acompanhados de crianças. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Seqüestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

NARRADOR - Enquanto isso, Afrodite, em seu reino, não está nada satisfeita com a existência de Psiquê.

TEC: 02 AFRO

Afrodite – Meu querido filho Eros, você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar? Ela é atéééé bonitinha... NÃOOOO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mãe, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem, mas envelhecem. Como diz um filósofo cearense, “na velhice a beleza é algo que se acaba e a feiura é algo que se aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborréia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de ler e ouvir historinhas... acho que vai ser é pouco pr'essa lambisgóia.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor escravizá-la ou manda-la para a Turquia?

Afrodite – Olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua mesada!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da belez....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa monstrenga?

Afrodite – Siga-me, eu vou levá-lo até ela.

NARRADOR - Afrodite, sedenta de vingança, acompanha Eros até Psiquê. Porém, o seu plano não vai dar muito certo.

TEC: 03 EROS

NARRADOR – Eros ficou tão encantado com a beleza de Psiquê que furou-se com sua própria flecha e ficou perdidamente apaixonado pela mortal.

Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê. Então, tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê.

NARRADOR - Muito apreensivos, os dois vão à procura do Oráculo, pois este nunca errava.

TEC: 04 ORACULO

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma, viu? Eu não sou gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites prepare sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Essa criatura não deixa eu falar!!!

Rei – Mulher, cala-te ou vais agüentar tua vitalina dentro de casa!

Oráculo – Ram, ram! Bem...Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou Ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moça, é? Próximo!!!! **Que entrem os pais de Páris!!!**

NARRADOR - Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiií???? Vocês foram na cartomante?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei –mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oráculo disse?

Rei – Minha filha... você tem que ser forte...

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar...

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – É uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei e Rainha – você vai se casar, minha filha! (música entra no mesmo instante que a frase termina)

TEC: 05 CASAMENTO

Psiquê – Ebaaaa!!! E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa. É assim... sei lá... uma coisa...ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio monstro...

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

TEC: 06 ROCHEDO (BG)

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

Contudo, logo ao chegar, ela desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte muito alto, para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhos da mortal.

TEC: 07 PALACIO (BG)

Psiquê – Oiiiiii!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aííí'????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem??? Narrador?

Narrador – Oi, Psiquê.

Psiquê – **Eu ouço vozes?**

Narrador – **Com que frequência?**

Psiquê – **O tempo todoooo!**

Vozes – PSIQUE!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu moriiii?

Voz 1 – Calminha queridinha!

Voz 2 – Olhe, Psiquê.....

Psiquê – mas como eu vou olhar, mulher?! Cadê vocês? To ficando com medinho!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – Agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada. Lembre-se Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher. Seu marido virá visitá-la todas as noites mas você nunca poderá ver seu rosto. Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – Se não? Se não? Alôôôô?! Cadê vocês? Agora que eu estava me acostumando com essas duas loucas elas me deixam só.

TEC: 07 VIDA A DOIS (BG)

NARRADOR: Por muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites Psiquê desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam, dançavam... mas ela não podia ver o rosto de seu amado e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Meu amorzinho, por que não posso vê-lo??

Eros – por que você quer me ver? Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – pois então eu posso lhe pedir uma coisinha? Eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver mina familiarzinha!!!

Eros – A sua família inteira é meio difícil. Além disso eles podem ser a desgraça do nosso amor. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

TEC: 09 IRMAS

NARRADOR: Apesar de saber dos perigos que os rondavam, persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, Eros não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar suas irmãs, então ordenou ao vento Zéfiro que trouxesse as suas invejosas cunhadas ao castelo.

Irmã 2 – quanto ouro!

Irmã 1 – nooossa Psiquê, quanta riqueza!!!

Irmã 2 – ah, se o rei Midas visse ele ia ficar passado de inveja.

Irmã 1 – e aí, Psiquê? Fala um pouco do marido...

Irmã 2 – ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngüe, fala grego e latim e **o homem lá de cima gosta que só dele.**

Irmã 1 – mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – bem, ele não é alto nem baixo; não é gordo bem magro...

Irmã 2 – e ele é gente?

Psiquê – bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – menina, eu tô passada!

Irmã 2 – e se ele for banguela?

Irmã 1 – mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Irmã 1 – tive uma idéia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

NARRADOR - Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações da irmã mais velha. Pegou uma pequena vela e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa...

TEC: 10 CURIOSIDADE

Psiquê – Mas você é o Eros, o deus do amor???!!!!

Eros – Traidora! Como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive com suspeitas.

Psiquê – Perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!!**

Eros – Eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você.

Psiquê – Ai é!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR - E como castigo pela desobediência de Psiquê, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. A deusa do amor, então, resolveu mantê-lo preso em sua morada e arquitetou uma vingança.

Psiquê, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

Psiquê – Eros, amor da minha vida, onde você está? Na redação do Cotidiano? Não, tá no Vida & Arte, né? Já sei, você foi no Buchicho pra saber das últimas fofocas! Alguém publica um anúncio nos Classificados e posta no Facebook, eu tenho que encontrar meu Eros.

NARRADOR – A coisa estava difícil para Psiquê. E sem conseguir encontrar Eros em lugar algum, apesar de temerosa, ela decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.

TEC: 02 AFRO

Afrodite – eu acho tão engraçado essas coisas, essazinha roubou meu título de deusa mais bela, roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe!!!

Psiquê – deusinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faço qualquer coisa que você quiser.

Afrodite – ahã!!!! Prepara-te amarela emponbada!!!

NARRADOR: Afrodite ordenou a Psiquê que realizasse um trabalho. Deveria separar todos os grãos de diversos cereais em apenas uma noite.

TEC: 11 FORMIGAS (BG)

NARRADOR: E Psiquê, desencorajada de realizar essa tarefa, foi ajudada por formiguinhas que separam rapidamente todos os grãos.

Psiquê – Afrô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

NARRADOR: Novamente Psiquê teria que realizar uma difícil missão. Dessa vez, deveria ir a um bosque distante para conseguir flocos de lã dourada de ferozes ovelhas. Mais uma vez a pobrezinha se sentiu incapaz de realizar esse trabalho, mas ela vai receber uma ajuda.

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Caniço – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem ta falando?

Caniço – Sou eu aqui, o Caniço... todas as pessoas que tentaram arrancar as lãs dessas ovelhas durante dia morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Caniço – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

(Psiquê arremeda o Caniço)

NARRADOR: Psiquê, então, esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo capim santo gago.

Psiquê – Olha o bullying

Narrador - Ela seguiu todas as orientações dadas pelo capim com especialidade de fala.

Caníço – Não é capim é caniço.

Narrador – Tá bom, Caniço!

TEC: 12 OVELHAS

Afrodite – Ecaaaa! Você me cuspiu, sua suricate sebosa! Eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafiando aí de cima é? Vou passar um terceiro trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi com as ovelhinhas, não!

NARRADOR: Agora, a jovem Psiquê teria que pegar um pequeno recipiente e trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige, o Rio dos Mortos.

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu não caio nessa não vou levar um garrafão de dois litros.

TEC: 13 MONTANHA

(Psiquê vai ao Hades, pega a água, volta na águia de Zeus, cai, dialoga com o Narrador e bate com a garrafa na cabeça de Afrodite)

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? (repetir)

Você vai sim. Quem manda nesta barraca sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom.... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ela realmente ficou com medo e foi para o alto de um rochedo.

TEC: 14 MONOLOGO

(Monólogo de Psiquê)

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a platéia)

NARRADOR – Psiquê, desce daí! Eu vou te ensinar um outro caminho!

Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão.

Primeiro: Controle sua curiosidade que tudo dará certo.

Segundo: Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste.

Terceiro: Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará e você vai conseguir se encontrar Perséfone. Mas lembre-se: não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém.

Quarta coisa: Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa Perséfone e volte.

E o mais importante: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruinar a sua missão.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

TEC: 15 CARONTE

Caronte – Praça do Carmo, Duque de Caxias, Dm Manoel, Aguanambi, Jornal O Povo, BR 116 e parada final no Hades.

Psiquê – que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como vai andando?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, esse negócio de democracia num tá funcionando nem lá por cima. Se quiser ir tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas

Psiquê – 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui! Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olimpus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Deixa só eu sair daqui que eu vou denunciar para Atena! Ora!!! Quem paga adiantado merece ser enganado.

TEC: 16 HADES

*(Psiquê entra no Hades, leva um susto do cão cérbero e o alimenta.
Até que encontra a caixa e fala que vai pegá-la)*

TEC: 17 FUGA PSIQUE

Caronte – Volta aqui, sua doida! Devolve o meu barco, sua caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que essa mocinha que ta contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daando uuuuum soniiiiinho!!!!

TEC: 18 SONO*(ou flauta + coro)*

Eros – Ê ê Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre só para protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? Quem matou Aquiles?

Eros – tenha calma minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – ahh, meu queridinho Eros.

TEC: 19 REENCONTRO (BG)

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – Minha filha.

Psiquê – Minha filha? Olha que bicha falsa!

Afrodite: Psiquê, eu tô tentaaando! Continuando... Eu te perdô. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade Dar-te-ei a vida eterna.

Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheiro dele!!! Rá, Rá, Rá.

TEC: 20 ENCERRAMENTO

ANEXO 8 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2006)⁶⁸PSIQUÊ & EROS 2

- Música 1: (Tema de Abertura – inicia alta e após 20 Seg. fica de BG)

NARRADOR: Há muito tempo, em um reino distante, na antiga Grécia, havia um Rei e uma Rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito belas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza e era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza quase divina alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO: Ô PSIQUÊÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR: No entanto, nenhum mortal ousava pedir-lhe a mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma deusa.

Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor.... conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já conheceu: **Psiquê & Eros.**

Psiquê – Oh, Zeusinho grandiosinho! Por quê me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra titia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquêê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nenhum santo casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse castelinho, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem do boato que corre pelas ruas da cidade? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim..... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com um traste da marca do maridinho de vocês!

1ª irmã – olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

1ª irmã – Ah, sei lá! Acho que eles têm medo é de serem traídos.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

⁶⁸ Texto escrito para apresentação no IV Festival de Teatro, cuja expectativa de público era uma plateia composta por crianças e seus respectivos acompanhantes responsáveis. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Seqüestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

NARRADOR: Enquanto isso, Afrodite, em seu reino, não está nada satisfeita com a existência de Psiquê.

• *Música 2: (Tema de Afrodite – toca 18 Seg. com o volume alto e corta).*

Afrodite – Meu querido filho Eros, você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar!? Ela é até bonitinha.... NÃO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mãe, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem mas envelhecem. Com essa idade a senhora ta mais pra Hebe Camargo do que pra Gisele Binche!

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito, seborréia, diarreia, piorreia e tudo que é réia...acho que só...Ah! e que não goste de ler e ouvir historinhas e nem vir ao teatro...acho que vai ser bom pr'essa lambisgóia.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor escravizá-la ou fazê-la de mulher-bomba?

Afrodite – olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua mesada!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da beleza....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa monstrega?

Afrodite – Siga-me que eu vou levá-lo até ela.

NARRADOR: Afrodite, sedenta de vingança, acompanha Eros até Psiquê.....e se vai. Porém a realização de seu plano fracassara.....

• *Música 3: (Tema da paixão de Eros – num volume médio durante 30 Seg BG para a fala do narrador. Termina quando os bonecos saem de cena).*

NARRADOR: pois Eros, encantado por grandiosa beleza, fura-se com sua própria flecha e apaixona-se perdidamente por Psiquê.

NARRADOR: Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê com nenhum mortal. Então tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê.

NARRADOR: Muito apreensivos, os dois vão à procura do Oráculo, pois este nunca errava.

- **Música 4: Tema do Oráculo – toca 10Seg volume alto e depois fica de BG durante toda a cena do Oráculo**

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma ,viu? Eu não sou gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites prepare sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Essa criatura não deixa eu falar!!!

Rei – Mulher, cala-te ou vais agüentar tua vitalina dentro de casa!

Oráculo – Ram, ram! Bem...Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou Ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! **Que entrem os pais de Páris!!!**

NARRADOR: Arrasados com a revelação, os pais retornaram do Oráculo e ficaram atordoados sem saber como falar à doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiii???? Vocês foram na cartomante?

Rainha – Oráculo, minha filha, Oráculo!

Rei –mas tu é ariada, heim Psiquê!? Ô menina beréu!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oráculo disse?

Rei – Minha filha... você tem que ser forte...

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar...

Psiquê – Pelo amor de Zeusinho, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – É uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei – você vai se casar, minha filha!!! (música 5 entra no mesmo instante que a frase termina)

• **Música 5: (Anúnciação do Casamento – toca 16 segundos, volume alto)**

Psiquê – YYYYes!!!! E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa. É assim... sei lá... uma coisa...ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio mostro...

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

• **Música 6: (Cortejo fúnebre – entra como BG para a fala do narrador)**

NARRADOR: E como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida, segue para o rochedo.

NARRADOR: porém, logo ao chegar, desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhos da mortal.

• **Música 7: (entrada no castelo – toca 20Seg de BG)**

Psiquê – oiiiiii!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aííí'????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem???

Vozes – PSIQUE!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu moriiii?

Voz 1 – Calminha queridinha!

Voz 2 – olhe, Psiquê.....

Psiquê – mas como eu vou olhar, mulher?! Cadê vocês? To ficando com medinho!!

Voz 2 – OUÇA BEM o que vamos lhe dizer...(agora melhorou?)

Psiquê – agora é outros 500!!! Depois a doida sou eu!!!

Voz 2 – Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada. Lembre-se Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada e como tal deve comportar-se. Seu marido virá visitá-la todas as noites mas você nunca poderá ver seu rosto. Guarde bem este aviso, se não...

Psiquê – se não? Se não? Alôôôô?! Cadê vocês? Agora que eu estava me acostumando com essas duas loucas elas me deixam só.

• **Música 8: A vida dos dois. (entra como BG na fala do narrador)**

NARRADOR: Durante muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam, dançavam... mas Psiquê não podia ver seu rosto e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Meu senhor, por que não posso vê-lo??

Eros – por que você quer me ver? Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

Psiquê – pois então eu posso lhe pedir uma coisinha? Eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver mina familiarzinha!!!

Eros – a sua família inteira é meio difícil. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

- **Música 9: Tema das irmãs (toca 30 seg de BG para a voz do narrador)**

NARRADOR: Apesar de saber dos perigos que os rondavam, persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar suas irmãs, então ordenou a Zéfiro que trouxesse as suas invejosas irmãs ao castelo.

Psiquê – quanto ouro!

Irmã 1 – nooossa Psiquê, quanta riqueza!!!

Irmã 2 – ah, se o rei Midas visse ele ia ficar passado de inveja.

Irmã 1 – e aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngüe, fala grego e latim e o homem lá de cima gosta que só dele.

Irmã 1 – mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – bem, ele não é alto nem baixo; não é gordo bem magro...

Irmã 2 – e ele é gente?

Psiquê – bem, na realidade eu não sei, nuca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – menina, eu tô passada!

Irmã 2 – e se ele for banguela?

Irmã 1 – mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – ah, minha filha! Então ele é banguela mesmo!!!

Irmã 1 – tive uma idéia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

NARRADOR: Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações das irmãs. Pegou uma pequena vela e caminhou até os aposentos de seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa:

- **Música 10 e 11: Curiosidade de Psiquê e Despedida (a faixa 10 toca 53 seg e passa para faixa 11 que fica como BG até a cena que Psiquê sai chorando)**

Psiquê – mas você é o Eros, o deus do amor????!!!!

Eros – traidora, como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive com suspeitas.

Psiquê – perdoa-me, amor de minha vida!!! NÃO SE VÁÁÁÁ!!!

Eros – mas eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você .

Psiquê – ai é!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR: E como castigo por sua desobediência, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. Afrodite então, resolveu mantê-lo preso em sua morada e decidiu vingar-se de Psiquê.

Psique, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

No entanto, sem conseguir encontrá-lo em lugar algum, apesar de temerosa, decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.

- **Música 12: Tema de Afrodite (toca 18 segundos bem alto)**

Afrodite – eu acho tão engraçado essas coisas, **essazinha roubou nem título de deusa mais bela**, roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe!!!

Psiquê – deusinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faça qualquer coisa que você quiser.

Afrodite – ahã!!!! Prepara-te branca azeda!!!

NARRADOR: Afrodite ordenou a Psiquê que realizasse um trabalho. Deveria separar todos os grãos de diversos cereais em apenas uma noite.

- **Música 13: Tema das formigas (toca durante 35 segundos. Depois da fala do narrador aumentar o volume.)**

NARRADOR: E Psiquê desencorajada de realizar essa tarefa, foi ajudada por formiguinhas que separam rapidamente os grãos.

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

NARRADOR: Novamente Psiquê teria que realizar uma difícil missão. Deveria colher flocos de lã dourada de ferozes ovelhas, num bosque distante. Mais uma vez a pobre se sente incapaz de realizar esse novo trabalho e é ajudada por um simples caniço.

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Caniço – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem ta falando?

Caniço – Sou eu aqui, o Caniço... todas as pessoas que tentaram arrancar as lãs dessas ovelhas durante dia morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Caniço – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

NARRADOR: Psiquê esperou anoitecer e seguiu todas as recomendações dadas pelo caniço.

- **Música 14: Tema das ovelhas (toca durante 35 segundos bem alto)**

Afrodite – eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafinado aí de cima é? Vou passar um 3º trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi com as ovelhinhas, não!

NARRADOR: Afrodite submeteu Psiquê a um 3º trabalho. A jovem teria que em um pequeno recipiente trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige.

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu não caio nessa não vou levar um garrafão de dois litros.

- **Música 15: Tema da montanha (toca durante 30 segundos)**

NARRADOR: É, foi difícil para Psiquê subir ao monte, mas a sorte estava do seu lado. A águia de Zeus apareceu para ajudá-la.

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo.

Afrodite – Como é que é? Você vai sim. Quem ta mandando sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom.... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ficou realmente com medo e foi para o alto de um rochedo.

• **Música 16: Desespero de Psiquê (toca durante 11 segundos bem alto)**

Psiquê – Ah, meu Zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Ah, minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a platéia)

Narrador – Psique, desce daí mulher! Vou te ensinar um outro caminho!

Psiquê – Quem ta falando? Será que alguma alma penada já veio me levar???

NARRADOR: Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão. Controle sua curiosidade que tudo dará certo. Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste. Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará, então conseguirá encontrar-se com Perséfone. Mas lembre-se não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém. Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa e volte. Cuidado: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruiná-la.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

• **Música 17: Tema da Barca do Caronte (Toca durante 40 segundos bem alto)**

Psiquê – que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como vai andando?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, esse negócio de imperador paz e amor é só lá por cima. Se quiser ir tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas

Psiquê – 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos nem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui! Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olympus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom! Mas que é um roubo é. Deixa só eu sair daqui que eu vou denunciar para Atena! Ora!!! Quem paga adiantado merece ser enganado.

- **Música 18: Tema do Hades (deixa tocar faixa 18 num volume médio)**

PSIQUÊ ENTRA NO HADES, LEVA UM SUSTO DO CÃO CÉRBERO E O ALIMENTA. ATÉ QUE ENCONTRA A CAIXA E FALA QUE VAI PEGÁ-LA E CORRER.

- **Música 19: A fulga do Hades: Quando a Psiquê fala que vai pegar a caixa, o cachorro aparece e entra a faixa 19 que toca 35 segundos)**

Caronte – Vai doida, isso é uma doida... vai caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que essa mocinha que ta contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daaando uuuuum soniiiiinho!!!!

- **Música 20 – Sono Profundo (toca 30 segundos de BG até Psiquê acordar)**

NARRADOR: Mais uma vez Psiquê foi traída pela sua curiosidade e caiu no sono profundo... mas Eros que já estava ajudando de longe, agora estava restabelecido e foi ao seu encontro.

Eros – Ê é Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre só para protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? Quem matou Aquiles?

Eros – tenha calma minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – ahh, meu queridinho Eros.

- **Música 21: Reencontro (toca de BG até a última fala de Psiquê)**

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – minha filha. Eu te perdôo. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade vou dar-te a vida eterna. Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheiro dele!!! Rá, Rá, Rá.

- **Música 22: Encerramento (entra na última fala de Psiquê). FIM**

ANEXO 9 – ROTEIRO ADAPTADO DE *PSIQUÊ E EROS* (VERSÃO 2003)⁶⁹

PSIQUÊ & EROS

- Música 1: (Tema de Abertura – inicia alta e após 20 Seg. fica de BG)

NARRADOR: Há muito tempo, em um reino distante, na antiga Grécia, havia um Rei e uma Rainha que tinham três filhas. As duas mais velhas eram muito belas, mas a mais nova tinha uma singular e estonteante beleza e era idolatrada por todos que sabiam de sua existência. A fama de sua beleza quase divina alastrava-se por todos os reinos...

CORO DO POVO: Ô PSIQUÊÊ CADÊ VOCÊ, EU VIM AQUI SÓ PRA TE VER! (3X)

NARRADOR: No entanto, nenhum mortal ousava pedir-lhe a mão em casamento, todos a adoravam e prestavam-lhe homenagens como se fosse uma deusa. Isso a entristeceu bastante e causou preocupação em seus pais, pois a jovem não conseguia casar-se.

Sua beleza era tanta que causou inveja na própria deusa Afrodite, a deusa do amor.... conheçam agora uma das mais belas histórias de amor que o mundo já conheceu: **Psiquê & Eros.**

Rainha – Meu Rei, não sei mais o que fazer com Psiquê. Tão bela mas ninguém quer casar com a coitada!!!

Rei – Minha Rainha, já conseguimos casar duas de nossas filhas e foi até fácil. Eu sabia que uma ia dar trabalho. Na vida tudo é assim, nada é perfeito...

Rainha – Tenho pena dela! Já está com quase 18 anos e não casou. As irmãs ficam perturbando o juízo da pobrezinha.

NARRADOR: E a solitária Psiquê já não agüentava aquela situação.

Psiquê – Oh, Zeusingo grandiosinho! Por quê me castigas com essa “solidãozinha”? Será que eu vou ficar pra tia? Papai e mamãe querem me casar de qualquer jeitinho mas eu ... eu queria mesmo é viver uma liiiiinda historinha de amorzinho, dessas que a gente só vê nos livrinhos....

1ª irmã – Ô Psiquêê?! Dá uma folguinha pru Zeus, ele não é nenhum santo casamenteiro não!

Psiquê – E eu morrendo de susto é que não me caso mesmo, né! Ninguém tem mais privacidade nesse castelinho, ora?!

2ª irmã – Gentee! Sabem do boato que corre pelas ruas da cidade? Que Psiquê não se chama mais Psiquê e sim..... Encalhada, Vitalina, Moça Velha, Solteirona. Ah! Ah! Ah!

Psiquê – Olha! Mais antes solteirona do que casada com um traste da marca do maridinho de vocês!

1ª irmã – olha! Meu marido é ótimo, viu? Ele é só um pouco temperamental.

2ª irmã – Ah, tá! Mal educado mudou de nome, foi?

1ª irmã – O seu problema, Psiquê, é que você é tão bonita, mas tão bonita que...

2ª irmã – Dá raiva!

1ª irmã – Dá medo!

2ª irmã – Dá nojo! Eca!

⁶⁹ Primeira versão da adaptação do mito *Cupido e Psiquê* feita pelo grupo Paideia; pensada, inicialmente, para um público predominantemente infantil. Em amarelo, grifamos as ocorrências dos fenômenos discutidos neste estudo.

1ª irmã – E o pior é que você causa nos seus pretendentes adoração e não amor. E todos querem te adorar como se você fosse a nova Afrodite...

Psiquê – Mas por quê, meu Zeusinho? Por quê ser adoradinha e não amadinha? Será que minha belezinha causa medo?

1ª irmã – Ah, sei lá! Acho que eles têm medo é de serem traídos.

2ª irmã – ÉÉÉ!!! Chifrudos, corneados....

Psiquê – Mas eu seria incapaz de trair meu maridinho!

1ª irmã – É que você pode ser...digamos assim...raptada!

2ª irmã – Roubada!

1ª irmã – Seqüestrada!!!

2ª irmã – Psiquê, se beleza doesse você viveria gritando, sabia?!

Psiquê – NÃÃÃÃO!!!!!!

NARRADOR: Enquanto isso, Afrodite, em seu reino, não está nada satisfeita com a existência de Psiquê.

- *Música 2: (Tema de Afrodite – toca 18 Seg. com o volume alto e corta).*

Afrodite – Meu querido filho Eros, você acredita que tem uma garotinha tentando me imitar!? Ela é até bonitinha.... NÃO (chorando de inveja), ela é LINDA e eu vou perder o meu título de deusa mais bela para uma mortal, eu não acredito! De que me valeu ser eleita a mais bela das deusas se vem umazinha acabar com isso?

Eros – Mãe, a Senhora quer o quê?! Os deuses não morrem mas envelhecem. E como dizia um filósofo cearense: “na velhice, a beleza é algo que se acaba e a feiúra, algo que aumenta”.

Afrodite – Pare já com isso!!! Sou a mais bela e ponto final!!! E você vai fazer um servicinho pra mim. Vai fazer com que a talzinha se apaixone por um... velho, feio, barrigudo, careca, chato, pobre...que mais...que mais... que tenha chulé, caspa, piolho, mau hálito...acho que só...Ah! e que não goste de ler e ouvir historinhas...acho que vai ser bom pr’essa lambisgóia.

Eros – Mami, pegou pesado, heim!? Não seria melhor escravizá-la ou fazê-la de tapetinho?

Afrodite – olhe só, seu mal agradecido, todos os seus poderes você deve a mim; por isso trate de fazer o que eu mandar se não eu tiro seus poderes e corto sua mesada!

Eros – OK, você venceu, mas onde posso encontrar essa deusa da beleza....

Afrodite – O QUÊ?????

Eros – Ram, ram... ou melhor, essa baranga?

Afrodite – Siga-me que eu vou levá-lo até ela.

NARRADOR: Afrodite, sedenta de vingança, acompanha Eros até Psiquê.....e se vai. Porém a realização de seu plano fracassara.....

- *Música 3: (Tema da paixão de Eros – num volume médio durante 30 Seg BG para a fala do narrador. Termina quando os bonecos saem de cena).*

NARRADOR: pois Eros, encantado por grandiosa beleza, fura-se com sua própria flecha e apaixona-se perdidamente por Psiquê.

NARRADOR: Algum tempo após este acontecimento, no palácio, o Rei e a Rainha já estavam desesperados por não conseguirem casar Psiquê com nenhum mortal. Então tomaram uma importante decisão....

Rainha – Meu Rei! Não tem mais jeito não, Psiquê já está quase ficando velha e ninguém quer casar com a bichinha. ÔÔÔ, tadinha!!!

Rei – Tens razão, mulher. A única solução é consultarmos o velho Oráculo para saber o que o destino reserva para nossa Psiquê.

NARRADOR: Muito apreensivos, os dois vão à procura do Oráculo, pois este nunca errava.

- **Música 4: Tema do Oráculo – toca 10Seg volume alto e depois fica de BG durante toda a cena do Oráculo**

Rainha – Puxa vida, meu marido, que fila enooorme!!!

Rei – É mulher!!! Será que essa gente toda é pra casar as filhas?

Oráculo – Que entrem agora os pais de Psiquêêê!!!!!!

Rainha – Tô com medo, meu véi!!!!

Rei – Anda mulher, que esse é dos bons, já sabe até quem somos!

Oráculo – Faça sua pergunta, honrado Rei! Mas só uma ,viu? Eu não sou gênio da lâmpada, não; eu apenas adivinho o futuro.

Rei – Quero saber se minha filha casa ou não casa?

Oráculo – Daqui a três noites prepare sua filha para a cerimônia de casamento e.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) então ela casa?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE SUA FILHA PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – (interrompendo o Oráculo) o noivo é bonito?

Oráculo - DAQUI A TRÊS NOITES PREPARE A ENCALHADA DA PSIQUÊ PARA ESSA PORCARIA DE CASAMENTO E.....

Rainha – ELE É RICO?

Oráculo – Assim não pode!!! Assim não dá!!! Essa criatura não deixa eu falar!!!

Rei – Mulher, cala-te ou vais agüentar tua vitalina dentro de casa!

Oráculo – Ram, ram! Bem...Continuando... depois de toda pronta para o casamento, deixem-na no alto de um rochedo onde um “ser monstruoso” virá buscá-laaaaa!!!!

Rainha – Me acode que eu vou Ter um troço!!! Ei, psiu, ei, seu Oráculo, minha filha vai ser sacrificada é?

Oráculo – Eu falei só uma perguntaaaaa! A senhora é moca, é? Próximo!!!! **Que entrem os pais de Páris!!!**

NARRADOR: arrasados com a revelação, os pais retornaram ao Oráculo. E ficaram atordoados sem saber como falar a doce Psiquê sobre seu trágico fim.

Psiquê – Papi, Mami.... e aiiiií???? Vocês foram à cartomante?

Rainha – Oráculo, minha filha! Essas cartomantes só querem ganhar o dinheiro da gente.

Rei – São todas umas charlatonas!!!

Psiquê – Sim, mas e aí? O que esse Oráculo disse?

Rei – Minha filha... você tem que ser forte...

Rainha – Você sabe como é... coisas do destino... nós temos que aceitar...

Psiquê – Pelo amor de Zeusingo, vocês estão me deixando nervosinha!!! Falem logo!!!

Rei – Filha....

Rainha – Nós temos duas notícias para lhe dar...

Rei – É uma boa e outra ruim.

Psiquê – Comecem pela boazinha, por favor!!!

Rei – você vai se casar, minha filha!!! (música 5 entra no mesmo instante que a frase termina)

• **Música 5: (Anúnciação do Casamento – toca 16 segundos, volume alto)**

Psiquê – YYYYes!!!! E a má, qual é?

Rainha – Parece que o noivo não é beeeem uma pessoa. É assim... sei lá... uma coisa...ééé...como é que eu posso dizer...que ele é meio mostro...

Psiquê – Monstro!? Você disse que ele é um monstro?! (Psiquê se desespera)

Música 6: (Cortejo fúnebre – entra como BG para a fala do narrador)

NARRADOR: e como aconselhou o Oráculo, Psiquê, resignada com seu destino, elegantemente vestida segue para o rochedo.

• **Música 7: (entrada no castelo – toca 20Seg de BG)**

NARRADOR: porém, logo ao chegar, desmaia e é arrebatada pelo vento Zéfiro até um monte para dentro de um palácio com espantoso luxo e riqueza que ofuscavam os olhos da mortal.

Psiquê – oiiiiii!!!! Ô de casaaa????? Tem alguém aííí????

Vozes – Psiquê.....Psiquê.....

Psiquê – hã??? Quem???

Vozes – PSIQUE!

Psiquê – AHHH!!!! Chagas abertinhas, coração feridinho! Que diabo é isso, heim?

Voz 1 – Não temas, amiga, nós estamos aqui pra servir você.

Psiquê – Servir a mim? Mas onde estou? Quem são vocês? Será que eu moriiiiii?

Voz 1 – Calminha queridinha!

Voz 2 – ouça bem o que vamos lhe dizer... Nós somos as vozes do castelo. Esta é a sua nova morada.

Voz 1 – olha só, mulher sortuda. Esse palácio podre de chique é todinho seu. E você não sabe da melhor. Tem um gato tão lind...

Voz 2 – calada... ram, ram, ram...

Voz 1 – não, não, não é gato, é rato rato, esse castelo tá empestado de ratos.

Voz 2 – lembre-se Psiquê. O Oráculo nunca erra. A partir de hoje você é uma mulher casada e como tal deve comportar-se. Seu marido virá visitá-la todas as noites mas você nunca poderá ver seu rosto. Guarde bem este aviso, se não...

Voz 1 – você sabe, a curiosidade matou o gato!!!

Psiquê – quê gato? Que diabo é isso. Não to entendendo nada.

Música 8: A vida dos dois. (entra como BG na fala do narrador)

NARRADOR: Durante muito tempo, apesar de viver solitária durante os dias, às noites desfrutava de momentos maravilhosos ao lado de seu esposo misterioso. Conversavam, dançavam... mas Psiquê não podia ver seu rosto e isso aos poucos começou atormentá-la.

Psiquê – Meu senhor, por que não posso vê-lo??

Eros – por que você quer me ver? Você duvida do meu amor? Se você me olhar, talvez tenha medo de mim ou talvez me idolatre. E a única coisa que eu lhe peço é que me ame.

(EROS DEIXA DE SER UM FILHO FRACO, SUBORDINADO E AGORA SE PORTA COMO DEUS)

Psiquê – pois então eu posso lhe pedir uma coisinha? Eu me sinto tão sozinha nesse castelinho. Sei que não posso sair daqui, mas gostaria tanto de ver minha familiarzinha!!!

Eros – a sua família inteira é meio difícil. Você se contentaria só com suas irmãs?

Psiquê – É, né... fazer o quê?

- **Música 9: Tema das irmãs (toca 30 seg de BG para a voz do narrador)**

NARRADOR: Apesar de saber dos perigos que os rondavam, persuadido pelas súplicas carinhosas de sua amada, não pôde negar-lhe o desejo de reencontrar suas irmãs, então ordenou a Zéfiro que trouxesse as suas invejosas irmãs ao castelo.

Irmã 2 – quanto ouro! “Insha'Allah”

Irmã 1 – nooossa Psiquê, quanta riqueza!!!

Irmã 2 – ah, se o rei Midas visse ele ia ficar passado de inveja.

Irmã 1 – e aí, Psiquê? Fala um pouco do maridão...

Irmã 2 – ele é um gato?

Psiquê – Bem, ele é maravilhoso, é culto, educado, sabe só tudo de cultura clássica, é viajado, conhece a Grécia de cabo a rabo, é bilíngüe, fala grego e latim e o homem lá de cima gosta que só dele.

Irmã 1 – mas como é ele, mulher? É alto, baixo, magro, gordo, sarado...

Psiquê – bem, ele não é alto nem baixo; não é gordo bem magro...

Irmã 2 – e ele é gente?

Psiquê – bem, na realidade eu não sei, nunca o vi. AH e isso pouco me importa!!

Irmã 1 – menina, eu tô passada!

Irmã 2 – e se ele for banguela?

Irmã 1 – mulher, cuida, o Oráculo falou que tu ia casar com um monstro, está lembrada?!

Irmã 2 – a minha filha. Então ele é banguela mesmo!!!

Irmã 1 – tive uma idéia, como sou sua irmã mais velha e me preocupo demais com o seu bem estar, vou lhe dar um conselho: quando seu marido estiver dormindo, pegue uma vela, mas pequena para não chamar tanta atenção, vá devagar e calmamente olhe seu rosto.

- **Música 10 e 11: Curiosidade de Psiquê e Despedida (a faixa 10 toca 53 seg e passa para faixa 11 que fica como BG até a cena que Psiquê sai chorando)**

NARRADOR: Psiquê, dominada pela desconfiança que suas irmãs plantaram em seu inocente ser, resolveu esclarecer esse mistério e seguir as indicações das irmãs. Pegou uma pequena vela e caminhou até os aposentos e seu marido sutilmente para não despertá-lo. Foi então que teve uma grande surpresa:

Psiquê – mas você é o Eros, o deus do amor????!!!!

Eros – traidora, como você pôde fazer isso. Não bastou eu ter que brigar com minha própria mãe para ficar com você. Agora pegue suas coisas e volte para sua família pois não há razão para ficarmos juntos. O amor não sobrevive com suspeitas.

Psiquê – perdoa-me, amor de minha vida!!! **NÃO SE VÁÁÁÁ!!!**

Eros – mas eu não vou mesmo não, esqueceu que esse castelo é meu, quem vai é você .

Psiquê – ai é!!! (Psiquê sai chorando)

NARRADOR: E como castigo por sua desobediência, Eros decidiu abandoná-la e foi buscar ajuda de sua mãe Afrodite, pois estava gravemente ferido. Afrodite então, resolveu mantê-lo preso em sua morada e decidiu vingar-se de Psiquê.

Psique, arrependida de sua desconfiança, procurou Eros por todo lugar e vagou por algum tempo à sua procura.

No entanto, sem conseguir encontrá-lo em lugar algum, apesar de temerosa, decidiu procurar Afrodite, pois era sua última esperança.

- **Música 12: Tema de Afrodite (toca 18 segundos bem alto)**

Afrodite – eu acho tão engraçado essas coisas, **essazinha roubou nem título de deusa mais bela**, roubou meu filho e agora vem com essa cara lisa pedir perdão. Me poupe!!!

Psiquê – deusinha da beleza, rainhazinha absoluta, nunca foi minha intenção ocupar seu lugarzinho. Essa minha belezinha só me trouxe desgracinhas. Antes não fosse ta bela. Eu só queria ser feliz. E hoje minha felicidade depende do seu perdãozinho e do amor de seu filhinho. Faço qualquer coisa que você quiser.

Afrodite – ahã!!!! Prepara-te branca azeda!!!

NARRADOR: Afrodite ordenou a Psiquê que realizasse um trabalho. Deveria separar todos os grãos de diversos cereais em apenas uma noite.

- **Música 13: Tema das formigas (toca durante 35 segundos. Depois da fala do narrador aumentar o volume.)**

NARRADOR: E Psiquê desencorajada de realizar essa tarefa, foi ajudada por formiguinhas que separam rapidamente os grãos.

Psiquê – Afrôô... (entregando os cereais a Afrodite)

Afrodite – Você pensa que me engana? Eu sei que você não fez isso sozinha! Vou te dar um 2º trabalho que nem o formigueiro em peso poderá realizar.

NARRADOR: Novamente Psiquê teria que realizar uma difícil missão. Deveria colher flocos de lã dourada de ferozes ovelhas, num bosque distante. Mais uma vez a pobre se sente incapaz de realizar esse novo trabalho e é ajudada por um simples caniço.

Psiquê – Eu não vou conseguir...

Canico – Amiga Psiquê acalma-te...

Psiquê – Han? Han? Quem ta falando?

Canico – Sou eu aqui, o Canico... todas as pessoas que tentaram arrancar as lãs dessas ovelhas durante dia morreram queimadas...

Psiquê – Vou morrer torrada, vou morrer torrada...

Canico – Acalma-te, mulher, espera anoitecer... À noite, as ovelhas dormem e suas lãs estão frias. Assim você pode arrancá-las sem se queimar.

NARRADOR: Psiquê esperou anoitecer e seguir todas recomendações dadas pelo caniço.

- **Música 14: Tema das ovelhas (toca durante 35 segundos bem alto)**

Afrodite – eu não acredito que ajudaram você de novo! Estão me desafinado aí de cima é? Vou passar um 3º trabalho, só que esse não vai ser tão fácil com foi com as ovelhinhas, não!

NARRADOR: Afrodite submeteu Psiquê a um 3º trabalho. A jovem teria que em um pequeno recipiente trazer um pouco da água negra da sombria e assustadora fonte do rio Estige.

Psiquê – Pequeno recipiente? Eu não caio nessa não vou levar um garrafão de dois litros.

- **Música 15: Tema da montanha (toca durante 30 segundos)**

NARRADOR: É, foi difícil para Psiquê subir ao monte, mas a sorte estava do seu lado. A água de Zeus apareceu para ajudá-la.

Afrodite – Assim não dá! Desta você não me escapa. Essa vai ser quente. Você vai arder nos mármore do Hades!!!

Psiquê – Nãããã, vou o quê? Tem nem perigo. Eu to ficando é velha não é doida não... É melhor ficar vitalina do que morrer queimada no Hades. Vou nada... Eu não vou mesmo. **Afrodite** – Como é que é? Você vai sim. Quem ta mandando sou eu...

Psiquê – Ta bom, ta bom.... Não ta mais aqui quem falou... Já que pediu com jeitinho. Eu vou.

- **Música 16: Desespero de Psiquê (toca durante 11 segundos bem alto)**

NARRADOR: E agora? Psiquê estava perdida. Como uma pobre inocente princesa poderá descer ao Hades? Dessa vez ficou realmente com medo e foi para o alto de um rochedo.

Psiquê – Ah, meu zeuzinho, que é que eu faço? Eu tenho que ir ao Hades. Mas eu só conheço uma forma de chegar até lá. Há minha nossa, será que eu tenho que morrer. Bem então, eu vou me jogar... Pulo ou não pulo??? (Psiquê interage com a platéia)

Narrador – Ei Psiquê... Aqui, aqui...

Psiquê – Quem ta falando? Será que alguma alma penada já veio me levar???

NARRADOR: Estou aqui para ajudá-la. Para tudo há uma saída. Ouça minhas recomendações e conseguirá realizar essa terrível missão. Controle sua curiosidade que tudo dará certo. Ao entrar no Hades você encontrará o barqueiro Caronte, dê dinheiro a ele para atravessar o rio, mas não o conteste. Leve alimento para o cão Cérbero, assim ele amansará, então conseguirá encontrar-se com Perséfone. Mas lembre-se não aceite nada que lhe oferecerem e nem atenda ao chamado de ninguém. Pegue a urna com um pouco de beleza da deusa e volte. Cuidado: não abra a caixa de jeito nenhum. Isso poderá arruiná-la.

Psiquê – Ahhh, ta bom brigadinha viu...

- **Música 17: Tema da Barca do Caronte (Toca durante 40 segundos bem alto)**

Psiquê – que homem mal encaradinho!!! E aí seu Caronte, como vai andando?

Caronte – É claro que é pelo chão. Ainda não aprendi a voar. O que é que você quer?

Psiquê – (Eita, que parece que é parente do Seu Lunga)... Bem preciso ir ao Hades. É por que eu tenho que realizar uma tarefa a mando da deusa Afrodite. Ela me pediu pra que eu fosse buscar um pouco da beleza de Perséfone.

Caronte – Sim, mas eu não tenho tempo para ouvir suas lamentações. Se quiser que alguém a ouça, procure um psicólogo ou, no seu caso, um psiquiatra!

Psiquê – nossa, você é chato mesmo... Ta bommm eu me calo, mas o que é que eu preciso para ir ao Hades?

Caronte – pra começar, tem que pagar a passagem!

Psiquê – Nossa tem pagar passagem até no Hades? Onde está o direito do cidadão de ir e vir, seu explorador? Isso é trabalho seu, você tem que fazer isso de graça.

Caronte – Oh, minha filha, aqui em baixo quem dita as leis sou eu, esse negócio de imperador paz e amor é só lá por cima. Se quiser ir tem que pagar.

Psiquê – Ta, e quanto é?

Caronte – 10 Drácmas

Psiquê – 10 Drácmas!!! Isso é um roubo!!! Será que nós, simples mortais, não podemos bem mais morrer? Eu não sabia que a inflação já tinha chegado aqui! Aceita meia?

Caronte – Não!

Psiquê – Olympus card?

Caronte – Não!!!

Psiquê – Cheque pra 30 dias?

Caronte – Já disse que não!!!

Psiquê – Tá bom, toma! Mas que é um roubo é. Deixa só eu sair daqui que eu vou denunciar para Atena! Ora!!! Quem paga adiantado merece ser enganado.

- **Música 18: Tema do Hades (deixa tocar faixa 18 e quando a Psiquê fala que vai pegar a caixa, o cachorro aparece e entra a faixa 19 que toca 35 segundos)**

Caronte – Vai doida, isso é uma doida... vai caloteira.

Psiquê – Essa descida ao Hades cansou minha belezinha. E por falar em beleza... eu tenho aqui nesta caixinha a divina belezinha. Bem que eu poderia aproveitar e tirar só um pouquinho dela pra ficar mais bonita para o meu amado!... se bem que essa mocinha que ta contando a história disse pra eu não olhar de maneira alguma o que estava dentro dessa caixinha... mas seu eu desse só uma olhadinha pra ver como é que é? Olhar não arranca pedaço, né?! Tch. Ah, Eu vou olhar, e se for uma beleza bem bela mesmo, eu tiro só uma lasquinha e ninguém vai perceber (Psiquê interage com a platéia). Ué? Num tem nada aqui... mas ta me daaando uuuuum soniiiiinho!!!!

- **Música 20 – Sono Profundo (toca 30 segundos de BG até Psiquê acordar)**

NARRADOR: Mais uma vez Psiquê foi traída pela sua curiosidade e caiu no sono profundo... mas Eros que já estava ajudando de longe, agora estava restabelecido e foi ao seu encontro.

Eros – Ê ê Psiquê... você não tem jeito não. Essa sua curiosidade, vai acabar te matando. Mas não se preocupe, minha vida, eu estou aqui e sempre só para protegê-la. (Eros acorda Psiquê com um beijo).

Psiquê – Hã, Hã? Quem sou? Onde estou? **Quem matou Aquiles?**

Eros – tenha calma minha Psiquê, sou eu!!

Psiquê – ahh, meu queridinho Eros.

- **Música 21: Reencontro (toca de BG até a última fala de Psiquê)**

NARRADOR: Após todos esses desafios, Afrodite resolveu abençoar o amor dos dois e magicamente com a autorização do supremo Zeus, Psiquê é transformada em deusa e assim Psiquê e Eros poderiam agora viver eternamente juntos e felizes.

Afrodite – minha filha. Eu te perdôo. Sei que nem todo o poder do mundo poderá destruir esse amor tão grande. E como prova da minha bondade vou dar-te a vida eterna. Bebe Psiquê, esse é o néctar dos deuses e tu passarás a ser uma de nós!!!

Psiquê – quer dizer que eu não vou morrer nunca? Vou viver pra sempre ao seu lado? Rá, Rá, Rá.

Eros – É sim, minha vida, mas porque você está rindo?

Psiquê – Tadinho do Caronte vai esperar tanto pelo dinheiro dele!!! Rá, Rá, Rá.

- **Música 22: Encerramento (entra na última fala de Psiquê).**

F I M